

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Maurício Perondi

**NARRATIVAS DE JOVENS:  
experiências de participação social  
e sentidos atribuídos às suas vidas**

Porto Alegre

2013

Maurício Perondi

**NARRATIVAS DE JOVENS:  
experiências de participação social  
e sentidos atribuídos às suas vidas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Stephanou

Linha de Pesquisa: História, Memória e Educação

Porto Alegre

2013

### CIP - Catalogação na Publicação

Perondi, Maurício

Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas / Maurício Perondi. -- 2013.

259 f.

Orientadora: Maria Stephanou.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Educação. 2. Culturas Juvenis. 3. Juventudes. 4. Narrativas de jovens. 5. Participação Social. I. Stephanou, Maria, orient. II. Título.

Maurício Perondi

**NARRATIVAS DE JOVENS:  
experiências de participação social  
e sentidos atribuídos às suas vidas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em 25 fev. 2013.

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Stephanou – Orientadora

---

Prof. Dr. Carles Feixa Pàmols – Orientador do Doutorado Sanduíche – UdL – Espanha

---

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes – UNIPAMPA

---

Prof. Dra. Carmem Zeli Vargas Gil – UFRGS

---

Prof. Dra. Carmem Maria Craidy – UFRGS

*Aos meus pais Ladi Antônio Perondi e Ivanir Maria Perondi; aos meus irmãos, Aline Perondi e Eduardo Perondi, por seu amor e apoio incondicional em todos os momentos da minha vida.*

Ao concluir este trabalho quero agradecer ...

... à minha família, pelo apoio, suporte e acompanhamento durante todo o meu percurso;

... à Cris, minha companheira durante grande parte deste período intenso e movimentado. Obrigado pelo apoio, pela compreensão das minhas ausências e pela companhia na partilha de vida e de sentimentos;

... aos meus amigos, que são muitos, pela amizade, parceria, apoio e por serem a família que eu escolhi para partilhar a vida;

... à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação, por toda a excelente estrutura universitária disponibilizada para a minha formação acadêmica. Aos professores, estudantes, funcionários e aos colegas de representação discente junto ao Conselho do Programa, por todos os momentos partilhados e aprendizados realizados em conjunto;

... à minha orientadora, Maria Stephanou, um agradecimento muito especial pela trajetória conjunta de oito anos, entre curso de extensão, mestrado e doutorado. Obrigado pelos aprendizados, apoio, confiança, ajuda, companheirismo, compromisso acadêmico-social, seriedade e rigor acadêmico, amizade e partilha de vida. Espero que continuemos com futuras parcerias acadêmicas e de vida.

.... aos colegas do grupo de orientação, pelos momentos sistemáticos e importantes de “pensar coletivamente”, pelos saberes compartilhados e pelas contribuições teóricas e metodológicas para com este trabalho. Espero que continuemos com os vínculos, na academia e em outros espaços.

... às professoras Zita Rosane Possamai e Dóris Bitencourt de Almeida por me acolherem como Assistente de Ensino em suas disciplinas de História da Educação no Brasil, durante os quatro anos do doutorado. Obrigado pela acolhida, apoio, exemplo de docência e por serem referências para a minha prática docente.

... à Universidade de Lleida, da Catalunha, Espanha, pela acolhida, abertura, intercambio de saberes durante o período do meu Doutorado Sanduíche, entre outubro de 2011 e março de 2012.

... ao Professor Carles Feixa Pàmpols, por ter aceito ser meu orientador durante o Doutorado Sanduíche, pelo apoio, diálogos, referências, convites, possibilidades de continuidade de pesquisa, aprofundamento de conceitos sobre juventude e pelo exemplo de professor que é.

... ao coletivo do curso “Master Interuniversitario en Juventud y Sociedad” (Universidad de Lleida, Universidad Autonoma de Barcelona, Universidade de

Girona, Universidade de Barcelona, Universidade Rovira i Virgili e Universidade Pompeu Fabra), pelos conhecimentos compartilhados, aprofundamentos sobre o tema das juventudes, pelas amizades e pelo intercâmbio realizado.

... ao Movimento 15-M (Los Indignados), obrigado pelas oportunidades de participação nas manifestações, pelo companheirismo, pela indignação compartilhada, pelas pesquisas realizadas e pelas possibilidades que se abriram em nossas relações.

... aos professores Carles Feixa Pàmpols, Lúcio Jorge Hammes, Carmem Zeli Vargas Gil e Carmem Maria Craidy, pela sua disponibilidade em contribuir com este momento reflexivo e avaliativo.

... aos quatro coletivos que abriram seus espaços para a realização desta investigação: Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais (InGá), Cursinho Pré-Vestibular Popular Zumbi dos Palmares, Instituto Cultural Afro-Sul/Odomodê e Campanha Nacional contra a Violência e Extermínio de Jovens (Pastorais da Juventude do Brasil).

... aos jovens dos quatro coletivos que aceitaram o desafio de contribuir com este estudo, tanto na Equipe de Pesquisa, tanto os que foram entrevistados por eles: Felipe B., Felipe V., Iuri, Natália, Leciane, Taila, Gisele, Patrícia, Paula G., Taíse, Gabriel, Marcelo, Paula C., Rafael, Anelise, Uilian, Ester, Mateus, Vicente, Bruna, Marcos e Nathan. Sem vocês este trabalho não teria sido possível, muito obrigado.

... à CAPES, que subsidiou a realização desse estudo.

*Cambiar el mundo, amigo Sancho,  
que no es locura ni utopía, sino  
justicia. (Don Quijote de La Mancha,  
por Miguel de Cervantes)*

## RESUMO

A tese busca compreender os sentidos expressos por jovens acerca de suas experiências de participação social, desenvolvidas em diferentes coletivos. Propõe uma análise compreensiva de narrativas desses jovens, da Região Metropolitana de Porto Alegre-RS, no ano de 2011, todos participantes de diferentes coletivos, a saber: Instituto Ingá (juventude e movimento ecológico); cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares (juventude e educação popular); Instituto Cultural Afro-Sul/Odomodê (juventude e valorização das diferenças étnico-raciais); e Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, das Pastorais da Juventude do Brasil (juventude e violência/direitos humanos). A partir de uma metodologia de cunho qualitativo, contou com a participação direta de jovens na produção dos dados empíricos. Os referenciais foram tomados de autores que tematizam as juventudes, as culturas juvenis, a participação social e os sentidos de participação no mundo contemporâneo, em especial Carles Feixa Pàmols, Alberto Melucci, José Machado Pais, Regina Novaes, Marília Pontes Sposito, Paulo Carrano, Helena Abramo, Juarez Dayrell e Maritza Urteaga. O tratamento do *corpus* empírico inspira-se no método de análise de dados conhecido como Método Documentário de Interpretação, que propõe dois momentos: o da interpretação formulada (abordagem compreensiva das narrativas de jovens) e o da interpretação refletida (análises, comparações e organização de categorias e temas a partir das narrativas). Os dados empíricos estão organizados em três eixos, que adotam uma caracterização temporal: a) o eixo dos sentidos do passado, b) o eixo dos sentidos do presente e c) o eixo dos sentidos do futuro. No primeiro, os jovens narram diversas experiências que foram significativas em suas trajetórias nos coletivos em que atuam e os sentidos produzidos a partir delas. Destacam-se os processos de identificação, de crescimento pessoal, a superação de dificuldades e conflitos, as relações intergeracionais e as experiências profissionais. No segundo, os jovens assinalam alguns sentidos produzidos a partir dos grupos e que são definidores para suas experiências no presente, entre os quais se encontram os sentidos pessoais, de sociabilidade, de missão, os sentidos formativos e os resultados. No terceiro, eles expressam sentidos de futuro que o envolvimento nos coletivos oportuniza, e que influenciam a dimensão profissional, as topias e utopias, em convicções de um futuro incerto e em como suas vidas seriam diferentes caso não participassem desses grupos. Por fim, a partir do estudo realizado é possível afirmar que a participação dos jovens nos coletivos em que atuam produz sentidos demarcadores em seus itinerários pessoais, tanto no passado como no presente assim como no futuro.

**Palavras-chave:** Juventudes. Culturas juvenis. Participação social. Narrativas de jovens.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to understand the resulting meanings of the narratives of young people about their social participation, as developed from their involvement in four specific experiences. It is a proposal for comprehensive analysis seeking to realize what young people, all of which are from the Metropolitan Area of Porto Alegre city, tell (or narrate) about their life experiences and what meaning these experiences themselves have for their lives. Young people of four groups are involved in the research. These groups are: Instituto Inga (youth and ecological movement); preparatory course for college admission exams Zumbi dos Palmares (youth and popular education); Instituto Cultural Afro-Sul/Odomode (youth and the recognition of ethnical and racial differences); and the Campanha Nacional Contra a Violencia e o Exterminio de Jovens das Pastorais da Juventude do Brasil (youth and violence/human rights). From a qualitative methodology, this study has a direct participation of young people in the production of its empirical data. Its theoretical frameworks brings about authors that reflect on youths, youth cultures, social participation and their sense of participation in the contemporary world. Some of the authors on the basis of this research are Carles Feixa Pampols, Alberto Melucci, Jose Machado Pais, Regina Novaes, Marilia Pontes Sposito, Paulo Carrano, Helena Abramo, Juarez Dayrell and Maritza Urteaga. The form the empirical data is considered is inspired in the analytical method known as Documented Method of Interpretation, which proposes two parts: the one related to the formulated interpretation (comprehensive approach of the narratives of the young people involved) and the one related to the reflected interpretation (analysis, comparison, and organization of categories and themes from the narratives). Such empirical data are organized in three time axes which adopt a time aspect: a) the axe of the senses (meanings) of the past; b) the axe of the senses (meanings) of the present; and c) the axe of the senses (meanings) of the future. In the first one, the young participants narrate several experiences that were relevant, meaningful, for them in their own career in the groups in which they work, as well as the senses (meanings) produced from such experiences. Amongst them may be noted the processes of identification, or personal growth, of overcoming difficulties and conflicts, as well as some intergenerational relations and professional experiences. In the second one, it may be seen that the young people involved highlight some meanings produced from the groups they belong to and that are relevant for defining their experiences in the present; among these are the personal, the sociability, the mission senses (meanings), as well as the senses of formation and of findings. In the third one, participants express their senses of future that their involvements in the groups have proposed to them and that have influenced in their professional dimension, “topias” and “utopias”, convictions of a uncertain future as well as in how their lives would be different if they had not participate in these organizations. Lastly, from this dissertation it is possible to state that the youth participation in the organizations in which they work produces sense indicators or markers for their personal itineraries in the past, in the present and in the future.

**Keywords:** Youths. Youth cultures. Social participation. Young people narratives.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Metáfora do Relógio de Areia .....	25
Figura 2 – Logotipo do Instituto InGá .....	89
Figura 3 – Imagem de Zumbi dos Palmares, no corredor das salas de aula do cursinho .....	96
Figura 4 – Frase pintada numa das salas de aula do cursinho .....	97
Figura 5 – Cartaz Comemorativo aos 30 anos do Instituto Afro-Sul .....	101
Figura 6 – Logotipo da Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens .....	109
Figura 7 – Cartaz da Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens .....	110
Figura 8 – Foto dos coordenadores da Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, reunidos, em dezembro/2010, em Salvador/BA .....	111
Gráfico 1 – Participação de jovens em grupos associativos .....	77
Gráfico 2 – Grupos em que os jovens participam .....	78
Gráfico 3 – Número de homicídios juvenis no Brasil: 1996-2006 .....	105
Quadro 1 – Irrupção juvenil nos espaços sociais a partir de três momentos-chave do século XX e início do século XXI .....	55
Quadro 2 – Jovens da equipe de pesquisa e do curso de formação .....	125
Quadro 3 – Lista geral dos participantes da pesquisa .....	128
Quadro 4 – Síntese das categorias e temas do eixo sentidos do passado .....	139
Quadro 5 – Síntese das categorias e temas do eixo do presente .....	172
Quadro 6 – Síntese das categorias e temas do eixo do futuro .....	204
Tabela 1 – Distribuição das produções sobre juventude por área do conhecimento	30
Tabela 2 – Participação em grupos segundo sexo, faixa etária e classe (em %) ....	81

## LISTA DE SIGLAS

AIJ – Acampamento Intercontinental da Juventude  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
COA – Comissão de Organização do Acampamento  
CONJUVE – Conselho Nacional de Juventude  
FSM – Fórum Social Mundial  
GLBTT – Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais  
INGÁ – Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais  
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano  
IDJ – Índice de Desenvolvimento Juvenil  
ONG – Organização Não Governamental  
PISA – Programa Internacional de Avaliação de Alunos  
PJB – Pastorais da Juventude do Brasil  
PJE – Pastoral da Juventude Estudantil  
PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente  
SAEB - Sistema de Avaliação do Ensino Fundamental  
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. MUTAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE E REPERCUSSÕES NA ANÁLISE EMPREENDIDA</b> .....	20
1.1 CULTURAS JUVENIS .....	22
1.2 ESTADO DA ARTE SOBRE JUVENTUDE NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA .....	28
1.2.1 Estado da Arte: Jovens na Interface com a Política .....	35
1.2.2 A Participação e Militância Política Estudantil .....	36
1.2.3 Outras Modalidades de Ação Coletiva de Jovens .....	40
1.2.4 Cultura Política, Socialização Política e Capital Social .....	42
1.2.5 Os Deslocamentos em torno da Ideia de Participação Política: os Estudos sobre Protagonismo Juvenil .....	46
1.2.6 Jovens na Intersecção das Políticas Públicas e Sociedade Civil .....	48
1.3 SOCIEDADE, JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL .....	50
1.3.1 A participação juvenil num contexto global .....	54
1.3.2 A participação juvenil no Brasil .....	62
1.3.3 O jovem como sujeito social .....	67
1.3.4 Juventude e participação social .....	72
1.3.5 Alguns Dados sobre Juventude e Participação Social .....	76
<b>2. SUJEITOS DA PESQUISA</b> .....	84
2.1 CONSIGNA 1 – POR UMA SOCIEDADE ECOLOGICAMENTE SUSTENTÁVEL .....	85
2.1.1 Instituto InGá .....	88
2.2 CONSIGNA 2 - PELO ACESSO À EDUCAÇÃO, AO TRABALHO E À COMUNICAÇÃO .....	91
2.2.1 Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares .....	95
2.3 CONSIGNA 3 – PELO RECONHECIMENTO DE DEMANDAS DE GRUPOS COM VULNERABILIDADES ESPECÍFICAS E PELO RESPEITO À DIFERENÇA .....	98
2.3.1 Bloco Afro Odomodê – Instituto Cultural Afro-Sul .....	100
2.4 CONSIGNA 4 – PELA PAZ E PELO RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS .....	103
2.4.1 Jovens que Atuam na Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens .....	106
<b>3 ATENÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	113
3.1 NARRATIVAS E RELATOS JUVENIS .....	114
3.2 OPÇÕES METODOLÓGICAS .....	118
3.2.1 Definição dos coletivos a partir das consignas .....	119
3.2.2 Formação da equipe de jovens que contribuíram com a pesquisa .....	119
3.2.3 Curso de formação Juventude, participação social e narrativas juvenis .....	126
3.2.4 Coleta das narrativas dos jovens sobre suas experiências de participação .....	127
3.2.5 Discussão dos dados da pesquisa e avaliação do processo realizado .....	129
3.3 OPÇÕES PARA A ANÁLISE DOS DADOS .....	133
<b>4 SENTIDOS DO PASSADO QUE SE CRUZAM COM O PRESENTE E COM O FUTURO</b> ..	137
4.1 PROCESSOS DE IDENTIZAÇÃO .....	139
4.2 PROCESSOS DE CRESCIMENTO PESSOAL .....	148
4.3 SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E CONFLITOS .....	160
4.4 INFLUÊNCIAS INTERGERACIONAIS .....	165
4.5 EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL .....	167
<b>5 SENTIDOS DO PRESENTE QUE SE CRUZAM COM O PASSADO E COM O FUTURO</b> ..	170
5.1 SENTIDOS PESSOAIS .....	172

5.2 SENTIDOS DE SOCIABILIDADE .....	181
5.3 SENTIDOS DE MISSÃO .....	187
5.4 SENTIDOS FORMATIVOS .....	195
5.5 SENTIDOS DE RESULTADOS .....	198
<b>6 SENTIDOS DO FUTURO QUE SE CRUZAM COM O PASSADO E COM O PRESENTE .</b>	
.....	204
6.1 DIMENSÃO PROFISSIONAL .....	205
6.2 TOPIAS E UTOPIAS JUVENIS .....	208
6.3 CONVICÇÕES DE UM FUTURO INCERTO .....	214
6.4 A VIDA SERIA DIFERENTE .....	216
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	225
<b>REFERENCIAS</b> .....	230
<b>APENDICES</b> .....	247

## INTRODUÇÃO

Esta tese trata dos sentidos<sup>1</sup> que emergem das narrativas de sujeitos jovens, acerca de sua participação social, desenvolvida a partir de quatro experiências específicas em que estão envolvidos. Trata-se de uma análise compreensiva que procura perceber o que os jovens narram sobre as suas experiências e que sentidos estas têm para suas vidas.

A delimitação do campo investigativo teve inspiração no estudo de Regina Novaes e Cristina Vidal, publicado sob o título *A juventude de hoje: (re)invenções da participação social*, que tem como base a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, do Projeto Juventude (ABRAMO; BRANCO, 2005). As autoras apontam quatro consignas mobilizadoras para a atuação dos jovens no mundo contemporâneo. A primeira delas é “por uma sociedade ecologicamente sustentável”, a partir da qual, escolheu-se para a realização da pesquisa o Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais (InGá<sup>2</sup>). A segunda diz respeito ao “acesso à educação, ao trabalho e à comunicação”, em que a nossa delimitação optou pelo primeiro aspecto – educação –, e a escolha do coletivo recaiu sobre o cursinho Pré-Vestibular Popular Zumbi dos Palmares. A terceira foi designada por Novaes e Vidal (2005) como “reconhecimento de demandas de grupos com vulnerabilidades específicas e pelo respeito à diferença”, a partir da qual se elegeu o Instituto Cultural Afro Sul/Odomodê. A partir da quarta consigna, intitulada “pela paz e pelo respeito aos direitos humanos”, optou-se pela realização da pesquisa com jovens que atuam na Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, das Pastorais da Juventude do Brasil (da Igreja Católica).

O intuito da presente investigação não se centrou em examinar as organizações em si mesmas, seus projetos e resultados, nem quantificar as experiências ou verificar o tempo de participação dos integrantes o grupo. O interesse específico foi o de abordar, de modo particular, os elementos que

---

<sup>1</sup> A compreensão de sentidos utilizada nesta tese corresponde aos elementos demarcadores (definidores, marcantes) dos itinerários pessoais dos jovens.

<sup>2</sup> Esta é a grafia utilizada pela organização para escrever seu nome.

emergem das narrativas dos jovens a respeito de suas experiências de participação social em tais grupos, bem como os sentidos produzidos para suas vidas, a partir dessas experiências.

O objetivo central foi compreender, a partir dos próprios jovens, como eles significam suas participações nestes espaços e como repercutem em suas vidas. As perguntas principais são: Que sentidos os jovens manifestam/formulam/narram a partir de experiências variadas de participação social? O que pensam que muda/mudou em suas vidas a partir dessas vivências? Suas vidas seriam diferentes se não participassem destes coletivos?

Para Certeau (2008) “o relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o *faz*” (p. 156). A partir da referência do autor buscou-se, não apenas investigar as práticas dos jovens, considerando seus relatos, mas compreender os significados que tais participações assumem para seus protagonistas.

A tese abordada neste estudo enfatiza que os jovens constroem sentidos demarcadores para suas vidas a partir das experiências nos coletivos em que participam. Os dados produzidos a partir da investigação empreendida apontaram que os jovens constroem sentidos importantes para as suas vidas no momento presente, mas igualmente elaboram sentidos para o futuro (profissão, projeto de vida, planos), e também sentidos para o passado (aquilo que o grupo lhe ajudou a construir significados na sua vida).

Tais evidências podem ser compreendidas na afirmação de Melucci (2005):

Na vida cotidiana, os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem constituída. O sentido é sempre mais produzido através de relações e esta dimensão construtiva e relacional acresce na ação o componente de significado na pesquisa. (p. 29).

O autor aponta que no mundo contemporâneo os indivíduos constroem ativamente os sentidos de suas ações a partir dos diversos âmbitos da vida cotidiana, não se limitando aos indicativos das estruturas sociais e da ordem estabelecida. Cabe, portanto, às pesquisas de cunho qualitativo, investigar quais são os sentidos que os sujeitos constroem a partir das relações que estabelecem nos espaços em que participam. Tal perspectiva é que foi adotada nesta tese, em que buscou-se compreender, a partir das próprias narrativas dos jovens, quais sentidos

eles atribuem à sua participação nos grupos, independentemente dos objetivos e características dos mesmos.

O estudo inspirou-se também na afirmação de Fischer (2006), que destaca que grande parte dos enfoques dos estudos sobre juventude tem o direcionamento a partir do adulto, que fala sobre os jovens e lança hipóteses ou teorias sobre os mesmos. Na sua concepção, falta a autoria dos próprios jovens nos processos investigativos. Este foi um aspecto que procuramos observar durante todo o percurso investigativo, desde a formulação do problema até a parte metodológica, que contou com os jovens para a coleta dos relatos junto a outros jovens.

De modo semelhante, ao descrever como acontece a “entrevista compreensiva”, Zago (2003) destaca que o pesquisador inverte as fases da construção do objeto. A pesquisa de campo não é mais uma instância de verificação de uma problemática preestabelecida, mas o ponto de partida desta problematização. Com base em tal pressuposto, buscou-se tomar como ponto central da pesquisa as narrativas dos próprios jovens para a construção do problema de pesquisa e para a elaboração da tese.

O estudo também levou em consideração a motivação pessoal do pesquisador com relação ao tema juventude e participação social, pois como aponta Sarmiento (2003) “é-se sempre um pouco nativo dos contextos que se estuda”. Minha<sup>3</sup> trajetória de participação iniciou ainda no Ensino Médio, quando participei do movimento estudantil, através da inserção no Grêmio Estudantil do colégio. Posteriormente, passei a fazer parte da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) e das Pastorais da Juventude do Brasil (PJB), quando tive oportunidade de atuar como coordenador e assessor em diversas instâncias, tanto estaduais como nacionais. Profissionalmente, e como militante, tive oportunidade de atuar junto a diversas organizações juvenis: em colégios, em redes privadas e públicas de ensino, em movimentos sociais, etc. Outra experiência que considero demarcadora de minha relação com os jovens foi a participação no Fórum Social Mundial, Acampamento Intercontinental da Juventude e Fórum Mundial de Educação (especialmente nas edições de 2001, 2002, 2003 e 2005). O percurso por tais caminhos levaram-me a transformar o tema da juventude numa opção pessoal, que comporta tanto a dimensão profissional quanto a acadêmica.

---

<sup>3</sup> O uso do tempo verbal na 1ª pessoa do singular será efetuado apenas na introdução, devido às citações concernentes às opções e aos itinerários pessoais do pesquisador.

As motivações acadêmicas para o estudo do tema das juventudes tiveram início com a minha participação no “Curso de Formação Jovens, Educação e Participação Social”, promovido pelo Núcleo de Integração Universidade & Escola<sup>4</sup>, ligado à Pró-reitoria de Extensão da UFRGS, no ano de 2005. Posteriormente, também na UFRGS, continuei o aprofundamento do tema durante o mestrado, pesquisando os aprendizados de jovens estudantes da Pastoral da Juventude Estudantil (PERONDI, 2008). Tais caminhos levaram-me ao doutorado, com o intuito de ampliar as discussões e a delimitação temática, optando pelo tema delineado nesta tese. O tema juventude e participação social, nos últimos anos, vem recebendo maior atenção de estudos desenvolvidos no âmbito da pós-graduação brasileira, embora ainda não se possa afirmar que tenha atingido um número expressivo, conforme pode ser visualizado no levantamento do Estado da Arte, que consta no primeiro capítulo. Deste modo, carece de aprofundamento e demonstra a relevância do estudo aqui realizado.

As motivações sociais para o aprofundamento do tema juventude e participação social estão expressas no próprio título da tese. Considero os jovens como sujeitos e concordo com Urteaga (2011) quando afirma que:

Os relatos contemporâneos sobre o *construir-se como ser social* enfatizam que os jovens estão ativamente comprometidos na construção e determinação de suas próprias vidas, na vida daqueles que os rodeiam e das sociedades em que vivem. (p. 408). [*grifo do original*]. [*tradução nossa*].

Tal apontamento leva a considerar os jovens como sujeitos comprometidos com as decisões de suas próprias vidas e com os contextos em que participam, como os coletivos abordados neste estudo. A participação dos jovens acontece de diversas maneiras e produz diferentes significados que necessitam ainda de maior investigação e visibilidade social, denotando, deste modo sua relevância.

A dimensão da participação juvenil acentua-se se considerarmos que:

A vida cívica das democracias avançadas exige de maneira cada vez mais evidente uma nova configuração em que o cidadão, seja ele entendido em termos individuais ou então em sua condição de membro de determinados

---

<sup>4</sup> Além de nossa participação no curso em 2005, tivemos aproximação com outros trabalhos do NIUE, especialmente a pesquisa “Jovens e participação Social Solidária” (STEPHANOU, 2005). Os resultados da pesquisa, bem como materiais e imagens produzidas pelo núcleo, contribuíram substancialmente para a nossa pesquisa, principalmente, na realização do Curso de Capacitação para os jovens da equipe de pesquisa (referido no terceiro capítulo).

coletivos, esteja mais presente, desenvolva atividades em espaços coletivos e mantenha interações com as instituições. Em suma, um cidadão que se converta em agente de influência política. (BENEDICTO; MÓRAN, 2020, p. 19).

A necessidade de maior cidadania apontada pelos autores não significa que exista um vazio social de participação. O fato é que, em muitas ocasiões, as democracias não são necessariamente representativas de um conjunto mais amplo de cidadãos. Tornam invisível a participação de determinados segmentos sociais, entre os quais se situam os jovens. E mesmo quando a participação destes é considerada, muitas vezes não se percebe ou não há uma preocupação com os sentidos que os jovens atribuem a uma experiência. O estudo empreendido buscou justamente esta compreensão, muitas vezes ignorada.

No primeiro capítulo da tese abordamos as mutações no conceito de juventude, as culturas juvenis, a participação social, os jovens como sujeitos e realizamos um recorrido sobre os principais elementos do Estado da Arte sobre a Juventude na Pós-Graduação Brasileira. Uma atenção especial está dirigida a este último aspecto, destacando os principais elementos sobre a juventude na interface com a política, que foram inventariados nas áreas da Educação, das Ciências Sociais e do Serviço Social.

O segundo capítulo apresenta e discute teoricamente as quatro consignas mobilizadoras para a participação dos jovens, apontadas por Novaes e Vidal (2005). Também são definidos os quatro coletivos que foram escolhidos para a realização da pesquisa, assim como são apresentadas as suas principais características.

O terceiro capítulo trata das atenções metodológicas e as escolhas investigativas adotadas para a realização da pesquisa. São abordados os principais aspectos das narrativas e dos relatos juvenis, que foram usados como metodologia da investigação. Quanto às opções metodológicas, os passos da pesquisa são descritos detalhadamente, visto que o percurso se caracteriza por uma criação que realizamos e, portanto, necessita de esclarecimento pormenorizado. Também contempla a descrição dos procedimentos escolhidos para a análise dos dados produzidos.

No quarto capítulo é realizada a primeira fase da análise dos dados produzidos pela pesquisa, em que são abordados os sentidos de participação relativos ao eixo do passado.

O quinto capítulo prossegue a análise dos dados, porém, com enfoque no eixo do presente.

Por fim, o sexto e último capítulo aborda os sentidos de participação relativos ao eixo do futuro.

## **1. MUTAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE E REPERCUSSÕES NA ANÁLISE EMPREENDIDA**

Nos últimos quinze anos, no Brasil, vem acontecendo uma mudança expressiva na teorização sobre juventude, desde a sua conceituação até a ênfase na dimensão cultural, como instância que produz as juventudes tais como elas são concebidas atualmente. Isso interessa, sobretudo, pelas repercussões dessa teorização na produção de pesquisas e de conhecimentos acerca das juventudes. Os jovens deixaram de ser apenas compreendidos como se estivessem em transição para a vida adulta, ou então como se fossem apenas um contingente de indivíduos abrangidos por determinada faixa etária.

Os jovens passaram a ser pensados a partir da construção histórica e cultural que lhes constitui. De um lado são considerados sujeitos de direitos, com atenção especial às políticas públicas para a juventude; de outro, é admitida uma cultura especificamente juvenil, com características próprias deste segmento de indivíduos.

Tornou-se quase um consenso conceber a juventude em sua diversidade, tanto que a denominação deixou de ser usada no singular e passou a ser adotada no plural (juventudes). Tal mutação é detalhadamente explorada pela literatura sobre o tema, especialmente por autores como Pais (2003), Sposito (2002), Dayrell (2001, 2003, 2007), Abramo (2005, 2005b), e por isso, aqui, não nos debruçaremos sobre tal aspecto.

Cabe, porém, destacar que estas mutações repercutem significativamente à compreensão da participação social dos jovens, o tema central desta tese. Para Urteaga (2011, p. 36) existem duas formas principais de situar os jovens socialmente. A primeira corresponde a uma construção sociocultural do que é o juvenil, a partir das instituições hegemônicas (família, escola, trabalho, instituições religiosas, partidos políticos, associações intermediárias, exército, indústria cultural, meios de comunicação de massa, órgãos de vigilância e controle social). Estas instituições, de modo geral, têm definidos os jovens como sujeitos passivos, que devem preparar-se e qualificar-se para acessar, no futuro, a esfera adulta. Segundo a autora, esta projeção de lugar no futuro invisibiliza os jovens no presente. A

segunda forma é a da “construção juvenil da cultura”, que corresponde aos territórios ou espaços de sociabilidade juvenil, criados pelos próprios jovens nos interstícios dos espaços institucionais, como a escola, a indústria do entretenimento, o bairro, etc. e, sobretudo, em seus tempos livres (rua, cinema, música, festas, lugares de diversão, etc.). O diferencial desta segunda maneira é que os jovens, através da interação com seus pares, participam dos processos de criação e de circulação cultural e social como agentes ativos (IBID, p. 38).

Urteaga destaca que esta segunda maneira de compreender os jovens corresponde à noção das culturas juvenis, que teve grande impulso com os estudos do antropólogo catalão Carles Feixa, convertendo-se numa importante chave interpretativa da heterogeneidade cultural dos jovens a de sua participação na construção de novos espaços sociais que interagem com as culturas hegemônicas e com as próprias culturas geracionais. Segundo a autora:

*Culturas juvenis* foi uma noção vital para reintroduzir o sujeito jovem como ator e poder fazer ouvir as vozes dos segmentos juvenis marginalizados da investigação social. Feixa, Reguillo, Pere Islas, Valenzuela, Marcial, Urteaga (quem lhes escreve) e muitos outros investigadores enfatizamos a importância de ler as representações e práticas juvenis como metáforas da mudança social, rompendo com as interpretações lineares e “fazendo falar” o conjunto de elementos com os quais os jovens interagem – desde diferentes âmbitos e localizando-se em múltiplas dimensões como classe, gênero, geração, etnia, território, espaço urbano-rural – e com os quais constroem novas formas e concepções de política, de relações sociais e afetivas, de cultura, etc. (URTEAGA, 2011, p. 19). [*grifos do original*], [*tradução nossa*].

Tal apontamento enfatiza o uso de noção das culturas juvenis à compreensão das abordagens recentes sobre os jovens, em que os mesmos são situados de uma maneira diferenciada, com maior visibilidade e a partir do pressuposto de que produzem uma cultura diferenciada de outras (hegemônica e parental).

Esta abordagem nos parece oportuna para pensar na relação dos jovens e sua participação em diferentes coletivos, que é o tema deste estudo. Para tal, adotamos esta perspectiva teórica, que procura “fazer os próprios jovens falarem” de suas experiências, e no caso desta tese, também dos sentidos que a participação adquire em suas vidas.

Reiterando, ressaltamos que a tematização da noção de culturas juvenis revela-se pertinente para a pesquisa aqui desenvolvida e será abordada na sequência do texto.

## 1.1 CULTURAS JUVENIS

Conforme anunciado, a noção de culturas juvenis contribui para a reflexão sobre o modo como os jovens são compreendidos na sua relação com as culturas hegemônicas e parentais. Ao conceber os jovens como produtores de uma cultura própria, consideramos que os mesmos são sujeitos ativos, dotados de capacidade de ação. Suas ações podem ganhar espaço nos mais diversos âmbitos, inclusive em coletivos de atuação social, como é o caso dos grupos abordados nesta tese. Para o aprofundamento temático das culturas juvenis tomamos como referencia principal as formulações de Carles Feixa, autor com reconhecida produção na área.

A maneira plural como os jovens vivem suas vidas depende de diversos fatores, como as condições sociais, as relações que estabelecem e as oportunidades que lhes são oferecidas. Por mais que existam *diferentes juventudes*, os jovens não vivem este momento de forma isolada, mas sim através de aproximações com seus coetâneos, que buscam respostas semelhantes às suas, ocasionando, deste modo, o surgimento das culturas juvenis. Para Feixa (2006), estas culturas podem ser compreendidas em sentido amplo e em sentido restrito:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. En un sentido más restringido, definen la aparición de “microsociedades juveniles”, con grados significativos de autonomía respecto de las “instituciones adultas”, que se dotan de espacios y tiempos específicos, y que se configuran historicamente en los países occidentales tras la Segunda Guerra Mundial, coincidiendo con grandes procesos de cambio social en el terreno económico, educativo, laboral e ideológico. (p. 105).

O sentido amplo apontado pelo autor remete às experiências sociais que os jovens expressam coletivamente a partir da construção de estilos de vida e de maneiras de conviver, que acontecem especialmente no tempo livre e nos espaços intersticiais das instituições em que participam. O sentido estrito refere-se, ainda segundo o autor, ao surgimento de “microsociedades juvenis”, que se caracterizam por certo grau de autonomia em relação às instituições adultas.

Estas microssociedades se expressam através de diferentes agrupamentos juvenis com seus processos de identização, singularização e de relações entre seus membros. Apesar de serem constituídas por participantes com diferentes experiências, apresentam elementos afins, que são capazes de mobilizar a participação de tais jovens em uma determinada microssociedade.

Feixa (2006) utiliza o termo “culturas” em detrimento à expressão “subculturas” a fim de evitar compreensões indevidas que são atribuídas ao segundo termo. Igualmente, adota culturas juvenis no plural para destacar a heterogeneidade das mesmas, diferentemente do que é difundido na literatura, que privilegia a expressão no singular: cultura juvenil. Tal mudança terminológica implica também numa mudança no modo de focar o problema, que transfere a ênfase da marginalização para a identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o tempo livre, das imagens para os atores (id., p. 106).

Conforme José Machado Pais (2003), “por cultura juvenil pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuído à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (p. 69). Apesar de utilizar o termo “cultura juvenil” no singular, ao longo de sua produção é possível perceber que Pais trabalha com um conceito plural das “culturas juvenis”. Contudo, Carles Feixa parece ser o autor mais explícito ao justificar a terminologia adotada.

Segundo Feixa (2006), a noção de culturas juvenis remete ao conceito de culturas subalternas, o que na tradição gramsciana da antropologia italiana corresponde aos setores dominados, que se caracterizam por sua precária integração com a cultura hegemônica. A falta de integração ou integração parcial nas estruturas produtivas e reprodutivas é uma das características essenciais da juventude. Geralmente, os jovens, inclusive os que provêm das classes dominantes, têm pouco controle sobre a maior parte dos principais aspectos de sua vida e estão submetidos à tutela de instituições adultas.

Ainda, conforme o autor, o que diferencia a condição juvenil de outras condições sociais subalternas, como dos camponeses, das mulheres e das minorias étnicas, é que se trata de uma condição transitória, visto que, posteriormente, os jovens passam a ser adultos. Este caráter transitório da juventude tem sido utilizado em muitas ocasiões para menosprezar ou desqualificar os discursos culturais dos

jovens. Apesar disso, e com condições desiguais de poder e recursos, determinados grupos juvenis têm sido capazes de manter níveis de autoafirmação consideráveis (LUTTE, 1984; JULIANO, 1985 apud FEIXA, 2006).

Na perspectiva proposta por Feixa (2006, p. 106ss), a articulação social das culturas juvenis pode ser abordada a partir de três cenários:

**A) Cultura hegemônica:** representa a distribuição do poder cultural no âmbito da sociedade mais ampla. A relação dos jovens com a cultura dominante é mediada por diversas instâncias nas quais este poder se transmite e negocia, tais como a escola, o trabalho, o Exército, meios de comunicação. Diante destes, os jovens estabelecem relações contraditórias de integração e conflito, que se modificam com o tempo.

**B) Culturas parentais:** podem ser consideradas como as grandes redes culturais, definidas fundamentalmente por identidades étnicas e de classe, a partir das quais se desenvolvem as culturas juvenis, constituindo subconjuntos. Referem-se às normas de conduta e valores vigentes no meio social de origem dos jovens. Não se limitam a uma relação direta entre pais e filhos, mas a um conjunto mais amplo de interações cotidianas entre membros de gerações diferentes, dentro da própria família, dos vizinhos, da escola local, das redes de amizade, das associações, etc. Diante desta socialização primária, o jovem interioriza elementos culturais básicos (uso da língua, papéis sexuais, formas de sociabilidade, comportamento não verbal, critérios estéticos, etc.) que posteriormente utiliza na elaboração de estilos de vida próprios.

**C) Culturas geracionais:** referem-se à experiência específica que os jovens adquirem no âmbito dos espaços institucionais (escola, igreja, trabalho, meios de comunicação), dos espaços parentais (família, vizinhança) e, sobretudo, dos espaços de ócio (a rua, as festas, os locais de diversão). Nestes espaços circunscritos, o jovem se encontra com outros jovens e começa a se identificar com determinados comportamentos e valores, diferentes daqueles vigentes no mundo adulto.

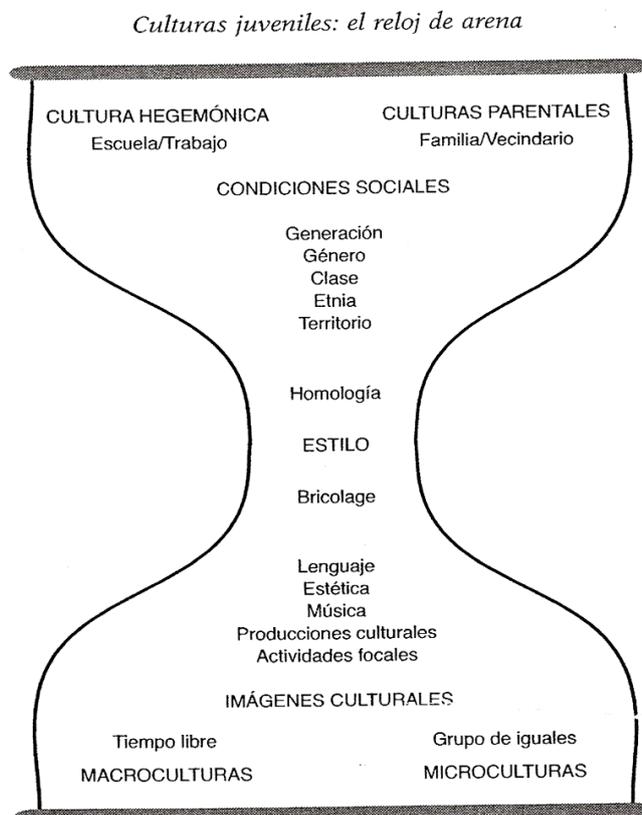
Tal apontamento pode ser relacionado aos jovens participantes desta pesquisa, pois, através dos coletivos em que atuam, eles estabelecem identificações de comportamento e com valores que são compartilhados no grupo. Também se identificam com determinados temas de interesse que lhe motivam a participar de tal

grupo, como por exemplo, a causa ecológica, enfatizada num dos grupos da pesquisa.

Além dos três cenários descritos, o autor destaca outros fatores importantes na estruturação das culturas juvenis, tais como a geração, o gênero, a classe, a etnicidade, o território e o estilo (bricolagem<sup>5</sup>, homologia<sup>6</sup>, linguagem, música, estética, produções culturais, atividades focais).

Feixa (2006) traduz a sua perspectiva conceitual a partir de uma imagem gráfica que utiliza como uma metáfora, onde as culturas juvenis podem ser representadas. Trata-se do relógio de areia que mede o tempo (ver figura 1).

Figura 1 – Metáfora do Relógio de Areia (FEIXA, 2006, p. 126).



<sup>5</sup> El concepto de bricolage sirve para comprender la manera en que objetos y símbolos inconexos son reordenados y recontextualizados para comunicar nuevos significados. Se trata de un concepto que Lévi-Strauss (1971) aplicó al “pensamiento salvaje”, refiriéndose a un sistema total de signos compuesto por elementos heteróclitos que provienen de un repertorio ya existente. (FEIXA, 2006, p. 119).

<sup>6</sup> El concepto de homologia remite a la simbiosis que se establece, para cada subcultura particular, entre los artefactos, el estilo y la identidad de grupo. El principio generativo de creación estilística proviene del efecto recíproco entre los artefactos o textos que un grupo usa y los puntos de vista y actividades que estructura y define su uso. Esto identifica a los miembros de un grupo con objetivos particulares que son, o pueden hacerse, “homólogos” con sus intereses focales. (id., p. 120)

Segundo o autor, no plano superior estão situadas a cultura hegemônica e as culturas parentais, com seus respectivos espaços de expressão (escola, trabalho, meios de comunicação, família, vizinhança). No plano inferior encontram-se as culturas e microculturas juvenis, com seus espaços próprios de expressão (tempo livre, grupos de amigos). Os materiais da base (a areia inicial) constituem as condições sociais de geração, gênero, classe, etnia e território. Na parte central, o estilo filtra estes materiais mediante as técnicas de homologia e bricolagem. As imagens culturais resultantes (a areia filtrada) se traduzem em linguagem, estética, música, produções culturais e atividades focais. Esta metáfora serve para ilustrar tanto o caráter histórico das culturas juvenis como a sua dimensão biográfica. Por outro lado, também evidencia que as relações não são unidirecionais, pois quando a areia acaba de descer, pode-se virar o relógio, de modo que as culturas e microculturas juvenis mostram também sua influência na cultura hegemônica e nas culturas parentais.

A influência das culturas juvenis nos contextos das culturas hegemônicas e parentais pode ser percebida de maneira evidente nos coletivos examinados neste estudo. Mesmo que sejam grupos não exclusivamente juvenis, os sujeitos jovens participantes da pesquisa manifestam que há nesses coletivos, espaços de autoria e, inclusive, de desenvolvimento de liderança, pois chegam a ocupar determinadas posições de direção. Ao mesmo tempo que enfatizam uma diferenciação diante de participantes de outras gerações ou até mesmo diante da própria instituição, também destacam um profundo sentido de pertencimento e de identificação com o grupo e com suas causas, enfatizando a importância das relações intergeracionais estabelecidas em seu âmbito.

Tais referências conceituais instigam pensar como é possível compreender as culturas juvenis nas suas diversas manifestações. A perspectiva de Pais (2003, p. 70) é de que “torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus *contextos vivenciais, cotidianos*”, porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação.

Nos relatos apresentados pelos jovens da pesquisa eles narram como a sua participação nos coletivos inscreve-se sobremaneira em seus itinerários pessoais. Destacam contribuições para a construção identitária, para a formação crítica, para o

fortalecimento das relações interpessoais, e também para pensarem em projetos de futuro. Tais dimensões somente foram percebidas quando os sentidos de suas participações foram expressos através de suas próprias narrativas, isto é, a partir dos seus próprios contextos vivenciais, conforme destacado por Pais (2003).

As reflexões de Feixa (2006) e de Pais (2003) a respeito das culturas juvenis mostram que os jovens vivem estas condições, a partir do seu grupo social e dos seus pertencimentos associativos. Deste modo, ao nos interrogarmos, a respeito das formas e sentidos da participação social dos jovens, a partir de suas narrativas, estivemos atentos para perceber como os elementos das culturas juvenis aqui apresentados, refletem nas vivências e nos modos de participação dos sujeitos nos coletivos onde atuam.

Várias pesquisas sobre juventude (SPOSITO, 2002; DAYRELL, 2001; DAYRELL, 2007; ABRAMO, 2005b) têm revelado diferentes inserções e modos de participação dos jovens nos últimos anos. Em virtude deste aspecto, percebeu-se a necessidade de averiguar quais são os principais temas e enfoques que são investigados a respeito das variadas formas de participação juvenil. Tal aprofundamento foi realizado a partir do levantamento do Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira, em três áreas do conhecimento, a saber: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social.

O levantamento realizado por Sposito (2009) apontou uma baixa produção sobre juventude na interface com a política ou com a participação social nas áreas investigadas. Dentre os estudos identificados contendo relações com o tema destacaram-se: a política e a militância estudantil; a cultura política, socialização política e capital social; os estudos sobre protagonismo juvenil e o início do surgimento de intersecções das políticas públicas para a juventude. De modo geral, os estudos focalizam nas diferentes formas de participar, nas motivações de participação e nos resultados de tais envolvimento.

A partir da retomada das principais pesquisas sobre juventude na pós-graduação brasileira, constatou-se a escassez de trabalhos que tenham como problema central de investigação os sentidos de participação dos jovens e o significado dos mesmos para suas vidas. Tal constatação contribuiu para a delimitação temática e para a definição do problema principal da investigação que foi desenvolvido nesta tese.

## 1.2 ESTADO DA ARTE SOBRE JUVENTUDE NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA

A produção do conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência. Isso é o que se convencionou denominar de “estado do conhecimento” ou “estado da arte”. (CARRANO; DAYRELL, 2009, p. 7).

A afirmação dos autores aponta para a importância de inventariar as produções acadêmicas de uma determinada área do conhecimento. A partir desta prática, torna-se possível perceber quais são os principais temas abordados, assim como quais as ausências, podendo resultar numa agenda de novos estudos necessários a cada área.

No caso do tema juventude, até o momento foram desenvolvidos dois levantamentos de maior amplitude. O primeiro, denominado *Juventude e escolarização*, cobriu o período de 1980 a 1998, dedicando-se apenas à área da Educação. O balanço esteve sob a coordenação da professora Marília Pontes Sposito, que com a contribuição de uma equipe de investigação<sup>7</sup> analisou um conjunto de 1.167 teses e 7.500 dissertações, perfazendo um total de 8.667 trabalhos. Foram identificadas 332 dissertações e 55 teses sobre juventude, o que representou 4,4% da produção total em Educação.

As conclusões da pesquisa, entre outros aspectos, apontam que

Apesar do volume significativo de teses e dissertações, pode-se afirmar que ainda há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira, marcada por recortes intensos nas desigualdades sociais, culturais e étnicas que oferecem para pesquisa a realidade plural da juventude. (SPOSITO, 2002, p. 22).

As relações dos jovens com a escolaridade tiveram uma grande ênfase nas produções. Essas aparecem em três âmbitos: juventude e escola, mundo do trabalho e escola e, por fim, estudantes universitários. Somente os trabalhos destas temáticas significaram 47,6%. Em vista disso, a reflexão sobre o jovem ficou restrita à sua condição de aluno e não explorou o seu “ser jovem” a partir das diversas

---

<sup>7</sup> A pesquisa teve o apoio do INEP e foi constituída pelos seguintes pesquisadores: Ana Paula Corti, Juarez Dayrell, Maria Cecília Cortez de Souza, Maria Carla Corrochano, Marilena Nakano e Paulo César Rodrigues Carrano (2002, p. 07).

relações que o constituem. Ficaram pouco evidentes estudos a respeito de questões consideradas emergentes, como é o caso dos jovens em sua relação com a mídia, os grupos juvenis e a violência.

Outro aspecto salientado em Sposito (2002) é a dispersão e a variação temática dos estudos. Percebeu-se a fragmentação dos temas numa multiplicidade de subtemas ou assuntos; a pulverização dos campos temáticos e a descontinuidade no trato dos assuntos.

O segundo balanço também esteve sob a coordenação da professora Marília Pontes Sposito e compreendeu o período de 1999 a 2006, resultando na publicação do livro *O Estado da Arte sobre juventude brasileira na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006<sup>8</sup>)*. Este estudo incorporou as áreas do Serviço Social e Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), ampliando o escopo do primeiro mapeamento.

De acordo com Sposito (2009), outras áreas do conhecimento apresentam produção significativa sobre o tema, tais como a Psicologia, as Ciências da Comunicação e a Saúde Coletiva. Restringiu-se o levantamento para as áreas da Educação, Serviço Social e Ciências Sociais, considerando os trabalhos que adotam em seus referenciais teóricos uma *dominante social*. O termo dominante social é empregado apenas para delimitar as áreas investigadas no espectro das disciplinas das Ciências Humanas (Educação e Ciências Sociais) e Ciências Sociais Aplicadas (Serviço Social). A fundamentação para a produção do conhecimento em tais áreas tem como base a teoria social.

A fonte para o balanço das produções foi o Banco de Teses do Portal CAPES. O levantamento foi realizado, inicialmente, a partir de três campos: título, palavras-chave e resumos. Num momento posterior, buscou-se o acesso às obras completas, pois “um balanço de literatura, sobretudo nos moldes Estado da Arte, não pode ser realizado somente a partir de resumos (FERREIRA apud SPOSITO, 2009, p. 12). O levantamento final contabilizou 1.427 produções distribuídas nas três áreas conforme pode ser visualizado na tabela 1.

---

<sup>8</sup> A pesquisa contou com a colaboração de diversos professores pesquisadores da temática juventude e de alunos de pós-graduação. A publicação do livro *O Estado da Arte sobre juventude brasileira na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)* é uma das ações do projeto *Diálogos com o Ensino Médio*, uma parceria iniciada no ano de 2009 entre o Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense e a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Tabela 1 – Distribuição das produções sobre juventude por área do conhecimento (SPOSITO, 2009, p. 13)

ÁREA DO CONHECIMENTO	Nº DE TRABALHOS
EDUCAÇÃO	971
SERVIÇO SOCIAL	144
CIÊNCIAS SOCIAIS	312
<i>Ciência Política</i>	13
<i>Antropologia</i>	117
<i>Sociologia</i>	182
<b>TOTAL</b>	<b>1.427</b>

Segundo a autora, verifica-se que as produções sobre os jovens, em termos absolutos, constituem um número significativo (1.427), contudo, em termos relativos ainda não ocupam grande relevância nas áreas compreendidas pelo atual estudo.

Na área da Educação, verificaram-se 971 produções sobre juventude num total de 12.969 da área. A área da Educação é a única das três em que é possível estabelecer uma comparação com a primeira pesquisa, onde se observa um crescimento de 4,5% para 6% no atual levantamento. Na área do Serviço Social, o número de produções também não é tão expressivo, somando 144 trabalhos (de um total de 1.853), o que equivale a 8% do total da área. Nas Ciências Sociais, em números relativos, a Antropologia apresentou maior preocupação com o tema juventude do que as demais áreas, totalizando 117 trabalhos (de um conjunto de 821), equivalentes a 10,8% do total da área. A Ciência Política teve 13 trabalhos (de um total de 821), o que representa 1,3%, enquanto que a Sociologia teve um número absoluto expressivo de 182 trabalhos (de um total de 2.905), mas que equivalem a somente 4,1% do total de sua área.

As pesquisas desenvolvidas na pós-graduação apresentam-se sob duas situações: a individual e a coletiva. Na primeira, a pesquisa é desenvolvida por um estudante sozinho, tendo como apoio o seu orientador. Tal situação é a mais frequente nos estudos mapeados, apesar de ser a menos recomendada. Na segunda, visibilizam-se estudos que envolvem estudantes inseridos em grupos de pesquisa, que reúnem melhores condições para o trabalho de campo e a discussão dos dados produzidos. Segundo Sposito (2009), apesar de ainda não acontecer, a perspectiva é de que as investigações coletivas tenham maior abrangência, porque “a atividade de pesquisa, em praticamente todas as áreas do conhecimento, é hoje e cada vez mais atividade de equipe” (p. 21).

A partir do conjunto dos trabalhos inventariados os autores do estado da arte de 2009 tecem várias observações gerais a respeito dos estudos sobre juventude. Um primeiro alerta é relativo ao caráter predominantemente urbano das produções, pois mais de 96% dos trabalhos referem-se a jovens na sua condição urbana. Os trabalhos sobre jovens da área rural representam apenas 4% e sobre jovens indígenas, apenas 0,5%. Ainda quanto ao caráter urbano das pesquisas, a maior parte delas restringe-se às grandes regiões metropolitanas. A partir de tais dados, pode-se incorrer em generalizações sobre a juventude brasileira, se não forem consideradas as realidades dos jovens que vivem em outras áreas.

Outra referência apontada pelo estudo refere-se à forte presença de estudos sobre juventude e escola, especialmente na área da Educação. No estado da arte anterior esta também havia sido uma das temáticas predominantes. No entanto, no novo levantamento existem algumas variações. A principal é de que, enquanto no anterior havia forte relação entre os jovens, o mundo do trabalho e a escola, no atual levantamento a ênfase central se detém nas trajetórias escolares dos jovens. A hipótese levantada por Sposito (2009) para explicar tal fenômeno é a mudança na composição etária dos alunos do ensino médio, que tende ao rejuvenescimento do público que frequenta este nível escolar. Pode-se deduzir, portanto, que quanto mais jovens forem os estudantes, menor é a preocupação com a temática do trabalho.

Também foi constatado que as desigualdades sociais extremas e os processos de exclusão ocuparam um lugar de destaque nas três áreas inventariadas. Nas Ciências Sociais e no Serviço Social este foi o tema de maior recorrência, bem como na área da Educação adquiriu importância, ficando em terceiro lugar.

As questões de gênero e sexualidade apresentaram-se como temáticas em ascensão, sobretudo pelo aprofundamento do conhecimento desses temas nas áreas das Ciências Sociais e da Educação.

Outra constatação é de que se observa um “lento arrefecimento das orientações da Psicologia e o crescimento de uma dominante sociológica nos estudos sobre juventude” (id., p. 27). Tal evidencia demonstra uma mudança no enfoque das pesquisas sobre juventude, declinando o viés psicológico que foi predominante desde os primeiros estudos sobre juventude, no início do século XX (FEIXA, 2004).

A pesquisa apontou pouca incidência de estudos sobre tempo livre, lazer e consumo dos jovens. Apesar de serem temáticas pouco desenvolvidas, as mesmas constituem eixos importantes para compreender as juventudes nas sociedades contemporâneas ocidentais. (PAIS, 2003; FEIXA, 2006).

Verificou-se ainda a carência de estudos transversais relativamente à vida dos jovens, que são capazes de repercutir as suas experiências em diferentes espaços, tais como a família, a escola, o trabalho, as relações de amizade, a vida no bairro, entre outros. Tais estudos possibilitam a compreensão das práticas socializadoras e das sociabilidades vivenciadas pelos jovens. De acordo com Sposito (2009), um dos referenciais que discute estes processos de socialização é a sociologia de Simmel, que tem como base

Parte dos estudos sobre sociabilidade entendida como forma de sociação na qual os indivíduos criam e recriam laços de convivência que exprimem o estar juntos sem compromissos e finalidades externas ao fato dessa mesma convivência. (SPOSITO, 2009, p. 30).

Ao analisar o conjunto dos trabalhos sobre juventude, os autores da pesquisa de 2009 se questionaram se tais estudos apresentam suporte suficiente para serem considerados um domínio de estudos pertinente às suas áreas de conhecimento. Para Sposito (2009),

Se considerarmos que os estudos sobre os jovens começam a ser retomados nas Ciências Sociais e na Educação a partir do início dos anos 1990, pode-se afirmar que já existe um acúmulo inicial que permite um quadro bastante diversificado, sinalizador de algumas direções. O balanço realizado, tendo como foco apenas a produção discente, retrata muito mais os desafios da estruturação desse campo de conhecimento do que a sua emergência propriamente dita. (p. 31).

A afirmação da autora aponta que o tema juventudes apresenta uma emergência nas áreas das Ciências Sociais e da Educação, porém, ainda falta estruturação do campo de estudos. Concordando com tal ideia, Arretche (2003, p. 37), inspirada em Kuhn (1976), destaca que a proliferação de trabalhos ou a “coleção de fatos” não são suficientes para o desenvolvimento de uma ciência ou campo disciplinar.

Esta parecia ser a situação dos estudos sobre juventude no Brasil naquele momento, inclusive, na oportunidade em que defendemos o projeto de tese

(março/2011). No entanto, nos últimos anos, o aumento da visibilidade do tema e o surgimento de novos espaços de estudo e discussão acerca das juventudes nos leva a questionar tal posicionamento. Além dos estudos realizados, outros dois fatores auxiliam na percepção sobre o aumento de sua abrangência: a criação e estruturação de eventos sobre juventude e o fomento de novos observatórios juvenis em diferentes âmbitos acadêmicos.

Em relação ao primeiro, o evento de maior trajetória, até o momento, é o Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, que tem periodicidade bianual e já conta com cinco edições (2004: Rio de Janeiro; 2006: Porto Alegre; 2008: Goiânia; 2010: Belo Horizonte e 2012: Recife). Outro evento intitula-se Seminário Violar: Problematizando as Juventudes na Contemporaneidade, promovido pela Faculdade de Educação da UNICAMP, e já conta com duas edições (2010 e 2012). Um terceiro evento, promovido pela Faculdade de Ciências Sociais da UFG (Goiânia, 2012) denomina-se Seminário Internacional: Juventudes na Contemporaneidade.

Com relação aos observatórios de juventude, em 2012 foi possível localizar seis unidades em diferentes universidades brasileiras, a saber: Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal Fluminense, Universidade de Brasília, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, além de mais de uma dezena de observatórios ligados a órgãos públicos ou instituições da sociedade civil.

O crescimento do número de eventos acadêmicos e de observatórios de juventude, além das pesquisas e publicações na área de pós-graduação, contribuem para questionar a afirmação de que o tema das juventudes seja apenas “uma coleção de fatos”. Talvez ainda não seja possível afirmá-lo como um campo de estudos, mas, talvez, como um objeto de estudo em ascensão.

Segundo Sposito (2009, p. 32), mesmo com a emergência temática e com o crescimento em números absolutos de trabalhos sobre juventude, ainda verifica-se uma fragmentação e dispersão dos estudos, uma ausência de agendas de investigação e de interlocução de grupos internos de pesquisa ou entre as áreas.

São poucos os fóruns acadêmicos e periódicos científicos<sup>9</sup> voltados para a temática no Brasil. Para a autora, tais aspectos evidenciam a fragilidade deste domínio de estudos, necessitando de adensamento investigativo e teórico neste campo de pesquisa.

Mesmo diante dos desafios de estruturação do tema como domínio de estudos, os pesquisadores responsáveis pela pesquisa destacam que “o reconhecimento da juventude como categoria analítica começa a se fazer presente no universo empírico que compõe o balanço atual” (SPOSITO, 2009, p. 32). Outra evidência refere-se a um crescente conjunto de estudos que revelam elementos importantes da experiência juvenil, mesmo que seus autores não se considerem pesquisadores específicos sobre juventude.

Em termos linguísticos há uma diferenciação no tratamento do objeto de estudo. Nas áreas da Educação e Ciências Sociais, os termos empregados com maior frequência são jovem e juventude. Já no Serviço Social, o termo mais usado é o de adolescente. A incidência da expressão adolescente ocorre principalmente nos trabalhos presentes no tema Adolescentes em Processo de Exclusão Social, nas três áreas investigadas. Em décadas anteriores o uso da expressão adolescente sinalizava o campo clássico de estudos da Psicologia. A partir dos anos 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o termo é empregado mais pelo dispositivo jurídico a que ele está relacionado do que como noção conceitual (ABRAMO, 2005; LEON, 2005).

Na tradição sociológica brasileira, sob inspiração de Marialice Foracchi (1972), a expressão mais empregada para esta faixa etária foi o termo “juventude”, entendendo a adolescência como a sua fase inicial.

O conjunto total das produções sobre juventude nas três áreas foi agrupado e analisado a partir de onze sub-temas: *Estudo sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*; *Juventude e Escola*; *Adolescentes em processos de Exclusão Social*; *Jovens Universitários*; *Jovens, sexualidade e gênero*; *Jovens e Trabalho*; *Juventude, Mídias e TIC*; *Jovens na Intersecção da Escola com o Mundo do Trabalho*; *Grupos Juvenis*; *Juventude e Política e Estudos Históricos sobre Juventude*.

---

<sup>9</sup> Artigos sobre o tema são publicados nas revistas científicas de suas respectivas áreas, sendo praticamente inexistentes periódicos exclusivos sobre juventude. Na América Latina, a revista *Última Década*, editada pelo CIDPA, do Chile, é a única dedicada especialmente aos jovens.

Pela delimitação temática deste estudo, o sub-tema *Juventude e Política* foi abordado de modo mais detalhado, procurando analisar os estudos que tratam das múltiplas formas de participação dos jovens na vida social.

### 1.2.1 Estado da Arte: Jovens na Interface com a Política

Este tópico toma como referência a publicação antes apresentada, *O Estado da Arte sobre juventude brasileira na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*, de modo especial o capítulo dez, do segundo volume, intitulado *Estudos sobre jovens na interface com a política*, de autoria de Marília Pontes Sposito<sup>10</sup>, Ana Karina Brenner<sup>11</sup> e Fábio Franco de Moraes<sup>12</sup>.

De acordo com esses autores, os estudos que abordam os jovens envolvidos com alguma prática política constituem desafios importantes para as áreas de pesquisa, uma vez que a temática foi uma das primeiras a serem investigadas nos estudos sobre juventude no Brasil, nos anos 1960.

O conceito de política adotado, no seu sentido amplo, enfoca as diversas formas de participação dos jovens na vida da sociedade, não se restringindo a uma definição estrita da política como disputa de poder ou política partidária<sup>13</sup>.

No primeiro estado da arte sobre juventude, intitulado *Estado do Conhecimento sobre Juventude* (SPOSITO, 2002), abordando apenas a área da Educação, foram identificados 33 estudos sobre o tema *Jovens e participação política*, incluindo estudos sobre os movimentos estudantis dos anos 1960 e 1970.

No estado da arte recente (SPOSITO; BRENNER; MORAES, 2009), com a ampliação da pesquisa para as áreas das Ciências Sociais, houve o acréscimo de novas ênfases que não apareceram no levantamento anterior. No entanto, as porcentagens em cada área não cresceram de modo expressivo. Na área da Educação os trabalhos que tratam de algum aspecto da dimensão política somaram 34, de um total de 971, representando 3,5% dos estudos sobre juventude. Este dado

<sup>10</sup> Professora titular da área de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação, USP.

<sup>11</sup> Doutoranda em Educação, Faculdade de Educação, USP.

<sup>12</sup> Estudante do Curso de Ciências Sociais da FFLCH e Bolsista de Iniciação Científica da Faculdade de Educação, USP.

<sup>13</sup> Os conceitos de política e de participação social serão aprofundados no terceiro ponto deste capítulo.

revela que o interesse pelo tema ainda é escasso e que não houve uma consolidação do mesmo no período entre as duas pesquisas.

Em Serviço Social, a produção também não é expressiva, contabilizando 5 trabalhos de um total de 144, representando apenas 3,5% do total da área. Nas Ciências Sociais, o interesse pelo tema indica 23 trabalhos sobre um total de 312, representando uma porcentagem de 7% dos temas sobre juventude na área. Nesta área as proporções são diferentes, de acordo com cada sub-área. Na Antropologia é quase inexpressivo, contando com apenas um trabalho dentre 117 sobre juventude. Na sociologia a proporção aumentou, somando 14 trabalhos dentre 182. Por fim, o tema tem grande domínio nas Ciências Políticas, contabilizando 8 trabalhos de um total de 13.

Os 62 trabalhos que tratam do tema *Jovens e política*, portanto, de maior interesse esta tese, foram agrupados em cinco sub-temas, de acordo com seus enfoque e abordagens: a participação e militância política estudantil; outras modalidades de ação coletiva de jovens; os valores, a socialização e a cultura política; os deslocamentos em torno da ideia de participação política, traduzidos nos estudos sobre protagonismo juvenil; jovens na intersecção das políticas públicas e sociedade civil.

Trataremos de cada um deles na sequência, buscando apontar implicações ao estudo realizado por esta tese.

### **1.2.2 A Participação e Militância Política Estudantil**

Neste subtema foram agrupados os estudos que se referem especificamente às tradicionais pesquisas sobre movimentos estudantis, as experiências dos estudantes e outras formas de organização e mobilização estudantis. Foram identificados 23 trabalhos em que aparecem claramente dois enfoques. O primeiro trata dos estudantes na sua condição de secundaristas (12 trabalhos), e o segundo aborda os estudantes universitários (11 trabalhos).

Os estudos sobre mobilizações estudantis são em sua maioria pertencentes à área da Educação e realizados em capitais ou regiões metropolitanas.

Dentre os estudos sobre os estudantes secundaristas podem-se averiguar três eixos específicos. O primeiro trata dos grêmios estudantis, da participação estudantil e da comunidade escolar na democratização da gestão da escola. Para a realização destes trabalhos foram entrevistados alunos dos grêmios, representantes de turma, professores, coordenadores, diretores e pais. A discussão principal dos estudos circulou em torno de como os alunos participam da gestão escolar, do sentido que atribuem à sua participação e à avaliação que os diferentes setores das escolas têm sobre a participação dos alunos em espaços de gestão escolar. Os estudos deste eixo são de natureza qualitativa e apresentam referenciais teóricos que abordam o tema da democratização e da gestão da escola.

Mesmo que identifiquem algumas práticas inovadoras, tal qual a criação de rádios escolares coordenadas por alunos, os estudos chegam à conclusão de que não basta institucionalizar os mecanismos de gestão democrática, pois os mesmos não asseguraram a ampliação da participação e de práticas de gestão mais democráticas. Os estudos referem que, em muitos casos, há resistência por parte de professores, de diretores e até de alunos para que se desenvolva uma gestão compartilhada e participativa.

O segundo eixo temático compreende os estudos que tratam das lutas empreendidas por estudantes, através de organizações estudantis para além dos espaços escolares. Nestes estudos aparece a atuação dos estudantes em reivindicações que implicam articulações maiores, envolvem diversas escolas, a partir de entidades regionais e não só grêmios escolares. Um dos exemplos é a dissertação de Marjorie Botelho (2006), que aborda a ação de jovens estudantes pela conquista e manutenção do direito ao passe livre no Rio de Janeiro-RJ, nos anos de 2001-2002.

O terceiro eixo trata dos estudantes secundaristas abordando suas experiências de participação em grêmios estudantis, os sentidos da experiência e os impactos na socialização dos jovens na construção de capitais sociais e culturais. Foram identificados 07 trabalhos que investigam as relações que se estabelecem entre os alunos participantes dos grêmios e seus colegas, entre estes e os professores e também com a direção das escolas.

Apesar de estarem no mesmo eixo, os estudos apresentam diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. A dissertação de Aparecida da Graça Carlos (2006) não se restringiu aos instrumentos comuns de coletas de dados, baseados na

observação, análise documental e entrevista. Ela utilizou um questionário para o levantamento de “escalas e atitudes”, com o objetivo de analisar o nível de relacionamento dos estudantes participantes do grêmio com os demais colegas e com outras pessoas da escola. O questionário era longo e complexo, permitindo cruzamento de dados a partir de variáveis como escolaridade dos pais e perfil da escola, apontando a atuação, a percepção e os valores dos alunos gremistas nas quatro escolas envolvidas. A pesquisa foi realizada com estudantes que estavam encerrando sua gestão à frente da direção do grêmio, bem como com novos que estavam assumindo a função. As conclusões da autora apontaram que os alunos que estavam no fim do mandato tinham uma visão mais crítica em relação aos professores e à escola.

No segundo enfoque estão reunidos onze trabalhos que se debruçaram sobre a organização e a mobilização universitárias. Vários trabalhos são de autoria de ex-militantes de movimentos estudantis, sendo que pelo menos quatro deles foram militantes durante o período de sua graduação. De acordo com os pesquisadores que analisaram os trabalhos, nem todos se resguardam das tensões que tais envolvimento podem ter no processo de produção do conhecimento, uma vez que tais pesquisadores estiveram intensamente envolvidos com a temática de investigação.

A maioria das pesquisas teve como sujeitos privilegiados de investigação as lideranças do movimento estudantil. Em grande parte, os trabalhos deram atenção aos modos de organização e conquistas alcançadas pelas mobilizações dos jovens universitários.

De acordo com Sposito; Brenner e Moraes (2009)

Com algumas exceções, a produção discente, sobretudo na área da Educação, tende a reiterar aquilo que Carrano (2002) denominou de “tendência antecipadora das análises”, pois, diante de filtros políticos de diferentes cores e matizes, a complexidade das práticas reais muitas vezes não é enfrentada. Mesmo nos estudos que problematizam a questão da ação coletiva de jovens ou daquilo que classicamente é descrito como movimento social, ainda não se observam referências teóricas ou análises referentes a essas categorias analíticas. O conceito de movimento social ou de movimento estudantil não é construído como categoria analítica ancorada nas teorias dos movimentos sociais ou da ação coletiva. (p.183).

A análise dos autores demonstra que muitos dos estudos acerca da juventude universitária não fazem uma imersão nos referenciais teóricos importantes de acordo

com suas categorias analíticas. Deste modo, os estudos ficam estruturados apenas como categorias empíricas descritivas.

O alerta desses autores foi fundamental para a pesquisa desenvolvida nesta tese. Com o intuito de extrapolar as categorias descritivas sobre juventude, as narrativas juvenis acerca das experiências de participação social e os sentidos que os próprios jovens atribuem às práticas que desenvolvem foram interpretados e problematizados a partir de conceitos e outros estudos sobre o tema. Tal opção mostrou-se pertinente, visto que nos resultados da investigação, foi possível perceber dimensões de sentido que os jovens narraram e que passariam despercebidas em uma mera descrição.

Um dos trabalhos que vai além dos movimentos estudantis refere-se à tese de doutorado em Sociologia, de Loriza Lacerda de Almeida (1999). Sua investigação buscou compreender quais são os modos de participação de jovens universitários em outras formas de mobilização e participação política atuais. Para tal, entrevistou 11 universitários, alguns com adesão a grupos organizados, enquanto outros não têm nenhum tipo de participação. Suas conclusões assinalam que alguns estão comprometidos com a busca de novos valores éticos e políticos; outros estão apenas interessados nos conhecimentos instrumentais e técnicos exigidos para o exercício profissional; já há outros que estão interessados nas diferentes formas de intervenção social. De acordo com a autora, os estudantes universitários demonstram descrédito e rejeição para com a vida política, pois muitos daqueles que participam do movimento estudantil não são vinculados a partidos políticos, apesar de terem maior inclinação para os partidos de esquerda. Outra conclusão aponta para a falta de articulação das ações universitárias e a carência de mecanismos aglutinadores que possam transformar práticas dispersas em ações concretas e direcionadas.

Neste subtópico os estudos concentraram-se na participação estudantil dos jovens. Tal enfoque já havia sido apontado por Sposito (2002) no primeiro Estado da Arte sobre Juventude, onde os temas mais recorrentes eram o escolar, o espaço universitário e o mundo do trabalho. Deste modo, percebe-se a necessidade de ampliar os universos de participação dos jovens, que também atuam em outros espaços.

Esta foi a perspectiva desenvolvida a fim de ampliar o espectro dos estudos sobre juventude para experiências que foram pouco abordadas até o momento. Para

tal, foram escolhidos grupos que não fossem “lugares usuais de participação política” (NOVAES; VIDAL, 2005, p. 131), tais como ONGs e grupos autônomos, diferentes dos grupos ligados ao movimento estudantil, como foram os estudos abordados neste tópico.

### **1.2.3 Outras Modalidades de Ação Coletiva de Jovens**

No *Estado da Arte sobre juventude brasileira na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*, outro subtema delineado no capítulo sobre *Juventude e Política* foi designado como “Outras modalidades de ação coletiva de jovens”. Neste, estão reunidos os estudos que abordam as mobilizações e organizações juvenis que procuram perceber os jovens em outros espaços de atuação, diferentes dos clássicos estudos sobre movimentos estudantis. Neste grupo encontram-se estudos sobre as Pastorais da Juventude, o Acampamento da Juventude do Fórum Social Mundial, a juventude nos sindicatos, os jovens de projetos socioculturais e o recrutamento de jovens para campanhas eleitorais. Em relação à distribuição nas áreas do conhecimento, neste caso, a predominância é a Sociologia, que tem sete dos doze trabalhos. Do total de trabalhos apenas duas teses foram desenvolvidas, uma na Sociologia e uma na Educação.

No total dos doze estudos, para o período de 1999 a 2006, cinco deles tratam das Pastorais da Juventude, em diferentes lugares do país. Um fator interessante, que se diferencia dos demais estudos sobre juventude e participação é que os cinco estudos sobre estas pastorais foram realizados em cidades do interior e não nas capitais. Os investigadores destacam que não é possível concluir se há um deslocamento dos grupos das Pastorais da Juventude para as cidades do interior ou se há apenas a ausência de estudos do tema nos grandes centros urbanos.

A tese de Lucio Jorge Hammes (2005) aborda diferentes grupos juvenis (Pastoral da Juventude, Movimento Sem Terra e Rede em Busca de Paz) e analisa as possibilidades de participação e engajamento. Como metodologia, o pesquisador se valeu de entrevistas e grupos focais. As principais reflexões estão baseadas no conceito de “capital social”. As conclusões do estudo apontam que a convivência em

grupos juvenis melhora a confiança interpessoal e nas instituições em que participam; capacita os jovens para a vida em sociedade devido à experiência do trabalho em grupo; constrói redes de cooperação que permitem o acesso a recursos atuais e futuros.

Outros dois estudos deste subtema tratam da mobilização de jovens que integram movimentos de crítica ao processo de globalização. São os trabalhos referentes ao Acampamento da Juventude no Fórum Social Mundial (FSM)<sup>14</sup>, em diferentes edições.

Ainda neste subtema, três trabalhos investigam a participação de jovens em grupos juvenis derivados de projetos socioculturais. Tais projetos têm uma ampla faixa etária, sendo que os jovens se constituem como um dos grupos com os quais estes projetos desenvolvem as suas ações. Estes trabalhos procuraram compreender os impactos da participação nesses grupos para a vida dos jovens participantes. As conclusões apontam que os jovens valorizam estes espaços pela troca de experiência que realizam, pela afirmação de identidades positivas em relação ao local de moradia, para dirimir o estigma da pobreza e da delinquência, que, muitas vezes, lhes é impingido. Os trabalhos não fazem referência ao conceito de protagonismo juvenil, que é enfatizado em muitos desses projetos e que é passível de críticas por parte de vários autores.

A dissertação em Sociologia de Agnaldo dos Santos (2001) é o único trabalho dedicado exclusivamente ao estudo de jovens sindicalizados. A pesquisa foi desenvolvida junto ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista e usou questionários como o principal instrumento para a coleta de dados. As conclusões do autor apontam que a representação dos jovens no sindicato é pequena em relação ao total dos participantes do sindicato; que a militância sindical envelheceu nos anos 1990 e que há pouco investimento no fortalecimento da participação dos jovens por parte dos dirigentes sindicalistas.

Por fim, neste grupo há um trabalho sobre um tema ainda pouco comum nas pesquisas sobre juventude. Trata-se da dissertação de Danyelle Nilin Gonçalves

---

<sup>14</sup> Na definição de Boaventura de Sousa Santos, o “FSM constitui uma das mais consistentes manifestações de uma sociedade civil global contra-hegemônica e subalterna em vias de surgimento. Na sua definição mais ampla, o FSM é o conjunto de iniciativas de troca transnacional entre movimentos sociais e organizações não governamentais onde se articulam lutas sociais de âmbito local, nacional ou global, travadas (de acordo com a Carta de Princípios de Porto Alegre) contra todas as formas de opressão geradas ou agravadas pela globalização neoliberal”. (SANTOS, 2010a, p. 415). Para saber mais sobre o FSM recomenda-se a leitura: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Fórum Social Mundial: manual de uso**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

(2001), que busca compreender os modos de recrutamento de jovens para participarem de campanhas eleitorais. O estudo foi realizado através de uma investigação comparativa de três cidades diferentes: Fortaleza, Aracaju e Cidade do México. Alguns jovens participantes da pesquisa eram voluntários, enquanto outros eram contratados para fazerem campanha em prol de determinado candidato. As suas inserções nas campanhas acontecia através de aproximações com os partidos, por seleções realizadas antes e durante o processo eleitoral, ou ainda, por aproximação ideológica com os partidos políticos. As conclusões da autora apontam que para os jovens mexicanos o envolvimento com a campanha representa um trabalho, através do qual recebem remuneração; já os jovens de Aracaju avaliam a política como uma festa, enquanto os jovens de Fortaleza ficaram divididos entre uns que a consideram um trabalho e outros que a consideram uma festa.

Este conjunto de trabalhos amplia a abrangência dos estudos sobre a participação dos jovens, enfatizando temas como as Pastorais da Juventude, os sindicatos, os projetos socioculturais e as campanhas eleitorais. Tal levantamento aponta para uma variedade de estudos que ainda não haviam sido investigados.

Buscando ampliar ainda mais a pluralidade de experiências, nosso estudo contemplou espaços que também tivessem projetos que oportunizam a participação social dos jovens. Para a realização da pesquisa, tomou-se como referência as quatro consignas mobilizadoras destacadas por Novaes e Vidal (2005), a partir das quais foram escolhidos quatro coletivos, de acordo com os seguintes temas: juventude e ecologia, juventude e educação, juventude e origem étnico-racial e juventude e violência.

#### **1.2.4 Cultura Política, Socialização Política e Capital Social**

De acordo com Sposito; Brenner e Moraes (2009) a maioria dos trabalhos sobre juventude neste subtema concentra-se na área da Ciência Política, que tem oito trabalhos, enquanto que Sociologia e Educação têm dois cada uma, e Serviço Social tem um. Dois aspectos são evidenciados neste grupo que fazem com que o tema se destaque no estado da arte sobre juventude. O primeiro refere-se aos vários

trabalhos orientados pelo Professor Marcelo Baquero<sup>15</sup>, que apresentam estratégia metodológica e referências teóricas comuns. O segundo refere-se à realização de pesquisas qualitativas do tipo *survey*, com campos empíricos de grande abrangência.

As principais preocupações destes trabalhos são a cultura política dos jovens no contexto atual e o papel das instituições socializadoras (escola, família, religião e meios de comunicação) na formação desta cultura e no desenvolvimento do capital social dos jovens. Para tal, as pesquisas buscam investigar como pensam e agem os jovens diante das diferentes dimensões da política, tais como a democracia, a participação, as ideologias, as relações com o Estado, bem como as orientações, atitudes, valores e comportamentos dos jovens na sociedade contemporânea. O quadro teórico utilizado também confere certa unidade aos trabalhos do grupo. Os principais conceitos abordados são: cultura política, capital social, socialização política, participação, democracia, cidadania.

Neste grupo, distinguem-se dois conjuntos de trabalho que adotam diferentes estratégias de pesquisa. No primeiro estão os trabalhos que utilizam metodologias que privilegiam a pesquisa quantitativa, sendo que no segundo estão os que empregam a pesquisa qualitativa.

Dentre os estudos que empregam a pesquisa quantitativa de tipo *survey*, podem-se destacar os trabalhos de João Pedro Schmidt (2000) e de Hermes Zanetti (1999), que desenvolveram estudos pioneiros e de abrangência nacional sobre a cultura política da juventude brasileira. Suas pesquisas buscaram investigar as orientações e atitudes políticas dos jovens e dos adultos, procurando identificar a existência ou não de mudanças na cultura política brasileira, a partir das diferentes gerações. O número de participantes permite perceber a dimensão destas pesquisas, pois Schmidt (id.) aplicou 2.644 questionários e Zanetti (id.) aplicou 2.082 questionários, abrangendo 21 cidades das cinco regiões do país.

No grupo de estudos que utilizam a pesquisa qualitativa estão os trabalhos da área da Sociologia (dois), da Educação (dois) e do Serviço Social (um). As metodologias utilizadas nestes trabalhos priorizam as entrevistas semiestruturadas individuais, os grupos focais, os relatos escritos e a observação participante. Diferente dos estudos na área da Ciência Política que abrangem um grande número

---

<sup>15</sup> Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

de participantes, os trabalhos deste grupo enfatizam os estudos de caso e de uma representatividade menor de indivíduos.

Neste subtema, os dois trabalhos da área da Educação são representativos destas opções adotadas. A pesquisa de Klein (2006) procurou compreender quais são as representações que 80 alunos do ensino médio, na cidade de São Paulo, têm sobre democracia e escola democrática. A autora considerou diferentes variáveis, tais como o gênero dos participantes e o tipo de escola (pública ou particular) com o objetivo de verificar se havia diferenças nas representações a partir dos diferentes recortes. Em outro trabalho, Melo (2000) teve a intenção de investigar as percepções e atitudes diante do consumo de um contingente de 540 estudantes, com idade de 14 a 22 anos, do Centro de Educação Tecnológica de Alagoas (CEFET). Ele analisou as possibilidades de a escola desenvolver, entre seus alunos, uma atitude responsável diante do consumo como exercício da cidadania.

Segundo Sposito; Brenner e Moraes (2009), “entre os trabalhos deste subtema foi praticamente unânime a conclusão de que os jovens não estão satisfeitos com várias dimensões da sociedade, que sentem necessidade de mudanças, acreditam na importância da participação e têm predisposição em participar” (p. 191). Os autores apontam alguns elementos que podem ser verificados a partir desta análise. Em primeiro lugar, aparece claramente um sentimento e uma postura de desconfiança, descontentamento, rejeição e insatisfação para com o sistema político convencional. Para Zanetti (2009), tal situação indica desgaste das instituições políticas, dos políticos e de seus partidos. De acordo com Schmidt (2000), como decorrência deste fenômeno, cresce entre os jovens a intenção de participar de espaços não-convencionais de ação coletiva, tais como os movimentos ecológicos, direitos humanos, movimentos feministas, contra o racismo, entre outros. O próprio autor reconhece que esta não é uma situação exclusiva entre os jovens brasileiros, mas que tem recorrência na literatura internacional sobre o tema. Cabe lembrar que Alberto Melucci (1997, 2001, 2005) foi o autor a enfatizar que as formas de participação juvenil no mundo contemporâneo são cada vez mais desinstitucionalizadas, menos hierarquizadas e não-convencionais.

O segundo aspecto evidenciado pelas pesquisas demonstra que a cultura política dos jovens é semelhante à cultura política que prevalece no Brasil atualmente, não se diferenciando daquela dos adultos. De acordo com Schmidt

(2000) e Cunha (2005) a cultura política brasileira pode ser caracterizada como “híbrida” ou “dualista”, pois apresenta tanto atitudes e valores democráticos como também autoritários. Zanetti (2009) chega a uma conclusão semelhante ao perceber em sua pesquisa um alto índice de atitude revolucionária, tanto de jovens, como de adultos.

Outro elemento destacado neste subtema é o papel das instituições socializadoras no desenvolvimento da cultura política dos jovens. Neste quesito os autores chegam a resultados diferentes entre si. Algumas pesquisas (SOARES, 2002; SANTOS, 2003; FARINA, 2005) revelam que as instituições influenciam os valores e atitudes dos jovens, pois os jovens participantes demonstram ter posicionamento politizado, crítico e comprometido. Já outros trabalhos questionam a efetividade das instituições. No estudo de Klein (2006) os alunos participantes da pesquisa consideram suas escolas antidemocráticas. Melo (2000) aponta contradições na capacidade da escola em contribuir com a criticidade dos jovens diante do consumo. Silveira (2005) chega à conclusão de que as escolas falham na promoção de uma cultura política participativa e democrática. Nazari (2003) aponta que instituições como escolas, igrejas e mídia apresentam deficiências no desenvolvimento do capital social relacionado com a cooperação e com a democracia.

Para Sposito; Brenner e Moraes (2009), outras três variáveis podem ser analisadas na relação com a cultura política dos jovens: o recorte de gênero, de situação socioeconômica e de região geográfica. De acordo com os autores, as pesquisas demonstram que não há diferenças significativas na cultura política conforme o sexo e a região geográfica dos jovens participantes. Já em relação às diferentes situações socioeconômicas, existem variações na percepção que os jovens têm sobre a democracia, em que

No geral, ficou comprovada a ideia, defendida na literatura internacional, de que, quanto mais elevado é o nível socioeconômico, mais condizentes com a democracia são as suas atitudes nos índices de sofisticação política (SCHMIDT, 2000, p. 347).

Os estudos deste subtópico abordaram basicamente os conceitos de cultura política, socialização política e capital social, tanto em pesquisas quantitativas como em pesquisas qualitativas. Na presente investigação optou-se pela pesquisa

qualitativa, abordando as narrativas dos jovens e os sentidos que atribuem às experiências desenvolvidas. Ao invés do conceito de capital social, buscou-se operar de modo particular com uma conceitualização que se aproxima mais da expressão “participação social” dos jovens.

Compreende-se por participação social juvenil, especialmente as ações coletivas, em que os jovens se envolvem em questões sociais que visam a melhoria das condições de vida de seu grupo, da sua comunidade ou da sociedade de maneira geral. Esta concepção de participação procura ser mais abrangente do que conceitos como participação política, muitas vezes restrita à compreensão de espaços deliberativos, ou então de protagonismo juvenil, em muitos contextos utilizado de forma polissêmica ou até contraditória. Para autoras como Serna (1997); Novaes e Vidal (2005) a participação social pressupõe a emergência de novas pautas de atuação, ação imediata, valorização do indivíduo no grupo e horizontalidade nos processos de coordenação.

### **1.2.5 Os Deslocamentos em torno da Ideia de Participação Política: os Estudos sobre Protagonismo Juvenil**

A principal atenção deste subtema está voltada às ações educativas que têm como objetivo central a formação política dos jovens. Estão reunidos neste grupo os estudos que buscam analisar e avaliar as denominadas formas de desenvolvimento do “protagonismo juvenil”. As ações educativas em foco são desenvolvidas através de programas governamentais e de projetos da sociedade civil, sendo que, em alguns casos, há a parceria destas duas esferas.

Este conjunto abrange um total de dez trabalhos, sendo sete na área da Educação e três no Serviço Social. Na área das Ciências Sociais não foi localizado nenhum trabalho com esta ênfase temática.

A partir da análise de Sposito; Brenner e Moraes (2009), é possível perceber que estes trabalhos investigam se as ações educativas contribuem ou não para o desenvolvimento de uma “consciência política” e se, a partir desta, há uma maior participação dos jovens em suas comunidades. Os autores consideram que, embora coincida uma categoria comum (protagonismo juvenil) e um autor referencial

(Antonio Carlos Gomes Costa) “não se pode afirmar que existe a consolidação de um debate mais adensado em torno do que significa a formação política dos jovens e as ações a eles destinadas” (id., p. 194). Existe uma dispersão dos trabalhos acerca do tema, não havendo diálogo entre eles, o que dificulta um maior acúmulo de conhecimentos sobre a questão.

Parte dos estudos sobre o tema teve como informantes principais jovens estudantes, em especial a partir da reforma do ensino médio de 1996, que incorporou a ideia do protagonismo no projeto político pedagógico das escolas. Bruel (2003) e Klein (2004) são pesquisadoras que realizaram seus trabalhos a partir deste enfoque. Elas desenvolveram análises críticas sobre estes projetos.

Outros estudos se detêm em ações não escolares de formação, principalmente projetos que atuam junto aos jovens de classes populares, moradores de periferias e regiões de baixa renda. É o exemplo dos trabalhos de Rodrigues (2001), Brener (2004) e Pereira (2006), que realizaram pesquisas com o objetivo de verificar a contribuição de ONGs na formação política dos jovens. As autoras destacam aspectos positivos em relação ao incremento na participação dos jovens nos projetos, mas também apontam dificuldades, tais como a diminuição da participação dos jovens a partir do momento em que se retiram da esfera de proteção das ONGs.

De acordo com a análise realizada pela maioria destes trabalhos a propagação das idéias de protagonismo juvenil e de voluntariado está relacionada a uma ofensiva neoliberal, complementada por um processo de ausência do Estado frente às questões sociais.

A partir destas referências, Sposito; Brenner e Moraes (2009) fazem uma contundente afirmação acerca do protagonismo juvenil, destacando que “os estudos não evidenciaram que esta noção tenha configurado, de fato, um novo sentido para a prática política de jovens e sua inserção na sociedade. Sob este ponto de vista, o debate acadêmico pode ser considerado encerrado” (p. 197). Apesar do seu posicionamento os autores enfatizam que a temática do protagonismo juvenil ainda se constitui como um desafio, pois necessita de maior adensamento teórico e metodológico, bem como análises com maiores variáveis de tempo.

### 1.2.6 Jovens na Intersecção das Políticas Públicas e Sociedade Civil

Neste subtema foram encontrados apenas quatro trabalhos, que procuram compreender as interações entre os jovens e as políticas públicas para a juventude nos últimos dez anos. A implementação dessas políticas é recente no Brasil e daí, depreende-se o motivo de serem poucos os estudos a respeito do tema.

O primeiro trabalho é uma tese de doutorado em Educação de Elmir de Almeida (2001), que investiga as iniciativas da prefeitura de Santo André-SP, uma das primeiras a ter ações e estruturas dedicadas especificamente à juventude. Sua pesquisa apresenta as relações estabelecidas pelo poder municipal com os segmentos juvenis convidando a construir propostas para os jovens.

Outro trabalho é a tese de doutorado em Antropologia, de autoria de João Paulo Macedo e Castro (2006), que estuda as formas como a temática da juventude chega à esfera pública e se transforma em campo de ação dos poderes públicos e associações da sociedade civil. Sua pesquisa parte de ações da Unesco, que é percebida como um agente político de importante ressonância nas décadas de 1990 e 2000. O autor aponta como culminância deste processo a criação da Secretaria Nacional de Juventude, em 2005.

Mirlene Severo (2006), em sua dissertação desenvolvida na área da Sociologia, investiga ações recentes em que as instâncias federais do Legislativo e do Executivo assumem o compromisso de dar maior atenção às pautas das juventudes. O estudo analisa as ações dos órgãos públicos e as relações destes com os diversos segmentos juvenis organizados. Entre suas conclusões está a percepção de que houve uma redução na participação dos movimentos juvenis, mas que, de outro lado, a discussão a respeito das políticas públicas para a juventude apresentou novas visibilidades para a condição juvenil no Brasil.

O quarto trabalho é a dissertação também em Sociologia de Rita de Cássia Advincula (2006), que faz um amplo mapeamento das redes e associações da sociedade civil que desenvolvem projetos junto aos jovens na cidade de Natal-RN. Com inspiração em Boaventura de Sousa Santos (2002), a autora apresenta uma “cartografia simbólica das representações sociais” dos jovens participantes.

Para Sposito; Brenner e Moraes (2009), este conjunto de estudos sobre jovens na interface com a política incide numa velha questão “O que significa fazer

política?”. Segundo os autores, estudos sobre juventude ainda necessitam aprofundar mais alguns conceitos básicos, tais como: democracia, os valores que orientam a vida coletiva, formas de socialização política, práticas políticas e militância. Destacam ainda que se houvesse maior interlocução entre as diferentes áreas do conhecimento poderia haver um enriquecimento dos estudos sobre juventude. Algumas aproximações podem ser percebidas entre a Sociologia e a Educação, mas são poucas as relações com a Ciência Política.

Os estudos ainda tendem a colocar os jovens estudantes como sujeitos principais das pesquisas, deixando de lado outras aproximações com os locais de trabalho, as práticas associativas e de lazer, ou então jovens que não são mais estudantes.

A partir da análise, destacam-se também ausências significativas a respeito de temas relacionados a diferentes segmentos juvenis, tais como: a presença dos jovens nos partidos políticos e associações de moradores, formas diversas de associativismo político ou militantismo em grupos como os movimentos GLBTT, ambientalistas, pacifistas, negros, entre outros.

Ainda de acordo com Sposito; Brenner e Moraes (2009),

Fica muito obscura a distinção analítica entre a esfera da participação política nos sistemas institucionais, o campo político em senso estrito e as novas formas da ação coletiva no interior das teorias sobre os movimentos sociais e culturais. Essas práticas emergentes, ao serem estudadas, poderiam alargar a própria noção da política, porque interrogariam sobre as possibilidades de construção coletiva de novos conflitos e de formação de dissensos no âmbito da experiência dos jovens brasileiros. (p. 199).

Na compreensão dos autores, há carência de estudos que possibilitem estabelecer relações entre as práticas emergentes de participação juvenil, as esferas institucionais e o campo político em sentido estrito. Tais investigações permitiriam uma melhor visibilidade sobre as possibilidades de construção coletiva de novos conflitos e de participação políticas dos jovens.

A partir do levantamento sobre Juventude na Pós-Graduação Brasileira, percebe-se que os segmentos juvenis que abordamos nesta tese, extrapolam os espaços de participação que foram localizados por Sposito (2009), constituindo-se como uma novidade no conjunto desta temática.

Ao estabelecermos como tema de investigação a participação social de jovens que vivem experiências de atuação em espaços distintos e ainda pouco

abordados, acreditamos que esta tese contribui à ampliação das possibilidades e enfoques até o momento abordados nas pesquisas acadêmicas desenvolvidas neste campo de estudos, como apresentamos pormenorizadamente até aqui.

Na sequência será discutida a participação juvenil e suas características nas sociedades contemporâneas, enfatizando seus contextos e novas formas de atuação. Será realizado um traçado panorâmico sobre a participação juvenil em nível global e brasileiro, buscando percepções de como os jovens foram se constituindo como sujeitos ativos nos seus contextos sociais. Também abordados elementos relativos aos jovens como sujeitos sociais, aos discursos sobre o protagonismo juvenil e os dados de algumas pesquisas sobre juventude e participação.

### 1. 3 SOCIEDADE, JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Problematizar a participação social da juventude implica pensar o futuro democrático das sociedades latino-americanas. De acordo com Novaes e Vidal (2005), os jovens são herdeiros dos símbolos, valores e códigos de funcionamento que a sociedade produz. Em grande parte, eles é que definirão os padrões de reprodução ou de mudanças das sociedades e de suas instituições. Na visão das autoras, “compreender a juventude de hoje é compreender o mundo de hoje” (NOVAES; VIDAL, 2005, p. 109). Tal ideia aponta para a relação histórico-cultural da juventude, ou seja, ela está intimamente ligada ao período histórico e ao contexto cultural em que está inserida.

Para Krauskopf (2005, p. 151), “a construção da juventude na América Latina e no Caribe ocorre em meio a transições históricas e políticas, a contextos de desigualdades econômicas e a um forte influxo da globalização”. A partir desta afirmação, é preciso considerar que as percepções sobre os jovens não podem ser homogêneas, o que implica analisar os fenômenos que marcam as identidades dos jovens, a partir de suas diferentes desigualdades. A realidade das novas tecnologias é outro fator que integra o panorama das mudanças culturais, acentuando diferenças e contribuindo com o surgimento de novos códigos, condições e experiências para os processos de construção identitária dos jovens (id., ib.).

O momento contemporâneo é marcado por inúmeras cosmovisões que apresentam limites para a apreensão do real, dificultando aos indivíduos a compreensão dos processos que lhes envolvem. Segundo Melucci (2004),

Habitamos um planeta que se transformou em uma sociedade global. O ritmo acelerado da mudança, a multiplicidade de papéis que desempenhamos, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. [...] A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo deve construir e reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações. [...] Um mundo que vive a complexidade e a diferença não pode fugir da incerteza e exige que os indivíduos saibam moldar-se às necessidades sem alterar a própria essência. (p. 15).

O principal desafio é dar-se conta do mundo global e de todas as vicissitudes que o mesmo apresenta. Torna-se primordial o processo de identização, afim de que cada pessoa possa construir a sua identidade e, assim, situar-se diante das múltiplas possibilidades que lhe são oferecidas.

Para Melucci (2004), sem a abertura de si mesmo para o outro, sem o envolvimento com os desafios de uma sociedade planetária, cheia de potencialidades e de riscos, o percurso interior corre o risco de tornar-se fuga ilusória ou prisão.

Compreender o momento presente tornou-se uma tarefa complexa e exigente. Fischer e Sposito (2001), inspirados por Melucci, apontam que “diante das dificuldades de compreensão dos fenômenos que caracterizam a sociedade atual, recorreremos apenas a definições alusivas, designando-a como complexa, globalizada, planetária, pós-industrial, de modernidade lenta ou pós-moderna” (p. 15). Destacam, ainda, que este esforço em nomear o momento vivido tem o intuito de perceber os processos de mutação social inconclusos, dos quais nos falta um distanciamento histórico que permita explicá-los em sua totalidade. Mesmo com esta dificuldade de definição, Melucci (apud FISCHER; SPOSITO, 2001) aponta para três traços básicos que caracterizam a sociedade contemporânea:

**Diferenciação:** traduzida pela multiplicação dos âmbitos da vida e forma de estruturas específicas para responder a tarefas que anteriormente eram desenvolvidas por estruturas mais simples e homogêneas; **variabilidade:** percebida pelo conjunto de alterações na dimensão temporal em função da intensidade e do ritmo contínuo da mudança; **excedente cultural:** que exprime o fato de que as possibilidades simbolicamente disponíveis à ação

dos indivíduos são muito mais amplas do que sua própria capacidade de ação. (p. 15).

A diferenciação exprime a multiplicidade de âmbitos e instituições que permeiam a vida das pessoas atualmente. Percebe-se uma ampliação de estruturas e instituições, tais como novas associações, novos espaços de lazer, o surgimento de espaços públicos, a rua como área de encontro e de criação e o crescimento de grupos informais. Anteriormente, a vida cotidiana era constituída por estruturas mais simples e homogêneas, tais como a família, a escola, a igreja, e o mundo do trabalho. Hodiernamente, mesmo estas instituições não se apresentam de forma homogênea, sendo que cada uma delas exprime novas configurações, formatos, valores e opções. Tais mudanças repercutem na vida dos indivíduos e nos modos como se situam diante das mesmas.

A variabilidade compreende os modos como os processos temporais são vivenciados, principalmente em relação à intensidade e ao ritmo contínuo das mudanças. O tempo<sup>16</sup> é vivenciado de uma maneira diferenciada, até então não experimentada, onde tudo é acelerado e volátil. Diz-se que em outros tempos a mudança de uma geração para outra acontecia a cada vinte anos, ao passo que, atualmente, se diz que, tal diferença diminuiu para aproximadamente seis anos.

O excedente cultural diz respeito às inúmeras possibilidades simbolicamente disponíveis, às quais os indivíduos não têm capacidade de absorção, ou seja, não é possível acompanhar e usufruir tudo o que é produzido, seja em termos cognitivos, culturais ou materiais.

Estes traços exercem grande influência sobre a vida dos jovens e sobre as suas relações cotidianas. Elas estabelecem, inclusive, novos parâmetros para pensar o conceito de juventude, visto que a diferenciação, a variabilidade e o

---

<sup>16</sup> Melucci (2004) aponta três figuras para “representar simbolicamente a dimensão indescritível do tempo”: o círculo, a flecha e o ponto. Na primeira, o tempo é percebido e vivido como um retornar cíclico de todas as coisas, segundo lei imposta por um evento primário e atemporal, que se repete nos fenômenos visíveis e então governa seu regular aparecimento e desaparecimento. As coisas se repetem-se e nada é definitivamente adquirido ou perdido, em analogia com os grandes ciclos da natureza. Na segunda, a figura do círculo é substituída pela flecha, e o tempo, assim, segue seu rumo, tem uma finalidade que é também o seu fim, ou seja, é o ponto final que dá sentido a todo o percurso precedente e ilumina as passagens intermediárias. A terceira figura é a do ponto, que representa a experiência a percepção de uma experiência descontínua, mista, heterogênea, uma sucessão de momentos temporais muitas vezes desconexos entre si. Para o autor, a terceira figura do tempo, o ponto, está presente com maior intensidade no mundo contemporâneo. Pode-se inferir que a experiência temporal descontínua, mista e heterogênea afeta, sobretudo, as gerações jovens, pois elas vivem de modo mais radical tal situação dado que nasceram num período histórico já marcado por estes aspectos.

excedente cultural têm reflexos distintos na vida de jovens que, embora tenham a mesma faixa de idade, vivenciam realidades e situações diferenciadas.

Almeida (2009), inspirado em Melucci, destaca que

Para melhor entender as tendências emergentes da cultura e da ação juvenil temos que considerá-las mediante a combinação de uma perspectiva macrossociológica entrelaçada às experiências individuais na vida diária, pois a juventude, em decorrência de suas condições culturais e biológicas, é o conjunto social mais diretamente exposto aos dilemas da construção histórica do tempo e da realidade social na contemporaneidade, o grupo que os torna visíveis para a sociedade como um todo. (p. 121).

Tal afirmação aponta para a necessária vinculação dos jovens com a sociedade em que estão inseridos. Por sua condição, eles tornam visíveis problemas e contradições que são produzidos no interior desta mesma sociedade. Por este motivo, a juventude também é apontada como “espelho retrovisor da sociedade” (Novaes, 2005), ou seja, ela vive e expressa aquilo que lhe cerca no seu cotidiano.

Esta sociedade, que está refletida na expressão dos jovens, é chamada por Melucci (2001) de “sociedade complexa”. Sua perspectiva é de que, principalmente a partir dos anos 1980, a sociedade passa por uma profunda transformação em seus diversos aspectos, inclusive nas formas de participação dos movimentos sociais e na atuação dos indivíduos que buscam mudanças. Para Melucci (2001),

Não nos encontramos diante da dissolução dos atores coletivos ou do desaparecimento dos conflitos, mas de uma mudança profunda de sua forma. [...] Estamos, certamente, diante do desaparecimento da ação e dos sujeitos que coincidem com a nossa ideia tradicional de movimento. [...] A ideia de que só a mudança das estruturas pode produzir transformações, sem envolver os nossos modos de construir, individual e coletivamente, a mesma experiência humana, pertence às ilusões do passado. (p.10-11).

A reflexão denota que os conflitos sociais e as atuações, tanto individuais como coletivas, continuam presentes na sociedade contemporânea, mas a sua forma se alterou consideravelmente. É preciso superar a ideia tradicional que se tem de participação. Se, historicamente, a concepção dominante era de que as transformações sociais passavam pela necessária mudança das estruturas, nas sociedades complexas tal concepção foi abandonada. Não há uma dissolução ou uma ausência de conflitos sociais, dada a sua escassa visibilidade. Outrossim, o que há é um esgotamento das modalidades de lutas e de atores envolvidos.

Para Melucci (2001),

Os movimentos juvenis, feministas, ecológicos, étniconacionais, pacifistas não têm somente colocado em cena atores conflituais, formas de ação e problemas estranhos à tradição de lutas do capitalismo industrial; eles têm colocado também, no primeiro plano, a inadequação das formas tradicionais de representação política para acolher de maneira eficaz as questões emergentes. (p. 95).

O apontamento do autor destaca que os novos movimentos da sociedade contemporânea deixam para trás as formas tradicionais de representação política e de atuação diante das demandas de ação coletiva. Isso se deve também ao fato de que os movimentos não são unidades coletivas homogêneas, mas são compostos por unidades diversificadas e autônomas, que dedicam à sua solidariedade interna uma parte importante dos seus recursos.

Dado que os indivíduos participantes dos movimentos contemporâneos são unidades heterogêneas, dotadas de identidades e características próprias, se faz necessário interrogar nesta tese: quem são os sujeitos que participam de determinados coletivos juvenis? Quais são os percursos globais e locais que apontam as irrupções dos jovens nos diferentes contextos do século XX e inícios do século XXI?

A partir de tais questionamentos, na sequência serão abordados aspectos relativos à participação juvenil em nível global e, posteriormente, no contexto brasileiro.

### **1.3.1 A participação juvenil em contexto global**

Para Carles Feixa, Joan Saura e Carmem Costa (2002), durante o século XX há uma irrupção dos jovens como um novo sujeito social no contexto de várias sociedades e no cenário mundial. Segundo esses autores, os jovens estiveram presentes como protagonistas ou como artistas secundários em diversos momentos-chave da história do século XX e início do século XXI. Destacam, assim, momentos importantes, tais como o Movimento pela Reforma Universitária, iniciado em Córdoba (Argentina, 1918), os motins protagonizados por jovens de origem mexicana – *pachucos* – (Los Angeles, 1943), as manifestações estudantis (Berkeley,

1964), a “revolución de los muchachos” (Nicaragua, 1979), o levante zapatista no México (Chiapas, 1994), as manifestações antiglobalização (Seattle, 1999, Gênova e Barcelona 2001). A estes movimentos pode-se ainda acrescentar outros, historicamente expressivos, tal como as manifestações estudantis de 1968, que se espalharam para outros segmentos e lugares do mundo; assim como manifestações mais recentes, como o Fórum Social Mundial (FSM) e o Acampamento Intercontinental da Juventude (AIJ), a Primavera Árabe (a partir de 2010), o Movimento 15-M ou *Los Indignados* (a partir de 2011, na Espanha e outros países), bem como os diversos movimentos “*occupy/ocupa*” (nos Estados Unidos, no Brasil e em outros países).

Para Feixa, Costa e Saura (2002) mobilizações desse tipo surgem em espaços muito localizados, porém logram transcender as fronteiras locais e nacionais, demonstrando visivelmente a participação dos jovens em importantes momentos históricos. A partir destas sinalizações, os autores destacam a irrupção juvenil nos espaços sociais a partir de três momentos-chave do século XX e início do século XXI: a primeira metade do século XX (velhos movimentos sociais), a partir dos anos 60 (novos movimentos sociais) e o presente (novíssimos movimentos sociais), conforme pode ser visualizado no quadro 1.

Quadro 1 – Irrupção juvenil nos espaços sociais a partir de três momentos-chave do século XX e início do século XXI.

Fonte: Elaboração do autor, baseado em Feixa; Costa; Saura (2002).

<b>Movimento</b>	<b>Período</b>	<b>Características</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Movimentos Sociais</b>	Primeira metade do século XX	- Centralizado no mundo adulto, Invisibilidade dos jovens, hierarquia de poder, estruturas rígidas, luta de classe.	Movimento Operário; Sindicatos.
<b>Novos Movimentos Sociais</b>	Anos 60 a 80	- Contra-cultura, novas pautas de reivindicação, maior identidade juvenil, organização dos próprios jovens.	Movimento estudantil, movimentos culturais,
<b>Novíssimos Movimentos Sociais</b>	Anos 90 e 2000	- Uso de novas tecnologias; menos centralização de poder, hierarquias mais flexíveis, grupos multiculturais; pautas diversificadas.	Movimentos anti-globalização; Movimento de Resistência Global, Fórum Social Mundial, Primavera Árabe, Movimento 15-M, Movimentos <i>Occupy</i>

Em relação ao que intitulam “velhos movimentos sociais”, na primeira parte do século XX, destaca-se a baixa presença de jovens e a menor visibilidade dos mesmos como sujeitos jovens. O principal fator desta invisibilidade pode ser relacionada ao conceito de “movimento social” vigente no período, que se restringia quase que exclusivamente ao movimento operário. Desta maneira,

por mais que possamos encontrar ao longo da história a presença de setores juvenis vinculados às lutas do movimento operário, não podemos falar propriamente de movimentos sociais juvenis (...) Assim pois, ainda que possamos encontrar vinculações entre movimentos sociais e movimentos juvenis, ao longo da história, não é senão até a década de 60 do século XX quando o jovem irrompe de maneira contundente no cenário político, já não como sujeito passivo, senão como protagonista ativo. Berkeley 1964, Paris, Roma, Praga e México 1968 converteram esta década em um referencial mítico para os movimentos juvenis (FEIXA; COSTA; SAURA, 2002, p. 10). [*tradução nossa*]

A incipiente visibilidade dos jovens neste primeiro período do século está consoante com a leitura teórica de que os jovens, como sujeitos sociais, gozavam de quase nula participação social ativa neste período. Tal ideia pode ser associada ao modo como eram vistos os sujeitos jovens nesta época, em que, o período da juventude era muito breve e marcado pelo tutelamento pelos adultos.

No início da segunda metade do século XX os teóricos da contracultura anunciam a emergência da juventude como uma nova classe, como vanguarda da sociedade futura, dando maior ênfase a uma revolução cultural do que a uma ruptura política (RACIONERO, 1977 *apud* FEIXA; COSTA; SAURA, 2002, p. 11). Favorece esta perspectiva a conjuntura social do momento histórico que foi marcada pelo crescimento do capital e das estruturas do Estado de Bem Estar Social (denotadamente a Europa e os Estados Unidos), maior capacidade aquisitiva, conflitos pela democracia (principalmente na América Latina, Espanha e países Africanos) e o surgimento de sociedades em movimento, que criam novas formas de agrupamento social, diferentes das instituições tradicionais existentes. Tais aspectos geraram novas relações sociais e intergeracionais, fazendo com que grupos, antes ignorados, como os juvenis, tivessem maior visibilidade.

No segundo momento, partir dos anos 1960, destacam-se os novos movimentos sociais, que teriam surgido na Alemanha depois de 1968 (BRAND *apud* RUSSEL, 1992, p. 25). Estes vão além da tradicional mobilização operária,

introduzindo novos conteúdos e características às lutas sociais, apontando para um ciclo mais amplo de mudanças que afetaram todas as democracias industrializadas (FEIXA; COSTA; SAURA, 2002).

De acordo com Melucci (2001) os novos movimentos não são apenas resultado das contradições econômicas, mas produtos do campo cultural, que afetam as identidades individuais, o tempo e o espaço da vida cotidiana, as motivações e os padrões da ação individual.

O terceiro momento apontado por Feixa, Costa e Saura (2002) é aquele onde surgem os novíssimos movimentos sociais<sup>17</sup>, caracterizados pelas mobilizações coletivas que surgem na era da globalização e que utilizam as novas tecnologias (internet, telefones celulares, computadores portáteis, etc.) e novas formas de difusão (*flyers*, *zines*, revistas eletrônicas, etc) como forma de comunicação e um dos principais instrumentos de luta. Como exemplos destas manifestações podem ser destacados: Seattle (1999), Praga (2000) e Gênova (2001). O caso de Praga é especialmente paradigmático, visto que em setembro de 2000, milhares de jovens se reuniram na capital da República Tcheca para protestar contra a reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) e o do Banco Mundial, no que pode ser apontada como a primeira mobilização massiva convocada através da internet. A iniciativa teve participação decisiva da página web INPEG<sup>18</sup> (siglas em tcheco de Iniciativa contra a Globalização Econômica), com inspiração no Movimento de Resistência Global, o qual passou a ter maior visibilidade a partir das várias edições do Fórum Social Mundial (FISCHER *et al*, 2007).

De acordo com Feixa, Costa e Saura (2002),

Como manifestação coletiva consciente de sua condição subalterna, os jovens ativistas lutam, de modo geral, para obter um lugar na sociedade e negociam com as instituições hegemônicas a partir de diferentes recursos simbólicos e culturais e, ainda que, sem lutar concretamente pela tomada do poder, põem em questionamento as bases de legitimação do poder existente [...] Muitas das expressões juvenis que, ao menos simbolicamente, questionam as bases de legitimação do poder existente, não chegam a propor demandas concretas de mudança social nem chegam a constituir-se em pontes reais entre a sociedade e as instituições hegemônicas e nem por isso

---

<sup>17</sup> Os autores destacam que a denominação *novíssimos movimentos sociais*, *todavía* é um “terreno pantanoso” que ainda necessita de maior adensamento teórico e investigativo (FEIXA; COSTA; SAURA, 2002, p. 16).

<sup>18</sup> A página web ainda se encontra ativa nas línguas tcheca e inglesa, com apresentação em diversos outros idiomas, entre eles o português. <http://inpeg.ecn.cz/>. Acesso em 21/05/12.

deixam de ser menos importantes enquanto testemunho de problemáticas sociais mais amplas. (p. 18).

A afirmação dos autores, apesar de relativa aos jovens ativistas, principalmente dos movimentos antiglobalização, referem o questionamento de jovens organizados quanto ao seu espaço de participação nas sociedades contemporâneas. Relativo a este fenômeno veremos mais adiante que surgem novos coletivos juvenis e novos sujeitos sociais que passam a ocupar diferentes espaços nos contextos onde vivem, colocando em relevo suas necessidades, questionamentos e reivindicações. Mesmo que não estejam vinculados a movimentos sociais, muitos jovens acabam se envolvendo em coletivos que desenvolvem temáticas e projetos que lhes motivam a participar.

Além de destacar os três momentos de irrupção dos jovens nos séculos XX e XXI e centrados nos contextos da Península Ibérica e da América Latina, Feixa, Costa e Saura (2002, p. 20-21), apontam para algumas tendências evolutivas sobre os movimentos juvenis destes períodos. De forma inconclusa e provisória, destacam estas tendências sob forma de decálogo, que nos parece oportuna registrar e refletir:

- 1) *Do centro para a periferia*: de acordo com os autores, até os anos 80 predominava a centralidade dos movimentos estudantis como referente da participação juvenil. A partir daí acontecem dois deslocamentos importantes, que podem ser concomitantes, o social e o territorial. Conforme sugerem Urteaga, Henao-Castañeda e Valenzuela, na América Latina a vanguarda dos estilos juvenis surgem nos bairros populares e nas zonas indígenas, mesmo que, posteriormente sejam apropriadas pelos jovens das classes médias. Em outros casos muitos grupos e estilos surgem nas margens das instituições hegemônicas (escola, igrejas, trabalho, etc) e aí se desenvolvem. Geograficamente, os referenciais globais se deslocam do norte (Paris, Seattle, etc) para o sul (Chiapas, Porto Alegre, Chile, etc). Esta mudança de referente geográfico também é assinalada por Boaventura de Sousa Santos (2010a), ao destacar o surgimento de uma nova cultura política, que é cosmopolita e insurgente no sul global.

- 2) *Do político para o cultural*: até os anos 80 a ênfase dos movimentos e organizações estava centrada nas mudanças das estruturas de poder. As tendências juvenis surgidas desde então passaram a colocar maior destaque nas estruturas de significação da vida cotidiana, o que o autor José Machado Pais (2006)

chama de “culturas performativas dos jovens”. Tal tendência pode ser visualizada na quantidade de grupos e organizações ligadas em torno dos diversos âmbitos culturais surgidos nos últimos anos.

3) *Do sistema para a rede*: os autores sugerem esta tendência baseados na metáfora homônima de Chisholm (1999) ao referir-se às modalidades de transição para a vida adulta de jovens europeus. Se até os anos 80 os movimentos apoiavam-se numa estrutura de sistema, que implicava formas de mobilização organizadas e objetivos compartilhados, os movimentos emergentes das últimas décadas crescem baseados numa rede de relações muito mais difusa, não centralizada e sem necessariamente objetivos comuns. Esta perspectiva também é compartilhada por Melucci (2001), conforme veremos mais adiante.

4) *Da igualdade para a diferença*: enquanto até os anos 80 os movimentos estavam baseados na crença de um suposto “mito da igualdade” (social, geracional, gênero, étnica), os movimentos que surgiram posteriormente tendem a enfatizar o direito à diferença. Esta mudança se mostra muito visível no contexto brasileiro, dado crescimento de grupos e movimentos que defendem causas ou grupos específicos. Novaes e Vidal (2005) destacam inclusive que a defesa dos grupos minoritários ou de temáticas específicas é um dos campos mobilizadores para a atuação de jovens na atualidade. Tal referência contribuiu para a definição de um dos coletivos desta investigação de doutorado (a do grupo Afro Sul-Odomodê, descrita no capítulo 3).

5) *Dos “sucessos” aos “não-sucessos”*: até os anos 80 movimentos juvenis eram marcados por grandes mobilizações coletivas, que coincidiam com datas reais ou simbólicas e que eram consideradas como verdadeiros “divisores de água”, marcando toda uma geração ou pelo menos parte dela. De acordo com Balardini (2000), nas últimas décadas vemos a emergência do que ele chama de “não sucessos” (inspirado na concepção de “não lugares” de Augé, 1993), em que há dificuldades para a construção de identidades geracionais de mobilização. Mesmo assim, exemplos como os de Seattle, de Gênova, de Porto Alegre, da Primavera Árabe, do 15-M e dos movimentos “ocupas” possam indicar pequenos “microsucessos”, que se não geracionais, podem ao menos ser apontados como transgeracionais e transnacionais.

6) *Do formal ao informal*: cada vez mais as novas formas organizativas juvenis rejeitam estruturas permanentes e formais, priorizando formas de sociabilidade menos rígidas, que lhes permitam vivenciar relações de tipo co e pré-figurativo (mais

horizontais e recíprocas), que as de tipo pós-figurativa (vertical)<sup>19</sup>. Neste caso o informal não significa que não se tenha uma organização, mas que as estruturas e as relações são mais flexíveis.

7) *Da tribo para a rede*: há uma tendência de que a forma organizativa dos novos movimentos juvenis deixam de valer-se de estruturas das pequenas micro-estruturas compactas, com lideranças definidas e fronteiras estáveis (tribos), para privilegiar a composição descentralizada e aparentemente caótica das redes de internet, o que em realidade configura novas lógicas de ordem social. O surgimento da expressão tribos urbanas (Maffesoli, 2006) teve grande repercussão nos anos 90, mas também foi questionada quanto aos seus limites compreensivos das realidades juvenis (Magnani, 1992), principalmente pelo seu caráter estável e de espaços definidos.

8) *Do nacional ao transnacional*: cada vez mais os movimentos e estilos juvenis transcendem as fronteiras territoriais e são permeáveis às múltiplas teias que se conectam num plano cultural, unindo pessoas de todo o planeta. Esta tendência tomou proporções ainda maiores com as realidades proporcionadas pelo fenômeno da globalização.

9) *Do global ao glocal*: nos anos 90 e início dos anos 2000 se fortaleceram as ideias de globalização e mundialização, possibilitando contatos e relações entre grupos e indivíduos do mundo inteiro. Recentemente autores como Reguillo, Chisholm e Seoane-Taddei (Feixa, Costa e Saura, 2002) e Canevacci (2001) sugerem um movimento não contrário, mas complementar que indica uma tendência que vai do global ao glocal, onde há a localização em pequenas unidades territoriais ou sociais, como é o caso do enraizamento microssocial e microrregional dos movimentos de resistência global no contexto Ibero-Americano. Experiências como as diversas

---

<sup>19</sup> Carles Feixa (2003) destaca a contribuição de Margaret Mead em que esta propõe uma tipologia de três formas culturais de modalidades de transmissão geracional: 1) *Culturas pós-figurativas*: correspondem às sociedades primitivas e a pequenos redutos religiosos ou ideológicos. Seriam aquelas em que os jovens aprendem principalmente dos adultos e as relações são verticais. O tempo é repetitivo e a mudança social é lenta. Prevalece uma visão circular do ciclo vital, segundo a qual cada geração reproduz os conteúdos culturais da anterior; 2) *Culturas configurativas*: correspondem às grandes civilizações estatais. São aquelas em que tanto os jovens como os adultos aprendem uns com os outros. O tempo é mais aberto e a mudança social acelerada. Prevalece uma visão linear, segundo a qual cada geração instaura um novo tipo de conteúdo cultural; 3) *Culturas pré-figurativas*: emergem a partir dos anos 70. São aquelas em que os adultos também aprendem com jovens. Os jovens assumem uma nova autoridade mediante sua capacitação pré-figurativa do futuro ainda desconhecido. Instaura-se uma visão virtual das relações geracionais, segundo a qual se invertem as conexões entre as idades e se chocam os rígidos esquemas de separação biográfica (p. 9).

edições do Fórum Social Mundial e do Acampamento Intercontinental da Juventude levantaram questionamentos quanto aos modelos de globalização no início do novo milênio e, em contrapartida, buscaram valorizar experiências locais e regionais, sem, no entanto, deixar de relacioná-las com o contexto mais amplo (SANTOS, 2005).

10) *Do sedentarismo ao nomadismo*: a partir da referência de Maffesoli (2006) se aponta uma tendência em que as identidades juvenis se constroem cada vez menos a partir das estruturas étnicas, territoriais e sociais primárias e cada vez mais dos cruzamentos, margens e contatos com as identidades secundárias, que caracterizam a pós-modernidade.

Segundo Feixa, Costa e Saura, 2002, as tendências caracterizadas neste decálogo provavelmente não são exclusivas dos movimentos juvenis, mas também afetam outros movimentos sociais. Em sua visão, a partir destes fenômenos,

Surgem novas identidades coletivas que incorporam situações de conflito nos quais participam uma gama heterogênea de atores sociais (muitas vezes com interesses opostos). Nestas situações culturais, os jovens atores adquirem um protagonismo especial, como portadores e metáforas de mudanças sociais (...) Se trata talvez de formas organizativas – movimentos sociais – que sugerem novas fórmulas de cidadania – sociedades em movimento – que prefiguram tendências contraditórias, porém emergentes neste século que está iniciando (p. 22).

Tal afirmação enfatiza a ideia de que os jovens ocupam lugares especiais nos diversos contextos do início do século XXI, em que surgem novas identidades e novas práticas. Talvez muitas delas não estejam tão próximas dos movimentos sociais pelas transformações ocorridas e pela complexidade social que configura o presente. Nem por isso, esta presença e o seus protagonismos deixam de evidenciar problemáticas emergentes importantes das sociedades contemporâneas.

Mesmo com as referências gerais acerca da participação juvenil expressas nos três momentos (primeira metade do século XX, anos 60 a 80, presente) e também através das tendências do decálogo, percebe-se a necessidade de contextualizar a ação dos jovens a partir das realidades onde se encontram. Partindo desta preocupação, aponta-se na sequência alguns referentes sobre como esta participação juvenil se desenvolveu no Brasil, especialmente no último século.

### 1.3.2 A participação juvenil no Brasil

Seguindo a mesma periodicidade proposta por Feixa, Costa e Saura (2002), há marcos importantes sobre a participação juvenil no Brasil ao longo do século XX e início do século XXI. Tal reflexão torna-se importante para a compreensão das formas de participação dos jovens contemporâneos, que é o objetivo de investigação desta tese.

Conforme nos recordam Caccia-Bava e Costa (2004) são necessários estudos em profundidade e diálogos entre investigadores da juventude como categoria histórica e cultural, tanto no Brasil como na América Latina. Nas últimas duas décadas cresceram significativamente o número de pesquisas acerca do tema, mas poucas delas tratam da perspectiva histórica (SPOSITO, 2009). Diante de tal apontamento, buscamos traçar algumas características gerais acerca da participação juvenil no contexto brasileiro a partir de estudos disponíveis (especialmente CACCIA-BAVA; COSTA, 2004; DICK, 2003; ABRAMO, 1997).

No primeiro período, correspondente à primeira metade do século XX, os jovens brasileiros ficaram praticamente subsumidos nas instituições em que estavam inseridos, de modo muito semelhante à situação geral apresentada por Feixa, Costa e Saura (2002). Mesmo que não estivessem organizados em grupos ou movimentos, muitos jovens tiveram a participação destacada em alguns espaços, tais como na cultura, na política e no movimento estudantil.

Uma das primeiras referências de participação juvenil no século XX é a Semana de Arte Moderna de 1922, que contou com a participação de jovens literatos, artistas plásticos e músicos em defesa da contemporaneidade estética, da qual surgiria, posteriormente, um significativo grupo de intelectuais, tanto jovens como adultos (CACCIA-BAVA; COSTA, 2004, p. 74). Destacaram-se a partir deste movimento expoentes como Mário de Andrade (29 anos), Oswald de Andrade (32 anos), Graciliano Ramos (30 anos), José Lins do Rego (21 anos), Carlos Drummond de Andrade (20 anos), Anita Malfati (24 anos) e Víctor Brecheret (20 anos).

Outra articulação emergente deste período foi o movimento tenetista de 1922, surgido no interior do Exército brasileiro, sendo formado por jovens oficiais que propuseram uma forma de ação política contrária aos padrões republicanos e oligárquicos vigentes na época. Um dos líderes do movimento foi Luís Carlos

Prestes (24 anos em 1922), que se tornaria, na década de 30 o secretário geral do Partido Comunista (CACCIA-BAVA; COSTA, 2004, p. 79-80).

Posteriormente, em 13 de agosto de 1937, é fundada a União Nacional de Estudantes (UNE), na Casa do Estudante Brasileiro, no Rio de Janeiro. A fundação, a instalação e a consolidação da UNE consistiu num marco importante para a história da juventude brasileira, pois articulou os estudantes na luta por seus espaços e por seus direitos (DICK, 2003). A trajetória da UNE apresenta em muitos momentos conflitos, principalmente políticos entre jovens do Partido Comunista, jovens de partidos de direita e jovens da Ação Católica Especializada.

O segundo momento histórico é o período que compreende as décadas de 60, 70 e 80, caracterizado pela Ditadura Militar e pela luta em prol da democracia. Neste período um dos principais destaques da participação juvenil é a presença da juventude católica. Segundo Caccia-Bava e Costa (2004), a partir de 1958, os jovens católicos, após uma guinada à esquerda por influência do Papa João XXIII, vivem um processo de reflexão e ação em torno das questões sociais, dos pobres, dos miseráveis e dos excluídos. A juventude católica desmembrou-se em diferentes grupos conforme o seu meio específico de atuação: campo (Juventude Agrária Católica – JAC), escola secundarista (Juventude Estudantil Católica – JEC), classe média (Juventude Independente Católica – JIC), mundo do trabalho (Juventude Operária Católica – JOC) e a universidade (Juventude Universitária Católica – JUC). De modo especial, destaca-se a JUC, que participava ativamente do movimento estudantil e da UNE, debatendo educação e os problemas estruturais da sociedade brasileira. Estes movimentos foram reprimidos pela Ditadura Militar e extintos pela própria hierarquia da Igreja Católica em 1967 (DICK, 2003, p. 280).

Também neste período outro marco importante são as manifestações estudantis de 1968, que sob a influência dos movimentos estudantis ocorridos em Paris se espalharam pelo mundo. No Brasil tiveram destaque as manifestações devido ao assassinato do estudante Edson Luís (28 de março de 1968) e a Marcha dos 100 mil, no Rio de Janeiro (em 26 de junho de 1968), sob o lema “Abaixo a Ditadura. O povo no poder”.

Também ganham destaque nos anos 60 e 70 movimentos culturais, que, em diferentes medidas, contestavam a política, a cultura e os costumes vigentes, entre os quais se podem destacar: a Bossa Nova (Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Gilberto, Nara Leão, Chico Buarque, etc), a Jovem Guarda (Roberto Carlos, Erasmo

Carlos, Wanderléia, etc.) e o Tropicalismo (Gilberto Gil, Caetano Veloso, os Mutantes, Tom Zé, etc.).

Nos anos 80 acontece a rearticulação da juventude católica, embora sob outra denominação, Pastorais da Juventude do Brasil, mantém o princípio dos meios específicos, de onde surgem quatro experiências: nas paróquias, a Pastoral da Juventude (PJ); nas escolas, a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE); no campo, a Pastoral da Juventude Rural (PJR) e nos meios populares, a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP). Segundo Caccia-Bava e Costa (2004), este momento marcou um processo de mudança em que o nome Pastoral “de” Juventude, transformou-se em Pastoral “da” Juventude, numa referência a um maior protagonismo e militância juvenil no âmbito da Igreja Católica e de outros espaços sociais.

Outro movimento surgido neste período é a União da Juventude Socialista – UJS – (em 1984), que passou a ter congressos anuais, pautando temas importantes para a vida dos jovens: emprego, educação, voto aos 16 anos, serviço militar obrigatório, etc. (DICK, 2003, p. 291).

Praticamente todos os movimentos e organizações juvenis existentes nos anos 80 participaram de alguma forma de dois momentos importantes do contexto brasileiro: primeiro, o Movimento Diretas Já, que reivindicava a eleição democrática, via voto direto, à presidência da república; segundo, a elaboração da Nova Constituição Brasileira, aprovada em 1988.

Apesar das diversas ações desenvolvidas por organizações tais como a UJS, as Pastorais da Juventude, a UNE, etc., ao final dos anos dos anos 80 as mesmas demonstram viver “tempos de paralisia e crises internas” (DICK, 2003, p. 291). Possivelmente, estas dificuldades não correspondiam apenas a questões internas destas organizações, mas também a fatores externos, ocasionados por uma sociedade afeta a mudanças muito significativas neste momento histórico.

Nos anos 90 o principal destaque da participação juvenil aconteceu sob a insígnia dos “caras pintadas”, onde milhares de jovens e adultos foram as ruas para protestar contra a corrupção e para pedir o *impeachment* do Presidente Fernando Collor de Melo. Mesmo com um grande envolvimento de jovens, Abramo (1997) destaca que essa participação foi amplamente desqualificada como “espontaneísta” e “espetacular”, tendo maior dimensão de festa do que de efetiva politização.

Em meados dos anos 2000 ganham destaque os movimentos antiglobalização, e no, Brasil, de modo especial, evidenciou-se uma significativa participação juvenil nas edições do Fórum Social Mundial (FSM)<sup>20</sup> e do Acampamento Intercontinental da Juventude (AIJ).

Inicialmente o FSM não previa um espaço específico para a participação de jovens. Eles estavam diluídos como participantes, através de suas organizações ou até mesmo como inscritos individuais, porém, sem a visibilidade de sua condição juvenil (FISCHER, 2007). Esta situação teve uma mudança significativa principalmente através da organização do AIJ, que conferiu um espaço maior de participação para os jovens.

O AIJ foi caracterizado como

um espaço organizado por jovens durante a realização das edições do Fórum Social Mundial, caracterizando-se como um território juvenil de práticas e experiências em torno de 'um outro mundo possível', permeado de conceitos, práticas, críticas e construções que expressavam a grande diversidade que formava aquele espaço. (FISCHER, 2007, p. 5).

A experiência do AIJ, nas suas edições centralizadas do FSM, em Porto Alegre, mobilizou inúmeros coletivos juvenis e também muitos jovens que participaram individualmente do acampamento e das atividades. Esse processo aconteceu, principalmente, a partir da 2ª edição em 2002, em que o evento transformou-se numa atividade característica no calendário da cidade.

Durante o Curso realizado com os jovens participantes desta pesquisa, alguns dos mesmos afirmaram ter participado de algumas atividades do AIJ e do FSM. Apesar de destacarem que a atividade foi um marco importante para a cidade e para

---

<sup>20</sup> Como caracterização, pode-se apontar que o Fórum Social Mundial "Constitui uma das mais consistentes manifestações de uma sociedade civil global contra-hegemônica e subalterna em vias de surgimento. Na sua definição mais ampla, o FSM é o conjunto de iniciativas de troca transnacional entre movimentos sociais e organizações não governamentais onde se articulam lutas sociais de âmbito local, nacional ou global, travadas (de acordo com a Carta de Princípios de Porto Alegre) contra todas as formas de opressão geradas ou agravadas pela globalização neoliberal" (SANTOS, 2010a, p. 415). Datas e locais de realização do Fórum Social Mundial: 2001: Porto Alegre (Brasil); 2002: Porto Alegre (Brasil); 2003: Porto Alegre (Brasil); 2004: Mumbai (Índia); 2005: Porto Alegre (Brasil); 2006: Policêntrico (Bamako-Mali/África; Caracas-Venezuela/América; Karachi-Paquistão/Ásia); 2007: Nairóbi (Quênia); 2008: Descentralizado; 2009: Belém (Brasil); 2010: Descentralizado; 2011: Dakar (Senegal); 2012: Descentralizado; 2013 (previsto para Tunísia). A partir de 2008, nos anos pares o FSM passou a ser descentralizado, passando a ser realizado concomitantemente em vários países e nos anos ímpares é realizada uma edição única. Fonte: [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br) e [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br). Acesso em 21/05/12.

a visibilidade da participação juvenil e cidadã, apontam que, no momento, acompanham algumas atividades que são realizadas pelo FSM descentralizado, mas nenhum deles acampou nas últimas edições do AIJ. Pode-se inferir que passados vários anos da última edição centralizada, o impacto e a mobilização gerada nas primeiras edições diminuiu consideravelmente.

Mesmo com a diminuição da mobilização do FSM e do AIJ, pode-se apontar que os mesmos deixaram um legado simbólico para a cidade, que ainda é frequentemente lembrada por suas experiências de participação juvenil e cidadã<sup>21</sup>. Os quatro coletivos participantes da pesquisa fazem parte deste contexto e, mesmo não tendo uma vinculação direta, alguns jovens destes grupos afirmam que, de alguma forma, vivenciaram e vivenciam processos de participação cidadã inspirados no ideal de “um outro mundo possível”, conforme será possível visualizar no capítulo seis (categoria “topias e utopias juvenis”). Outro exemplo é o caso de um dos participantes do Curso, que afirmou ter procurado o seu coletivo, pois queria participar de um “grupo alternativo”, motivado pelos contatos que teve no AIJ.

Nos dois primeiros tópicos deste capítulo abordamos os jovens a partir de uma perspectiva de participação social em diversas esferas, tanto locais como globais. Esta visão contrapõe-se a outras visões que, segundo Abramo (2004), tematizam os jovens apenas sob o enfoque de um suposto “problema social”. Em suas palavras,

A tematização da juventude pela ótica do “problema social” é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. (ABRAMO, 1997, p. 29).

A autora aponta que, historicamente, no Brasil, a juventude foi tematizada sob a ótica do problema social, tornando-se tema de estudo e atenção quando representa uma ameaça para si ou para a sociedade. Em vista disso, buscamos destacar, ainda que de forma breve, que os jovens também foram sujeitos

---

<sup>21</sup> Em recente publicação (PERONDI, 2013), defendemos a ideia de que as mobilizações juvenis do Movimento de Los Indignados (15-M), iniciado na Espanha, que se espalhou pelo mundo (15-O; Occupys) teve como um de seus antecedentes o FSM/AIJ. Uma publicação do Jornal El País, de Madrid também fez esta alusão ao apontar Porto Alegre como “a cidade brasileira onde nasceu o Fórum Social Mundial, precursor do movimento de los indignados” [tradução do autor]. Disponível em: [http://elviajero.elpais.com/elviajero/2012/08/09/actualidad/1344512588\\_843217.html](http://elviajero.elpais.com/elviajero/2012/08/09/actualidad/1344512588_843217.html). Acesso em: 11/08/2012.

participantes de diversos momentos sociais de destaque tanto no contexto mundial, como no brasileiro.

Esta forma de tematizar os jovens prioriza uma abordagem que os considera sujeitos sociais, com características, necessidades e demandas próprias. Considerar o jovem como sujeito social supõe também compreender o seu lugar social, bem como suas formas de atuação nas diversas esferas da sociedade, que é o foco a ser abordado na sequência.

### **1.3.3 O jovem como sujeito social**

Segundo Dayrell (2003), uma das visões mais arraigadas que se tem sobre a juventude é a sua condição de transitoriedade, o jovem é como um “vir a ser”, em que o sentido de suas ações no presente está voltado para o futuro e para a passagem para a vida adulta. Nesta perspectiva, o jovem não se configura como um sujeito de direitos e a noção de juventude não pode ser tomada como uma categoria social. Abramo (1997) também identifica esta realidade ao afirmar que:

Parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los. (ABRAMO, 1997, p. 28).

A autora destaca a dificuldade existente em considerar os jovens como sujeitos e não como “problema social”. Tal fenômeno acontece tanto no âmbito dos estudos sobre juventude, como também em projetos voltados para os jovens.

Apesar desta dificuldade, nos últimos quinze anos, a produção teórica (ABRAMO, FEIXA, NOVAES, PAIS, SPOSITO) provocou uma mudança nesta representação de juventude, conferindo-lhe um lugar específico na sociedade, com caracterização e demandas próprias dos sujeitos que estão neste período de suas vidas. Em vista disso se faz pertinente aprofundar a ideia dos jovens como sujeitos.

Para Dayrell (2003, p. 42), “a noção de sujeito é tomada com um sentido em si mesma, sem a preocupação de defini-la como se fosse consensual a compreensão do seu significado”. A reflexão do autor pondera que muitas vezes a ideia de sujeito é empregada de modo natural, sem questionar quem é o jovem que está representado neste sujeito. Deste modo, os jovens são tomados pelo lugar de sujeito que ocupam na sociedade, tais como “o estudante”, o “rapper”, “o delinquente”, “o músico”, etc. Mas quem são, o que pensam, o que fazem estes sujeitos?

Charlot (2000) destaca que o sujeito é um ser humano, aberto a um mundo que possui historicidade, não se reduzindo ao aqui e agora. É portador de desejos e é movido por eles; um ser em relação com outros seres humanos, que também são sujeitos. Ao mesmo tempo, é um ser social, que tem origem numa determinada família ou numa estrutura substitutiva, que ocupa um lugar no espaço social e que está imerso em certas relações sociais. Por fim, o sujeito é um ser singular, exemplar único da espécie humana, possui uma história, interpreta o mundo, dando sentido a este mundo, à posição que ocupa nele e às suas relações com os outros seres humanos.

O autor destaca ainda que o sujeito é ativo e age *no* e *sobre* o mundo. Nesta ação o sujeito se produz e também é produzido no emaranhado das relações sociais em que está inserido.

Complementando o pensamento de Charlot (2000), Dayrell (2003) relaciona a noção de sujeito

Às características que definem a própria condição antropológica que constitui o ser humano, ou seja, o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de todos como um ser singular. Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie. (p. 43).

Nesta perspectiva, o sujeito mantém sua singularidade, o que não significa que seja solipsista, isolado em seu próprio mundo, pois está diretamente relacionado com a realidade que o cerca e com um conjunto de pessoas com quem mantém contato.

Este pensamento é complementado com a ideia de que

A essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais. Trata-se da outra face da condição humana a ser desenvolvida: a sua natureza social. Dizer que a essência humana é antes de tudo social é o mesmo que afirmar que o homem se constitui na relação com o outro. (CHARLOT, 2000, p. 43).

Esta reflexão indica a necessária relação que precisa ser estabelecida pelo sujeito com os seus semelhantes para que ele possa se desenvolver. Neste sentido, é possível pensar como os jovens demandam espaços e grupos em que possam estabelecer relações e se constituírem a si mesmos. É na relação com os outros e na participação em diversos âmbitos da vida social que os jovens constroem identidades. Entre os âmbitos possíveis, é possível destacar as culturas hegemônicas, as culturas parentais e, sobretudo, as culturas juvenis descritas por Feixa (2006) na metáfora do relógio de areia, anteriormente citado.

Tal ideia encontra-se igualmente em Arendt (2000), ao afirmar que “a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (p. 16). Sua percepção demonstra claramente que a dimensão individual só se realiza a partir do contato com os demais seres humanos.

Para Dayrell (2003),

A alteridade mostra que o ser humano se coloca no limite entre a natureza e a cultura: a dimensão biológica e a social influenciam-se mutuamente na produção humana. A possibilidade de o ser humano se constituir como tal depende tanto do seu desenvolvimento biológico, em especial do sistema nervoso, quanto da qualidade das trocas que se dão entre os homens no meio no qual se insere. O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere. (p. 43).

Este tênue limite entre a natureza e a cultura aponta que o ser humano nasce inacabado e que a sua condição biológica não lhe confere uma humanidade como algo dado, mas como algo que é construído através da relação com a cultura e com os demais seres humanos. Arendt (2000) é contundente ao afirmar que não existe uma “natureza humana”, mas o que há é uma “condição humana”, construída a

partir das relações estabelecidas com as pessoas e das ações desenvolvidas na realidade em que se estão inseridas.

Nesta perspectiva, podemos interrogar sobre a importância da participação dos jovens na sociedade como forma de se constituírem como sujeitos e como forma de se estabelecerem em sua própria condição humana. Arendt (id.) permite pensar que a atuação dos jovens no mundo lhes confere humanidade, isto é, constitui possibilidade de integrarem o biológico ao cultural, produzindo-se como sujeitos.

A participação remete-se às relações que os jovens estabelecem nas instituições formais de que fazem parte (família, escola, trabalho, associações), e também nos espaços informais compartilhados com seus pares (rua, áreas de lazer, grupos dos quais participam). Contudo, também é possível pensar sobre os espaços específicos de atuação social nos quais muitos jovens dedicam parte do tempo. Tais participações também são importantes para a constituição destes sujeitos, pois como destaca Melucci (id., 2001), os jovens vivem intensamente o tempo presente, o aqui e agora, que se reflete na impositação da “concretude do agir altruístico”. A respeito da temática, o autor interroga a perspectiva de os jovens serem considerados atores de ações coletivas, à qual afirma que, hoje, “a ação não se deduz pela condição social” (id., p. 100), ou seja, não é por estar na condição juvenil que os jovens, automaticamente, serão atores de ações coletivas.

Para Melucci (2001), a condição juvenil pode ser o suporte de uma mobilização antagonista desde que exista a identificação de um campo de conflitos e a presença de fatores conjunturais de ativação da ação. Quando isso acontece, as mobilizações juvenis funcionam como reveladoras, pois fazem desabrochar as questões profundas, os problemas e as tensões que perpassam toda a sociedade. Ainda segundo Melucci (ibid), para empreender tal processo são necessários dois procedimentos: a) separar no plano metodológico a análise de uma condição social da ação coletiva; e b) inverter os termos do problema: antes a ação se deduzia pela condição social, em que ser jovem era sinônimo de ser sujeito de ação social. Agora, faz-se necessário, primeiramente, identificar, em nível de sistema, os problemas que estão no centro dos conflitos sociais, os campos sobre os quais se joga e o confronto para o controle de recursos decisivos.

A partir de tais procedimentos é possível perguntar a respeito de quais elementos da condição juvenil são suscetíveis de ativar, em certas condições

conjunturais, transformando um determinado grupo em ator de ações coletivas.

Melucci (2004) enfatiza que:

A participação em ações de mobilização coletiva e em movimentos sociais, o engajamento em atividades de inovação cultural e ações voluntárias de cunho altruísta assentam seus alicerces sobre essa necessidade de identidade e contribuem para respondê-la. (p. 49).

A sinalização feita pelo autor demonstra a importância das mobilizações coletivas para a construção das identidades. Nelas os participantes encontram perspectivas que contribuem para responder às necessidades que ele apresentam a respeito de si mesmos.

Neste contexto de possibilidades de participação dos jovens em projetos e ações concretas, é preciso pensar no sujeito que está realizando tais ações, visto que, na sociedade contemporânea ele não é massificado ou subsumido pelo grupo em que participa. Ele exercita uma identidade, tem desejos, uma história, uma compreensão da realidade que precisa ser considerada. Em relação a este aspecto, Charlot (2000) afirma:

Todo sujeito pertence a um grupo, mas não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber. (p. 38).

O autor aponta que todo sujeito tem pertencimentos variados em grupos e redes de relações e que, no entanto, tais participações não se restringem às características destes grupos, pois cada sujeito possui seu próprio modo de se ver no grupo, de atuar e de atribuir sentidos, que são formas singulares de perceber a realidade em relação a outros membros destes grupos.

Tais apontamentos revelam a importância que pode ter a participação dos jovens nos diversos espaços da sociedade. Além de contribuir para a construção da democracia das sociedades contemporâneas, eles aprendem muito ao participarem destes espaços e isso lhes ajuda a se constituírem como sujeitos, conforme constatado no desenvolvimento deste estudo.

### 1.3.4 Juventude e participação social

Contrariamente ao que se percebe, em muitos casos, no senso comum e na grande mídia, a preocupação dos jovens com as questões sociais não cessou de acontecer. Autores como Abramo (2004), Melucci (2001), Novaes e Vidal (2005) atestam que aconteceu uma mutação na participação dos jovens. Esta modificou-se consideravelmente diante das práticas que eram desenvolvidas por jovens em outros períodos históricos.

Esta perspectiva também é destacada por Castro e Abramovay quando afirmam que

É diagnosticado em diversas pesquisas sobre juventude no Brasil, que o interesse e a participação dos jovens na vida pública não se esvaziou (BRENNER; CARRANO, 2008), ainda que os contextos sociais e econômicos estejam cada vez mais cedo encurralando jovens para o precário mercado de trabalho, tomando o tempo livre para agrupamentos; ainda que a mídia comercial tenda a manipular as muitas formas de resistência num disfarçado teatro de felicidade obtida simplesmente pelo consumo de apetrechos, os jovens vêm se mostrando bastante adaptáveis e adaptadores dessas condições. Ou seja, novas são as motivações objetivas que inibem o processo de participação juvenil, porém, muitas são as adaptações e mutações, engendradas pelos jovens, que favorecem os processos de participação. (2009, p. 39).

As autoras apontam dois motivos que dificultam a maior participação dos jovens em organizações da sociedade. De um lado está o contexto sócio-econômico, que leva os jovens a, cada vez mais cedo, ingressarem no precário mercado de trabalho, reduzindo seu tempo livre para integrar grupos e participar de ações concretas de mobilização. De outro está a mídia comercial que tende a manipular as formas de resistência que são engendradas pelos sujeitos jovens, através de sua desqualificação ou invisibilizando-as.

Castro e Abramovay (2009) afirmam ainda que os jovens reinventam formas, fazem adaptações, extrapolam as forças que dificultam a sua participação. Deste modo, não deixam de atuar em diversos coletivos de mobilização com os quais se identificam.

A partir desta perspectiva, neste estudo adotou-se o conceito de participação social juvenil, considerando os envolvimento dos jovens em questões sociais que têm relação com a melhoria das condições de vida de sua comunidade, da sua

escola e da sociedade como um todo. Quando se fala em participação social, não se limita ao pertencimento a determinadas instituições sociais, como a família, a escola, as igrejas, os clubes, entre outros. Outrossim, considera-se a atuação em situações concretas que visam melhorar suas próprias vidas e as de outras pessoas. Especialmente que se caracterizem como ações coletivas, realizadas conjuntamente com seus pares.

As novas formas e temas de participação da juventude apontam para um quadro de crise e mutação na esfera política “no qual a ação coletiva dos jovens, bem como os movimentos sociais, podem estar ocorrendo de formas múltiplas, variáveis e com níveis diversos de intervenção no social, muitas vezes de forma fluida e pouco estruturada” (DAYRELL; CARRANO, 2008, p. 18).

Além das diversas formas de participação, também é possível enfatizar que as ações podem acontecer em dois âmbitos, o individual e o coletivo. Para Dallari (1983), no sentido individual “cada um participa falando, escrevendo, discutindo, denunciando, cobrando responsabilidades, encorajando os tímidos e indecisos e aproveitando todas as oportunidades para acordar as consciências adormecidas” (p. 44). No âmbito coletivo a participação é produzida por meio de grupos com objetivos definidos (ecológicos, político-partidários, culturais, educacionais, raciais, humanitários, entre outros) e disposição para trabalharem em favor de determinada situação social.

As diversas formas de participação social juvenil, sejam coletivas ou individuais, evidenciam a emergência de um campo novo de participação dos jovens, onde se percebe diversidade nos objetivos e nas formas (NOVAES; VIDAL, 2005). Para as autoras, as relações entre os participantes nem sempre são convergentes e pacíficas, pois muitos jovens encontram divergências e falta de aceitação de parte de outros nos grupos, gerando conflitos. Também existe o fenômeno contrário, em que vários jovens migram de um grupo a outro, ou então, têm participações simultâneas em diferentes organizações, pelas afinidades que encontram em tais experiências.

Sem pretender estabelecer uma tipologia abrangente e definitiva, Novaes e Vidal (2005) fazem uma diferenciação quanto aos diferentes grupos e movimentos de juventude. No primeiro grupo, que designam como “lugares usuais de participação política”, são destacados os seguintes segmentos: movimentos de representação estudantil universitária e secundarista; juventudes partidárias;

juventudes ligadas a movimentos e organizações sindicais rurais e urbanas e grupos de jovens cristãos engajados. No segundo grupo, definido como “novos lugares, objetos e formas de participação cidadã” aparecem os grupos e redes de jovens de projetos sociais; grupos de jovens que atuam para transformar o espaço local, nos bairros, favelas e periferias; grupos e redes que agregam jovens em torno de identidades específicas (indígenas, mulheres, negros, orientação sexual, jovens ambientalistas, etc); grupos que atuam nos espaços de lazer e cultura (grafiteiros, grupos musicais, teatro, dança e associações esportivas); grupos de jovens religiosamente motivados; grupos, movimentos e redes de juventude organizados a partir das políticas de/com/para a juventude.

Tais formas de participação social não acontecem de forma espontânea, tampouco abrangem todos os jovens, pois dependem de determinadas condições que os mobilizem. Para Melucci “a agregação não é possível se não existe certa coincidência entre os objetivos coletivos e as necessidades afetivas, comunicativas e de solidariedade dos seus membros” (2001, p. 98). Também são características desta agregação, o horizonte das ações realizadas no presente, de caráter imediato, com curta duração, pontuais e com objetivos determinados.

Melucci destaca que estas características constituem ao, mesmo tempo, a força e a fraqueza de atores coletivos, tais como os movimentos juvenis, feministas, ecológicos, étnico-raciais e pacifistas. A força destes movimentos reside

No mobilizar solidariedades primárias que nenhuma organização complexa poderia estavelmente ter em conjunto; no permitir uma flexibilidade, uma maleabilidade e uma imediaticidade que organizações mais estruturadas não podem assegurar; no fornecer, enfim, canais de expressão direta a questões conflituais e a necessidades de participação, difíceis de agregar de outra forma. (2001, p. 98).

A flexibilidade, a imediaticidade e a maleabilidade são características que organizações tradicionais não possibilitam deliberadamente aos seus participantes, o que pode explicar o fato de muitos jovens se afastarem de tais instituições. Entre as características positivas dos novos movimentos sociais, o autor destaca a existência de canais diretos de expressão, onde os membros podem participar da resolução de conflitos e a oportunidade de participação social de seus integrantes.

Contrariamente aos pontos positivos, Melucci (2001) aponta que as fraquezas destes movimentos se encontram

Nos riscos permanentes de fragmentação; na dificuldade de manter objetivos gerais de longo prazo; na facilidade da fuga expressiva; na dificuldade de envolver-se com problemas da política em sentido próprio, isto é, com a complexidade das decisões e das mediações, com os problemas de eficácia e eficiência, em geral com os vínculos de um sistema no qual se confrontam interesses diversos. (2001, p. 98).

Na análise do autor, tais fraquezas podem dificultar a relação dos atores sociais com a política de modo mais amplo, principalmente pela sua fragmentação e pela dificuldade em manter os objetivos e o rumo das ações a que se propõem. Ao pensar na atuação dos jovens nestes coletivos, pode-se supor que tais fraquezas também lhes atingem de modo direto, pois eles vivem o momento presente de forma intensa e ampliada, em que as características do mundo contemporâneo lhes toca incisivamente.

Ainda que determinadas ações desenvolvidas pelos jovens não tenham relação com os problemas da política em seu sentido próprio, Castro e Abramovay (2010) destacam que os jovens rejeitam o estigma de ingênuos e alienados políticos. Quando indagados se têm interesse e disponibilidade para a política, demonstram que sim, embora revelem desconfiança nos políticos eleitos e nas instituições oficiais. Esta descrença na política não é exclusiva dos jovens, mas também da população em geral, que expressa um desencanto com o restabelecimento das democracias na América Latina, que não lograram cumprir satisfatoriamente as promessas de superação dos problemas sociais e da corrupção, assim como não conseguiram consolidar formas efetivas de participação popular (ABRAMO, 2004).

Para Hanna Arendt (1998), os preconceitos contra a política são tão antigos quanto a democracia dos partidos. No entanto, não conseguem superar o desejo de liberdade que a política proporciona:

Na História conseguiu-se frequentemente varrer do mapa o homem enquanto ser atuante, mas não em escala mundial – seja na forma da tirania que hoje nos dá a impressão de estar fora de moda, na qual a vontade de um homem ‘exige pista livre’; seja na forma moderna de dominação total, na qual se deseja libertar os processos e ‘forças históricas’ impessoais supostamente mais elevadas e escravizar os homens para elas [...] o a-político mostra-se na dinâmica que lhe é característica e que ela desencadeia, na qual cada coisa e tudo antes tido como grande hoje pode cair no esquecimento. (ARENDR, 1998, p. 26-27).

Por mais que haja desinteresse frente às formas políticas adotadas no presente, o desejo de participação e de atuação se sobrepõem às perspectivas de dominação e de cerceamento da ação das pessoas e dos grupos sociais em que estão engajadas. Para Sposito (2000), no Brasil este desejo de participação surge com maior intensidade durante o período de lutas contra a ditadura e na busca de caminhos para a transição rumo à democracia. Ela destaca que “a partir do final da década de 70, nasce a idéia de participação da sociedade civil, sobretudo dos grupos e movimentos organizados, na formulação, implantação e acompanhamento das políticas públicas, em especial na área social” (p. 74).

Arendt (1998) destaca ainda que “a política baseia-se na pluralidade dos homens [...] Trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças” (p.21-22). A partir da convivência entre os diferentes e dos acordos firmados entre eles, a política se estabelece, unindo perspectivas comuns e organizando a pluralidade de percepções que resultam das relações humanas.

Para os jovens, torna-se fundamental a dimensão da política, em seu sentido amplo, pois através dela têm possibilidade de exercerem sua autonomia e de se afirmarem diante das pessoas com as quais se relacionam.

Conforme já visualizado nas contribuições de Melucci (2001) e de Novaes (2005) são diversas as formas de participação dos jovens na política do mundo ocidental contemporâneo. Tal participação repercute nos modos de atuação dos jovens, configurando o que Novaes e Vidal (2005) atribuem como “(re)invenções da participação social”.

No próximo tópico serão abordados alguns dados acerca da participação social dos jovens, percebendo quais são os principais coletivos em que atuam.

### **1.3.5 Alguns Dados sobre Juventude e Participação Social**

Na última década, várias pesquisas abordaram a participação social dos jovens em diversas organizações da sociedade civil. Abordaremos aqui os principais dados referentes a três delas, a saber: Projeto Juventude, realizada pelo Instituto da

Cidadania (ABRAMO; BRANCO, 2005); Pesquisa de Opinião Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas. (IBASE/POLIS, 2006) e Narrativas de jovens: contextos e experiências de participação sociocultural (STEPHANOU, 2007).

A primeira delas, intitulada Perfil da Juventude Brasileira, integra o Projeto Juventude<sup>22</sup>, do Instituto da Cidadania. Na pesquisa<sup>23</sup>, uma das primeiras questões indagava “Você participa de atividades de algum grupo de jovens, no seu bairro ou em qualquer parte da cidade?”. As respostas apontam que 85% dos jovens não participam de nenhum grupo, enquanto 15% dizem que participam (ver gráfico 1).

Gráfico 1: Participação de jovens em grupos associativos.

Fonte: ABRAMO; BRANCO, (2005).



Quando questionados quais eram os grupos nos quais participavam, a maioria respondeu que participava de grupos de jovens de igreja (4%), enquanto outros participavam de grupos musicais (3%), de dança (3%), teatro (2%) e outros grupos (3%) (ver gráfico 2).

Os dados apontam para uma relativa participação dos jovens em grupos associativos. Tal perspectiva, porém, não é exclusiva do segmento juvenil, pois está

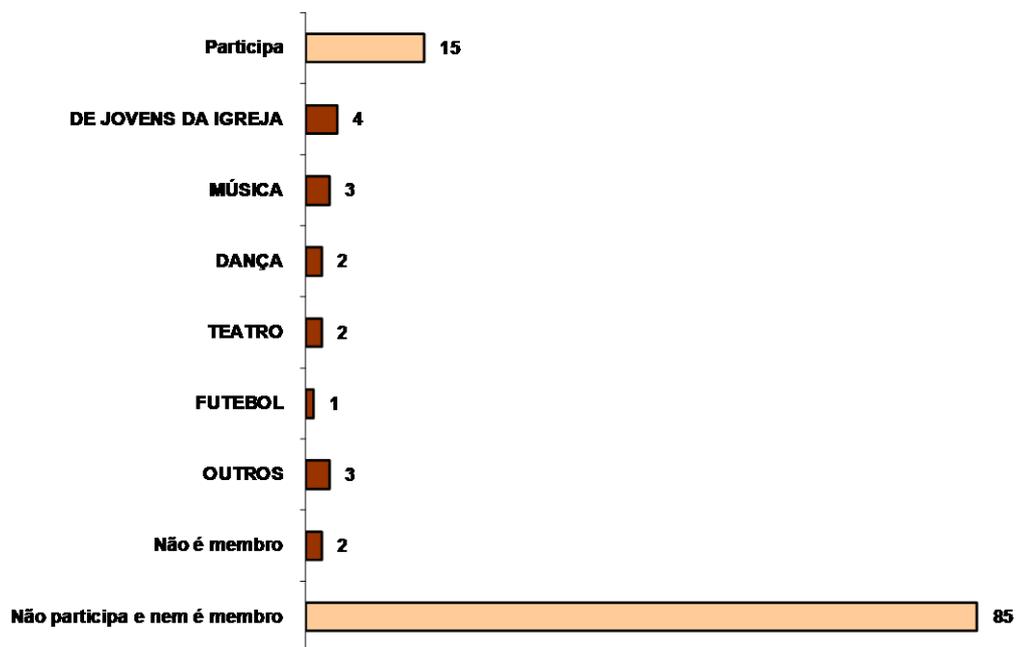
<sup>22</sup> O Projeto Juventude foi desenvolvido pelo Instituto da Cidadania, entre 2003 e 2004, com o objetivo de projetar o tema juventude na agenda política do país. O projeto procurou situar a questão em um patamar profundo de discussão, explorando os distintos cenários e refletindo sobre as alternativas propostas. Entre as ações do projeto está a pesquisa intitulada “Perfil da juventude brasileira”, que constituiu num amplo levantamento quantitativo de dados sobre os jovens de 15 a 24 anos do país. Os dados e análises da pesquisa foram divulgados em duas obras: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005 e NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (Orgs.). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. Também é possível encontrar mais informações através do site: [www.projetojuventude.org.br](http://www.projetojuventude.org.br)

<sup>23</sup> O universo consultado contou com a participação de 3.501 jovens, com idade entre 15 e 24 anos, distribuídos em 198 municípios brasileiros, estratificados por localização geográfica (capital e interior, áreas urbanas e rurais) e em tercís de porte (pequenos, médios e grandes), contemplando 25 Unidades da Federação Brasileira.

muito próxima aos dados da participação dos adultos em espaços coletivos (NOVAES; VIDAL, 2005).

Apesar da relativa participação em grupos juvenis, quando questionados se teriam interesse em participar de determinados grupos, a resposta foi reveladora. Em alguns casos, 60% participariam de associações ligadas à saúde ou à educação; 57% afirmaram que gostariam de participar de ações de defesa do meio ambiente; 53% participariam de clube ou associação esportiva; 51% participariam de associação profissional; 50% participaria de grupos ligados ao movimento negro e ao anti-racismo; 47% participaria de entidade de amparo a pessoas com deficiências físicas ou necessidades especiais; 47% participaria de grupo de assistência social; 45% participaria de centro/associação/grêmio estudantil, entre outros.

Gráfico 2 – Grupos em que os jovens participam.  
Fonte: ABRAMO; BRANCO, (2005).



Um dos questionamentos que podem ser formulados a partir dos dados acima sugere indagar os motivos pelos quais os jovens ouvidos não participam, efetivamente, de grupos, uma vez que há um alto índice de interesse de participação em diferentes tipos de grupos. Seria a falta de oportunidades e de espaço, próximos de sua realidade? Seria a ausência de oportunidades, como um convite? Seria a falta de conhecimento acerca da existência desses grupos? Seria a forma como os

grupos estão organizados e estruturados? Ou suas bandeiras e dinâmicas de funcionamento?

A relativa participação juvenil em grupos e associações também pode ser uma repercussão das atividades que os jovens mais realizam durante a semana e durante o final de semana. Os dados apontam que durante a semana (de 2ª a 6ª feira) as atividades mais realizadas pelos jovens são: assistir televisão (91%), ouvir rádio (89%), encontrar amigos (82%) e ajudar nas tarefas de casa (80%). No final de semana, as principais atividades permanecem as mesmas, apenas alterando a posição entre elas: encontrar amigos (90%), ouvir rádio (89%), assistir televisão (87%) e ajudar nas tarefas de casa, que empatou com namorar (73%).

Tais dados não revelam o caráter das atividades que os jovens mais realizam e não oferecem indícios dos motivos pelos quais não há um maior envolvimento em organizações coletivas, que promovam a participação social. Atividades como assistir televisão e ouvir rádio, podem indicar que o jovem é apenas um espectador, desinteressado de participação?

Em suas narrativas, os jovens participantes da pesquisa relatam situações em que são marcantes em sua participação no grupo, tais com atividades grupais, saídas de campo, momentos de convivência, atividades formativas, desenvolvimento de projetos de caráter altruísta, envolvimento em atividades sociais, etc., que podem sugerir uma ocupação diferenciada do seu tempo. Possivelmente, o envolvimento em tais atividades reduz seu tempo como expectadores dos meios convencionais de comunicação.

Outra pesquisa realizada em âmbito nacional, *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas públicas e políticas* (IBASE, 2006), buscou compreender os limites e possibilidades de participação de jovens brasileiros na faixa etária de 15 a 24 anos, em atividades políticas, sociais e comunitárias, destacando a importância do envolvimento desses sujeitos na consolidação do processo de democratização da sociedade brasileira.

A pesquisa foi realizada através da parceria de diversas instituições<sup>24</sup> que tinham como premissa básica ouvir dos próprios jovens o que eles dizem sobre suas

---

<sup>24</sup> Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (coord.); Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (coord.); Iser Assessoria/Rio de Janeiro, RJ; Observatório Jovem do Rio de Janeiro/Universidade Federal Fluminense, RJ; Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte, MG; Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação/São Paulo, SP; UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do

condições de participação, diante dos desafios que a sociedade lhes apresenta. Para tal, a metodologia adotada compreendeu dois momentos: inicialmente foram aplicados questionários a um universo de 8.000 jovens de diferentes regiões metropolitanas brasileiras (Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Distrito Federal), buscando traçar um perfil dos participantes (idade, escolarização, classe social, etc), suas formas de participação e percepção sobre o tema. Num segundo momento, foram realizados grupos de diálogo, com a participação de 913 jovens das oito regiões. Ambas as fases foram realizadas entre julho de 2004 e novembro de 2005, resultando em relatórios regionais e um relatório global com análise e reflexões acerca dos dados produzidos.

De acordo com os dados da pesquisa (IBASE/POLIS, 2006), 28,1% dos jovens entrevistados afirmam participar de algum tipo de grupo (ver tabela 2). O índice de participação masculina mostra-se levemente superior que o feminino (masculino: 29,6%; feminino: 26,5%). À medida que avança a idade dos jovens, independentemente da motivação de ter entrado no grupo, a participação decai, pois entre 15-17 anos é de 32,7%, entre 18-20 é 26,6% e entre 21-24 é 25,6%. Em relação à classe social percebe-se maior participação dos jovens com maior poder aquisitivo, onde as classes A/B apresentam 33,5%, seguidos dos jovens da classe C, com 28,2% e, por fim, os das classes D/E com 24,0%. As hipóteses dos organizadores da pesquisa, relativamente à maior participação das classes A/B estão relacionadas aos seus níveis de escolarização, maiores oportunidades apresentadas e a existência de maior tempo livre, que lhes permite mais práticas de participação coletiva.

Tabela 2 – Participação em grupos segundo sexo, faixa etária e classe (em %).

Fonte: IBASE/POLIS (2006).

Tabela 11

Participação em grupos segundo sexo, faixa etária e classe (em %)										
	Total	Sexo		Faixa Etária			Classe			
		Masc.	Fem.	15-17	18-20	21-24	A/B	C	D/E	Ns/No
Sim	28,1	29,6	26,5	32,7	26,6	25,6	33,5	28,2	24,0	23,1
Não	71,8	70,2	73,4	67,2	73,2	74,2	66,4	71,7	75,8	76,3
Ns/No	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2	0,2	0,1	0,1	0,2	0,6
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: IBASE/POLIS. Pesquisa de Opinião Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, 2005.

Ao analisar os dados da pesquisa, Carrano (2006), enfatiza que,

É preciso compreender os múltiplos fatores que configuram as barreiras objetivas que dificultam a inserção de jovens – não mais crianças e adolescentes desprotegidos(as) e tutelados(as), tampouco adultos(as) emancipados(as) social e economicamente – nas estruturas sociais e produtivas. Dessa forma, antes mesmo de se buscar saber as razões pelas quais jovens participam mais ou menos da vida social e política do país, é preciso indagar sobre as condições que possuem para exercer participação social básica num quadro ampliado de direitos públicos relacionados com o acesso à educação, à cultura, ao lazer, ao trabalho e a tantos outros planos existenciais que podem fazer uma vida digna. (p. 3).

A reflexão do autor aponta para uma íntima relação entre a participação social e as condições materiais de vida dos sujeitos jovens. Tal referência frisa que a análise acerca da participação juvenil não pode ser restrita aos aspectos meramente subjetivos, como o interesse dos jovens em atuarem, ou não, em determinados projetos. Se faz necessário considerar outros aspectos, tais como as condições objetivas de vida, as oportunidades oferecidas e as relações possíveis a serem geradas a partir dos contextos em que se encontram.

A terceira pesquisa “Narrativas de jovens: contextos e experiências de participação sociocultural” foi desenvolvida a partir de 2005, por uma equipe multidisciplinar de investigadores<sup>25</sup> da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a coordenação da Professora Maria Stephanou.

A investigação, de cunho qualitativo, abordou as memórias pessoais e experiências de participação sócio-cultural de 94 sujeitos jovens da cidade de Porto

<sup>25</sup> Participaram da pesquisa as professoras Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Diana Maria Marchi, e Carmem Zeli Vargas. Inicialmente o projeto estava ligado à Pró-Reitoria de Extensão e, posteriormente, mudou-se para o Programa de Pós-Graduação em Educação.

Alegre, com idade entre 18 e 24 anos. A metodologia utilizada foi a dos grupos de conversação<sup>26</sup>, organizados segundo a especificidade da ação coletiva em que estavam inseridos naquele momento ou em que haviam participado no passado, entre os quais: movimentos religiosos, partidos políticos, grupos de arte e cultura, movimento ecológico, agremiações estudantis e ONGs (STEPHANOU, 2007).

Os dados da pesquisa parecem subsidiar a inferência de que,

Ao dar visibilidade às ações de participação social juvenil através das narrativas de vida de jovens, de viva voz, supera-se uma perspectiva dos movimentos sociais tradicionais, de caráter classista ou político, que levam a afirmar que os jovens não têm participação social expressiva em relação aos jovens de outros tempos. Trata-se, assim, de privilegiar, na contemporaneidade, a identificação da existência de outros movimentos, destacadamente a cooperação sociocultural, o que leva a reconhecer muitas e diversificadas iniciativas de participação juvenil, possíveis de serem conhecidas a partir das narrativas de vida de diferentes jovens envolvidos em ações sociais. (STEPHANOU, 2007, p. 8).

Os apontamentos da pesquisa enfatizam que novos âmbitos estão surgindo na esfera da participação juvenil, de modo especial os da cooperação sociocultural, configurando diferentes lócus de intervenção, distintos de movimentos tradicionais de caráter classista ou políticos.

Os dados da pesquisa apontam ainda a valorização da dimensão do saber nas narrativas dos jovens, pois expressam reflexões conscientes de suas práticas, seus limites, o valor do planejamento das ações, a oportunidade de trabalho coletivo, assim como a busca por estudos e informações para o aprimoramento pessoal e de suas práticas (STEPHANOU, 2007, p. 10).

Em várias dimensões, principalmente no tocante aos perfis dos grupos participantes, esta pesquisa tem relações com a investigação que desenvolvemos neste estudo. A diferença principal é que não são privilegiadas, nesta tese, as motivações da participação dos jovens, mas sim o sentido de seu envolvimento e os significados que estes atribuem para suas vidas.

O conjunto das três pesquisas corroboram as principais discussões acerca da tematização sobre participação social dos jovens no Brasil. Demonstram que os jovens continuam participando de grupos com seus pares, porém, se ampliaram as formas, os tempos e os focos de atuação. Em termos quantitativos a pesquisa do

---

<sup>26</sup> Inspirada nos grupos de discussão de Javier Callejo (2001).

Projeto Juventude (ABRAMO; BRANCO, 2005) aponta um número menor de jovens participando de grupos (aproximadamente 15%), do que a pesquisa Juventude Brasileira e Democracia (IBASE, 2006), que aponta uma participação juvenil de aproximadamente 28%.

A pesquisa “Narrativas de Jovens” (STEPHANOU, 2007) não teve caráter quantitativo, portanto não apresenta tais dados. Seu enfoque qualitativo priorizou os contextos e as experiências de participação sociocultural dos jovens em diferentes coletivos.

A perspectiva que foi desenvolvida neste estudo apresenta maior aproximação com a pesquisa de Stephanou (2007), principalmente pelo seu caráter qualitativo e pelas problematizações acerca da participação social dos jovens nos coletivos em que atuam.

## 2. SUJEITOS DA PESQUISA

Conforme já discutido no primeiro capítulo, a participação dos jovens na sociedade contemporânea apresenta diferenciadas configurações em relação a outros tempos históricos. Os jovens não deixaram de participar, mas que as formas de fazê-lo foram profundamente alteradas. A seleção dos sujeitos desta investigação inspirou-se no estudo de Regina Novaes e Cristina Vidal (2005), publicado sob o título *A juventude de hoje: (re)invenções da participação social*. O mesmo tem como base a Pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, do Projeto Juventude (ABRAMO; BRANCO, 2005).

Tal opção baseou-se na intencionalidade de buscar coletivos que pudessem ser apontados como “novos lugares e formas de participação cidadã”, extrapolando o que as autoras chamam de “lugares usuais de participação política (movimento estudantil, juventudes partidárias, juventudes sindicais, etc.)” (ibid., p. 131). O estudo de Novaes e Vidal destaca experiências dotadas com estas características, portanto, constituindo-se como uma inspiração esta investigação sobre juventude e participação social.

As autoras apontam quatro consignas mobilizadoras para a atuação dos jovens, que configuram quatro grandes áreas nas quais os jovens têm boas perspectivas para atuação, a saber: Consigna 1: por uma sociedade ecologicamente sustentável; Consigna 2: pelo acesso à educação, ao trabalho e à comunicação; Consigna 3: pelo reconhecimento de demandas de grupos com vulnerabilidades específicas e pelo respeito à diferença; Consigna 4: pela paz e pelo respeito aos direitos humanos.

Na sequência serão apontadas as quatro consignas, assim como os caminhos trilhados para a escolha dos quatro coletivos participantes da investigação.

## 2.1 CONSIGNA 1 – POR UMA SOCIEDADE ECOLOGICAMENTE SUSTENTÁVEL

Novaes e Vidal (2005) apontam que a juventude contemporânea vive uma “geração pós-advento da ecologia”. A partir do fim dos anos 1970 o problema ambiental toma proporções alarmantes e deixa em alerta todo o planeta. Se as gerações anteriores se preocuparam com as questões políticas de um mundo dividido em dois grandes blocos ideológicos, as últimas gerações vivem a realidade do surgimento das ideias ecológicas.

Segundo as autoras, as gerações anteriores teriam tido dificuldade em pautar as questões ambientais na agenda dos governos, sindicatos, partidos e movimentos sociais. Esta parecia ser uma questão menor diante dos problemas considerados estruturais da sociedade. Para elas, de modo diferente, os jovens de hoje já encontraram um ideário ecológico estabelecido, mesmo que este apresente muitas e diferentes abordagens. A preocupação ecológica já faz parte do contexto em que nascem as novas gerações.

Segundo Novaes e Vidal,

Todo um trabalho de sensibilização foi feito por organizações não-governamentais, empresariais, organismos de direitos humanos para que a questão ambiental fosse ao menos incorporada à agenda pública. A ECO 92 – fórum oficial e fórum paralelo – introduziu um novo vocabulário que tornou-se socialmente disponível para exprimir as mazelas ambientais produzidas pelos atuais padrões de desenvolvimento. (2005, p. 120).

A questão ambiental suscitada, principalmente no final dos anos 1970 teve um grande impulso e visibilidade mundial com a realização da ECO 92, no Rio de Janeiro. Além das diversas organizações da sociedade civil, os governos, paulatinamente, se viram obrigados a se preocuparem com as questões ecológicas. Ações concretas passaram a ser desenvolvidas e um novo vocabulário foi produzido para auxiliar na demanda das questões ambientais. Também cresceram os discursos acerca da necessidade de educação ambiental e urgência de uma consciência ecológica.

Tais situações revelam os problemas que preocupam as atuais gerações e que repercutirão de modo decisivo em suas vidas se determinadas ações não forem desenvolvidas. De acordo com Novaes e Vidal (2005, p. 120), “estes processos são

antigos, mas é nova a forma de abordá-los”. As autoras complementam afirmando que, apesar de os adultos também usarem conceitos do ideário ecológico, são os jovens que os incorporam com maior facilidade. Este fenômeno acontece, segundo as autoras, pelo maior contato que os jovens têm com o tema na escola, principalmente nas aulas de Geografia e Ciências, ou através de programas de televisão, da internet, nos grupos ecológicos em que participam. Nesses espaços, praticamente se tornou obrigatório o conteúdo da “educação ambiental” e expressões tais como ecologia, sustentabilidade, reciclar, preservar, aquecimento global, consciência ecológica, entre outras, passaram a ser usuais.

Novaes e Vidal (2005) também fazem uma diferenciação entre a situação da ecologia rural e a ecologia urbana. Destacam que nos anos 1960 a área rural era vista como atrasada e por isso, com a globalização, implantou-se um modelo desenvolvimentista de produção agrícola baseado nas ideias do latifúndio, do uso de agrotóxicos, da exploração dos recursos hídricos e florestais, sem a preocupação com a preservação do meio ambiente. O modelo, atualmente, é criticado e há uma valorização das áreas rurais que optam por modelos alternativos de posse e cultivo da terra.

Esta reconfiguração de parte das áreas rurais vem oportunizando que muitos jovens tenham a possibilidade de continuar no campo, atuando na produção ecológica, na produção orgânica e em atividades rurais não-agrícolas. Através do discurso da ecologia e legitimados por ações locais específicas, os jovens rurais se conectam com as questões de seu tempo, articulam-se regionalmente, passam a integrar redes de ONGs, de articulações nacionais e internacionais.

Em relação à ecologia urbana, os jovens que vivem nas cidades também têm a possibilidade de transformar os problemas de infra-estrutura urbana em demandas ambientais, através do desenvolvimento de projetos concretos com vistas a solucioná-los. Ainda segundo Novaes e Vidal (2005), a ecologia funciona como um elemento de aglutinação para os grupos de jovens urbanos, que abordam a questão do lixo urbano, propondo mutirões, reeducação de moradores para manter a cidade limpa, fomento à coleta seletiva, à reciclagem e valorização dos garis comunitários como “educadores ambientais” (p. 122).

Para as autoras, “é inegável que as preocupações com o meio ambiente e o ideário ecológico deram um sangue novo à política, abrindo novas possibilidades de participação” (2005, p. 122), destacando-se duas formas de atuação dos jovens a

partir do ideário ecológico. De um lado estão os grupos de jovens ambientalistas/ecológicos que atuam especificamente em projetos ligados ao mesmo. De outro, as diversas organizações juvenis já existentes, tais como os grêmios estudantis, as juventudes partidárias e as juventudes organizadas das igrejas, que também se sentem obrigadas a pautarem o tema da ecologia nos seus projetos, programas e agendas. Além destas atuações coletivas, também é possível pensar que muitos jovens desenvolvem ações individuais nos espaços onde atuam, como por exemplo, na família.

Krischke (2006) endossa a ideia de que os jovens têm no ideário ecológico um dos campos de atuação e de participação social. Para o autor,

O caráter político-cultural dos debates sobre a ecologia fica ainda mais evidente quando consideramos as posições da juventude, hoje, como herdeiros (sic) que são de problemas ecológicos que não criaram, e receberam como um legado indesejável do passado (Inglehart, 1997). Não é por acaso que o contingente principal dos manifestantes em Praga (2000), Seattle e Washington (1999), contra as “políticas de globalização” do Banco Mundial e do FMI, tem sido recrutado entre a juventude. Os jovens são, assim, os primeiros a reagir contra as políticas econômicas que desconsideram a sobrevivência humana e a da natureza e que, ademais, excluem os interessados dos processos de deliberação. (KRISCHKE, p. 12).

O autor sinaliza a mobilização dos jovens em relação à questão ambiental, inscrevendo no cenário o elemento da discussão política acerca dos problemas ambientais e da preocupação com o futuro do planeta, ligado às próximas gerações. Tal reflexão dá indícios de que os jovens não estão apenas envolvidos em situações concretas e localizadas, mas veem a questão de um modo amplo e profundo.

Os elementos aqui apresentados remetem a pensar que a consigna por um mundo sustentável abre possibilidades variadas de participação social dos jovens aí inseridos. A partir de tal perspectiva, buscou-se um coletivo ligado à área ecológica para a composição do corpus empírico da pesquisa, conforme será apontado na sequência.

### 2.1.1 Instituto InGá

A partir da consigna “Por um mundo sustentável”, definimos o InGá<sup>27</sup> (Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais) como um dos projetos privilegiados neste estudo de jovens que atuam no projeto, a fim de saber deles quais são suas experiências de participação social<sup>28</sup>.

O projeto configura-se como uma ONG e teve início no ano de 1999, na cidade de Porto Alegre. A iniciativa foi de um grupo de pesquisadores e ambientalistas, em sua maioria biólogos. Posteriormente, a militância do InGá ampliou-se por perceber que seria insuficiente lidar com as questões ambientais somente do ponto de vista biológico. Em vista disso, a organização busca desenvolver ações em diversas áreas, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

O nome da organização é inspirado numa planta, o Ingazeiro (Ver figura 2):

O Ingazeiro é uma árvore nativa de toda a América do Sul, sendo encontrada principalmente nas beiras dos rios e córregos, sendo também uma planta pioneira na revitalização de ambientes degradados. Como outras plantas da família das leguminosas, ela fixa nitrogênio no solo, promovendo um ambiente favorável para as demais plantas se estabelecerem. Além disso, ela produz flores e frutos doces, muito apreciados pela fauna. Essas qualidades motivaram a escolha do ingazeiro como símbolo do InGá. (INGÁ, 2010).

Atualmente o InGá possui diversos espaços de atuação, tais como:

#### *Programa Bacia do Rio Uruguai*

Neste programa a ONG preza pela manutenção de Áreas Livres de Barramento na Bacia do Rio Uruguai, que está sendo transformada em uma sucessão de lagos de usinas hidrelétricas. Um dos focos principais, atualmente, é a usina Pai-Querê que ameaça uma das áreas de maior biodiversidade da região sul no rio Pelotas, divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

---

<sup>27</sup> Esta é a forma como a organização usa para escrever seu nome.

<sup>28</sup> A descrição de como aconteceu o contato e a aproximação com o grupo consta no capítulo três.



Figura 2 – Logotipo do Instituto InGá.

#### *Setor Jurídico*

Através de advogados voluntários, o InGá desenvolve diversas ações judiciais contra ações e empreendimentos degradadores e poluidores, incluindo barragens, loteamentos, agrotóxicos, etc.

#### *Conservação em Foco*

Trata-se de um ciclo de debates mensal intitulado “Conservação em Foco”, que pauta diversos temas relacionados às questões socioambientais relevantes. Estes encontros são abertos ao público em geral e acontecem na sede do InGá.

#### *Curso Áreas Naturais e Rurais de Porto Alegre*

O objetivo deste curso é aproximar e mobilizar os cidadãos porto-alegrenses sobre as expressivas áreas naturais e rurais da capital gaúcha.

#### *Representação em Colegiados*

O InGá representa a Sociedade Civil no Conselho Estadual de Meio Ambiente e no Conselho Municipal do Meio Ambiente, além de Conselhos Consultivos de Unidades de Conservação.

#### *Feira Agroecológica*

Uma vez por mês, o InGá participa da feira agroecológica que se realiza na rua José Bonifácio, em Porto Alegre, no sábado pela manhã, onde divulga as

atividades da ONG e a temática das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs). Na feira também é distribuída uma cartilha sobre as PANCs intitulada *Biodiversidade pela Boca*, que é fruto do Projeto Viveiros Comunitários, a partir de uma parceria do InGá com o Instituto de Biociências da UFRGS.

### *Festa da Biodiversidade*

O InGá se articula com outros grupos, tanto do movimento ambientalista quanto de outros movimentos sociais, buscando a construção de uma visão socioambientalista. Entre os coletivos que participam estão a Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente do RS (APEDeMA/RS), o Movimento Gaúcho em Defesa do Meio Ambiente (MOGDeMA) e a Festa da Biodiversidade<sup>29</sup>. Esta festa acontece anualmente, desde 2007, na cidade de Porto Alegre, contando com diversas atrações, como a feira de trocas solidárias, o sarau da biodiversidade, o circuito de vídeo-debates, bancas com exposição de trabalhos de grupos dos movimentos sociais e ambientais e apresentações culturais.

Além desses espaços de atuação, a ONG promove diversos cursos na área ambiental e da sustentabilidade para a formação de jovens que desejam conhecer e se engajar na causa ambientalista. Dessas atividades procedem grande parte dos jovens, que posteriormente, passam a integrar o Instituto InGá. Os cursos não têm periodicidade fixa e acontecem tanto na sede da organização como também em escolas e outros espaços para onde são convidados.

Atualmente, a maior parte dos membros do InGá é constituída de jovens entre 18 e 29 anos. Alguns já concluíram o ensino superior, outros são estudantes de graduação e alguns não ingressaram ainda na universidade.

Um aspecto diferencial do projeto é que na sede da ONG, além dos espaços de formação, de secretaria e coordenação do projeto, também existem duas casas, o Casarão e o Casarinho (localizados na região central de Porto Alegre), que servem de alojamento para os jovens que atuam no projeto ou que estão temporariamente fazendo curso na área ambiental. Neste espaço, os jovens que ali residem, além das atividades de formação e de atuação, desenvolvem o exercício do convívio e das

---

<sup>29</sup> A Festa da Biodiversidade possui um blog na internet onde é possível visualizar as atividades que são desenvolvidas. Disponível em: <http://blogfestadabiodiversidade.wordpress.com/>

responsabilidades coletivas, pois todos são responsáveis pela organização, limpeza e conservação dos ambientes.

Além dos projetos concretos desenvolvidos na área ecológica, percebe-se que a organização mantém a reflexão crítica sobre o tema e mantém representações políticas em organismos ligados às questões ambientais.

Mesmo não sendo uma entidade exclusivamente juvenil, grande parte dos participantes do InGá são jovens. A partir desta constatação e também do seu caráter, considerou-se a ONG InGá como uma organização que atende os requisitos para a investigação sobre a participação de jovens em coletivos que desenvolvem a temática ambiental.

## 2.2 CONSIGNA 2 – PELO ACESSO À EDUCAÇÃO, AO TRABALHO E À COMUNICAÇÃO

Segundo Novaes e Vidal (2005), a segunda consigna mobilizadora da ação dos jovens é a do “acesso à educação, ao trabalho e à comunicação”. Pela necessidade de delimitação temática desta investigação, optou-se por escolher apenas um dos três aspectos mencionados nesta consigna. A definição do tema “educação” foi realizada por três motivos: sua relevância social, o fato da presente tese estar inscrita na área da Educação e o interesse pessoal pelo tema.

Segundo Novaes e Vidal (2005),

Os jovens sabem que os certificados escolares são imprescindíveis, mas têm conhecimento também de que as rápidas transformações econômicas e tecnológicas se refletem no mercado de trabalho, deteriorando relações, provocando mutações, modificando especializações e sepultando carreiras profissionais. O sistema educacional está diante, portanto, do desafio de oferecer respostas diferenciadas para possibilitar distintos modos de acesso aos jovens e dar continuidade à formação escolar. (p. 123).

Por mais que os diplomas não garantam a inserção produtiva no mundo do trabalho, a escolaridade é um elemento importante para o desenvolvimento e integração dos jovens na sociedade. Os jovens sabem da importância que tem os estudos para a sua vida, principalmente para o seu futuro profissional. No entanto,

muitas vezes, a sua situação concreta limita o acesso à educação e muitos não conseguem chegar nem ao final do ensino médio.

O Relatório do Desenvolvimento Juvenil-IDJ (WAISELFISZ, 2007)<sup>30</sup> enfatiza que é grande o nível de desigualdade educacional dos jovens brasileiros. Esta desigualdade está fortemente influenciada pela cor, pelo sexo e por fatores regionais. Além destes aspectos, o analfabetismo, a escolarização adequada e a qualidade do ensino são dimensões que podem contribuir para compreender melhor a situação educacional dos jovens brasileiros.

Em relação ao analfabetismo juvenil, pode-se considerar que houve um significativo avanço nos últimos anos, pois, hoje, o índice é de apenas 2,4%, entre os jovens, enquanto que o índice geral da população brasileira é de 11,1%. Este avanço se deu principalmente devido ao processo que foi denominado de “universalização da escolaridade”, que tornou o ensino obrigatório para a faixa etária dos 7 aos 14 anos.

Contudo, o otimismo decresce quando se analisa se os jovens estão com o nível de escolarização adequada para a idade em que se encontram. No período destacado pelo relatório (2007), 53,1% dos jovens se encontravam fora das salas de aula. Além disso, parte daqueles que estavam na escola se encontravam num nível de ensino que não estava adequado à sua fase de vida, perfazendo um total de 14%. Somando esses dois índices, apenas 33,1% de jovens estavam cursando estudos num nível compatível com sua idade.

De acordo com o IDJ (WAISELFISZ, 2007), até duas décadas atrás a discriminação socioeconômica atuava no sentido de determinar quem teria ou não acesso aos bancos escolares. Agora, a discriminação atua mais no sentido de decretar o destino escolar: até que série ou nível de ensino o jovem poderá chegar e quanto tempo levará para isso.

Tais dados sugerem pensar que não basta considerar o elevado índice de jovens alfabetizados – é preciso que possam deem continuidade aos estudos e que

---

<sup>30</sup> O Relatório do Desenvolvimento Juvenil é produzido com base no Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ)<sup>30</sup>. O IDJ utiliza os mesmos critérios e dimensões do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Os dados do IDJ do Brasil podem ser conferidos no Relatório de Desenvolvimento Juvenil, que teve três edições: 2003, 2005 e 2007. A edição dos relatórios está sob a responsabilidade da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), do Instituto Sangari e do Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT). (WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Relatório de desenvolvimento juvenil 2007*. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, MCT, 2007).

venham a cursar níveis de acordo com suas idades, além de uma educação de qualidade.

Ainda segundo o Relatório do Desenvolvimento Juvenil (WASELFISZ, 2007), é no plano da qualidade do ensino e das aprendizagens que se encontram os reais problemas da educação da juventude brasileira. É mais enfático ainda ao destacar que temos evidências que permitem afirmar a estagnação, quando não a erosão, da qualidade do ensino dirigido à juventude. Os dados podem ser analisados a partir de dois instrumentos de avaliação: o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), desde 2000, e o Sistema de Avaliação do Ensino Fundamental (SAEB), desde 1997. Os dados do PISA de 2006 mostram que o Brasil ocupou a 52ª posição entre 57 países participantes (de todos os continentes e níveis socioeconômicos).

Para perceber a situação dos jovens em relação às diferentes realidades da educação e do trabalho, podemos analisar o quadro de referência baseado em Filgueira e Fontes (FILGUEIRA e FONTES apud WASELFISZ, 2007, p. 19), que apresenta quatro situações distintas sobre os jovens:

1) *Jovens que estudam e não trabalham*: neste caso, normalmente, se encontram aqueles economicamente dependentes dos pais. São jovens de classe média e alta, solteiros e que moram com a família. Como são sustentados pela família, eles podem estudar sem trabalhar. Geralmente, são jovens que só começam a trabalhar depois dos 25 anos e que, pela formação que tiveram, serão os que receberão os salários mais altos.

2) *Jovens que trabalham e estudam*: nesta situação estão os jovens que não têm condição financeira para uma dedicação exclusiva para aos estudos. Por isso, conjugam trabalho e estudo. Grande parte recebe baixos salários ou precisa se submeter a estágios de baixa remuneração.

3) *Jovens que apenas trabalham e não estudam*: reflete a condição de jovens que abandonam a escola e passam a se dedicar apenas ao trabalho. Geralmente trabalham para auxiliar no sustento da família ou então acabam por ter sua própria família precocemente, o que, em geral, lhes tolhe a possibilidade de continuidade dos estudos.

4) *Jovens que não estudam e não trabalham*: trata-se de jovens em situação mais grave de exclusão e vulnerabilidade social, que se desvinculam de seu papel de jovem e tem dificuldade para acessar o mundo adulto. Para muitos, não restam

outras alternativas que não a da criminalidade, do envolvimento com o narcotráfico e a prostituição.

Tais situações revelam que muitos jovens ainda não têm acesso à educação ou, quando o têm, encontram dificuldade de permanência e problemas com a qualidade da educação que lhes é oferecida. Esta é uma demanda que é vislumbrada pelos próprios jovens, que tomam a educação como uma questão com a qual precisam se envolver. Dados do Projeto Juventude (ABRAMO; BRANCO, 2005), demonstram a preocupação dos participantes daquela pesquisa com o tema da educação brasileira, pois a investigação, ao se debruçar sobre as principais questões que envolvem a vida dos jovens, constatou que três entre cada quatro jovens atribuem ao binômio educação/emprego o significado de assunto que mais lhes interessa (BRANCO, 2005, p. 140).

Segundo Leon (2007),

Há um consenso entre os especialistas de que a educação de qualidade é a melhor política de prevenção para o desemprego juvenil. Não obstante, grande parte dos pesquisadores reconhece a necessidade e a relevância do desenvolvimento de políticas públicas de geração de trabalho, emprego e renda específicas para a juventude, uma vez que os jovens são impactados pelo processo de globalização e atingidos pelo desemprego, por diversas razões, de uma forma mais peculiar e ainda mais intensa do que as outras faixas etárias. (p. 272).

O autor destaca que, além dos especialistas, mais de 1/3 dos jovens valorizam a escolaridade como o principal atributo para conseguir trabalho. Estes dados confirmam a afirmação de Novaes e Vidal (2005) de que a demanda por educação configura-se como uma das áreas de mobilização da juventude, na atualidade. Além do direito à educação básica crescem os interesses e lutas pelo acesso ao ensino superior e aos cursos técnicos de profissionalização.

Os apontamentos a respeito da dimensão educativa motivaram a definição de um coletivo que discute o acesso à educação e que desenvolve práticas na busca de maiores oportunidades de ingresso no Ensino Superior, o qual será abordado no seguimento do texto.

### 2.2.1 Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares

A partir da consigna “pelo acesso à educação, ao trabalho e à comunicação”, definiu-se como um dos grupos para a realização da pesquisa, o Cursinho pré-vestibular Zumbi dos Palmares.

Este cursinho teve início no ano de 1995 junto a uma associação comunitária da Vila Cruzeiro, em Porto Alegre. Inspirou-se na iniciativa do Frei David Raimundo dos Santos, que criou cursinhos pré-vestibulares com perspectiva pedagógico-popular, no início dos anos 1990, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Uma das inovações criadas por ele foi a disciplina “Cultura e cidadania” para que os alunos pensassem também sobre o seu papel na sociedade, e não apenas no vestibular. Esta disciplina se mantém ainda hoje nos diversos cursinhos pré-vestibulares populares.

Posteriormente, o Zumbi dos Palmares migrou para outros locais, passando pela sede do CEPERS, pela Faculdade de Educação da UFRGS, e por várias escolas de Viamão (Castelo Branco, Farroupilha, Santa Isabel), até se estabelecer no ano de 2010, na Escola Estadual Ana Jobim.

Atualmente, o cursinho desenvolve suas atividades num espaço cedido pela Escola Estadual Ana Jobim (na cidade de Viamão), onde conta com quatro salas de aula e uma sala para os professores. Entretanto, antes disso, o cursinho teve espaços reduzidos para o desenvolvimento das aulas, o que não chegou a se configurar como grande problema, conforme pode ser compreendido no seguinte relato:

Em geral, a limitação de espaço obriga os pré-vestibulares populares a criarem turmas pequenas. Mas isto não é visto com maus olhos pelos alunos. Fabiane Alves, 26 anos, vai prestar vestibular para Geografia e é aluna do Cursinho Zumbi dos Palmares. Ela já frequentou pré-vestibulares particulares, e defende que o reduzido número de alunos contribui para o aprendizado. “O acesso que você tem ao professor é mais rápido e de maior qualidade”. (GASTAL, 2006, p. 7).

Além do aspecto físico do cursinho outra dimensão importante é a da formação pedagógica dos professores. De acordo com o Relatório do Encontro dos Professores do cursinho, realizado em dezembro de 2010, “o trabalho conjunto é o caminho para os cursinhos populares (...) O trabalho e as reuniões conjuntas têm

mais impacto e melhorias para a educação popular” (ZUMBI DOS PALMARES, 2010, p.1). A afirmação dos professores é de que se faz necessário o fortalecimento do trabalho conjunto e da manutenção de reuniões para o melhor desenvolvimento da proposta do cursinho.

No mesmo encontro foi retomado o objetivo geral do curso, onde se reafirmou a necessidade de valorizar junto aos alunos as noções fundamentais de cidadania, bem como a construção de sua identidade, tendo como ponto de partida o seu modo de vida, principalmente através da disciplina “Cultura e cidadania”. Na conclusão dos professores, as aulas do cursinho “pretendem fazer o aluno se reconhecer como sujeito biológico e social, com características culturais, que o inserem em um grupo social” (id., p. 2).

Também é ressaltada a importância de que os planejamentos sejam participativos e que os alunos sejam convidados a opinarem sobre propostas e também nas avaliações anuais do cursinho.

Os estudantes são convidados para as reuniões do projeto, para as confraternizações dos professores e para os eventos que são promovidos para além das aulas, tais como as formações e seminários. Num dos seminários realizados no local do cursinho, alguns jovens foram convidados a demonstrar sua arte, através de pinturas nas paredes dos corredores e nas salas de aula (Ver figura 3 e figura 4). Além disso, alguns jovens são convidados a participar, junto com os professores, em serviços administrativos e de secretaria.



Figura 3 – Imagem de Zumbi dos Palmares, no corredor das salas de aula do cursinho.



Figura 4 – Frase pintada numa das salas de aula do cursinho.

A composição do grupo de estudantes (no primeiro semestre de 2011) era de vinte e sete matriculados, sendo quinze moças e doze rapazes. A maior parte dos alunos tem idade aproximada entre 16 a 20 anos. Também há um casal mais velho, com idade aproximada de 50 anos, além de duas alunas entre os 30 e 40 anos de idade.

Outra característica percebida no grupo é que vários ex-alunos, que ingressam no ensino superior, acabam retornando ao projeto para contribuírem ministrando aulas para outros estudantes. Também há o caso de jovens que ainda não concluíram sua graduação e que buscam o cursinho como uma primeira experiência de docência.

A presença de um número expressivo de jovens no Cursinho, tanto no grupo dos alunos, como também no grupo docente, possibilitou a escolha do Zumbi como um dos coletivos para a realização da pesquisa. A definição dos participantes e os procedimentos para a realização da investigação serão descritos no terceiro capítulo.

Na sequência será abordada a terceira consigna que mobiliza a participação de jovens, bem como o coletivo escolhido, a partir de sua ênfase temática.

### 2.3 CONSIGNA 3 – PELO RECONHECIMENTO DE DEMANDAS DE GRUPOS COM VULNERABILIDADES ESPECÍFICAS E PELO RESPEITO À DIFERENÇA

Em continuidade à definição das consignas e à escolha dos coletivos, a pesquisa também se inspirou naquela que Novaes e Vidal (2005) denominam como “reconhecimento de demandas de grupos com vulnerabilidades específicas e o respeito à diferença”, como enfoques que mobilizam os jovens em prol da defesa de tais causas. De acordo com as autoras

Em espaços de participação de jovens a discriminação étnica, de gênero, de orientação sexual e de portadores de necessidades especiais é apontada como obstáculos para a inserção produtiva, para a convivência social, e como causa de violência física e simbólica. A atuação de entidades da sociedade civil que lutam contra a discriminação possibilitou conquistas importantes para cada um destes segmentos. Hoje os jovens buscam imprimir sua própria experiência nas pautas destes movimentos. (NOVAES; VIDAL, 2005, p. 125).

Mesmo vivendo numa sociedade plural, globalizada e dotada de considerável acúmulo de conhecimento, ainda assim persistem diferentes formas de discriminação (étnica, sexual, de gênero, portadores de necessidades especiais). Tal situação sugere pensar que somente com ações intencionais contra estas discriminações é que as mesmas deixarão de existir. As discriminações causam problemas físicos, psíquicos e de integração social dos jovens que sofrem com elas.

De acordo com Santos (1995), “temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (p. 4). Há grupos de jovens que atuam contra situações de discriminação e preconceito e buscam estabelecer uma valorização das diferentes identidades.

Para Novaes e Vidal (2005), a atuação nessas lutas decorre da indignação diante das injustiças que causam sofrimentos ou também do interesse em minimizar o próprio sofrimento provocado por discriminações pessoais ou familiares.

Diante do amplo espectro de possibilidades de pesquisa frente às situações de discriminação, optou-se, nesta tese, por investigar a participação de jovens que atuam na luta pela valorização racial negra. Os critérios para esta opção se

assentam no elevado índice de jovens que sofrem discriminação racial negra e também no interesse pessoal pelo tema<sup>31</sup>.

A pesquisa do Projeto Juventude (BORGES *et all*, 2005) apontou que o percentual de jovens negros no Brasil é de aproximadamente 47% do total, o que representa quase a metade dos jovens brasileiros. Apesar destes dados, os autores afirmam que quando se trata da juventude negra no Brasil, imediatamente percebe-se que “ser jovem negro” não é o mesmo que “ser jovem branco”. Aponta ainda que os dados da pesquisa demonstram que a juventude negra tem encontrado mais dificuldades nesta fase da vida, pois convive com a discriminação no seu dia-a-dia, principalmente na educação e no mundo do trabalho.

Em relação ao mundo do trabalho, a mesma pesquisa destaca que os jovens negros defrontam-se com um mecanismo discriminatório, popularmente denominado seletivo, onde os critérios como “boa aparência” ou “ter um bom currículo”, funcionam como quesitos de desclassificação para a admissão ao emprego. Abramovay (2002) também identifica este tipo de discriminação dos jovens negros que buscam inserção no mundo do trabalho, pois algumas participantes de sua pesquisa revelaram que para trabalharem em lojas de vestuário, lhes foi exigido que fossem “clarinhas, no máximo moreninhas jambo” (2002, p. 47).

Outro dado da pesquisa do Projeto Juventude (BORGES *et all*, 2005, p. 296) revela que o desemprego juvenil atinge 34% dos jovens negros, enquanto que para os jovens brancos este índice é de apenas 28%.

Na esfera da violência os problemas enfrentados pelos jovens negros são ainda mais evidentes. A pesquisa do Projeto Juventude (*ibid.*, p. 299) aponta que quando perguntados sobre situações de humilhação e discriminação racial, 36% dos jovens negros declararam ter passado por alguma experiência desta espécie. De acordo com o Jornal Brasil de Fato (2010, p. 2), os negros apresentam um índice de vitimização 73,1% superior aos brancos em relação à população total do Brasil e 85,3% superior aos brancos no extrato de juventude<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> Não sou militante nesta área, mas posso me considerar um simpatizante de sua causa. Acompanhei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul a implantação das “cotas” e das ações afirmativas. No ano de 2010, participei do I Seminário de Ações Afirmativas, promovido pela UFRGS, de 18 a 20 de agosto. Também acompanhei defesas de dissertações e de teses sobre o tema, no PPGEDU/UFRGS.

<sup>32</sup> Tais índices também podem ser observados em estudo realizado por Barbosa (1998), em que a autora demonstra que os homens negros têm suas vidas ceifadas mais cedo; enquanto 63% deles morrem até os 49 anos, esta proporção é de 39% para os homens brancos. Sua conclusão é de que o racismo é fator determinante no modo de viver, adoecer e morrer. Um exemplo deste aspecto é que

Tais dados revelam a urgência da problematização acerca da realidade da juventude negra no Brasil. Um alento para esta situação é referida por Borges *et all* (2005) ao destacarem que os dados da pesquisa do Projeto Juventude apontam para uma postura ligeiramente favorável, uma vez que está aumentando a rejeição total ou parcial ao pensamento intolerante, frente ao pensamento que defende a legalização da pena de morte, a criminalização do aborto, a homofobia e a defesa da suposta superioridade da raça branca. Para os autores, esta postura indica uma tendência em admitir novos valores, principalmente o respeito às diferenças e à diversidade cultural.

A partir destes apontamentos buscou-se a definição de um coletivo que tivesse como o centro de suas atenções o trabalho com a identidade negra e a valorização da ancestralidade afrodescendente. Na sequência será apresentado o grupo escolhido para a participação na pesquisa, a partir desta terceira consigna.

### 2.3.1 Instituto Cultural Afro Sul/Odomodê

Inspirada pela terceira consigna, a pesquisa voltou sua atenção ao Instituto Cultural Afro Sul/Odomodê<sup>33</sup>, da cidade de Porto Alegre, criado no ano de 1999, a partir da proposição de um trabalho social que valorizasse a cultura negra, procurando superar a vinculação estritamente ao carnaval. O nome foi escolhido pelo seu significado na língua yorubá: “jovem, novo, garoto” e pela transformação da Escola de Samba Garotos da Orgia em bloco carnavalesco.

O Odomodê integra o Instituto Cultural Afro Sul, fundado no ano de 1974, quando um grupo de músicos denominado Afro Sul participou de um festival escolar, em Porto Alegre. Logo foram incluídos no elenco alguns bailarinos e o grupo passou

---

o peso das causas externas (não naturais) nos óbitos dos homens negros é basicamente o dobro do peso dos homens brancos: 32,3% para 16,2%. Para ver mais dados pode-se verificar a obra completa: BARBOSA, Maria Inês. **Racismo e saúde**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

<sup>33</sup> Os dados para a descrição do projeto foram extraídos do site do grupo e de conversas informais realizadas com coordenadores e participantes do projeto. O nome completo do grupo é Instituto Cultural Afro Sul. O Odomodê é um bloco integrante do Instituto. No entanto, em Porto Alegre o coletivo é muito conhecido pelo nome do bloco, principalmente pelas festas semanais que promove em sua sede, chamadas de “Festas do Odomodê”. Em vista desta popularização do nome, nesta tese, adotamos a nomenclatura “Afro Sul/Odomodê”. Disponível em <http://ong.portoweb.com.br/afrosul/>. Acesso em 15/12/2010.

a fazer apresentações de dança e música afro-brasileira. Até hoje os artistas atuam em espetáculos por todo Brasil e no exterior. A data de fundação foi especialmente comemorada por ocasião dos 30 anos, no ano de 2004 (Ver figura 5).



Figura 5 – Cartaz Comemorativo aos 30 anos do Afro Sul.

Em 1998, O Afro Sul assumiu a direção da Escola de Samba Garotos da Orgia e ganhou vários títulos e troféus no Carnaval de Porto Alegre. Já em 1999, a necessidade de desenvolver um projeto específico sobre a cultura negra fez com que a Escola de Samba se transformasse no Bloco Afro Odomodê.

Entre as atividades realizadas pelo Afro Sul/Odomodê, destacam-se a dança, a música, a moda e a gastronomia, todas elas retratando a cultura afro-gaúcha.

Os participantes são adolescentes, jovens de rua e jovens de comunidades carentes que têm a oportunidade de aprender e de praticar a cultura afro-brasileira com o trabalho social desenvolvido pelo grupo.

Na área musical, a instituição ministra oficinas, cursos e aulas de percussão, além de promover exposições artísticas sobre a cultura afro-brasileira e "afro-gaúcha". A dança é praticada através do hip-hop e suas vertentes, o rap e o break, e com

oficinas de capoeira. Além disso, o Bloco Afro Odomodê participa do desfile de quase todas as escolas de samba de Porto Alegre.

Além das atividades artísticas, o Afro Sul/Odomodê realiza campanhas de doação e de recolha de alimentos e agasalhos para crianças e adolescentes pobres da capital.

No grupo, o desenvolvimento da cultura afro-brasileira é valorizado acima de tudo. Nesse sentido, são confeccionadas e comercializadas roupas com influências estilísticas africanas, adaptadas ao uso diário, através da Grife Afro Sul. No âmbito gastronômico, são organizadas feiras onde se distribuem gêneros alimentícios e se promovem degustações de pratos típicos.

Os principais objetivos do Afro Sul/Odomodê são “promover e divulgar a cultura negra no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil e no Exterior” e “proporcionar a jovens e crianças de rua e comunidades carentes a aprendizagem e a prática da cultura afro-brasileira e gaúcha” (AFRO SUL, 2010).

Para a realização das atividades do Afro Sul/Odomodê, uma quadra de escola de samba foi transformada em centro cultural e é o palco para a criação e experimentação de inúmeras práticas educativas, objetivando uma transformação social e cultural baseada nas tradições afro-gaúchas e afro-brasileiras. Através das várias oficinas que são ministradas no local, os jovens participantes têm a possibilidade de novos aprendizados e de estabelecerem novas relações grupais com os demais participantes.

Afro Sul/Odomodê, além de cursos de lazer e profissionalizantes nas áreas de dança, música, cestaria, desenho, pintura em tecido e reciclagem de materiais, também proporciona acompanhamento escolar para crianças e jovens, além de atendimento médico e jurídico para a comunidade em geral, através do trabalho voluntário que conta com jovens engajados nessas ações.

Através das atividades educativas e culturais, os jovens do Afro Sul/Odomodê têm oportunidade de valorização da identidade afro-descendente e da valorização social através do aprendizado de algum trabalho prático ou da inserção nos grupos artísticos do coletivo.

A partir da definição do Afro Sul/Odomodê como um dos coletivos da investigação, foram convidados a participarem da pesquisa, de forma prioritária, os jovens integrantes do grupo de dança, pois é o espaço onde se concentra o maior número de participantes desta faixa etária.

Após a definição das três consignas e a conseqüente escolha de três grupos correspondentes a cada uma delas, será apontada na seqüência, a quarta e última consigna e o coletivo escolhido para representá-la na pesquisa.

#### 2.4 CONSIGNA 4 – PELA PAZ E PELO RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS

Assim como as demais consignas, neste estudo, também consideramos relevante a quarta consigna proposta por Novaes e Vidal (2005), em que destacam o envolvimento de jovens que “lutam pela construção da paz e pelo respeito aos direitos humanos”. Tal envolvimento está ligado, principalmente, às inúmeras situações de violência a que os jovens estão expostos. Para as autoras, de certa forma, na América Latina, na atualidade, “ser jovem é ser suspeito” (p. 126), devido ao estigma atribuído aos jovens como violentos e à configuração que lhes é atribuída, como se fossem emblemas dos problemas sociais.

O tema também é mobilizador pelo fato de muitos jovens vivenciarem experiências de humilhação, extorsão, violência policial e exclusão social. Deste modo, a violência se tornou um tema central no imaginário desta geração, como atestam várias pesquisas<sup>34</sup>. A violência é uma experiência vivida, uma preocupação e uma inspiração para a mobilização e para a participação social dos jovens.

Para Novaes e Vidal (2005),

Jovens com histórias ligadas à criminalidade não só se tornam público alvo (nos bairros, nas prisões, em espaços onde cumprem medidas socioeducativas) de políticas públicas para a juventude como também, por vezes, tornam-se eles mesmos agentes e protagonistas de novas formas de organizações juvenis voltadas para o combate à violência policial e, como eles dizem, “para tirar os jovens do tráfico”. (p.127).

---

<sup>34</sup> Para analisar dados sobre violência e juventude, ver as seguintes obras: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005; MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. **Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas**. Brasília, 1998; ABRAMOVAY, Miriam *et alii*. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002; WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2006**: os jovens do Brasil. Brasília: OEI, 2006; WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência dos municípios brasileiros 2008**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, 2008.

Tal reflexão aponta que as situações de violência vivenciadas pelos jovens podem se transformar em motivação para a luta contra este cenário que lhes é hostil. A atuação de jovens que passaram por situações violentas pode se revestir de um sentido ainda maior e mais tocante quando implica a ajuda a outros que ainda se encontram em situação de vulnerabilidade à violência. Neste caso, temos a atuação de jovens em favor de outros jovens.

São variadas as formas de violência que afetam a vida dos jovens e não se configura tarefa simples delinear suas causas e suas consequências. De acordo com Abramovay (2002),

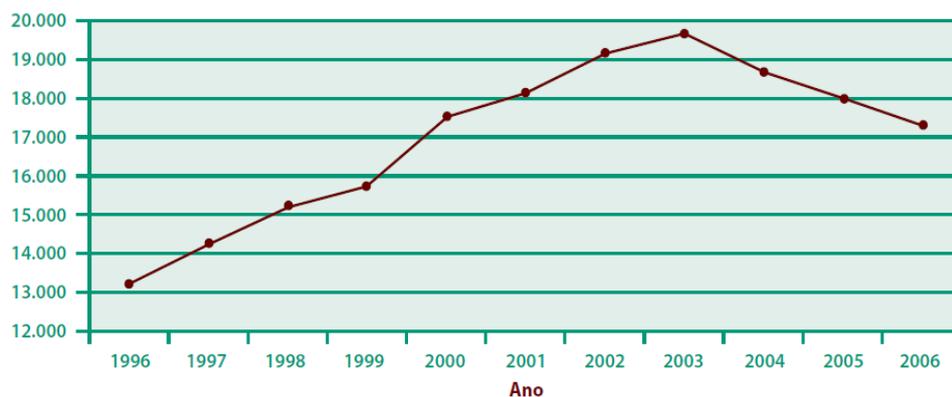
Entre as diferentes formas de violência, que atuam entre os habitantes das grandes cidades da América Latina e Caribe, incidem fatores individuais, familiares, sociais e culturais que afetam a conduta doméstica e social. Convém examinar a violência a partir de um enfoque multicausal com a finalidade de identificar os fatores que produzem ou estão associados à violência. (p. 53).

Para a autora, a análise da violência em suas diferentes formas demanda considerar fatores individuais, familiares, sociais e culturais em que os jovens estão inseridos. Além destes aspectos, faz-se necessário observar que a violência acontece de maneiras variadas, seja no âmbito físico, moral, seja material, simbólico e cultural (MICHAUD, 1989).

Destaca-se o aspecto da violência física, que resulta num alto índice de mortalidade dos jovens brasileiros na atualidade. Realizamos esta opção pelo agravamento da situação de morte dos jovens no país e pelas decorrências do fenômeno.

Segundo o Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros de 2008 (WAISELFISZ, 2008) entre 1996 e 2006, somente os homicídios na população de 15 a 24 anos de idade passaram de 13.186 para 17.312, representando um aumento de 31,3% (ver gráfico 3). O crescimento foi bem superior ao experimentado pela população em geral, que foi de 20% no mesmo período.

Gráfico 3 – Número de homicídios juvenis no Brasil: 1996-2006 (WAISELFISZ, 2008, p. 28).



Fonte: Microdados SIM/SVS/MS

Para Pochmann (2002),

Além da imersão de grande parte da juventude brasileira no amplo ambiente da violência, chama a atenção o fato de o país registrar indicadores de mortalidade por homicídio muito superiores aos internacionais, neste segmento populacional. O coeficiente de mortalidade por homicídio na faixa etária de 15 a 24 anos chega a ser, por exemplo, superior ao de países em situação de fortes conflitos abertos, seja para o sexo masculino, seja para o sexo feminino. (p. 39).

A reflexão apresentada pelo autor evidencia a contraditória situação vivida por grande parte dos jovens brasileiros na atualidade, visto que, num período considerado de crescimento e desenvolvimento, os jovens têm suas vidas tolhidas prematuramente pela violência.

Os dados infringem drasticamente os direitos humanos dos jovens, pois suas vidas estão mais suscetíveis à vulnerabilidade. De outro lado, contradizem as afirmações do senso comum que atribuem à juventude grande parte da violência gerada na sociedade, uma vez que os jovens, na maioria das vezes, são mais vítimas do que promotores da violência.

Diante deste quadro, compreende-se a demanda de mobilização dos jovens em prol da luta pela paz e pelos direitos humanos, apontada por Novaes e Vidal (2005). Muitos jovens sentem-se motivados a se empenharem na luta para que seus coetâneos não passem por estas indesejáveis situações.

A partir da realidade premente de violência e morte em que vive grande parte dos jovens brasileiros, nesta tese, optou-se pela definição de uma experiência com atuação concreta na busca da paz e dos direitos humanos. Também buscou-se uma

organização que tivesse o enfoque específico de luta contra os altos índices de violência e de morte da juventude. Para tal, definiu-se a proposta da Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens, promovida pelas Pastorais da Juventude do Brasil, no âmbito da Igreja Católica, que será abordada no tópico que segue.

#### **2.4.1 Jovens que atuam na Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens**

Relativamente à quarta consigna proposta por Novaes e Vidal (2005), que tematiza a luta pela paz e o respeito aos direitos humanos, optou-se pela pesquisa junto a jovens que atuam na “Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens”, atividade promovida pelas Pastorais da Juventude do Brasil<sup>35</sup>, organizações ligadas à Igreja Católica.

A opção se deu por dois motivos. Primeiramente, porque a mesma trata da violência e morte de jovens que, conforme explicitado na quarta consigna, é um dos grandes problemas que afetam a juventude hoje. Em segundo lugar, foi uma opção pessoal, pois, como pesquisador, mantenho uma ligação histórica com as Pastorais da Juventude. Desde o ano de 1998 tenho atuado junto a estas pastorais, seja como assessor ou colaborador em várias funções de sua organização. De modo especial, tive atuação na Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), tema de minha dissertação de mestrado (PERONDI, 2008).

---

<sup>35</sup> As Pastorais da Juventude do Brasil (PJB) constituem uma articulação dos grupos de jovens que integram o Setor Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da Igreja Católica Apostólica Romana. É constituída por quatro pastorais: Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), Pastoral da Juventude Rural (PJR), Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e Pastoral da Juventude (PJ). As pastorais seguem os seguintes princípios: seguimento de Jesus Cristo, protagonismo juvenil, formação na ação, método ver-julgar-agir, opção preferencial pelos pobres. Nos grupos juvenis das pastorais se desenvolvem atividades que objetivam uma formação integral dos jovens, baseada nas seguintes dimensões: personalização, integração, sociopolítica, teológica e capacitação técnica. As Pastorais da Juventude se diferenciam de outras organizações de jovens da Igreja Católica denominadas como “movimentos” ou como “setores”. As diferenças se devem à sua metodologia, às suas opções teóricas e práticas, por sua concepção de espiritualidade, pela forma como os adultos participam da organização. (Texto adaptado de CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Cadernos de estudo da CNBB – nº 76. São Paulo: Paulus, 1998.).

A Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens é uma ação coordenada pelas Pastorais da Juventude do Brasil, articulada com diversas organizações, para levar a toda sociedade o debate sobre as diversas formas de violência contra a juventude, especialmente o extermínio de milhares de jovens que está acontecendo no Brasil. Com isso, ela objetiva avançar na conscientização e desencadear ações que possam mudar essa realidade de morte<sup>36</sup>.

De acordo com o site “Juventude em Marcha”, a campanha está sob a coordenação das Pastorais da Juventude, mas mantém parceria com outras entidades eclesiais e da sociedade civil<sup>37</sup> para a divulgação e a implementação das atividades previstas. Tem abrangência nacional, com a realização de atividades nacionais, regionais e locais.

Seu apelo retrata a violência enfrentada pelos jovens, principalmente em relação à sua morte e extermínio. O próprio título indica uma situação extrema de “extermínio” dos sujeitos jovens. De acordo com o artigo publicado no site da campanha

A política de extermínio é calculada. Trata-se de uma guerra implacável, diária, permanente, sem tréguas. Os números não enganam: são 50 mil mortes por ano, mais de 100 por dia, segundo dados oficiais, como resultado de tiroteios e confrontos violentos com a polícia. A ONU considera que um país está em guerra civil quando o número de mortos por violência atinge a cifra anual de 15 mil pessoas. (BRASIL DE FATO, 2008, p. 3).

Pelas reflexões propostas pela campanha, percebe-se que, neste caso, não se trata de uma violência simbólica ou moral, mas sim um extermínio deliberado de um número expressivo de jovens. Tal incidência seria uma infração dos direitos humanos, como sugerem Novaes e Vidal (2005).

Com o intuito de desenvolver ações que reduzam tais índices, as ações da campanha estão divididas em dois eixos (PJB-PASTORAIS DA JUVENTUDE DO BRASIL, 2010, p. 17):

---

<sup>36</sup> Baseado no site da campanha. Disponível em:

[http://www.juventudeemmarcha.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2&Itemid=37](http://www.juventudeemmarcha.org/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=37).

Acesso em 06/12/10.

<sup>37</sup> São apontadas como parceiras entidades tais como: Setor Juventude (CNBB), Comissão Brasileira de Justiça e Paz, Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (CRB), Conselho Nacional de Leigos, Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, Campanha Reaja ou será mort@, Associação de Familiares e Amigos de Presos da Bahia, Jornal Mundo Jovem e Via Campesina.

### *Eixo I: “Formação política e trabalho de base”*

Neste eixo a campanha desenvolve ações de conscientização e sensibilização quanto aos debates de segurança pública, sistema carcerário, direitos humanos e os tipos de violência. São apontadas propostas de organização de seminários estaduais, de discussão e planejamento da Campanha.

Para fomentar a formação e a divulgação foi criado um site<sup>38</sup>, que disponibiliza subsídios, informações e possibilita a interação entre as pessoas que desejam participar da campanha.

### *Eixo II: “Ações de massa e divulgação”*

Os organizadores desta campanha entendem que, além da formação, se fazem necessárias ações de mobilização dos jovens e das pessoas que apóiam o projeto, com a finalidade de chamar a atenção da sociedade para as realidades de violência e de extermínio de jovens. Entre as formas encontradas as que têm maior incentivo são as “marchas”, as passeatas e atos públicos.

De acordo com o Relatório do Seminário de Avaliação da Campanha (PJB, 2010), também estão previstas a realização das seguintes atividades: a 1ª Semana Nacional de Luta Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, a ser realizada na semana que antecede o Dia Nacional da Consciência Negra, no mês de novembro; a Marcha Nacional da Campanha, a ser realizada em julho de 2012, em Brasília.

A Campanha possui um material visual que orienta a realização de todas as atividades que são realizadas. O logotipo da campanha (ver figura 6) é um círculo de mãos espalmadas que representam a diversidade da juventude que sofre com a violência. Também representa o lema da campanha “Chega de violência e extermínio de jovens”.

---

<sup>38</sup> O endereço do site é [www.juventudeemmarcha.org](http://www.juventudeemmarcha.org)

Figura 6 – Logotipo da Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens.



Outro elemento visual é o cartaz (ver figura 7), que apresenta o título, o lema, os organizadores, os apoiadores e o site da campanha. Além destas informações ele contém na sua arte uma mão vermelha espalmada, simbolizando os jovens que foram vítimas da violência. No fundo do cartaz constam nomes (reais) de jovens que foram mortos, com suas idades e motivos de morte.

Figura 7 – Cartaz da Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens.



Destaca-se ainda que a campanha é coordenada por jovens representantes de cada uma das quatro Pastorais da Juventude, que coordenam o projeto em nível nacional e em nível estadual (como pode ser visualizado na figura 8). Mesmo que esta responsabilidade esteja a cargo dos jovens, alguns assessores adultos também acompanham as atividades que são realizadas, desempenhando, de modo especial, um acompanhamento metodológico do processo desenvolvido.

Figura 8 – Principais coordenadores do projeto, reunidos, em dezembro/2010, em Salvador para o Seminário de Avaliação da Campanha.



Para este estudo, optou-se por realizar a investigação com jovens que atuam nas atividades da campanha realizadas no Rio Grande do Sul<sup>39</sup>. Neste âmbito, o projeto teve o seu lançamento oficial na Assembleia Legislativa Estadual, no dia 14 de abril de 2010<sup>40</sup>.

A opção pela escolha dos quatro coletivos a partir das consignas apontadas por Novaes e Vidal (2005) para o desenvolvimento da pesquisa mostrou-se acertada, pois possibilitou o contato com diferentes experiências de participação juvenil, que extrapolam os lugares usuais de participação política, citados pelas mesmas. Nos quatro coletivos foi possível ter acesso às principais atividades realizadas, aos seus espaços de atuação, às suas reuniões ordinárias, que possibilitaram maior conhecimento dos grupos e de seus membros. Tal possibilidade contribuiu para a realização dos convites aos jovens que participaram da Equipe de Pesquisa e para o conhecimento dos demais jovens entrevistados por estes (conforme descrito no terceiro capítulo).

<sup>39</sup> No Rio Grande do Sul a campanha conta com um blog na internet para divulgação das atividades e de materiais relacionados ao projeto.

Disponível em: <http://www.juventudecontraviolencia.blogspot.com/>

<sup>40</sup> De acordo com o blog e o site da campanha, além do lançamento estadual, várias cidades gaúchas fizeram o lançamento municipal do projeto. Entre elas estão: Pelotas, Cachoeirinha, Marau e Caxias do Sul.

A partir da definição dos quatro coletivos escolhidos para a realização da pesquisa, na sequência passar-se-á ao enfoque da abordagem teórico-metodológica que foi adotada no desenvolvimento da investigação. Também serão destacadas as formas de aproximação e de inserção do pesquisador junto aos quatro grupos, apontando os caminhos percorridos à realização do estudo.

### 3 ATENÇÕES METODOLÓGICAS

Estou convencido de que o mundo contemporâneo necessita de uma sociologia da escuta. Não de um conhecimento frio, que para no âmbito das faculdades racionais, mas de um conhecimento que concebe a todos como sujeitos. Não um conhecimento que cria distância, separação entre observador e observado, mas de um conhecimento que consegue reconhecer as necessidades, as perguntas, as interrogações de quem observa, e também capaz de, ao mesmo tempo, pôr verdadeiramente em contato com os outros. (MELUCCI apud FISCHER & FOLLMANN, 2004, p. 9).

Tal referência aponta para uma necessidade premente no âmbito da pesquisa e da construção do conhecimento: a ênfase na escuta e numa relação mais próxima entre pesquisador e sujeitos da investigação. Essa necessidade emerge dos processos em que vivem as sociedades contemporâneas (MELUCCI, 2005).

Para Melucci (2005), esta visão supõe uma mudança epistemológica, pois o objetivo não é mais a explicação da realidade em si, mas a busca pela “explicação emergente e recorrente dos processos nos quais o conhecimento é produzido, através da troca dialógica entre observador e observado” (p. 34).

Charlot (2000) destaca que incumbe ao pesquisador “dar a palavra” àqueles que se envolveram nas situações e práticas em estudo, estando ciente, ao mesmo tempo, que ninguém é transparente a si próprio e que “dizer a sua prática” significa pô-la em palavras e, pois, interpretá-la, teorizá-la. Talvez aqui poder-se-ia fazer uma ressalva em relação à ideia do autor e dizer que cabe ao pesquisador “dar visibilidade à palavra” dos participantes, pois de algum modo os sujeitos “possuem a palavra” e o que lhes falta, em muitas ocasiões, é a oportunidade de expressão e escuta.

Semelhante perspectiva é referida por Bezerra e Takeuti (2009), quando afirmam que

Raras vezes os textos acadêmicos fornecem lugar importante às vozes, à escrita dos narradores (geralmente considerados “os entrevistados”). Mesmo quando Bourdieu abre em sua obra *A miséria do mundo* (1993), um “espaço dos pontos de vista para dar conta da realidade dos “lugares

“difíceis” da sociedade francesa, com a intenção de ampliar a visão de uma “pluralidade de perspectivas correspondentes a uma pluralidade de pontos de vista coexistentes e às vezes concorrentes” (p. 9-10), estamos, ainda diante de um modelo usual entrevistador-entrevistado, cuja sistematização dos relatos pessoais não se fazem senão a partir de uma lógica estranha à do próprio narrador. (p. 117).

O apontamento dos autores destaca o distanciamento entre entrevistador-entrevistado, que persiste em muitas pesquisas das áreas das Ciências Humanas, de caráter qualitativo, em que as vozes e as escritas dos sujeitos pesquisados adquirem pouca relevância nos processos de investigação. A reflexão sugere ainda que se faz necessário superar o modelo usual entrevistador/entrevistado a fim de poder perceber, a partir da lógica própria dos participantes, suas ideias e suas experiências.

Tal perspectiva é assumida como norteadora desta pesquisa com jovens, visando compreender, a partir de suas expressões, quais experiências vivenciam nos espaços de participação em que estão inseridos e quais significados atribuem às mesmas.

Esta proposta metodológica também se fundamenta em José Machado Pais (2003), quando o autor afirma: “Interessava-me explorar a forma como os jovens, eles próprios, viam as suas vidas em vez de os questionar através de preconcebidas ou estruturadas questões” (p.88). Trata-se, assim, de uma perspectiva que denota a importância de dar visibilidade às experiências dos jovens a partir das suas próprias narrativas e pontos de vista.

A intencionalidade nesta pesquisa foi iniciar a partir de uma metodologia que não fosse rígida a ponto de restringir a expressão dos jovens envolvidos, mas, outrossim, que possibilitasse a narrativa de suas experiências de participação social. Para tal, adotou-se a metodologia das “narrativas juvenis” como proposta principal de investigação nesta tese, a qual será abordada no tópico que segue.

### 3.1 NARRATIVAS E RELATOS JUVENIS

Tendo presente o horizonte teórico-metodológico acima delineado, realizou-se a definição da proposta investigativa. Esta tem como base as narrativas juvenis

compreendidas a partir de relatos de experiências dos jovens acerca dos coletivos em que estão engajados.

A proposta das narrativas juvenis tem inspiração no conjunto amplo das histórias de vida, do campo da sociologia compreensiva (KAUFMANN, 1996), das teorias microssociológicas e da etnometodologia (LAPASSADE, 1996). As problematizações que tem lugar no campo teórico-metodológico desta metodologia são fecundas para pensar nas questões das narrativas juvenis analisadas nesta tese. Embora o procedimento metodológico aqui adotado, a rigor, não possa ser caracterizado como histórias de vida, ele não perde de vista as suas problematizações, que também são pertinentes à nossa análise.

As histórias de vida têm origem na sociologia no início do século XX, com a Escola de Chicago e a sociologia de campo. A obra de referência é intitulada *O camponês polonês na Europa e na América*, de Thomas e Znaniecki, publicada em 1920. A pesquisa teve como centro de sua investigação os documentos autobiográficos de migrantes camponeses poloneses na sociedade norte-americana.

Na Europa, a abordagem das histórias de vida aparece posteriormente, nos anos 1970, com Daniel Bertaux, na França e com Franco Ferrarotti, na Itália. A partir dos anos 1980 esta abordagem de pesquisa ganha maior amplitude na área da sociologia, a partir das investigações de Gaston Pineau, no Canadá e na França. No âmbito epistemológico, esta prática provocou uma ruptura com a lógica predominante nas pesquisas de natureza quantitativa.

As histórias de vida remetem a práticas de enunciação, de reflexão e de elaboração dos acontecimentos e experiências que são vivenciadas pelos próprios sujeitos envolvidos. Atualmente, a prática se difundiu, além da Sociologia, para outras áreas das humanidades, entre elas a Educação. Também são variadas as formas metodológicas que se desdobram das histórias de vida e que enfocam especificamente como os sujeitos narram as suas vidas e experiências<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Como ilustração desta variabilidade de formas do método biográfico nas Ciências Sociais, Feixa (2006b) aponta dez modelos distintos: memória dos vencidos, crônicas de migrações, biograma, relato cruzado, novela, documentário, intercâmbio oral ritualizado, hagiografia contracultural, antibiografia, biografia dialógica. [tradução do autor]. Salvaguardando as diferenças metodológicas, o presente trabalho apresenta maior aproximação com a biografia dialógica. Nesta, os sujeitos narram suas experiências para o pesquisador, que, após, sistematizá-las retorna-as para os narradores, a partir de sua compreensão. De modo semelhante, buscou-se nesta investigação, discutir com os jovens da equipe de pesquisa, as suas narrativas e as dos demais participantes entrevistados por eles.

A forma específica adotada nesta tese é a das narrativas juvenis. De acordo com Souza e Uzêda (2009),

Narrar é poder expressar a forma como vemos e sentimos o mundo, até porque, nós, seres humanos, somos naturalmente contadores e personagens de histórias individuais/coletivas, e as narrativas podem ser entendidas como a maneira que experienciamos o mundo. A pesquisa com narrativas (auto)biográficas ajuda-nos a perceber a singularidade da vida, contudo a forma como a contamos não é linear ou a-histórica. Cada um de nós, ao longo de nossa existência, esteve/está imerso em papéis e lugares sociais carregados de significados, e, geralmente, a totalidade de uma experiência que é manifestada também vem marcada de sentidos que, por sua vez, potencializam-se como processo de (auto)formação. (p. 256).

A narrativa possibilita aos indivíduos expressarem a forma como experienciam o mundo e quais são os sentidos que atribuem às experiências realizadas. Apesar de narrarem experiências singulares, isso não significa que sejam apenas individuais, visto que cada indivíduo está imerso em papéis e lugares sociais que também marcam significativamente suas experiências. Outro aspecto a ressaltar é que a narrativa é realizada a partir de um contexto histórico, portanto, carrega consigo as marcas do tempo em que acontece.

Tal perspectiva é abordada nas problematizações dos relatos que os jovens fazem acerca de suas participações nos coletivos, numa busca compreensiva de como estas experiências marcam as suas vidas e se tornam elementos demarcadores de suas trajetórias.

Segundo Niewiadomski e Takeuti (2009),

Num plano paradigmático, as histórias de vida permitem relacionar dados empíricos, isto é, os “fatos” e as construções teóricas, de modo a compreender como os atores sociais produzem o social, ao mesmo tempo em que são por ele modelados. A articulação indivíduo-coletivo se dá na medida em que ela permite acessar uma realidade biográfica que ultrapassa o narrador, mas que o produz como sujeito social. Assim, compreender como a subjetividade dos atores sociais se objetiva nos atos permite formular hipóteses sociológicas relativas às comunidades relacionais a que eles pertencem, ou seja, a maneira como elas se organizam, para além mesmo da singularidade das trajetórias. (2009, p. 19).

O apontamento dos autores reforça a ideia de que as narrativas produzem dados empíricos que vão além da experiência individual dos narradores. Ultrapassam o indivíduo e o produzem como sujeito social, que não evoca apenas sua história de vida, mas também características e influências do seu contexto de

origem. Niewiadomski e Takeuti (2009) destacam ainda que as narrativas “podem, efetivamente, dar conta da realidade vivida de um mundo social ou de uma categoria de situação e permitem coletar dados que jamais poderiam ser identificados por enquete via questionários” (p. 15).

Esta é a perspectiva adotada nesta pesquisa, que buscou investigar o modo como os próprios jovens narram suas experiências de participação social e os significados que atribuem a esta participação. Cabe ressaltar que tais narrativas são concebidas como diferentes daquelas que são denominadas “narrativas de si”<sup>42</sup>, que abordam a escrita da intimidade, muito presente nas sociedades pós-industriais. (NIEWIADOMSKI; TAKEUTI, 2009).

A partir desta explicitação, optou-se pelos relatos como o modo para que os jovens pudessem narrar suas experiências acerca dos coletivos dos quais participam. As narrativas juvenis correspondem à metodologia adotada, enquanto os relatos são a forma prática (instrumento de pesquisa) para a investigação junto aos jovens.

Ao trabalhar com os relatos, o pesquisador “se preocupa em obter informações pertinentes no campo social estudado, para compor com um objeto de fala, isto é, um sujeito preso na trama da linguagem e que expõe dados de sua própria experiência” (NIEWIADOMSKI; TAKEUTI, 2009, p. 15).

A partir do relato dos jovens que integraram esta investigação, o que interessou foi o sentido que eles atribuem àquilo que narram acerca das experiências de participação social que eles próprios têm nos grupos em que atuam. Nesta perspectiva, compreendem-se os jovens não como meros “locatários do seu próprio saber-fazer”, mas como “proprietários” do seu “saber fazer”, conforme afirma Certeau (2008, p. 141-142) em sua crítica aos “relatos do não sabido”. Esta referência inscreve os jovens como autores e como detentores de saberes e experiências que conferem sentidos que podem ser expressos através de seus relatos.

Compreendidos desse modo, a partir da inspiração em Certeau (2008), as narrativas dos jovens

---

<sup>42</sup> Um dos eventos científicos privilegiados que discute esta temática e outras formas de pesquisa (auto)biográfica é o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – CIPA. O evento contabiliza cinco edições: Porto Alegre (2004; 2012), Salvador (2006), Natal (2008) e São Paulo (2010), Porto Alegre (2012). Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/cipa/?p=historico>. Acesso em 07/12/12.

Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um “saber-dizer” exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber, mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria. Então se poderiam compreender as alternâncias e cumplicidades, as homologias de procedimentos e as imbricações sociais que ligam as “artes de dizer” às “artes de fazer”: as mesmas práticas se produziram ora num campo verbal ora num campo gestual; elas jogariam de um ao outro, igualmente táticas e sutis cá e lá; fariam um troca entre si... (p. 153).

Nesta referência, embora o autor aborde outro gênero de pesquisa, ligado às práticas cotidianas, ele nos inspira a pensar nas narrativas dos jovens a partir de uma propriedade específica, como sujeitos que têm conhecimentos, sem que haja a necessidade de um saber científico anterior que lhes conferisse autenticidade.

Para Certeau (2008) “o discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma *arte* do dizer (...) O relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz” (p. 154). Tais afirmações do autor instigam pensar os relatos não como meramente descritivos de uma realidade vivida ou de um movimento acontecido, mas compondo uma “arte de dizer” que produz os próprios sujeitos que narram.

Tal compreensão possibilitou perceber, por meio das narrativas, sentidos demarcadores que os jovens relatam a partir de suas experiências de participação nos coletivos em que estão inseridos. Na sequência serão apontadas as opções metodológicas realizadas para a produção das narrativas dos participantes da pesquisa.

### 3.2 OPÇÕES METODOLÓGICAS

A partir dos delineamentos teórico-metodológicos, a pesquisa foi organizada em cinco fases: a) Definição dos coletivos a partir das consignas; b) Formação de uma equipe de jovens que contribuiriam com a pesquisa; c) Realização do Curso de formação “Juventude, participação social e narrativas juvenis”, d) Coleta das narrativas dos jovens sobre suas experiências de participação; e) Discussão dos

dados da pesquisa. Na sequência serão abordados os principais aspectos relativos a cada uma dessas fases.

### **3.2.1 Definição dos coletivos a partir das consignas**

Conforme já explorado anteriormente, a definição dos coletivos participantes da investigação baseou-se nas quatro consignas mobilizadoras de participação juvenil, referidas por Novaes e Vidal (2005). A partir destas consignas, o primeiro procedimento metodológico consistiu na busca por definir quais seriam os grupos para a pesquisa.

Procurou-se por grupos localizados na cidade de Porto Alegre com o objetivo de facilitar a investigação e acesso aos mesmos, pois como são quatro experiências, as mesmas demandaram a dedicação de tempos significativos para a visitação e a participação em tais atividades dos grupos. Em alguns casos, já havia conhecimento dos coletivos e em outros, foi necessário fazer uma aproximação, pois os mesmos eram desconhecidos.

A partir da escolha e da aproximação dos grupos, o passo seguinte foi a constituição de uma Equipe de Pesquisa, com integrantes das quatro experiências, que foram convidados a participarem de um curso de formação e, posteriormente, a contribuir diretamente na investigação, conforme será relatado na sequência.

### **3.2.2 Formação da equipe de jovens que contribuiriam com a pesquisa**

Buscando superar o modelo de pesquisa baseado na lógica entrevistador-entrevistado, neste estudo optou-se pela participação de jovens no processo de investigação junto aos coletivos juvenis selecionados. A inspiração deste procedimento está baseada na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada pelo Instituto da Cidadania, no ano de 2003 (ABRAMO; BRANCO, 2005). Esta teve a participação de jovens entrevistando outros jovens, colaborando com a coleta de dados. Este procedimento compreende que o jovem, por ser coetâneo dos demais

sujeitos da pesquisa, apresenta maior facilidade de interação com os mesmos, contribuindo com a construção dos dados da pesquisa.

A partir desta inspiração foi organizada uma equipe de jovens que pudessem contribuir no desenvolvimento do estudo. Foram convidados dois representantes de cada uma das quatro organizações envolvidas nesta investigação (InGá, Afro Sul/Odomodê, Zumbi dos Palmares e Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens), constituindo uma equipe de oito jovens<sup>43</sup>.

A realização do convite aos participantes e a definição final dos participantes aconteceu após a interação do pesquisador junto aos quatro coletivos escolhidos, num período de aproximadamente cinco meses. Este tempo foi necessário para maior conhecimento dos grupos e principalmente dos jovens participantes, objetivando convidar representantes que pudessem atender aos critérios da investigação. Neste período foi possível visitar as sedes dos grupos, participar de reuniões, se fazer presente em atividades desenvolvidas e interagir com seus participantes. Em cada um dos grupos a aproximação e a definição aconteceram de maneira diferente, de acordo com as características e peculiaridades próprias dos mesmos, conforme as descrições que seguem:

#### a) Instituto InGá

Conforme já referido, na atualidade da emergência da temática ambiental e ecológica, relativa à primeira Consigna<sup>44</sup>, decorre a constituição de um expressivo número de grupos ligados às mesmas. Entre estes, figuram os grupos ecológicos nas escolas, grupos de voluntariado juvenil, grupos ligados ao movimento ambiental, etc. Para a realização da pesquisa, buscou-se desde o início um coletivo que tivesse, além de atuações pontuais no âmbito da área ambiental, também uma atuação política e, se possível, alguma ligação com o movimento ambientalista e/ou com os movimentos sociais.

---

<sup>43</sup> Ao final a equipe ficou com nove participantes, pois o Instituto Cultural Afro Sul/Odomodê teve três participantes, embora, uma das participantes não tenha realizado as entrevistas, relativas ao seu grupo.

<sup>44</sup> Conforme a primeira Consigna, apresentada no capítulo 2.

A partir da indicação de amigos que participam de movimentos sociais, foi nos sugerido o Instituto Biofilia<sup>45</sup>, por sua atuação junto ao movimento ambientalista e pelo seu ativismo ecológico. Marcou-se uma reunião com um dos coordenadores, que falou do grupo, de suas características e atuações. Na sequência, foi explicada a proposta de investigação que se pretendia desenvolver junto aos jovens. A partir do conhecimento da proposta, o integrante do grupo nos alertou que o perfil dos participantes de seu coletivo não era mais tão jovem, e que isso dificultaria a pesquisa. Por isso, indicou o InGá, referindo que nesta ONG, a maior parte dos integrantes eram jovens e isso poderia facilitar o processo.

De posse das referências recebidas, estabelecemos contato com o InGá, agendando uma visita para conhecer o local (o Casarão e o Casarinho referidos no capítulo dois). Foi possível conhecer a proposta e o perfil dos participantes, chegando-se à conclusão de que seria possível realizar a pesquisa com o grupo. A partir do primeiro contato, enviou-se uma solicitação formal ao grupo, a qual foi aprovada em reunião da coordenação do InGá.

A partir do aceite, passamos a acompanhar diversas atividades do grupo, com o objetivo de conhecer melhor a proposta e também seus integrantes, visando escolher dois deles para participação na pesquisa. Entre as principais atividades destacam-se: reuniões quinzenais (abertas aos interessados e colaboradores), Feirinha Agroecológica (aos sábados pela manhã, no Brique da Redenção<sup>46</sup>), Festa da Biodiversidade e encontros do projeto Conservação em Foco. O contato com os participantes nestas atividades possibilitou maior conhecimento de seus integrantes e o posterior convite aos dois jovens que participaram do Curso de formação.

---

<sup>45</sup> O Instituto Biofilia é uma ONG de caráter ambiental, que integra a Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul (APEDEMA/RS) e atua junto com outras entidades por uma sociedade ecologicamente sustentável.

<sup>46</sup> O Brique da Redenção é uma feira tradicional da cidade de Porto Alegre que acontece aos sábados e domingos, próximo ao Parque Farroupilha. Os expositores do Brique da Redenção estão divididos em quatro segmentos: artesanato (182), artes plásticas (40), alimentação (8) e antiquário (66). Nos sábados pela manhã acontece a Feira de Agricultores Agroecologistas, que privilegia a comercialização de legumes e frutas que não contém agrotóxicos. Nesta feira, uma vez por mês, o InGá organiza um stand, onde apresenta suas propostas, distribui material informativo sobre projetos ambientalistas e disponibiliza mudas de PANCS (Plantas Alimentícias Não-Convencionais) para os visitantes da feira. Mais informações: [www.briquedaredencao.com.br](http://www.briquedaredencao.com.br). Acesso em: 25/09/12.

## b) Cursinho Pré-vestibular Zumbi dos Palmares

Com a delimitação da pesquisa por um grupo que tivesse atuação na área da educação<sup>47</sup>, acreditamos que a experiência de um pré-vestibular popular poderia vir a ser um espaço paradigmático para investigar a participação de jovens. Tínhamos conhecimento da existência do Zumbi dos Palmares (inclusive porque durante certo período ele funcionou na Faculdade de Educação da Ufrgs). Buscamos contato com uma das fundadoras e coordenadoras do grupo (Enilza Garcia), apresentando a proposta e solicitando permissão para a realização da pesquisa.

Após a confirmação dessa possibilidade, passamos a frequentar a sede do cursinho, acompanhando diversas atividades realizadas, entre as quais destacam-se: reuniões de professores e coordenadores do cursinho, aulas periódicas de preparação para o vestibular, aulas extras aos sábados, momentos de confraternização entre professores e alunos e no I Encontro de Educadores do cursinho<sup>48</sup>.

Inicialmente, a ideia era realizar a pesquisa com jovens estudantes do cursinho. Contudo, ao acompanhar as atividades do grupo e as aulas, surpreendunos a quantidade de professores jovens atuando na docência (aproximadamente 50% dos docentes eram jovens). Vários deles eram ex-alunos do cursinho e ainda não haviam concluído sua graduação.

Esta constatação pareceu-nos algo tão singular e com um grande potencial de investigação que acabamos por mudar o foco dos participantes da investigação. Ao invés de convidar os estudantes, optamos por escolher os jovens docentes, por acreditar que os mesmos poderiam relatar experiências significativas sobre os sentidos de sua participação naquele coletivo. E desse modo procedemos, convidando dois jovens professores a realizarem o curso sobre participação e integrarem a equipe da pesquisa.

---

<sup>47</sup> Conforme a segunda Consiga, apresentada no capítulo 2.

<sup>48</sup> Encontro realizado no dia 06/08/11, na sede do curso, em Viamão. Nesta ocasião os educadores do cursinho apresentaram relatos de experiência de suas práticas em sala de aula. Também apresentei a proposta da pesquisa, refletindo sobre a presença dos jovens professores do curso. O Vídeo e o áudio da apresentação estão disponíveis em:

<http://zumbidospalmares-cp.blogspot.com.br/2011/09/participacao-dos-professores-jovens-do.html>.

Acesso em 15/08/12.

### c) Instituto Afro Sul/Odomodê

Assim como os grupos anteriores, não tínhamos muito conhecimento da experiência desse grupo. Sabíamos de sua existência e do trabalho que realiza, na área da cultura afro<sup>49</sup>, no entanto, necessitávamos de maior aproximação e conhecimento. Após contato com uma das fundadoras e coordenadoras do grupo (Iara Deodoro), obtivemos permissão para a realização da pesquisa.

A principal forma de contato aconteceu através do acompanhamento semanal dos ensaios de dança, realizados aos sábados pelo grupo. Durante várias semanas foi possível perceber como aconteciam as relações entre os participantes do grupo e seus coordenadores. Durante os ensaios ficou visível a participação ativa de vários integrantes que contam com mais tempo de participação. Eles tomavam a iniciativa de coordenar as atividades, desde o aquecimento e o alongamento inicial até a execução de coreografias e dos ritmos que estavam sendo executados. Na ocasião, o grupo preparava uma coreografia para um espetáculo “O negro e o Rio Grande do Sul: a religião espiritual entre dois mundos”, que viria a ser apresentado em várias ocasiões ao longo de 2011 e 2012<sup>50</sup>.

Antes e depois dos ensaios era possível conversar com os participantes, principalmente no intuito de conhecê-los melhor para, posteriormente, poder fazer o convite para os que fossem compor a equipe da pesquisa.

### d) Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens

Por experiência pessoal, este grupo era o que mais tínhamos contato. Para facilitar o acesso aos participantes da Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens<sup>51</sup>, desenvolvida pelas Pastorais da Juventude do Brasil, em âmbito nacional, foi definido como foco o Regional Sul III da Conferência Nacional

---

<sup>49</sup> Relativa a terceira Consigna, apresentada no capítulo 2.

<sup>50</sup> Entre as apresentações realizadas pelo grupo pode apontar: no Teatro Renascença, de Porto Alegre (maio/2012); no IV Festival Internacional do Folclore de Porto Alegre (agosto/2012); na comemoração dos 20 anos do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS (dezembro/2012).

<sup>51</sup> Relativa à quarta Consigna, apresentada no capítulo 2.

dos Bispos do Brasil (CNBB), que na organização da Igreja Católica corresponde ao Estado do Rio Grande do Sul.

A coordenação da Campanha do Regional Sul III dispõe de uma sala na sede da CNBB, em Porto Alegre, onde reúnem-se, periodicamente, jovens coordenadores da atividade. Inicialmente, foi marcada uma reunião com a chamada “Equipe Estadual de Coordenação da Campanha”, em que foi apresentada a proposta da pesquisa e se solicitou a permissão para o desenvolvimento da mesma. Após a aprovação, foi possível acompanhar reuniões que aconteceram naquele espaço, tanto com os jovens da Coordenação Estadual, como também com jovens coordenadores em outras cidades do estado.

Também foi possível participar do Lançamento Estadual da Campanha, realizado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (em abril de 2011), que contou com a participação de jovens das Pastorais da Juventude de várias cidades gaúchas.

A partir dessas aproximações, foram convidadas duas jovens para o curso de formação e da equipe de pesquisa. Neste caso, como havia jovens de várias cidades gaúchas, foi convidada uma participante de Porto Alegre e outra de Caxias do Sul<sup>52</sup>.

Após os contatos e o acompanhamento das atividades nos quatro coletivos, foram convidados dois jovens de cada um deles para participarem da pesquisa. Foram adotados os seguintes critérios para a escolha dos participantes:

- a) mínimo de um ano de participação;
- b) possibilidade de participação em tempo integral do curso de formação e comprometimento em realizar entrevistas com outros dois jovens do seu coletivo;
- c) representatividade de gênero<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> A escolha por uma jovem de Caxias do Sul seguiu os seguintes critérios: uma maior representatividade regional, visto que este coletivo tem ações em várias cidades do estado; a jovem estava na coordenação da Campanha em nível estadual; a jovem demonstrava grande potencial para participação na pesquisa, tendo em vista a problemática da tese. Esta escolha demonstrou ter sido acertada pela expressiva contribuição da jovem no grupo de pesquisa. Outro fator que demonstra seu potencial de participação pode ser verificado posteriormente através de sua indicação e eleição para assumir uma das vagas do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), no ano de 2012.

<sup>53</sup> Feixa (2006) destaca que, historicamente, a maior parte dos estudos sobre juventude privilegiaram os jovens do sexo masculino. Por isso, aqui, a ideia foi fazer a pesquisa tendo em vista a representatividade de gênero, visando garantir uma presença equilibrada.

A composição da equipe de jovens ficou tal como é possível visualizar no quadro 2. A idade dos participantes variou de 21 a 31 anos e o tempo de participação foi de no mínimo 2 e máximo 17 anos<sup>54</sup>. O critério da representatividade de gênero não foi plenamente atendido, pois configurou-se um número maior de participantes do sexo feminino<sup>55</sup>.

Quadro 2 – Jovens da equipe de pesquisa e do curso de formação

<b>Nome<sup>56</sup></b>	<b>Idade</b>	<b>Formação<sup>57</sup></b>	<b>Coletivo</b>	<b>Tempo de participação</b>
Leticia	31	Pedagogia	Afro Sul/Odomodê	5 anos
Talita	23	Educação Física	Afro Sul/Odomodê	17 anos
Giovana	23	Jornalismo	Afro Sul/Odomodê	10 anos
Poliana	21	História	Campanha/Violência	4 anos
Priscila	22	Pedagogia	Campanha/Violência	4 anos
Fabício	22	Pedagogia	InGá	2 anos
Fernando	25	Direito	InGá	6 anos
Igor	23	Ciências Sociais	Zumbi	4 anos
Nicole	22	História	Zumbi	2 anos

A confirmação dos jovens aconteceu através de contato pessoal com o pesquisador, ato em que foram explicitados os objetivos da investigação, foi realizado o convite para integrarem a equipe de pesquisa e para participarem do Curso de Formação. Nesta mesma ocasião foi-lhes solicitado o preenchimento de uma ficha de inscrição (APÊNDICE A) e a assinatura de um termo de consentimento informado (APÊNDICE B). Também foi entregue uma carta com informações detalhadas sobre a formação, tais como: local, datas, horários, etc (APÊNDICE C). O passo seguinte da pesquisa foi o desenvolvimento do curso.

Os participantes não se conheciam entre si, a não ser os jovens dos mesmos coletivos. Poucos jovens conheciam os demais grupos e ainda assim, apenas de ouvir falar, mas sem ter qualquer tipo de contato.

<sup>54</sup> A jovem que está a dezessete anos no grupo iniciou a participar quando tinha seis anos, pelo fato de a família já participava daquele coletivo.

<sup>55</sup> Este não foi um aspecto que comprometeu o critério, visto que o mesmo buscava justamente garantir uma participação equilibrada, incluindo membros do sexo feminino, e que acabaram sendo maioria.

<sup>56</sup> Os nomes dos participantes foram substituídos por pseudônimos para preservar a identidade dos jovens.

<sup>57</sup> Coincidentemente, todos os integrantes da equipe de pesquisa são universitários, apesar de que este não era um critério prévio para que os jovens fossem incorporados na mesma.

### 3.2.3 Curso de formação “Juventude, participação social e narrativas juvenis”

Depois de constituído a equipe para a pesquisa, os jovens foram convidados a participarem de um curso de formação, com o objetivo de discutir a temática da juventude e participação social, bem como para lhes fornecer subsídios teórico-metodológicos à realização da pesquisa de campo. O curso intitulou-se “Juventude, participação social e narrativas juvenis”.

O curso teve caráter de extensão, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com duração de 24h. Foi realizado nas dependências da Faculdade de Educação da Universidade, aos sábados pela manhã. Para o desenvolvimento das temáticas e o acompanhamento teórico foi elaborado um polígrafo de apoio que foi entregue encadernado para todos os participantes<sup>58</sup> (APÊNDICE EXTRA<sup>59</sup>).

O curso foi organizado em três eixos principais:

**a) Conceito de juventude:** neste eixo foram realizadas problematizações acerca do que é ser jovem hoje, da condição e situação juvenil no Brasil contemporâneo e sobre as culturas juvenis. Para tal foi desenvolvida uma dinâmica com o uso de imagens intitulada “Juventudes: uma palavra, muitos sentidos”. Nesta, os participantes deveriam escolher imagens e frase sobre jovens e falar de sua identificação e os significados de ser jovem atualmente (a compilação de imagens e de frases está no APÊNDICE EXTRA).

**b) Juventude e participação social:** neste tópico foram abordados os conceitos e formas de participação, realizadas discussões sobre cidadania, protagonismo juvenil, participação política e características dos novos movimentos sociais na contemporaneidade. Os participantes também tiveram oportunidade de dar a conhecer aos demais colegas um pouco da experiência do coletivo do qual fazem parte, através de uma apresentação preparada previamente. Também foram utilizados os conceitos e textos de apoio sobre juventude e participação social do nosso projeto de tese (os mesmos se encontram no APÊNDICE EXTRA).

---

<sup>58</sup> As informações detalhadas sobre o curso, tais como: objetivo geral, objetivos específicos, conteúdos desenvolvidos, resumo, justificativa, programação detalhada, materiais utilizados (imagens e cartazes), textos de apoio, etc., podem ser visualizados no APÊNDICE EXTRA.

<sup>59</sup> O polígrafo entregue aos participantes foi classificado como “Apêndice Extra” devido à sua extensão e é o último na relação dos apêndices.

**c) Metodologia de pesquisa:** nesta parte foram trabalhadas as diferenças de métodos de pesquisa, as narrativas juvenis como metodologia e também foi realizada a capacitação para a pesquisa com outros jovens do seu coletivo. Este foi um momento definidor para a pesquisa, visto que, a metodologia adotada previa que os jovens da equipe compreendessem bem a proposta e o problema central da tese, a fim de poderem manter o foco junto aos demais jovens a serem entrevistados posteriormente. Nesta parte do curso também foi construído, de forma coletiva, um instrumento para a coleta das narrativas dos jovens participantes nos projetos envolvidos na pesquisa (APÊNDICE D). A ideia está baseada na crença de que os jovens podem contribuir com sugestões significativas para o aperfeiçoamento do instrumento de coleta de dados, visto que são coetâneos dos participantes da pesquisa e, portanto, teriam dicas importantes sobre a melhor forma de abordá-los durante a investigação.

### **3.2.4 Coleta das narrativas dos jovens sobre suas experiências de participação**

Após a realização dos quatro primeiros encontros do curso de formação, cada um dos membros da equipe de pesquisa realizou as entrevistas com outros dois jovens participantes dos coletivos que integravam. Para a realização das entrevistas foram dadas orientações sobre os procedimentos a serem observados durante as mesmas (ver APÊNDICE E). Para este procedimento, seriam necessários gravadores de áudio para gravar as narrativas dos jovens. Para tal, já tínhamos previsto um número mínimo de gravadores para empréstimo aos participantes, caso fosse necessário. Surpreendentemente, não foi preciso, pois quase todos eles tinham gravadores (no celular ou no mp3) e os que não possuíam, acabaram por emprestar aos outros.

As entrevistas, em sua maioria, foram gravadas em pen-drive e repassadas ao pesquisador no último encontro do curso de formação. As demais foram entregues pessoalmente em outros momentos, pois houve o caso de participantes que não conseguiram realizar todas as entrevistas antes do término do curso.

O panorama geral dos participantes da pesquisa pode ser visualizado no quadro 3, somando um total de vinte entrevistas, entre jovens da equipe de pesquisa

e outros jovens participantes. Os jovens dos coletivos InGá e Campanha contra a Violência realizaram as seis entrevistas previstas. Os jovens do Zumbi dos Palmares realizaram cinco e os do Afro Sul/Odomodê realizaram três. A formação dos jovens aponta maior incidência nas áreas das Ciências Humanas e o tempo de participação variou de um ano e meio até dezessete anos.

O tempo, relativamente extenso, de participação nos coletivos foi um ponto salutar, pois, deste modo foi possível perceber uma riqueza de detalhes nas narrativas dos jovens, o que possibilitou compreender os sentidos que as experiências trouxeram para as suas trajetórias de vida.

Quadro 3 – Lista geral dos participantes da pesquisa<sup>60</sup>

<b>Nome<sup>61</sup></b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Coletivo</b>	<b>Tempo de participação</b>
Letícia	31	Pedagogia	Afro Sul/Odomodê	5 anos
Talita	23	Educação Física	Afro Sul/Odomodê	17 anos
Tania	24	Pedagogia	Afro Sul/Odomodê	
Giovani	24	Engenharia Elétrica	Campanha/Violência	9 anos
Marlon	26	Ensino Médio	Campanha/Violência	5 anos
Poliana	21	História	Campanha/Violência	7 anos
Roger	24	Ciências Sociais	Campanha/Violência	6 anos
Ágata	22	Letras	Campanha/Violência	6 anos
Ulisses	21	Letras	Campanha/Violência	4 anos
Erica	23	Ensino Médio	InGá	1,5 anos
Fabrcício	22	Pedagogia	InGá	2 anos
Fernando	26	Direito	InGá	6 anos
Miguel	29	Educação Física	InGá	7 anos
Paloma	28	Jornalismo	InGá	2,5 anos
Vinicius	29	Filosofia	InGá	6 anos
Bibiana	24	Letras	Zumbi	3 anos
Igor	24	Ciências Sociais	Zumbi	4 anos
Marcio	29	Matemática	Zumbi	10 anos
Nicole	22	História	Zumbi	2 anos
Nicolas	28	Física	Zumbi	1,5 anos

Do total dos vinte entrevistados, só não tivemos oportunidade de conhecer pessoalmente três jovens. Quanto aos demais, foi possível conhecê-los através da participação em atividades realizadas pelos coletivos e das visitas efetuadas em suas sedes de atuação.

<sup>60</sup> Nesta lista estão incluídos os jovens da equipe da pesquisa e os demais que foram entrevistados por eles. Não constam duas jovens: uma que participou do curso, mas não fez nenhuma entrevista; outra, que participou do curso e fez três entrevistas, mas não fez o seu relato.

<sup>61</sup> Os nomes dos participantes foram substituídos por pseudônimos para preservar a identidade dos jovens.

### 3.2.5 Discussão dos dados da pesquisa e avaliação do processo realizado

A última fase do curso e da participação da equipe de pesquisa foi a discussão prévia dos dados levantados a partir das narrativas juvenis que foram obtidas. Os dados resultantes das narrativas foram analisados a partir das discussões teóricas realizadas durante o curso. Também neste momento foi realizada uma avaliação sobre o processo pessoal e coletivo no curso de formação e na realização das entrevistas.

A metodologia da pesquisa procurou priorizar que os jovens integrantes da equipe fossem participantes ativos durante todas as fases do processo de investigação: preparação, coleta de dados e discussão inicial acerca dos achados. Desta forma, os jovens não se constituíram como meros objetos de estudo, que facilitaram a construção dos dados, mas foram sujeitos ativos da pesquisa, desenvolveram aprendizagens de um processo de investigação científica, além de contribuírem com suas ideias e posicionamentos.

Uma preocupação que esteve presente durante todo o processo foi a de procurar trabalhar, de modo insistente, o foco central do problema de investigação com a equipe. Muito do resultado qualitativo das entrevistas dependia desta clareza. Em vista disso, durante o curso, retomamos diversas vezes o problema central, procurando destacá-lo, para que as narrativas dos jovens fossem pertinentes ao estudo que estava sendo empreendido.

Para que este foco ficasse claro para os membros da equipe, o primeiro exercício de entrevista que realizaram foi com os próprios colegas do curso, em que eles puderam experienciar aquilo que havia sido estudado e acordado. O diálogo estabelecido no final de uma das entrevistas reflete a experiência de duas participantes:

Letícia – Ah, que legal, adorei entrevistar a Talita, minha amiga. Quantas coisas legais lembramos!

Talita – Então tá Letícia, foi bem produtiva essa nossa conversa. Um abraço.  
(Letícia e Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

O exemplo é paradigmático para perceber a satisfação da jovem ao realizar a entrevista com a sua colega de grupo. Sua primeira referência é quanto ao processo

da entrevista, que foi uma competência trabalhada durante o curso de capacitação. No ato seguinte, expressa sua satisfação de relembrar momentos marcantes de trajetórias que trilharam juntas naquele coletivo. Por sua vez, a jovem entrevistada concorda que a entrevista foi produtiva. Caso a metodologia adotada não proporcionasse este exercício ativo para os jovens, um exemplo como este não ocorreria num processo investigativo. Fato este que nos faz concordar com Bezerra e Takeuti (2009) quando afirmam a necessidade de superar o modelo investigativo baseado tão somente na relação entrevistador (pesquisador)/entrevistado.

Outro exemplo emblemático para perceber como os jovens da pesquisa conseguiram manter o foco da problemática da tese é o modo como um dos participantes guiou as questões ao realizar uma entrevista com outro jovem de seu grupo:

Fernando – Partindo deste gancho da tua atuação na coordenação, digamos descentrando um pouco da narrativa até aqui de focar no grupo, trazendo um pouco mais do sentido desta experiência pra ti: qual tu acha que é o teu papel no grupo e o papel do grupo pra ti?

Nesta entrevista, o jovem Fernando percebe que o seu entrevistado estava direcionando suas respostas para as questões grupais e para a função de coordenação que o mesmo havia desempenhado naquele coletivo. Como a problemática central a ser abordada não era o grupo, mas a experiência pessoal do jovem naquele espaço, o entrevistador retoma o relato de seu entrevistado e redireciona a pergunta, de modo a manter o foco da narrativa. Tal procedimento sugere que o jovem integrante da equipe de pesquisa compreendeu a proposta da investigação e habilmente manteve o direcionamento previsto no roteiro das questões.

A experiência de fazer uma entrevista com outros integrantes do seu grupo constituiu-se como uma novidade para os participantes, que se dispuseram a realizar este exercício de descoberta e de desafio pessoal diante da proposta que lhes foi lançada. Uma das jovens assim se expressa acerca de sua experiência de entrevistar outros membros do seu coletivo:

A história de vida de cada é a micro história de uma história maior, e assim deve ser recontada, rememorada. Ao escutar a história de vida dos membros da Pastoral da Juventude, recordei de diversas outras histórias de vidas, pois elas se cruzam entre si. Além de ter percebido o quanto a atuação dentro de uma organização social tem um poder muito

grande de transformar a vida das pessoas. Também foi muito bom perceber que minha história de vida se cruza e faz parte também da história da organização do qual participo (Poliana, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

A jovem Poliana enfatiza que o exercício de escuta das narrativas de outros jovens do seu grupo lhe permitiu traçar paralelos entre elas e também com o próprio coletivo em que participam. Ela afirma também que percebe o cruzamento de sua trajetória pessoal com o grupo do qual participa. Este processo pode ser associado àquilo que Thomson (1997) destaca ao afirmar que:

A nossa identidade é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com a nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos ou para outras pessoas, no convívio social. O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. (p. 57).

Sua reflexão enfatiza a produção da identidade pessoal que acontece através do processo de narrar-se a si mesmo e da interação com outras pessoas do seu convívio. Essa lógica é que subsidiou a proposta metodológica deste trabalho, em que os participantes pudessem narrar as suas experiências de participação em determinados grupos e, a partir destas, enunciarem os sentidos produzidos para as suas vidas.

Tal processo também pode ser observado no relato de outra jovem, quando afirma:

Eu agradeço a oportunidade de ter percebido várias coisas através dessa entrevista, que me fez pensar no grupo, em mim, que eu não tinha pensado ainda. Obrigada. ( Érica, Instituto InGá).

De modo espontâneo, ao final de sua entrevista a jovem expressa gratidão pela oportunidade de participar, destacando que o processo narrativo oportunizou pensar em aspectos sobre si e sobre o seu coletivo, que ainda não haviam sido pensados. O modo de narrar proporcionado por esta proposta de investigação procurou enfatizar exatamente este exercício pessoal de pensar sobre si e sobre o grupo e, a partir deste, narrar os sentidos de participação resultantes do mesmo.

Esta reflexão apoia-se em Errante (2000, p. 164), quando a autora afirma que “o modo que rememoramos se torna uma apresentação do eu e/ou de grupos com

os quais nos identificamos”. Neste trabalho o modo de narração procurou privilegiar a participação dos próprios jovens, entrevistando outros membros do grupo, num exercício constante de produção de suas identidades e de enunciação dos significados que a experiência teve para suas trajetórias.

Ao avaliar a participação no curso e no processo da pesquisa um dos jovens destacou:

A participação no curso nos encontros realizados na UFRGS foi mais surpreendente do que qualquer outra adjetivação. Isso porque as discussões e trocas de ideias em grupo foi inesperada no sentido de presenciar jovens de práticas tão distintas, mas com algumas percepções muito semelhantes, o que aproxima os participantes. Em muitas ocasiões, as dinâmicas de grupo são interessantes justamente por permitirem – se a pessoa está disposta – um certo abalo (positivo) nas convicções de cada um, aproximando-os ainda mais, o que pode ser muito produtivo na busca por reciprocidade e respeito a pontos de vista diferentes em outros aspectos. (Fernando, Instituto InGá).

Em sua avaliação, o jovem destaca uma surpresa positiva com a possibilidade de trocar ideias e discutir as experiências de jovens, que pareciam ser tão diferentes e que, na sua percepção são muito semelhantes. Enfatiza, ainda, certo “abalo positivo”, que pode supor um questionamento acerca de suas próprias concepções a respeito de outros grupos, com outras práticas. Sua reflexão sugere a existência da necessidade de interação entre grupos diferentes, mas que, geralmente se sentem privados de espaços de interação, onde possam realizar partilhar e discussões.

Outra jovem aponta para a importância da Universidade abrir espaços à realização de experiências como esta. Em suas palavras:

Infelizmente, no curso da minha graduação [em outra universidade] a temática de Juventude é pouquíssimo debatida. Se é debatida ainda com poucas informações e leituras. Ter participado do curso da UFRGS possibilitou a reflexão em espaço universitário e junto de movimentos que trabalham e vivem diretamente pela e com a juventude. Além do debate, a universidade abriu portas para aqueles que atuam junto da juventude, abriu as portas pra sociedade civil organizada. (Poliana, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em sua avaliação a jovem destacou dois aspectos principais. O primeiro é a possibilidade de discussão e aprofundamento sobre a temática da juventude, em que enfatizou a ausência da mesma, inclusive em outros espaços acadêmicos. O destaque da jovem nos reporta a Nóvoa (1994), em que o autor, ao tratar da História da Educação, aponta que, frequentemente, se pratica uma educação asséptica,

focada numa certa normalidade de certos grupos e práticas, ignorando a presença de outros coletivos e sujeitos sociais que também mereceriam atenção. Nesta situação, um dos grupos que sistematicamente tem sido ignorado socialmente, como é o caso da universidade, são os sujeitos jovens (CACCIA-BAVA, 2004).

O segundo aspecto é aquilo que a jovem designou de abertura da universidade para sujeitos que atuam em diferentes coletivos, que ela chama de “sociedade civil organizada”. Tal afirmação sugere que ela jovem considera importante a abertura do espaço acadêmico para a inserção de indivíduos participantes de outras esferas da sociedade civil, como foi o caso do envolvimento dos jovens neste trabalho de pesquisa.

Após a apresentação do processo investigativo realizado, passaremos, na sequência, a abordar o método e as formas de análise que foram empregados no tratamento dos dados produzidos neste estudo.

### 3.3 OPÇÕES PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização da análise dos dados adotou-se o *Método Documentário de Interpretação* (Weller, 2006), que compreende dois momentos: a *interpretação formulada* e a *interpretação refletida*.

Segundo a autora

Durante a *interpretação formulada* busca-se compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial. Em outras palavras, o pesquisador reescreve o que foi dito pelos informantes, trazendo o conteúdo dessas falas para uma linguagem que também poderá ser compreendida por aqueles que não pertencem ao meio social pesquisado. Nesta etapa de análise, ele não traça comparações e tampouco utiliza o conhecimento que possui sobre o grupo ou meio pesquisado. Já a *interpretação refletida* implica uma observação de segunda ordem, na qual o pesquisador realiza suas interpretações, podendo recorrer ao conhecimento teórico e empírico adquirido sobre o meio pesquisado. (WELLER, 2006, p. 251).

Tal estratégia de análise pressupõe que, num primeiro momento, na *interpretação formulada*, os relatos dos participantes sejam abordados numa perspectiva compreensiva, em que o objetivo central é perceber quais são as questões principais e como elas são destacadas pelos próprios jovens. No momento seguinte, na *interpretação refletida*, os relatos são analisados e comparados a partir dos elementos teóricos definidos pelo pesquisador.

A análise realizada nesta tese procurou orientar-se pelo método em seu sentido amplo, sem pormenorizar alguns procedimentos, como é caso do primeiro passo, em que os relatos não foram totalmente reconstruídos a partir do seu sentido imanente. Outrossim, foi realizada uma análise compreensiva apontando para os principais aspectos abordados pelas narrativas e, posteriormente, relacionados com aspectos teóricos, com as categorias e temas de análise criados.

A partir da definição do método de análise, esta foi realizada a partir de cinco passos principais:

1) *Transcrição das entrevistas realizadas pelos jovens:*

A respeito da transcrição, Weller (2006, p. 251) argumenta que não necessariamente deva ser feita a gravação completa das entrevistas. Para a autora, trata-se de transcrever as passagens centrais relacionadas ao foco da pesquisa. Apesar desta observação, no caso de nossa pesquisa, optamos por realizar a transcrição completa de todas as entrevistas. Tal opção aconteceu pelo fato de as mesmas terem sido realizadas pelos jovens da Equipe de Pesquisa e não diretamente pelo pesquisador. Deste modo, a transcrição completa das entrevistas possibilitou ao pesquisador uma aproximação maior com as narrativas dos participantes, dado que isso não ocorreu no momento da realização das mesmas.

2) *Seleção dos excertos representativos de cada entrevista*

Num segundo momento foram selecionados os principais excertos de cada uma das entrevistas que guardavam relação com o problema central da tese. Em cada um destes fragmentos foram grifados, em cores diferentes, os termos principais, de modo a que pudessem ser tomados como temas centrais daquele relato.

3) *Aproximação dos relatos de acordo com os quatro coletivos*

O passo seguinte consistiu em aproximar os principais excertos de cada entrevista com os demais do mesmo coletivo. A partir deste procedimento, obtiveram-se quatro conjuntos de excertos, um de cada coletivo participante da pesquisa. Neste processo também foram destacados, em negrito, após cada fragmento, um ou mais termos que expressavam o tema principal ali contido. Para a definição destes temas, em alguns casos foram utilizadas expressões dos próprios jovens; em outros casos foram criados, pelo pesquisador, de acordo com enfoque de cada um deles, conforme orientação metodológica de Pais (2003).

#### 4) *Reunião dos excertos por eixos*

Com a seleção realizada e com a definição dos temas em cada um dos fragmentos dos relatos, procedeu-se a uma análise detalhada, visando perceber quais seriam as aproximações possíveis para agrupá-los em eixos de análise. Após criteriosa observação, concluiu-se que os sentidos expressos pelos jovens em suas narrativas poderiam ser reunidos em três grandes eixos: passado, presente e futuro. Tal definição foi possível porque os relatos variavam entre situações que haviam sido vivenciadas ao longo de sua trajetória no grupo (passado), outras que tinham seu foco no momento atual (presente) e, por fim, um terceiro conjunto que referia os seus projetos de porvir (futuro).

É preciso considerar que os três tempos, passado-presente-futuro, não se constituem como momentos lineares na vida dos sujeitos, mas estão intimamente relacionados, como é possível perceber numa parábola Kafkiana:

Ele tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo, bloqueia-lhe o caminho pela frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite –, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz entre os adversários que lutam entre si". (KAFKA, 1920 *apud*, ARENDT, 2009, p. 33).

A partir da parábola de Kafka, Hannah Arendt destaca que o tempo não constitui um contínuo, tampouco um fluxo de ininterrupta sucessão; ele é partido ao meio, no ponto onde “ele”, o sujeito está, com variações oscilantes entre o passado

e entre o futuro. Ricouer (2007) também enfatiza que passado, presente e futuro não podem ser separados, visto que estão intimamente interligados.

Com inspiração em tais pressupostos definiu-se então, passado, presente e futuro como os eixos principais para a análise dos dados produzidos pela investigação. A compreensão de eixos adotada refere-se a conjuntos mais amplos e abertos, em torno dos quais gravitam outros temas que se constituíram como centros de atenção da análise empreendida.

##### *5) Definição das categorias e temas*

A partir da definição dos três eixos, passado-presente-futuro, todos os excertos anteriormente selecionados foram redistribuídos nestes três conjuntos, misturando os fragmentos dos participantes, independentemente do coletivo representavam. Após este procedimento, foi possível verificar um expressivo número de temas emergentes nos três eixos. Para facilitar a análise, optou-se por uma subdivisão em categorias e temas. Cabe ressaltar que o conceito de categoria aqui adotado não se refere às grandes categorias das análises sociológicas, nem a compreensão filosófica Kantiana. Neste sentido, as categorias se configuram mais como uma espécie de agrupamento temático do que como uma pré-estruturada categoria analítica.

#### **4 SENTIDOS DO PASSADO QUE SE CRUZAM COM O PRESENTE E COM O FUTURO**

Nesta tese, o passado situa-se como um dos três eixos de análise dos dados produzidos pela investigação desenvolvida. O passado não é abordado como um eixo separado dos eixos do presente e do futuro, pois estão intimamente ligados, inclusive porque o primeiro brota dos demais, ou se poderia afirmar que sua significação provém do presente e do futuro (RICOUER, 2007).

No desenvolvimento da pesquisa junto aos jovens dos quatro coletivos abordados, os participantes foram convidados a narrarem suas experiências de participação social nestes espaços, enfocando os sentidos que seus itinerários tiveram e têm para suas vidas. Em seus relatos acerca dos sentidos, um dos focos recaiu sobre as experiências passadas, vivenciadas nos grupos e como estas produziram significados importantes para eles.

Quando os jovens narram situações vividas no passado dos grupos eles não estão apenas descrevendo o seu passado naquele coletivo, mas estão compondo suas reminiscências para darem sentido à vida passada e presente. Esta composição é construída através da utilização de linguagens e significados conhecidos de sua cultura (THOMSON, 1997). Por isso, buscar-se-á no decorrer da análise compreender e estabelecer relações entre os sentidos expressos pelos jovens a partir de suas experiências vivenciadas e narradas.

Ainda de acordo com Thomson (1997, p.57) as “reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. Em vista disso faz-se necessário analisar quais são esses sentidos que os jovens constroem na busca de uma maior consonância às suas identidades. Os relatos acerca das experiências passadas no grupo contribuem para esta abordagem.

Neste contexto:

Nossa memória permite-nos tanto lembrar quanto esquecer. Cada uma das memórias individuais e coletivas tenta validar a visão do passado que se tornou importante no presente. Esquecer ou modificar memórias faz o

presente significativo e também alinha o presente com um passado que logicamente aponta para um futuro que o indivíduo considera aceitável. (TESKI; CLIMO, 1995 *apud* ERRANTE, 2000, p. 162-3).

Tal apontamento enfatiza que as memórias procuram confirmar uma visão do passado a partir de uma realidade presente, tornando este mais significativo. Não é apenas com o presente que o passado estabelece uma relação, mas também com o futuro, que os sujeitos consideram aceitável. Da mesma maneira que as memórias estabelecem relações com o presente e com o futuro, assim também as narrativas dos jovens acerca de suas experiências passadas mantêm conjugações com sua vida presente e com seus projetos de futuro.

Neste capítulo, seguindo a estratégia de análise adotada neste estudo (eixos-categorias-temas), destacar-se-á no âmbito do primeiro eixo “sentidos do passado” as seguintes categorias e temas: a) processos de identificação (cultural, natural/espiritual, política, classe social, acadêmica, afetiva, tipo de grupo); b) processos de crescimento pessoal (modificações de si, conscientização/noção de mundo, aprendizados, confiança); c) superação de dificuldades e de conflitos (dificuldades pessoais, dificuldades relacionais, dificuldades grupais); d) Relações Intergeracionais (referência de pessoas adultas); e) experiência profissional (primeiras experiências, ressignificação da opção profissional). Um panorama geral das categorias e temas deste eixo pode ser visualizado no quadro 4.

Quadro 4 – Síntese das categorias e temas do eixo “sentidos do passado”.

<b>EIXO – PASSADO</b>	
<b>CATEGORIAS</b>	<b>TEMAS</b>
4.1 Processos de identificação	Identização cultural
	Identização natural/espiritual
	Identização política
	Identização de condição social
	Identização acadêmica
	Identização afetiva
	Identização pelo tipo de grupo
4.2 Processos de crescimento pessoal	Modificação de si
	Conscientização/Noção de mundo
	Aprendizados
	Confiança
4.3 Superação de dificuldades e de conflitos	Dificuldades relacionais
	Dificuldades pessoais
	Dificuldades grupais
4.4 Relações intergeracionais	Referência de pessoas adultas
4.5 Experiência profissional	Primeiras experiências
	Ressignificação da opção profissional

Passamos, pois à análise de cada uma das categoria e seus respectivos temas.

#### 4.1 PROCESSOS DE IDENTIZAÇÃO

A primeira categoria relativa aos significados do passado foi nomeada como processos de identificação, que corresponde ao processo de produção de identidade que os jovens realizam junto aos grupos nos quais participam. Independente dos motivos que os levaram a ingressar em tais grupos, que não é o objeto desta investigação, os jovens revelam uma identificação com a caracterização destes coletivos, que passam a produzir sentidos para as suas vidas.

Tal fenômeno pode ser compreendido a partir da perspectiva de que, de modo mais incisivo, a partir do final do século XX e início do século XXI, os indivíduos sentem a necessidade de encontrar respostas a respeito de si mesmos, questionando suas identidades e seu lugar no mundo. Se, nos períodos anteriores,

as gerações aceitavam as heranças recebidas e significados construídos por outrem, as gerações das últimas décadas buscam construir os próprios significados, pois:

Em períodos precedentes o homem vivia numa atmosfera de crenças em que nada o levava a se auto-avaliar. Vivia sem preocupar-se em saber como vivia. Aceitava a fé, o conhecimento e a ação assim como aceitamos a própria vida. O homem de épocas anteriores vivia fora do tempo, sem necessidade de refletir sobre as condições de sua existência. Para nós, a inteligibilidade tornou-se essencial. Procuramos dar nome não só ao conhecido, mas também ao desconhecido. (MANNHEIM, 2008, p. 69).

O autor refere à necessidade humana de refletir sobre as condições de sua existência, nominando tanto os aspectos conhecidos, tanto como os desconhecidos. Neste processo reflexivo é que acontece a produção de sua identidade.

Os jovens participantes da pesquisa, ao narrarem suas experiências realizam processos de identificação em diferentes âmbitos, produzindo sentidos para as suas vidas. O primeiro tema relativo a esta categoria é a produção de identidade associada à vivência cultural, indicada no fragmento que segue:

Eu já conhecia o trabalho [do grupo Afro Sul-Odomodê], tinha alguma experiência visual de ter visto, de ter acompanhado um pouco do trabalho e pela questão de que eu gostava muito da dança, me identificava com a questão da cultura negra. Não tinha nada de conhecimento e achei uma porta importante para me aproximar e aprender um pouco mais da cultura. Eu sempre me identifiquei com a dança, desde pequena eu sempre gostei de dançar, sempre tive essa proximidade, essa ligação com a música, com o canto. A minha família é muito musical, por mais que ninguém seja artista, todos têm na veia muito isso; minha mãe principalmente tinha muito isso. (Letícia, Grupo Afro Sul-Odomodê).

O relato da jovem Letícia demonstra uma identificação com o seu contexto familiar e cultural que é acrescida de sentido a partir de sua participação no grupo. Destaca a sua forte ligação com a música, com a dança e com o canto, pois sua família era “muito musical” e este fator contribuiu para tal processo.

A sua identificação com o grupo e com a sua etnia demonstra que este coletivo lhe acolhe e produz sentido para sua participação. No entanto, esta é uma situação que não é vivenciada pela maior parte dos jovens negros brasileiros. De acordo com os dados do Projeto Juventude<sup>62</sup>, estes, encontram maiores dificuldades sociais que os jovens brancos, na mesma fase da vida, pois convivem diariamente com

---

<sup>62</sup> Sobre o Projeto Juventude, ver a nota n. 23, no Capítulo 1.

situações de discriminação, principalmente no mundo do trabalho e da educação (SANTOS; SANTOS; BORGES, 2005, p. 296).

Outro tema desta categoria é a identificação natural/espiritual<sup>63</sup>, referida no relato de um dos jovens participantes do InGá, quando afirma:

Eu sinto uma predisposição assim do meu ser com as questões ecológicas, até por relações espirituais também. Depois eu fui descobrir que eu tenho uma relação, do ponto de vista da Umbanda, eu tenho meu caboclo, que é “Dioxós”, o protetor das matas, então eu sempre gostei, assim né. A partir de eu entrar na faculdade eu passei a acampar bastante com os amigos e isso se fortaleceu. (Vinícius, Instituto InGá).

Em seu relato, o jovem afirma ter uma predisposição natural em participar de trabalhos sociais, numa espécie de relação espiritual, enfatizando que o sentido de sua participação no grupo ecológico está relacionado com a dimensão religiosa, mais especificamente com a Umbanda. Na sequência da entrevista, ao ser interrogado pelo seu colega de grupo acerca de sua participação, o jovem inclui também uma relação com a Astrologia:

Fenando – Tu tinha alguma participação por estar te envolvendo com o InGá, naquele momento?

Vinícius – Sim. A casa 11 da astrologia é super forte, a casa 11 é o trabalho social, então eu tenho Sagitário, na casa 11 e três planetas: Urano, Netuno e Jupiter. Então eu sempre fui assim, preocupado com as pessoas, nessa parte da predisposição natural. (Fernando e Vinícius, Instituto InGá).

Segundo sua narrativa, parte do sentido de sua participação (posteriormente apontará outros sentidos complementares) está relacionada a uma suposta predisposição natural e uma influência religiosa para com as questões sociais e ecológicas. É interessante sua afirmação, visto que o grupo em que ele participa é uma ONG ambientalista, que, em princípio, não assume uma dimensão espiritual como um dos centros de atenção. Cabe ressaltar que a dimensão espiritual em questão é muito diferente daquela dos grupos religiosos das principais religiões tradicionais. Tal cenário pode ser compreendido a partir de um fenômeno em que “cada vez mais pessoas deixam de encontrar nas grandes religiões tradicionais narrativas plausíveis que respondam a suas necessidades de sentido e passam a ter uma experiência do sagrado sem a mediação de instituições religiosas”

---

<sup>63</sup> As expressões “natural” e “espiritual” foram extraídas do relato do jovem Vinícius.

(RODRIGUES, 2007, p. 67). Em outras entrevistas, com jovens do mesmo coletivo, também são recordados momentos em que a espiritualidade é destacada como um elemento marcante. Um dos participantes afirma:

Os retiros que fazemos são “tri bons” porque a gente consegue trocar muito, construir muito juntos. Então uma coisa que marcou muito foram os retiros no Instituto É Consciência<sup>64</sup>. (Miguel, Instituto InGá).

Os retiros mencionados pelos participantes são atividades realizadas ocasionalmente pelos membros do Instituto InGá, com o objetivo de avaliar as atividades do grupo, integrar os seus participantes e desenvolver atividades místicas de integração com a natureza. De acordo com os relatos, tais experiências são momentos marcantes em seus itinerários e contribuem para atribuir significado à participação no grupo.

No âmbito da categoria “processos de identificação”, outro tema destacado é a identificação política<sup>65</sup>. Dois fragmentos do relato de um dos participantes demonstram como ela se desenvolve:

Uma das coisas que eu levei em conta para procurar o Zumbi é porque eu queria uma experiência que fosse mais politizada, tivesse um sentido político. Eu ouvi falar, não sei se é verdade, que o Zumbi tinha uma relação com o Movimento Negro, que antigamente era só pra negros, uma coisa assim. (Nicolas, Cursinho Zumbi dos Palmares).

O Zumbi atendeu as minhas expectativas. Eu, pessoalmente, estava interessado tanto em dar aula de Física, que é a minha área, tava interessado em participar de algum movimento social, se é que esse aqui pode ser considerado um movimento social, ter algum tipo de atuação política, e principalmente, tava interessado em juntar essas duas esferas da minha vida, juntar a minha formação em Física e estar participando de algum movimento social, então pra mim, atendeu plenamente a minha expectativa. (Nicolas, Cursinho Zumbi dos Palmares).

O jovem Nicolas relata que procurou o Zumbi para dar aulas por dois motivos: o interesse em dar aulas de física, que é a sua formação e o desejo de atuar em um

---

<sup>64</sup> O Instituto É Consciência é uma associação civil sem fins lucrativos, de caráter científico, cultural e educativo, localizado no extremo sul da cidade de Porto Alegre, numa propriedade particular, que está inserida no Morro São Pedro, considerado o remanescente natural mais bem conservado do município. Tem infraestrutura para alojar grupos com até 30 pessoas. Em seu espaço são desenvolvidos cursos de formação, atividades ecológicas e também os retiros que foram mencionados pelos jovens participantes da pesquisa. Informações disponíveis em: <http://www.econsciencia.org.br>. Acesso em 27/09/12.

<sup>65</sup> Expressão utilizada pelo jovem Nicolas, do Cursinho Zumbi dos Palmares.

movimento social politizado. Aponta para uma consciência anterior à própria participação no grupo, pelo sentido “politizado” que ele imaginava ter.

Sua experiência também realça um tópico importante aqui discutido que é a participação social dos jovens, constituindo-se num exemplo do que já foi abordado no primeiro capítulo, em que diversas pesquisas apontam para a atuação de muitos jovens em diversos espaços sociais. Interessante também perceber que, por mais que o jovem tenha dúvida se o cursinho é um movimento social, ele caracteriza-o como um espaço de “atuação política” (esta discussão será aprofundada no capítulo cinco, no tema “atuação social”).

Outro tema proeminente nesta categoria é da identificação relativa à condição social, em que os jovens participantes do Cursinho se encontram. Apontam para os desafios enfrentados para ingressar no Ensino Superior, gerados por sua condição social desfavorecida, que limita uma melhor preparação para os processos seletivos. Tal condição gera no grupo um espírito coletivo mobilizador, que é referido pelos jovens participantes da pesquisa. Relatam uma sintonia, em virtude de sua condição social, em que cada um busca ajudar os demais a superar seus limites e fomentar o ingresso na universidade.

O fragmento a seguir descreve esta sintonia:

Eu vi uma matéria num jornal sobre os pré-vestibulares populares e dentre eles tinha o Zumbi e um pouco da sua experiência. Tinha também sobre a inscrição; tava com as inscrições abertas. Aí eu me interessei porque eu tava procurando um pré-vestibular. Minha mãe também me incentivou bastante “Vai porque a gente não tem dinheiro para pagar um curso pago, vai”. Devido a essa minha experiência eu vi como é difícil, assim, tu ingressar no ensino superior, tu vir de movimentos populares, como é mais árduo o trabalho. Então eu resolvi ajudar o pessoal, porque as mesmas dificuldades que eu passei, todos iam passar, então eu, com a minha experiência até aquele momento, eu poderia dar alguma ajuda para o pessoal. (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Igor relata seu percurso, desde antes de entrar no cursinho, onde, sem dinheiro para pagar um curso privado, incentivado pela mãe, encontra no Zumbi uma alternativa de preparação para o vestibular. Ele tem consciência de que não é um caso isolado, pois sabe que a dificuldade é a mesma para outros jovens oriundos das classes populares. A experiência foi significativa ao ponto de, após ingressar na universidade, ainda durante seu curso de graduação, resolver retornar ao cursinho para contribuir com outros jovens que buscam uma alternativa semelhante à sua.

A experiência deste jovem, e dos demais estudantes do cursinho inscreve-se num cenário mais amplo, em que milhões de jovens brasileiros se ressentem da falta de oportunidades, devido ao modelo social vigente. Tal situação pode ser compreendida, a partir da observação que:

Na sociedade do capitalismo global, observa-se um recrudescimento de tendência totalitária em razão do avanço das forças produtivas e das relações de produção que acirram a contradição do desenvolvimento tecnológico atrelado à reprodução da miséria e das desigualdades sociais [...] Reproduz-se a sociedade competitiva na qual não há lugar para todos. Para os jovens da periferia, crescer é uma empreitada que ele deve enfrentar sozinho, um salto no escuro, geralmente sem a ajuda da sociedade. (ABRAMOVAY; FEFFERMANN, 2007, p. 46 e 54).

A universidade pode ser referida com um dos espaços sociais onde não há lugar para todos, conforme apontam as autoras. Os jovens de condição econômica precária são os que mais sofrem as consequências deste sistema, pois não encontram estruturas sociais que lhes ajudem a superar tais obstáculos. Neste contexto de competição, de falta de apoio e de “um salto no escuro”, onde cada jovem é impelido a buscar soluções sozinho, percebe-se no cursinho um grande empenho dos jovens para ajudar a outros colegas que enfrentam a mesma condição que a sua, numa tentativa de superação dos limites que a sociedade do capitalismo global lhes impõe.

O relato de outra jovem também aponta para esta perspectiva:

Eu já tinha estudado no Zumbi em 2008 e quando eu estudei aqui, até pelo desejo de fazer Letras, eu me imaginava dando aula aqui, porque foi muito importante para mim. Eu entrei no Zumbi sem nenhuma noção de qualquer movimento popular, do que era um curso popular. Eu entrei e daí foi um mundo novo pra mim. Eu comecei a refletir sobre coisas que eu nunca tinha parado pra pensar. Naquela época eu já me imaginava dando aula aqui, mas aí eu acabei me distanciando um pouco. No ano passado eu comecei dar aulas num outro cursinho, aí eu comecei a pensar: “Tá, mas eu to dando aula em outro cursinho popular e não to dando aula lá no Zumbi, que foi onde eu estudei, onde que toda esta questão começou...”. (Bibiana, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Em sua narrativa, a jovem expressa que voltar ao Cursinho para dar aulas foi uma forma que ela encontrou para retribuir a ajuda recebida e o crescimento que teve naquele espaço, visto que, como ela mesma afirma, quando começou a participar não tinha nenhuma noção do que era um movimento popular. Também fica evidente o sentido que o curso tem para sua vida, pois ela afirma que “o Zumbi

foi muito importante pra mim”. Tal apontamento pode ser relacionado à ideia da cooperação sociocultural apontada por Melucci (2001), fortalece as relações entre os participantes do grupo e contribui para o alcance de seus objetivos pessoais e grupais.

A dimensão acadêmica é outro tema presente nesta categoria “processos de identificação”. Ao ingressarem na universidade os jovens se deparam com novas experiências, tanto pessoais como grupais que lhes possibilitam ampliar suas redes de contato e a participação em determinados coletivos. Foi o que aconteceu com um dos participantes, conforme menciona em seu relato:

Na universidade eu tava sempre me relacionando com o pessoal da Biologia. Então eu fiz uma experiência, de um projeto de extensão, sobre plantas medicinais, com a Professora Ingrid, que se chamava “Plus Plantas”. Este grupo a gente mesmo criou, eu no caso e outras companheiras, eram todas mulheres, uma delas era minha namorada de então. Esta foi a minha primeira experiência em grupo relacionada a estas questões ambientais. Isso foi bem importante pra mim e o primeiro “yahoo grupos” que eu tive foi ali e tal. (Vínicius, Instituto InGá).

Em sua narrativa, o jovem destaca a participação em um projeto de extensão da universidade, onde ele e suas colegas puderam contribuir ativamente, visto que afirma “a gente mesmo criou”. Também fala que o grupo foi importante para ele e foi onde teve o seu primeiro grupo de discussão na internet através do “Yahoo grupos”.

Tal fato demonstra que a universidade pode ampliar positivamente as possibilidades de participação e de identificação dos jovens, minimizando os sentimentos de solidão, de insatisfação com o curso, as dificuldades das novas exigências, que muitas vezes o ingresso num espaço acadêmico pode gerar (TEIXEIRA *et al*, 2008, p. 196). No caso do jovem Vínicius, ele encontrou um grupo em que pode inserir-se e que ampliou suas possibilidades de inserção na temática ambiental.

Outro tema referido pelos jovens é a identificação afetiva. Os excertos abaixo expressam como a mesma se constitui no âmbito dos coletivos:

Eu me encantei com o tipo de relacionamento que eles tinham entre eles e que demonstravam o tanto de respeito e confiança, inclusive nas outras pessoas, que tavam chegando ali pra participar e que nunca tinham se visto né. Então foi o grupo mesmo, as pessoas, que me encantaram, assim. (Érica, Instituto InGá).

Tava meio difícil me encontrar no espaço eclesial, aí eu conheci o grupo de jovens de uma comunidade que me acolheu e é a comunidade que eu to até hoje. O grupo de jovens foi para mim este espaço de acolhimento, foi casa, foi carinho, foi cuidado. O grupo fez este papel de me incluir neste espaço da comunidade, de conhecer os trabalhos, de conhecer a realidade social, a realidade eclesial ali da área onde eu tava. Eu fiz aquilo que tanto se fala nos documentos, o processo de educação na fé, gradual. (Giovani, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

No primeiro excerto, Érica frisa que a dimensão afetiva, através de elementos como a confiança e o respeito no modo de se relacionar, lhe encantaram e tais aspectos passaram a fazer sentido para que ela se identificasse com o grupo. Melucci (2004) sugere que o desejo de identificar-se com o outro revela uma necessidade intrínseca de socialização que perpassa a vida de todos os indivíduos. Em suas palavras

Para poder reconhecer as nossas necessidades como indivíduos precisamos estar integrados às redes comunicativas que lhes dão origem. O grupo torna-se a regra obrigatória em que precisamos nos inserir para saber quem somos. (MELUCCI, 2004, p. 41).

A ênfase do autor ao fato de que o grupo contribui para responder ao questionamento de “quem somos” coaduna com a perspectiva da identificação da jovem com o coletivo do qual faz parte, o InGá, contribuindo para o seu encantamento com tal proposta. Pode-se ainda inferir que tal identificação confere sentido à sua participação neste espaço, pelas relações que ela afirma ter estabelecido no grupo e pelo encantamento que teve pelos demais participantes.

O último tema nesta categoria pode ser definido como a identificação com o tipo de grupo. Na contemporaneidade são inúmeros os grupos e espaços sociais em que os jovens podem participar, seja de forma passageira, ou mesmo de longa duração. No entanto, há certos grupos que se tornam uma referência para as suas vidas, pois apresentam determinadas características com as quais os jovens se identificam, conforme sugere uma das participantes:

No InGá, com certeza foi o momento em que eu realmente integrei todas estas questões ecológicas que hoje em dia o InGá trabalha e outras entidades trabalham. Com certeza se não fosse o InGá, provavelmente eu também não estaria em outra entidade ambientalista porque eu vejo que o InGá é bem a minha cara. Existem outras, não desmerecendo nenhuma delas, mas cada uma tem as suas características, então não sei se eu teria me envolvido com outra entidade ambientalista. (Paloma, Instituto InGá).

A jovem destaca que encontrou no InGá características que correspondem ao seu anseio de participação na causa ambientalista. Ao enfatizar que o grupo é a “sua cara” ela confere um sentido especial para este coletivo em suas opções, frisando, que talvez não participaria de outro grupo, mesmo que este também tivesse um cunho ambientalista que é a sua área de atuação. Fica implícita a ideia de que não é apenas a “temática” (no caso aqui, a ecológica) que outorga sentido para a participação. São necessários outros elementos que criem a identificação entre os participantes e que possibilitem a coesão grupal. Ao referir sobre redes grupais e identidades juvenis, Pais (2003), a partir de pesquisa sobre culturas juvenis e modalidades de passagem para a vida adulta, destaca:

A coesão interna dos grupos estabiliza-se a partir de traços de identificação conjuntamente compartilhados; no entanto, esses traços funcionam também como suporte de formação e reconhecimento de identidades grupais entre si diferenciadas. (p. 119)

O apontamento do autor enfatiza que as características compartilhadas pelos integrantes do grupo fortalecem a sua coesão interna e possibilitam a diferenciação deste, frente a outras identidades grupais. No relato de Érica torna esta identificação é mencionada quando afirma que não sabe se teria se envolvido em outro coletivo, dada a coesão estabelecida com o seu atual grupo.

Os relatos dos jovens na categoria “processos de identificação” apontam que a participação nos coletivos contribui para a afirmação das identidades dos jovens a partir de diferentes dimensões: cultural, espiritual, política, condição social, afetiva, grupal e condição social. Ainda que suas afirmações sejam construções realizadas no presente, lançam o olhar para os itinerários vivenciados nos grupos, ressaltando aspectos que foram importantes na produção de suas identidades.

## 4.2 PROCESSOS DE CRESCIMENTO PESSOAL

Quem experimenta a mudança de suas próprias circunstâncias não se percebe em termos fixos e definitivos. Sua visão nunca se torna compacta, por desprender-se de qualquer esquema antes de cristalizar em torno de uma imagem nítida do mundo. A autosuficiência inabalável também já não pode mais ser um ideal. Bastar-se a si próprio é o ideal de uma sociedade firmemente arraigada ao passo que o tipo representativo de nossa era tem as características de Proteu, sempre a transcender e reconstruir a si próprio, impulsionado pelas forças da renovação e da reforma. (MANNHEIM, 2008, p. 69-70).

De acordo com Mannheim, uma das principais características dos sujeitos contemporâneos (segunda metade do século XX) pode ser associada ao mito de Proteu e sua capacidade constante de metamorfose diante das necessidades que lhe aparecem. Tal situação é referida pelos jovens participantes da pesquisa, ao destacarem que a experiência nos grupos oportuniza mudanças significativas em suas vidas, contribuindo para o crescimento pessoal.

O primeiro tema inscrito na categoria “processos de crescimento pessoal” é a modificação de si<sup>66</sup>, em que os jovens expressam de diversas maneiras como a participação em grupos contribui com mudanças pessoais. Nas palavras de uma das jovens:

Com o tempo eu fui entendendo que o grupo não era apenas um grupo de dança, que o grupo tem um outro papel, um papel social. O grupo foi muito importante pra mim, porque na época que eu entrei eu era bem pré-adolescente. (...) eu vi a importância que esse grupo fez, assim, para a modificação da minha vida, inclusive na minha questão profissional. Acho que me ajudou muito essa questão social, de como trabalhar em grupo, de entender um pouco mais sobre a minha cultura, também de resgatar a autoestima em mim, porque no momento que eu entro naquele grupo eu me identifico com as pessoas que estão lá, então eu tenho um outro papel na sociedade, diferente do que eu tava acostumada. Então a nossa auto-estima ela fica diferente. (Tânia, Afro Sul-Odomodê).

Em seu relato a jovem Tânia utiliza literalmente a expressão “modificação de minha vida” para frisar o processo vivenciado simultaneamente à participação no grupo e seus desdobramentos para a sua trajetória. Aponta mudanças na dimensão profissional, no aprendizado quanto a trabalhar em grupo, no entendimento de sua cultura (afrodescendente), no resgate de sua autoestima, na identificação com os

---

<sup>66</sup> Expressão extraída do relato da jovem Tânia, do grupo Afro Sul-Odomodê.

demais participantes e, conseqüentemente, no modo como concebe seu papel na sociedade.

Outro aspecto interessante a destacar em sua narrativa tem relação com o eixo do passado, com o qual estamos operando, visto que a jovem faz uma reconstrução, enfatizando que quando entrou no grupo era ainda adolescente e, na sua inteligibilidade de então, aquele ali era apenas um grupo de dança. No entanto, com o passar do tempo e das vivências, sugere que houve uma ressignificação do sentido do grupo em dois aspectos: na dimensão social que o mesmo adquire, para além da questão da dança; e na dimensão pessoal, em que o mesmo se torna importante em sua vida, a partir das mudanças acontecidas.

Outro jovem arrola diversas mudanças que aconteceram a partir do seu envolvimento com o coletivo do qual é integrante:

Acho que a partir do momento que a gente faz uma escolha pastoral, os nossos hábitos mudam, nossa forma de pensar, de refletir, de agir e em consequência disso, nós também mudamos né. Às vezes a gente não consegue perceber essas mudanças, mas aqueles que estão em contato direto conosco podem perceber. Acredito que foi uma mudança muito positiva que aconteceu comigo. (Ulisses, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em sua narrativa o jovem aponta para alguns aspectos concretos de sua vida, que foram modificados a partir de sua inserção no grupo, principalmente quanto às atitudes, entre as quais, destaca a forma de pensar, de refletir e de agir. Ulisses sugere que tais aspectos geraram uma mudança pessoal, que, inicialmente, não foi percebida por ele, mas, posteriormente foi reconhecida pelas demais pessoas com as quais tem contato. Finaliza acrescentando que considera positiva a mudança que aconteceu consigo a partir de sua participação no grupo. Tais percepções acontecem, pois “os narradores comunicam como eles veem a si mesmos e como eles são vistos pelos outros” (ERRANTE, 2000, p. 142).

O relato aponta para a dimensão positiva que o grupo tem para o sujeito jovem, visto que ele mesmo, com ajuda de pessoas de sua relação, consegue perceber as mudanças pessoais operadas nas relações grupais e o sentido que este coletivo passou a ter em sua trajetória.

Outra jovem, ao relembrar sua experiência de participação, frisa a importância do processo de reflexão instaurado a partir de sua inserção no grupo:

Antes de entrar no grupo acho que eu ‘nem pensava’ (risos), no sentido de refletir sobre as coisas sabe. Daí eu comecei “por que acontece tal coisa? Por que existe esse tal tipo de coisa no mundo? O que a gente está fazendo?” Aí eu realmente comecei a me perguntar sobre as coisas, que antes me passavam “batidas”. (Bibiana, Cursinho Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

Seguindo na mesma perspectiva das mudanças pessoais decorrentes da inserção nos grupos, outras duas participantes expressam que suas vidas seriam diferentes, caso não participassem de um coletivo:

Com certeza a minha vida seria diferente se eu não participasse da Campanha e da Pastoral. Acho que em primeiro lugar a pastoral me deu muitos amigos, que a gente pode contar, me deu uma consciência crítica, me deu um projeto de vida, onde eu pude projetar a minha vida de acordo com defender a vida também. (Ágata, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Se eu não participasse do grupo, com certeza a minha vida seria diferente; eu não estaria, vamos resumir, nem trabalhando no lugar onde eu trabalho hoje, nem convivendo com as pessoas que eu convivo hoje, nem consumindo do modo que eu consumo hoje, que é um modo muito mais responsável do que um ano e meio atrás. Mudou muito a minha vida e com certeza se eu não tivesse conhecido, se eu não tivesse participado, hoje eu..., não sei, a gente não sabe do futuro, mas, provavelmente eu seria a mesma bobinha assim, que está por fora, alienada de várias coisas, dentro do seu próprio habitat. Acho que isso mudou muito; mudou cem por cento minha vida. (Érica, Instituto InGá).

No primeiro excerto, a jovem Ágata exprime que a participação no coletivo em que está envolvida contribuiu para que sua vida fosse diferente do que seria, caso não tivesse conhecido tal experiência. Aponta os amigos, a consciência crítica e o projeto de vida como elementos importantes para o seu itinerário, numa clara alusão ao ideário do grupo da pastoral ao qual ela integra.

De outra parte, a narrativa da jovem Érica sugere mudanças ainda mais expressivas em sua vida. Destaca que sua vida seria diferente caso não participasse do grupo e que, possivelmente, não estaria trabalhando onde está atualmente, nem convivendo com as pessoas com as quais se relaciona e também não estaria “consumindo de modo mais responsável”, aspectos que se referem à discursividade do coletivo em que atua.

Talvez, o grupo não tenha contribuído para uma mudança de cem por cento de sua vida, conforme ela afirma, principalmente se considerarmos que seu tempo de participação é de um ano e meio. No entanto, é de tal modo significativo em seu

percurso, que o fato de expressá-lo deste modo permite perceber a marca desta experiência para a sua vida.

Os relatos dos jovens acerca de como a sua participação nos coletivos contribui para a modificação de si e do seu crescimento pessoal denota que os sujeitos contemporâneos se deparam de um modo mais incisivo com a necessidade de construir a própria vida, a partir das relações que estabelecem, conforme nos sugere Melucci:

Habitamos um planeta que se transformou em uma sociedade global. O ritmo acelerado da mudança, a multiplicidade de papéis que desempenhamos, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. Faltam os pontos de referência que permitiam aos indivíduos e aos grupos, no passado, construir a continuidade de suas existências. Cada vez mais remota torna-se a possibilidade de responder com segurança à pergunta “quem sou eu?”. A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo deve construir e reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações. (2004, p. 15).

A afirmação do autor enfatiza o ritmo acelerado das mudanças no momento presente, bem como os diferentes papéis e possibilidades a que os indivíduos contemporâneos estão submetidos. Diante de tal complexidade, torna-se difícil responder a interrogante “Quem sou eu?”. Realça que o desafio é a construção constante de si mesmo, a partir dos acontecimentos e das relações estabelecidas. A reflexão de Melucci (2004) permite perceber que as modificações de si que os jovens apontam em seus relatos podem ser contextualizadas nesta dinâmica social mais ampla, caracterizada pelas mudanças e pelos desafios aos indivíduos na (re)construção de si mesmos.

Outro tema da categoria crescimento pessoal, muito próximo aos das modificações de si, é o da conscientização/noção de mundo. Em torno deste tema os jovens expressam que os coletivos foram significativos em suas trajetórias, pois contribuíram para a sua formação, oportunizaram possibilidades de adquirir uma consciência crítica com relação aos diferentes aspectos da vida, ou como eles mesmos expressam, dando-lhes uma “noção de mundo”.

O relato da jovem Bibiana expressa essa ideia:

Se eu não participasse do Zumbi, acho que eu seria uma pessoa muito mais limitada, em vários sentidos... porque o Zumbi me deu uma noção de mundo. Então eu acho que eu seria uma pessoa bitolada. É complicado dizer que, talvez os outros que não participam sejam bitolados (risos), mas no meu caso, é difícil comparar, pois entrei no Zumbi com 17 anos, de repente é uma questão de idade também, tu é muito novinha, não tem nada, mas é exatamente esta questão de noção de mundo, de fazer alguma coisa. (Bibiana, Cursinho Zumbi dos Palmares).

A partir de sua experiência no grupo, a jovem relata que iniciou a participar ainda muito nova, com 17 anos, e naquele momento sentia-se “bitolada” pela inexperiência, pois afirma que “não tinha nada”. Com a trajetória realizada, enfatiza que o grupo lhe deu uma noção de mundo, que ela destaca no início de sua fala e reafirma no final.

Em seu relato percebe-se o significado que o coletivo teve para o desenvolvimento de sua consciência crítica, que é expresso através da ideia de noção de mundo, própria do léxico coletivo do Cursinho.

Este processo parece ser decisivo no momento da adolescência, quando os jovens iniciam a sua participação em tais coletivos. No relato da jovem Poliana também é referido este processo:

Quando eu tinha 12 ou 13 anos, tava saindo da infância missionária, foi muito bom participar do grupo porque eu lembro que eu era adolescente, então eu tava caindo nessa coisa do consumismo, nessa coisa da aparência, de ter um corpo bonito. Foi muito importante ter participado da Pastoral da Juventude e poder, aos poucos, se libertar desses vícios capitais, desse mundo que quer da gente mais consumo, que quer que a gente seja alguém só pra dar lucro e não poder olhar para o outro com o olhar de compaixão, com olhar solidário, simplesmente com o olhar de que aquele que tá do teu lado é teu concorrente. Então a Pastoral da Juventude ela me proporcionou muitas coisas boas. (Poliana, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em sua narrativa, a jovem considera que esse processo inicia em sua adolescência, sendo que em sua opinião, o grupo contribuiu para sua conscientização. Em suas palavras, este pode ser identificado quando ela aponta uma transição do consumismo e da cultura da aparência, que ela chama de vícios capitais. Em contraposição a estes “vícios” destaca a necessidade de ver o outro com um olhar de compaixão e de solidariedade, não os considerando como meros concorrentes. O emprego de tais expressões refere diretamente ao ideário e a discursividade próprios do grupo da pastoral.

Seu relato evidencia dois discursos recorrentes a partir do coletivo no qual participa. O primeiro refere-se à ideia do discurso religioso dos vícios capitais, muitas vezes proferido pelas instituições e grupos religiosos, que criticam de modo incisivo as culturas do consumo e da aparência. O segundo refere-se ao ideário de formação, desenvolvido pelas Pastorais da Juventude da Igreja Católica, que considera a conscientização como uma das dimensões da formação integral<sup>67</sup>. Tal dimensão diz respeito à entrada consciente na vida política e ao compromisso do jovem com a sociedade. Inclui o fomento do que designa como senso crítico e a capacidade de analisar a realidade, distinguindo ideologias e buscando alternativas para construir um mundo melhor. A consciência política também desperta para a solidariedade e para a compreensão dos mecanismos da estrutura social (PERONDI, 2008).

Esta perspectiva de conscientização ganha forma no relato de outros jovens participantes dos grupos da pastoral, tal como relata o jovem Marlon:

Quando eu comecei a participar da campanha *foi meio que um abrir os olhos* para a realidade que estava em volta e que a gente acaba não percebendo as várias realidades de extermínio da juventude. Isso acaba contribuindo no nosso ser cidadão. A partir deste abrir os olhos que vai acontecendo com a gente, são pequenas atitudes que a gente vai mudando, mesmo nos posicionamentos. Eu já percebi que vários posicionamentos meus mudaram e a partir, também, desta formação que a gente vai tendo e percebendo na realidade, a gente vai se posicionando para que estas realidades que a gente vive mudem. (Marlon, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens). [*grifo do autor*].

Marlon utiliza a metáfora do “abrir os olhos” para destacar sua experiência na pastoral, de modo especial, na Campanha, que lhe possibilitou maior consciência a respeito das várias realidades de extermínio dos jovens. Também destaca que esta consciência possibilitou a mudança de pequenas atitudes e posicionamentos que contribuem para o seu ser cidadão.

A narrativa do jovem afirma que sua participação neste coletivo foi significativa para a experiência pessoal. Também pode-se relacionar tal relato à problematização central deste estudo a respeito da participação social dos jovens nos coletivos dos quais fazem parte, pois quando um jovem menciona que sua

---

<sup>67</sup> Para as Pastorais da Juventude, a pessoa humana constitui-se como uma unidade caracterizada por diferentes dimensões. Por isso, desenvolve a formação integral, que compreende as seguintes dimensões: a) Personalização (psico-afetiva); b) Integração (social e cultural); c) Conscientização (política); d) Teológica (mística ou teologal); e) Capacitação Técnica (metodológica). (PJE, 2005, p. 111).

experiência contribui para o seu “ser cidadão”, pode-se inferir que a mesma tem um sentido demarcador para sua vida.

Ainda quanto ao tema da conscientização, a experiência da jovem Paloma apresenta-se como emblemática:

Com certeza a minha vida seria diferente se eu não participasse do InGá, porque, agora, eu tenho uma consciência muito mais ampla. Eu também poderia ter esta consciência por outros motivos, mas com certeza o InGá mudou muito minha concepção de mundo, de possibilidades, de pensar o futuro, ter outros objetivos, como é o caso de ter a minha terrinha. (Paloma, Instituto InGá).

Neste relato a jovem anuncia literalmente que a participação no InGá lhe possibilitou aquilo que ela chama de uma consciência mais ampla, que é caracterizada por mudanças em sua concepção de mundo, nas suas possibilidades, no seu modo de pensar no futuro e nos seus objetivos concretos, como a questão de ter uma terra própria. A jovem Paloma afirma que a participação no grupo ambientalista levou a uma concepção diferente em relação à consciência ambiental, ao modo de consumo, a ponto de que traçasse outros objetivos para sua vida, como é o caso de ter sua própria terra, onde poderá fazer o cultivo de alimentos sem agrotóxicos e de PANCS (Plantas Alimentícias Não-Convencionais).

Em sua narrativa é possível perceber a questão central da discussão dos dados da pesquisa, no que se refere aos eixos passado, presente e futuro, pois estes eixos estão de tal forma imbricados que apresentam uma certa impossibilidade de distingui-los precisamente. Ao relatar como a experiência contribuiu para conferir sentido à experiência no passado, permitindo-lhe uma consciência mais ampla, também enfatiza questões do presente, tais como as possibilidades que se apresentam e suas práticas de consumo na atualidade. Por fim, afirma seus objetivos lança-lhe objetivos para o futuro, tais como atuar em questões ambientais e obter uma terra própria para a realização de seus projetos.

O projeto da jovem de possuir uma propriedade na zona rural contrapõe-se a duas ideias correntes que apontam uma direção contrária aos fenômenos relacionados aos âmbitos rural e urbano. A primeira é a de que as propriedades rurais que estão cada vez mais próximas às cidades são mais desvalorizadas, tanto pelas referências estigmatizadoras sobre a população destes meios, quanto pela exclusão do acesso aos serviços públicos e privados básicos (CASTRO, 2007). A

segunda é a do crescente número de jovens que abandonam as zonas rurais para buscarem novas oportunidades nos centros urbanos. Em relação à primeira, a jovem Paloma se contrapõe à estigmatização com a valorização do espaço rural como possibilidade de novas formas de produção; em relação à segunda, ela vai no contrafluxo da migração do campo para a cidade, visto que ela deseja sair da área urbana para habitar a área rural. Há que se considerar que os motivos migratórios são significativamente diferentes, uma vez que o fluxo da zona rural para a cidade, geralmente, está vinculado a uma realidade econômica precária, ao passo que o movimento inverso, de modo geral, refere-se a uma busca de maior qualidade de vida ou da realização de um *hobby*.

Ainda no âmbito do tema conscientização/noção de mundo, os relatos de dois jovens apontam para uma consciência específica, a qual poderia ser designada como “altruísta”. Eles narram:

O Zumbi, pra mim, mudou totalmente a minha maneira de pensar, sobre o que eu era, o que eu tava fazendo e o motivo de tu fazer as coisas, sabe. Eu entrei aqui muito *verde*; eu era uma *guriazinha* que ficava indo do colégio pra casa, sem pensar nos outros, só pensando em mim e com o Zumbi eu vi que é muito mais, que tu pode fazer muito mais, que tu é capaz de fazer muito mais. E, no momento que tu ajuda o outro, tu acaba te ajudando também. (Bibiana, Cursinho Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

Acho que a ideia do curso de tentar transformar, mudar a vida das pessoas, eu acho absurdamente interessante, demais. Pela minha experiência, por tudo o que eu passei e até onde eu cheguei até este momento e a importância que o curso teve na minha vida, acho que isso me faz continuar aqui dentro. Também tem pessoas que eu conheço, que moram perto de mim, que vivem a mesma coisa que eu vivo, que querem entrar também [na universidade], assim como eu consegui. Isso me motiva a estar aqui. As pessoas em volta militando também me inspira muito. (Igor, Cursinho Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

No primeiro fragmento, a jovem Bibiana destaca que o Zumbi contribuiu para mudar o seu modo de pensar, sobre quem ela era, sobre o que ela fazia e o motivo pelo que ela atuava. Enfatiza que entrou muito nova no grupo (*verde, guriazinha*) e tinha uma rotina de ir do colégio para casa, que não lhe permitia refletir mais profundamente sobre os diferentes aspectos de sua vida. Aos poucos passou a pensar de modo diferente e a perceber que o curso tinha uma dimensão mais profunda e que poderia preocupar-se mais com os outros, numa postura tipicamente altruísta.

O segundo relato, do jovem Igor, apresenta de forma ainda mais explícita esta dimensão altruísta de tentar “transformar” a vida de outros jovens, que participam do cursinho. Ele é ex-aluno do Zumbi e enfatiza que o mesmo teve grande importância para a sua vida. Experiência tão significativa em seu itinerário pessoal motiva a contribuir para que outros jovens, que vivem condições sociais semelhantes às vividas por ele, também possam estudar para tentarem o ingresso no ensino superior. Em sua visão, isso significa mudar de vida. Ao final de sua narrativa, destaca que as pessoas que militam a sua volta também contribuem para a sua motivação e para o sentido que o grupo tem para ele. Tal aspecto pode ser relacionado à ideia enfatizada pelos próprios integrantes, de que o cursinho não é apenas um espaço de preparação para o vestibular, mas um espaço de militância. Isso é perceptível tanto nos relatos dos jovens, como também nas reuniões, nas aulas e nos momentos de formação que são realizados no projeto.

Ambos os casos apresentam a ideia de uma consciência altruísta, preocupada com outros jovens que vivem condições semelhantes às que eles próprios viveram. Tal afirmação indica o quão significativo é o cursinho para os seus itinerários, a ponto de, na atualidade, eles se empenharem para dar continuidade à esta experiência.

No tema conscientização/noção de mundo foi possível perceber como as experiências dos jovens nos coletivos onde atuam possibilitaram maior reflexividade a respeito de si e do mundo que os circunda, ampliando o que designam como consciência crítica e noção de mundo.

Outro tema na esfera da categoria crescimento pessoal é o dos aprendizados realizados nos coletivos e como seus desdobramentos conferem sentidos para a participação dos jovens nestes espaços. O relato que segue é emblemático para compreender esta dinâmica:

Acho que tudo é muito marcante na minha trajetória do grupo! Então é muito difícil dizer um momento marcante só. Quando iniciei, eu não sabia dançar nada, não tinha ritmo, não tinha nada. De repente eu me esforcei, eu tava sempre lá atrás, porque a gente sempre teve essa coisa de inclusão, não interessa se não sabe, fica lá aprendendo, nós não vamos deixar de participar, de se apresentar. Então pra não atrapalhar as outras fica um pouquinho mais ali no cantinho, mas tá lá, tá no espetáculo, tá no palco. (Tânia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

Sua experiência expressa a dinâmica de aprendizado que acontece no grupo Afro Sul/Odomodê. Inicia afirmando que não sabia dançar nada e não tinha ritmo

quando chegou no grupo; mesmo assim não foi impedida de participar. Foi colocada numa posição de retaguarda onde poderia participar sem atrapalhar as demais integrantes. A partir da oportunidade recebida, passou a esforçar-se para aprender as coreografias e poder apresentar-se com o grupo. Destaca que este processo foi possível, pois no grupo é adotada uma postura, que ela caracteriza como inclusiva, que procura valorizar os participantes, independente do seu nível de conhecimento.

Em seu relato, a ideia de aprendizado é expressa como aquele procedimento que acontece de modo gradativo e de acordo com o ritmo dos participantes. Ressalta ainda que não há uma divisão rígida com relação às idades, visto que os participantes novatos são integrados ao grupo e aprendem de acordo com suas possibilidades, como é o caso acontecido em seu percurso.

A narrativa de outra jovem também aponta para o processo de aprendizado realizado no seu grupo:

Se eu não tivesse entrado no InGá com certeza, muitas coisas não teriam acontecido na minha vida. Pra dizer a verdade, antes de participar do InGá, eu sabia que existia, mas não tinha nem ido na Ferinha Agroecológica. Sabia que era uma feira e tal. Eu tinha um conhecimento mínimo; mínimo não, básico, super básico, com relação à essas coisas que a gente trabalha: hidrelétricas, agrotóxicos..., essas coisas todas eu tinha uma noção um pouco melhor do que a massa da sociedade, mas não era tanto. (Paloma, Instituto InGá).

Os aprendizados referidos pelos dois jovens extrapolam a esfera de conhecimentos tradicionalmente atribuídos aos espaços escolarizados ou de currículos rígidos de grupos formativos, pois os modos de trabalhá-los, a apropriação e a significação dos mesmos são diferentes. Visto que os jovens atribuem grande sentido para estes aprendizados, cabe aprofundar as características dos mesmos.

Ao investigar como acontecem os aprendizados e a apropriação dos saberes, Bernard Charlot cunhou o conceito de “relação com o saber”. Para o autor,

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender; (...) Ou, sob uma forma mais “intuitiva”: relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo

enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação. (CHARLOT, 2000, p. 80-81).

Tal concepção supõe a existência de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença de diversos saberes que há no mundo. A noção de sujeito implica a percepção de que este se constitui como um “ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade” (Charlot, 2000).

Neste caso, a singularidade não supõe que o sujeito vive isolado. Charlot concorda com Bourdieu de que o sujeito ocupa efetivamente uma posição no espaço social, embora considere insuficiente a sua constatação. Mesmo que todo sujeito pertença a um grupo, ele não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber. Consequentemente, a relação com o saber será fruto desses múltiplos processos (PERONDI, 2008).

As considerações de Charlot contribuem para pensar que os aprendizados que os jovens desenvolvem nos coletivos em que participam implicam em vários fatores e relações, que extrapolam os conteúdos e modos de transmissão abordados em espaços educativos formais, conforme foi possível perceber nos relatos dos participantes.

O último tema da categoria processos de crescimento pessoal foi designado como confiança. O mesmo refere-se à crença em si mesmo, adquirida na participação do grupo e como este contribuiu para atribuir sentido a experiência realizada. A narrativa do jovem Igor retrata este processo:

Quando eu cheguei para ver o meu nome na lista e vi que eu tava pré-inscrito, pré-matriculado, eu fiquei bastante feliz porque eu já tinha procurado outros cursos e não tinha logrado êxito. Naquele momento eu fiquei muito feliz, a minha vida começou a mudar naquele momento. (Igor, Cursinho Zumbi dos Palmares).

Segundo a perspectiva do jovem, o cursinho passou a fazer ainda mais sentido a partir do momento em que ele passou no vestibular, valorizando o esforço empenhado e lhe dando confiança para acreditar mais em si mesmo. Ele continua sua narrativa, afirmando:

Quando eu passei no vestibular, não só eu, mas junto com outro colega que estudava junto comigo, que estudava direto, que passava noites em claro estudando, que ficava até tarde estudando, que deixava de fazer coisas para estudar, que deixava de sair no final de semana para estudar. A gente estudava junto, aí no começo do outro ano a gente viu o nosso nome no listão [lista dos aprovados no vestibular] e aquilo ali foi absolutamente incrível, uma sensação incrível, mudou totalmente minha vida, eu fiquei muito feliz, muito mesmo. Não bebi bastante porque eu não tinha dinheiro, mas fiquei feliz. (Igor, Cursinho Zumbi dos Palmares).

Em seu relato, o jovem Igor relembra as dificuldades enfrentadas durante o processo de preparação para o vestibular. Recorda a trajetória realizada em conjunto com outro colega, com o qual dividia momentos de estudo, destacando os esforços empenhados, em que dedicavam noites e finais de semana para a sua preparação. Dá grande ênfase ao momento em que ele e o amigo veem seus nomes na lista de aprovados do vestibular, caracterizando-o como um momento marcante em seus itinerários pessoais. Percebe-se a confiança adquirida neste momento a partir de sua expressão de que ficou muito feliz e de que este fato estava mudando de modo significativo a sua vida.

A experiência do jovem Igor e de seu amigo não são casos isolados diante do grande contingente de população jovem que há no Brasil atualmente. Os jovens estão entre os sujeitos com maior vulnerabilidade social do atual momento histórico (ABRAMO, 2005b; ABRAMOVAY *et al*, 2002; NOVAES, 2004). No entanto, ainda faltam políticas públicas para garantir os direitos básicos destes sujeitos, em diversas áreas, como é o caso da educação. A implementação de medidas tais como as políticas afirmativas e as cotas nas universidades públicas poderão contribuir para que outros jovens, tais como Igor e seu amigo, tenham oportunidades e confiança para buscar através da educação, meios para mudar as trajetórias de suas vidas.

Através da categoria processos de crescimento pessoal é possível perceber como as experiências dos jovens nos coletivos onde participam contribuem demarcadores de seus itinerários pessoais. De maneira particular destacam que os grupos lhes ajudam a crescer pessoalmente em situações em que ocorrem mudanças de si ao longo do processo, em que há o desenvolvimento de uma maior conscientização/noção de mundo, onde constroem aprendizados significativos para suas vidas e onde podem adquirir confiança para enfrentar de modo diferenciado os desafios para a construção de projetos de futuro.

Conforme destaca Melucci (2004), o crescimento pessoal e o desenvolvimento da identidade supõe um processo de individuação e um alargamento da autonomia dos sujeitos. Em suas palavras,

No seu aspecto dinâmico, a identidade apresenta-se como um processo de individuação e de crescimento da autonomia. Vemos hoje nossa identidade como um produto de uma ação consciente e resultado da auto-reflexão, mais do que como um dado ou uma herança. Somos nós que construímos nossa consistência e reconhecemo-nos dentro dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais. (MELUCCI, 2004, p. 47).

A afirmação do autor aponta para o desafio com o qual os sujeitos contemporâneos se deparam em construir suas próprias identidades. Tal processo é realizado pelo próprio indivíduo, a partir de oportunidades e limites estabelecidos através de suas relações pessoais e sociais. Este desafio é perceptível através dos relatos dos jovens participantes da pesquisa ao enfatizarem que a sua experiência de participação nos coletivos contribuiu para o crescimento pessoal.

#### 4.3 SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E DE CONFLITOS

A terceira categoria no âmbito do eixo do passado foi designada como “superação de dificuldades e de conflitos”, numa referência às situações difíceis enfrentadas pelos jovens nos grupos e que, a partir da superação, constituem-se em aspectos que contribuem para o fortalecimento pessoal, a partir do coletivo. Para Melucci

As situações críticas são, por excelência, o momento em que nossa identidade e suas fragilidades são reveladas: quando somos submetidos a expectativas contraditórias [...] Os conflitos são provas difíceis para nossa identidade e podem comprometê-la. (MELUCCI, 2004, p. 46).

A afirmação do autor ressalta que as situações críticas constituem-se como momentos difíceis em que os sujeitos ou grupos manifestam suas fragilidades e sua identidade, principalmente, quando suas expectativas são frustradas. Estas situações críticas apareceram nos dados desta investigação, em que os jovens

expressam dificuldades e conflitos vividos no contexto dos coletivos em que participam.

O enfrentamento das dificuldades e dos conflitos mostrou-se uma situação presente nas narrativas dos participantes da pesquisa. Pode-se apontá-la como uma marca geracional, se considerarmos que em muitas investigações, outras gerações, sobretudo adultos e idosos, tendem, em suas narrativas de memória, a idealizar o passado, como um período constituído somente por experiências positivas, com a ausência de problemas e conflitos (ALMEIDA, 2007; ERRANTE, 2000; THOMSON, 1997).

Entre os dados desta investigação os jovens narram experiências difíceis pelas quais passaram durante a sua participação nos coletivos em que estavam envolvidos. Destacam que a superação dessas dificuldades e conflitos foram significativas para dar ainda mais sentido à sua participação e até mesmo para a continuidade no grupo.

Os temas emergentes nesta categoria foram: dificuldades pessoais, dificuldades relacionais (quando envolve problemas entre indivíduos entre si) e dificuldades grupais (quando envolve problemas que afetam o coletivo).

Em relação ao primeiro, dificuldades pessoais, um dos participantes relata:

Tive várias vezes um sentimento assim de abandono, de vontade de sair do grupo. Interessante lembrar isso aí e trabalhar esse sentimento. Eu sempre botei muita fé nesse trabalho, na necessidade desse trabalho, enxerguei e enxergo muito as potencialidades dele. (Vínicius, Instituto InGá).

Em sua narrativa ele destaca o sentimento de abandono e de vontade de deixar o grupo em diversas ocasiões. No momento seguinte do relato, ressalta que acha importante lembrar esses sentimentos e trabalhá-los, o que demonstra o processo reflexivo gerado a partir do processo de narrar a sua experiência no grupo e como isso o fez reafirmar a sua continuidade no coletivo.

Afirma ainda que as dificuldades foram superadas pelo fato dele acreditar no trabalho, frisando a necessidade do mesmo. Aponta ainda que enxergou (passado) e enxerga (presente) as potencialidades do grupo e que tais elementos possibilitaram a superação dos sentimentos de crise e de abandono.

Outro tema referido é o das dificuldades relacionais que acontecem entre os sujeitos, no interior dos coletivos. Uma das jovens retrata uma situação em que o mesmo aparece:

Uma das coisas que me marcou, foi a questão de um conflito, em que eu pensei em desistir do grupo, não falar com ninguém assim. Eu contei, acho que foi pra ti mesmo [falando para outra jovem do grupo que estava lhe entrevistando], que eu contei que eu pensava em não voltar mais depois de uma discussão com a Fabiana [nome modificado], que o grupo tinha acabado, que eu tava desistindo. Foi por causa dessas besteiras pessoais. Ela sempre foi muito orgulhosa assim. Eu e ela, a gente nunca deu o braço a torcer. Mas depois, nós conversamos e vimos que ainda tínhamos muito a contribuir e superamos nossas dificuldades. (Talita, Grupo Afro Sul-Odomodê).

A jovem expressa que quase se retirou do grupo por causa dos problemas relacionais que teve com outra participante do grupo. Apesar de afirmar que a discussão aconteceu por causa de “besteiras pessoais”, o impacto foi tão significativo a ponto de achar que o grupo havia acabado para ela, então, teve vontade de desistir. Apesar do conflito, posteriormente, percebeu que tinha muito a contribuir com o grupo ainda e, deste modo, superou as dificuldades, continuando no grupo até o presente.

Seu caso pode ser apontado com um exemplo de situação subjetiva que pode não ser trazida à tona em pesquisas que não oportunizam aos próprios jovens a narrativa suas experiências de participação. A interação entre a jovem entrevistada e a outra que estava lhe entrevistando também remete a uma repercussão da metodologia de pesquisa adotada, pois este exercício permitiu que a jovem lembrasse de que foi com esta mesma colega que ela partilhou a vontade de deixar o grupo. Possivelmente, se tal oportunidade não fosse concedida, esta recordação não tivesse ocorrido.

Por fim, o terceiro tema desta categoria da categoria “superação de dificuldades e de conflitos” refere-se aos problemas grupais que acontecem no interior dos coletivos investigados. Um primeiro relato destaca:

Quando a gente trocou de sede, a gente não tinha espaço específico pra ensaiar. A gente ensaiava na garagem da Lara, que é a fundadora do grupo. Depois, a gente conseguiu o espaço que nós temos hoje, na Ipiranga. Então o primeiro dia que a gente chegou lá foi muito marcante porque a gente chegou num espaço que tava muito depredado, não tava com cuidado, não tinha nem luz. Então aquela primeira reunião que a gente fez, a gente organizou uma equipe pra trabalhar em cima de reestruturar o grupo. A gente fez isso numa reunião com velas porque a gente não tinha luz. Hoje eu chego lá e vejo que a gente

conseguiu organizar aquele espaço de uma maneira que eu fico impressionada de lembrar, é muito marcante lembrar como a gente iniciou, o caminho que a gente já trilhou e o caminho que a gente tá aí seguindo. (Talita, Grupo Afro Sul-Odomodê).

A narrativa da jovem Talita enfatiza as dificuldades de infraestrutura enfrentadas pelo grupo em sua origem. Primeiro existia a falta de um espaço físico para os ensaios do grupo; depois que conseguiram uma sede, havia a falta de estrutura, visível em aspectos como a falta de luz e de cuidado. Segundo a jovem, a superação teria acontecido através da união dos integrantes que procuraram reestruturar o grupo. Atualmente, com uma sede organizada e estruturada, a jovem enfatiza o quão importante para ela é recordar o início deste processo, o caminho trilhado e a trajetória que está em curso. Participar de todo este percurso, superar os percalços, foi importante para o coletivo, mas também para a implicação que essa participação gerou para cada um dos participantes, como é o caso da Talita.

Outro jovem também relata um momento difícil vivenciado por seu grupo:

Em 2005, infelizmente, ocorreu um racha no grupo. O pessoal saiu fora um pouco e ficou outro grupo, que seria eu, a Julia, o Mateus e a Mica. Foi a gente que mais ou menos segurou as pontas. Foi um momento muito fragilizado. A gente teve que reconstruir a partir das bases. A gente tinha alguns poucos recursos financeiros, que logo se exauriram. Então naquele momento o InGá funcionou praticamente no meu quarto, com o arquivo e o computador. Eu era o secretário, o coordenador e o tesoureiro do InGá. A gente foi trabalhando devagar. Eu vejo que existe uma maturidade hoje, que não existia. (Vinícius, Instituto InGá).

A narrativa apresentada constitui-se num exemplo emblemático de crise e de superação enfrentados pelo grupo. O jovem relata que, num determinado momento, vários participantes deixaram o grupo, restando apenas quatro integrantes, o que constituiu uma grande fragilidade. Destaca o acúmulo de funções que teve que assumir, ainda muito jovem, para garantir a continuidade da proposta e que o grupo continuou organizado, trabalhando devagar para reestruturar a experiência. Ao final, frisa, que segundo sua visão, que tal esforço resultou na maturidade que o coletivo tem hoje, que no período da crise não havia. A experiência difícil, e ao mesmo tempo responsável, assumida por este jovem, foi marcante para seu itinerário pessoal e opções de vida.

Dois jovens do Cursinho Zumbi dos Palmares assim narram as experiências difíceis que vivenciaram no grupo:

As crises que tivemos no grupo acho que foram muito marcantes. Isso aí, sobre as crises, eu gosto de pensar, agora que já passou mais tempo, porque houve momentos muito *casca* que estiveram a ponto de [o grupo] acabar, tipo “ah, vamos parar com isso aqui, não vamos mais continuar que isso aqui já era”. Mas conseguimos dar a volta por cima. Não teve uma crise, duas crises, houve vários momentos de crise, inclusive de gente sair magoada das reuniões. (Márcio, Cursinho Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

Teve um momento muito marcante que mudou a minha visão, até mesmo com relação ao Zumbi na minha vida, que foi em 2010, no Encontro de Cursinhos. A gente estava passando por um momento muito f... *piiiii* [risos; a jovem se autocensura pela expressão utilizada], de desmotivação. Eu tava muito desmotivada e naquele momento parece que tudo mudou. Dialogando com outros cursinhos, com outras pessoas, dialogando com os próprios colegas daqui e vendo todo mundo reunido, eu tive uma outra percepção assim do Zumbi. Vi o quanto era importante e quantas coisas poderiam ser feitas, então eu decidi continuar. (Nicole, Cursinho Zumbi dos Palmares). [*grifo do autor*].

Ambos os relatos reportam-se às situações de crise e desmotivação vivenciadas no interior do grupo, que levaram a pensar que a experiência não teria continuidade ou que eles próprios poderiam desistir.

Conforme frisado anteriormente, os jovens se permitem recordar e expressar dificuldades, crises e conflitos vivenciados em suas experiências. No entanto, também fica evidente que todos ressaltam a resolução dos problemas e a superação dos conflitos como momentos vividos no coletivo.

Ao discutir a dimensão das recordações, Errante destaca

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. (ERRANTE, 2000, p. 57).

Tal reflexão enfatiza que ao narrarem suas lembranças os indivíduos se expressam a partir das modificações pessoais sofridas pela sua identidade pessoal e pela necessidade de construir um significado para as experiências passadas com a qual possam conviver.

A partir dessa ideia percebe-se que os jovens participantes da pesquisa não tem receio de falar de dificuldades e problemas, mas, também buscam uma harmonização do passado, através de afirmações como “dar a volta por cima”.

#### 4.4 INFLUÊNCIA INTERGERACIONAL

Ao longo do Curso de Capacitação desenvolvido com os jovens da pesquisa, num dos momentos, os participantes foram convidados a apresentarem para os demais o perfil e as principais características do grupo que integravam. Durante as apresentações e diálogos travados, verificou-se, por constatação deles próprios, que as quatro experiências contam com uma pessoa adulta, ou mesmo idosa, que é referência, os quais foram afetivamente chamados de “nossos gurus”. Esta situação foi lembrada durante vários momentos do curso em que os jovens enfatizavam a inspiração que estas pessoas conferiam à sua participação.

Esta constatação teve recorrência através de duas situações. A primeira, a partir das visitas e acompanhamento das atividades realizadas nos coletivos, foi possível conhecer as quatro pessoas de referência: o Brack, a Enilza, a Lara e o Padre Hilário. A segunda, através das narrativas dos próprios jovens entrevistados pelos participantes da pesquisa.

De acordo com Feixa (2013), na antropologia clássica, as mudanças sociais costumam ser analisadas a partir da oposição (conflito) entre gerações consecutivas (pais e filhos) e de aliança entre gerações alternadas (avós e netos)<sup>68</sup>. No caso dos “gurus” dos grupos da pesquisa, esta ideia também parece oportuna, pois três deles são anciãos e o primeiro é professor universitário de larga experiência.

Apesar de a maioria deles não ocupar, atualmente, uma função ou um cargo no grupo, é visível a proximidade estabelecida entre eles e os jovens participantes da pesquisa, pois aqueles lhes servem como inspiração e suas intervenções são consideradas como significativas para o coletivo ou para a experiência dos participantes.

A partir destas referências destacou-se no âmbito da categoria “relações intergeracionais” o tema “referência de adultos”. Um dos jovens, ao falar de sua experiência, ressalta a importância do adulto no seu coletivo:

---

<sup>68</sup> Um exemplo recente da relação entre gerações é a inspiração do movimento de “Los Indignados” (iniciado por jovens na Espanha e posteriormente se transformou em um movimento internacional e intergeracional), na pessoa do ativista Stéphane Hessel, de 95 anos. Este, em 2010 publicou o livro “Indignai-vos: um alerta contra a indiferença e a favor da insurreição pacífica” (Barcelona, Ediciones Destino), que inspirou o nome do movimento. Hessel, juntamente com Morin, foi um dos redatores da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e atuou em diversas causas humanitárias e em projetos da UNESCO.

Todos esses anos aí foram anos de muita ação; teve muitas reuniões, conheci muitas pessoas, conheci propostas, abordagens, então já tenho um acúmulo interessante, sem falar o Brack, que é, assim, o *ponta de lança*. (Vínicius, Instituto Ingá). [*grifo do autor*].

Em seu relato, o jovem destaca vários aspectos marcantes de sua participação no grupo tais como reuniões, pessoas, propostas, abordagens. Ao final, menciona o professor Paulo Brack como um “ponta de lança”, ou seja, como uma figura de grande importância para o grupo. Ao usar a expressão “sem falar o Brack”, sugere que este é o aspecto mais relevante que os anteriormente citados e que a figura do professor contribui também para inspirar a sua participação no grupo.

Outras duas jovens, ao estabelecerem um diálogo numa das entrevistas também referem a uma pessoa adulta, de significativa influência em seu coletivo:

Talita – Eu conversei com a lara, que eu ia fazer Relações Públicas, porque eu gostava de pessoas, “ah viajei várias”. Mas, antes de me inscrever pro vestibular eu fui lá e conversei com a lara e ela disse que o ideal mesmo seria eu ir para a Educação Física, pra entender mais esta questão do corpo e de preparo físico para os bailarinos. Aí fui e consegui.

Letícia – A lara é uma *mãe né*.

Talita – É mesmo.

(Talita e Letícia, Grupo Afro Sul-Odomodê).

O diálogo entre as jovens manifesta o apreço e a importância que o adulto tem (um dos fundadores) tem para o grupo. Segundo uma das jovens, pensava em cursar outra graduação na universidade, no entanto, antes de prestar vestibular, consultou a lara e esta lhe aconselhou a buscar outro curso, que lhe possibilitasse maior conhecimento da área em que ela atuava no grupo. Ao ouvir o relato da colega, que acatou o conselho dado, a jovem entrevistadora, referiu-se à lara como “uma mãe”, obtendo a confirmação de sua interlocutora.

Estes relatos, que apontam pessoas adultas ou anciãs como referências para os jovens, evidenciam que não são apenas fatos, atividades ou propostas dos grupos, que conferem sentido para a sua participação nestes coletivos, mas também as pessoas antigas do grupo contribuem para inspirar a atuação nos projetos do grupo e, de modo mais amplo, em suas opções de vida, como é o caso da escolha do curso de graduação.

#### 4.5 EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Outra categoria agrupada junto ao eixo do passado é a da experiência profissional dos jovens e os sentidos gerados a partir da mesma. A dimensão profissional constitui-se numa das muito valorizadas pelos jovens, seja pelos desafios que se apresentam ou mesmo pela necessidade de fazer opções, por vezes nebulosas para eles. Foram delineados dois temas neste âmbito: as primeiras experiências e a resignificação da opção profissional.

Com relação às primeiras experiências, uma das jovens relata:

Como professora, no primeiro dia de aula eu tava muito temerosa, porque no outro cursinho que eu dou aula, o primeiro dia de aula foi bem tenso. Eu me senti muito julgada, no primeiro dia de aula. Os alunos me olhavam assim “Tá, tu é uma *piá*<sup>69</sup> de vinte anos e quer vir aqui me ensinar alguma coisa?”. Eu não me senti bem, eu me senti mal e tava com medo que isso acontecesse aqui também, mas foi uma reação totalmente diferente. Foi muito engraçado, eu cheguei na sala de aula e disse: “Oi, tudo bom, como foi a semana?”, “Oi, eu sou a Bibiana, a professora de Literatura”, daí todo mundo “bahhh<sup>70</sup>”. Aí teve um aluno que disse “Você é a professora? Que legal! que show!”. Aí eu pensei “que legal, eles acharam legal eu ser a professora”. Aí eu relaxei, fiquei muito feliz, porque eu vi que poderia dar certo. (Bibiana, Cursinho Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

A questão central abordada por Bibiana é o que ela julga como um preconceito com relação à sua idade, visto que ela tinha apenas 20 anos. Apesar do temor, afirma que sua primeira experiência no Zumbi foi positiva e que os alunos gostaram de tê-la como professora. Essa experiência positiva junto aos alunos do Zumbi inspirou-lhe confiança para desenvolver seu trabalho, o que se pode presumir que também contribuiu para que a experiência fosse significativa em seu itinerário pessoal. As dificuldades enfrentadas por Bibiana não constituem uma situação atípica para os jovens de diferentes grupos, que se deparam com os mesmos problemas no início da sua vida profissional.

Outro jovem, também do Zumbi, relata deste modo sua experiência:

Logo depois que eu passei no vestibular, a minha participação tinha mais a ver com retribuição, de tentar retribuir o que fizeram por mim, não uma ideia de transformação. Acho que naquele momento era mais pra retribuir, depois é que foi mudando, a forma de pensar o

<sup>69</sup> “Piá”: consiste numa expressão idiomática regional do sul do Brasil, empregada para referir à pessoa que se encontra próximo à puberdade e à adolescência.

<sup>70</sup> Interjeição de espanto utilizada no Estado do Rio Grande do Sul.

curso foi mudando ao longo do tempo. Também acho que a questão de aproveitar para “pegar experiência como professor” também contribuiu. (Márcio, Cursinho Zumbi dos Palmares).

Segundo Márcio, sua participação, inicialmente, teve o sentido de retribuir a ajuda que recebeu, visto que ele fora aluno do Cursinho Zumbi antes de ingressar na universidade. Outro fator importante para o jovem foi a questão de “pegar experiência como professor”, como uma contribuição para a sua prática profissional docente. A oportunidade de conseguir um emprego antes de concluir a formação é uma ocasião que não sucede a todos os jovens,

Dado que são escassas as oportunidades de trabalho que esperam pelos jovens, conseguir uma posição adequada é considerado, por uma proporção considerável deles, o resultado de um privilégio, um golpe de sorte, relações ou vínculos que podem ser feitos. (KRAUSKOPF, 2005, p. 166).

Krauskopf (2005) insiste no fato de que os jovens se deparam com dificuldades para o ingresso no mercado de trabalho, competitivo e restrito. As escassas oportunidades são apontadas por eles como resultados de privilégios, sorte ou obtidas através de relações e vínculos que podem ser estabelecidos em diversos âmbitos. Tal afirmação contribui para demonstrar a busca dos jovens por espaços como o do cursinho pré-vestibular para exercerem o início da profissão docente.

Outro tema identificado no âmbito da experiência profissional foi a ressignificação da opção profissional. Uma das jovens expressou como isso acontece. Em suas palavras:

Quando eu entrei no Ingá, naquela época eu tava *a fim*<sup>71</sup> de não me envolver mais com o jornalismo. Eu estava *a fim* de fazer uma coisa mais técnica, tanto é que eu tava fazendo curso de Técnico em Meio Ambiente [...] É interessante porque o Ingá fez com que eu retomasse o meu trabalho com o jornalismo, pois eu tava naquela fase em que tu te questiona sobre a nossa formação profissional [...] No Ingá eu aprendo também muitas questões técnicas, a gente está envolvido em várias atividades, vários conselhos, que tem muito das outras ciências, da geografia, da biologia, então a gente acaba aprendendo um pouco de tudo. Isso pra mim é muito bom, isso me motiva a estar participando ainda do Ingá. Esse conhecimento que eu sei que posso ter, cada vez mais, a todo o instante. (Paloma, Instituto InGá). [*grifos do autor*].

---

<sup>71</sup> A expressão “a fim”, empregada pela jovem, constitui-se numa gíria que significa “estar com vontade de”.

Em seu relato se percebe que não era apenas uma questão relacionada com à profissão, mas também com à identificação com a área de atuação e com um grupo que pudesse conferir sentido à sua atuação profissional. A formação em jornalismo foi, enfim ressignificada a partir da sua participação no Instituto InGá e também permitiu que tivesse contato com outras áreas do conhecimento, ampliando seus aprendizados

Tal ressignificação profissional pode ser apontada como um privilégio, pois a maior parte dos jovens tem dificuldade para obter emprego e, ainda mais reduzida é a chance de encontrarem um trabalho que satisfaça os anseios de realização pessoal. Este dado é verificado quando os jovens são muito afetados pelas alterações nas condições de trabalho e “apesar dos índices crescentes de escolaridade, eles têm participação em todas as situações de precariedade do mundo do trabalho” (SPOSITO, 2003, p. 18).

Os relatos a respeito da experiência profissional apontam para um desafio permanente na vida dos jovens, em que buscam conjugar a necessidade de trabalho e o desejo de atuação em áreas que atribuam sentido ao exercício da profissão<sup>72</sup>.

Ao final deste eixo do passado pode-se perceber que, através das diversas categorias e temas abordados, os jovens narram diversas experiências que foram significativas em suas trajetórias nos coletivos. Mesmo com diferentes tempos de participação, os exercícios de memória realizados, expressam que as vivências nos grupos contribuíram para conferir sentido na construção de suas identidades e no sentido de pertença em tais grupos. Para Thomson (1997, p. 57) “a memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado”. Sua referencia recorda que as narrativas dos jovens acerca das experiências retomam experiências passadas nos grupos, que, no entanto, são ressignificadas e reconstruídas a partir de suas situações no presente.

---

<sup>72</sup> O tema da experiência profissional será retomado no capítulo 6, quando se abordará os sentidos relacionados ao eixo do futuro.

## 5 SENTIDOS DO PRESENTE QUE SE CRUZAM COM O PASSADO E COM O FUTURO

O segundo eixo da análise dos dados da pesquisa foi denominado sentidos do presente que se cruzam com o passado e com o futuro. Tal explicitação parte do pressuposto de que o “tempo presente é não apenas determinado por experiências acumuladas do passado, mas também matizado por aspirações e projetos de futuro” (PAIS, 2003, p. 234). Neste eixo, portanto, foram reunidas as narrativas de situações e elementos da participação nos grupos, que produzem sentidos para a sua condição juvenil atual, ou seja, para o momento presente.

Ao discorrer a respeito do tempo presente, Arendt (2007) enfatiza que:

Este pequeno espaço intemporal no âmago mesmo do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado e recebido do passado, mas apenas indicado; cada nova geração, e na verdade cada novo ser humano, inserindo-se entre um passado infinito e um futuro infinito, deve descobri-lo e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo. (p. 40).

De acordo com a autora, o tempo presente não pode ser herdado tal como acontece com o mundo e com a cultura. Cabe a cada nova geração, onde estão inseridos os jovens, descobrir este presente, construí-lo e dotá-lo de sentido. Por mais que os jovens estejam situados no contexto de culturas hegemônicas (escola, trabalho, etc.), de culturas parentais (família, vizinhos, etc.), estejam atravessados por condicionamentos sociais (de geração, gênero, classe, etnia, território, etc.), isso não é determinante em trajetórias, pois a partir das estruturas, os jovens produzem as culturas juvenis, nas relações estabelecidas com seus pares (FEIXA, 2006).

Tal consideração leva a crer que, a partir do passado e das projeções de futuro, os jovens deparam-se com a necessidade de construir o presente e incorporar novos elementos, de acordo com as suas experiências e produções. Para Melucci (2004),

O nosso amanhã depende da matriz do passado, mas o que seremos relê e reelabora o que fomos. O presente é o único horizonte possível para essa

ligação: a presença é o lugar em que passado e futuro podem estar numa relação circular (p. 23).

Melucci, assim, sugere a superação de uma concepção linear de tempo em que há uma sucessão de fatos e de experiências. Em seu lugar, propõe para uma relação circular do tempo, em que o presente é produzido a partir das relações com o passado e com o futuro. Mesmo diante desta compreensão, parece que vivemos na contemporaneidade uma aceleração e uma prioridade do tempo presente em detrimento dos outros períodos de tempo. Desse modo, sobretudo para os jovens, “o presente, torna-se uma medida inestimável do significado da experiência de cada um de nós” (MELUCCI, 1997, p. 8).

Se, por um lado, há uma aceleração do tempo presente, de outro, existem as possibilidades criadas a partir do mesmo, pois, conforme destaca Ricouer (2007, p. 51) “o presente muda incessantemente, mas também surge incessantemente: aquilo que chamamos de acontecer”. Nesta possibilidade chamada de acontecer, surgem as situações de produção, que no caso dos jovens participantes desta investigação, participam de experiências coletivas que contribuem à constituição de si mesmos.

Na pesquisa empreendida, os jovens demonstram participar ativamente nos coletivos em que estão inseridos. Esta participação produz novos sentidos e significados para suas trajetórias pessoais. A partir da análise dos dados, no eixo do presente foram definidas as seguintes categorias e temas: 1) Sentidos pessoais (definições de identidade, formação pessoal e realização pessoal); 2) Sentidos de sociabilidade (coletividade, convivência, amizade e segunda família); 3) Sentidos formativos (aprendizados diferenciados); 4) Sentidos de missão (dedicação a uma causa, atuação social); 5) Sentidos de resultados (resultados concretos, ausência de resultados). Os mesmos constam de forma sintética no quadro 5.

Quadro 5 – Síntese das categorias e temas do eixo do presente

<b>EIXO – PRESENTE</b>	
<b>CATEGORIAS</b>	<b>TEMAS</b>
5.1 Sentidos pessoais	- Definições de identidade
	- Formação pessoal
	- Realização pessoal
5.2 Sentidos de sociabilidade	- Coletividade
	- Convivência
	- Amizade
	- Segunda família
5.3 Sentidos de missão	- Dedicção a uma causa
	- Atuação social
5.4 Sentidos formativos	- Aprendizados diferenciados
5.5 Sentidos de resultados	- Resultados concretos
	- Ausência de resultados

Na sequência serão abordados os desdobramentos de cada uma das categorias e dos temas deste eixo.

### 5.1 SENTIDOS PESSOAIS

A primeira categoria no âmbito do eixo do presente foi denominada “sentidos pessoais”, ou seja, os jovens narram experiências que contribuíram para atribuir sentidos a aspectos como as definições de identidade pessoal, os processos

formativos pelos quais passaram e a realização pessoal que experimentam ao participar de um grupo.

Quanto ao primeiro tema, definições da identidade pessoal, um dos jovens assim narra sua experiência:

Com certeza se eu não estivesse no grupo eu não teria uma aptidão política, não teria feito as opções de vida que eu fiz e, com certeza, não estaria fazendo a graduação em Ciências Sociais que eu estou fazendo. Provavelmente eu não teria uma preocupação com outras pessoas, me relacionaria de outras formas. Então eu acho que se eu não tivesse conhecido, não tivesse me envolvido, me encantado e ter me permitido estes espaços da Pastoral da Juventude eu seria um “não Roger”. Não sei o que eu seria, mas eu seria um “não Roger”, não consigo delimitar, mas acho que é muito forte o engajamento pela possibilidade de construção da minha vida. (Roger, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Segundo este relato, o jovem percebe que a participação no grupo da pastoral contribuiu sobremaneira para algumas definições em sua vida, tais como a aptidão política, as opções de vida, a escolha de seu curso de graduação, a forma de se relacionar e a preocupação com outras pessoas. Destaca ainda que, caso não tivesse esta experiência, seria um “Não-Roger”, sugerindo que a participação no grupo foi um elemento definidor de sua identidade pessoal. Esta definição pode ser relacionada àquilo que Melucci (2004) afirma a respeito da identidade dos sujeitos, em que estes

Tem a capacidade de produzir novas identidades, integrando passado e presente, além dos múltiplos elementos do presente, na unidade e na continuidade de uma história individual (...) As diversas vivências da vida nos levam a sempre questionar e reformular nossa identidade (MELUCCI, 2004, p. 46).

Para o autor, as experiências, tanto do passado, como as do presente contribuem para a produção da identidade pessoal. Trata-se de um processo contínuo, em que há possibilidades de questionamento e de reformulação. Tal possibilidade pode ser associada ao que o jovem afirma sobre sua construção identitária na dialética “Roger-Não Roger”, ou seja, de afirmações e de dúvidas a respeito de si mesmo, oportunizada pela participação no grupo.

Outro jovem assim relata o seu processo no grupo:

A minha entrada no grupo foi uma transformação pessoal. Poderia até arriscar, de mudança de paradigma pessoal, onde eu tava começando a me envolver com pesquisas sobre meio

ambiente. Tava começando, digamos a encontrar um caminho na minha vida profissional, na minha vida acadêmica, me envolvendo com grupos de movimentos alternativos. Então eu fui convidado, participei de uma ou duas reuniões e o pessoal me recebeu super bem, o pessoal foi muito legal e aí eu fui ficando. (Fernando, Instituto InGá).

Fernando também delimita uma transformação pessoal relacionada à participação no grupo, a partir da busca por movimentos alternativos, quando conheceu membros do InGá, que o convidaram a integrar-se ao coletivo.

A busca por grupos alternativos, destacada pelo jovem, pode ser compreendida na afirmação de Novaes e Vidal (2005), em que as autoras apontam que além dos lugares usuais de participação política, os jovens buscam novos lugares, objetos e formas de participação cidadã.

Os três excertos de relatos que seguem apontam como a participação no Grupo Afro Sul/Odomodê constituiu-se como elemento definidor da identidade das jovens participantes:

Eu aprendi muita coisa de valores da vida lá dentro [do grupo]. Essa coisa de valorizar o negro, essa coisa que existe até hoje assim de racismo, preconceito. Eu consigo enxergar isso de outra forma, porque eu não acho o negro feio, eu não acho que as coisas que o negro faz são erradas, sabe. Eu tenho isso como muito belo, através do trabalho todo que foi desde quando eu iniciei, desde pequena. Então eu acho que ele me acrescenta isso, na minha autoestima. “Eu sou eu”, e tu nunca vai me ver cabisbaixa assim, porque eu não me sinto assim. Eu só conheço a parte bonita do ser negro. A parte do negro triste, ele mesmo mostra que a gente faz alguns espetáculos que mostra escravos assim, mas sempre mostra um final feliz, nunca um final triste, então eu só conheço a parte feliz. (Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

A dança fortalece a minha identidade. (Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

O grupo me ajudou, me favoreceu também nas questões da cultura afro-brasileira e africana. Através do grupo, através da divulgação que a gente faz, com o resgate que a gente faz, de estar levando esta cultura e estar divulgando, difundindo, eu aprendi muito em relação a isso. Aprendi a gostar da minha cultura, aprendi a valorizar, aprendi a entender os preconceitos que existem em relação a isso e hoje eu faço também em relação a isso um trabalho nas escolas né. Hoje a gente já sabe que existe uma lei, 10.639, que obriga as escolas a estarem trabalhando o ensino e a cultura afro-brasileira e africana. E quando esta lei entrou em vigor pra mim isso era uma questão que já fazia parte da minha rotina, da minha vida. (Tânia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

As jovens destacam a intensidade da contribuição do grupo para a valorização da identidade étnico-racial, para a formação de suas identidades pessoais e o fortalecimento da autoestima. As narrativas são consoantes aos

objetivos que o próprio coletivo Afro Sul propõe, que consiste no trabalho com a identidade negra. Além desses aspectos, a jovem Tânia menciona o seu conhecimento a respeito da lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira<sup>73</sup> nos currículos das escolas brasileiras, salientando que no momento em que a mesma foi sancionada, isso já fazia parte de sua rotina, o tema já havia sido trabalhado no seu coletivo.

A valorização da própria cultura, aspecto sublinhado pelas jovens, se increve num contexto maior das políticas públicas que foram criadas para atender reparos históricos de discriminação e de falta de oportunidades para a população afro-brasileira, tais como a criação das cotas étnico-raciais nas universidades públicas e os diversos programas ligados às Ações Afirmativas<sup>74</sup>. Conforme as próprias jovens, a participação no Afro Sul, através da dança e da valorização da identidade afro, contribuiu como elemento agregador de sua identidade.

Ainda no âmbito do tema da identidade, o jovem Miguel afirma:

Eu sou um articulador né cara! Na verdade, as pessoas começaram a enxergar isso em mim e começaram a falar isso, aí eu fui me dando conta, fui percebendo. Na verdade eu consigo fazer articulações entre as pessoas e a gente acaba mobilizando assim, para um projeto, por exemplo, 10, 20, 30 pessoas, mobiliza essa turma toda e discute um conteúdo, realiza uma prática, faz uma ação, projetos nas escolas, a gente tá nessa linha aí. (Miguel, Instituto InGá).

Em seu relato, o jovem apresenta-se com um articulador, que consegue reunir outras pessoas para a realização de um determinado projeto e que as outras pessoas foram percebendo esta característica e foram relatando a ele. Ele afirma que o feedback proporcionado pelo grupo fez com que ele se sentisse como um articulador que consegue reunir grupos numericamente significativos para a mobilização em torno de uma ação.

---

<sup>73</sup> A lei 10.639 foi sancionada pela Presidência da República em 09 de janeiro de 2003. Além da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, a lei declarou que os calendários escolares deverão incluir o dia 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. Lei disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em 18/12/12.

<sup>74</sup> As ações afirmativas consistem em políticas públicas (e também privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Impostas ou sugeridas pelo Estado, entes vinculados e até mesmo entidades puramente privadas, visam combater não somente manifestações flagrantes, mas também as manifestações de fundo cultural, estrutural, enraizada na sociedade (GOMES, 2001, p. 67).

O relato do jovem Igor também expressa o reconhecimento por parte do grupo. Em suas palavras:

Eu entendo como super importante a minha participação aqui, como motivacional para aqueles que estão fazendo o curso, porque eles olham pra mim e veem “oh, aquele cara mora longe, aquele cara é pobre que nem eu e hoje ele tá no Ensino Superior e foi por causa do Zumbi”. (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Em sua opinião, a participação no grupo é muito importante, pois os demais reconhecem nele uma referência, por ser um jovem que mora longe, é pobre, mas que, graças ao Zumbi, ingressou no Ensino Superior. O seu relato sugere um reconhecimento por parte do grupo, fazendo com que sua experiência seja um elemento marcante em seu itinerário pessoal.

O processo de reconhecimento e reciprocidade proporcionado pelos grupos, acrescidos das reflexões realizadas por Melucci (2004), ao afirmar que:

Nossa unidade pessoal que é produzida e mantida pela autoidentificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que na sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo. (p. 45).

O reconhecimento intersubjetivo salientado pelo autor constitui-se num aspecto diferenciador para os jovens, pois possibilita que as experiências geradas no grupo contribuam para as definições e construções de suas identidades.

Outro jovem destaca a sua experiência afirmando:

A gente acaba percebendo que a nossa vida não é só aquela vidinha que a gente vive. Tem outras maneiras de ajudar, outras propostas que a gente pode estar contribuindo e a Campanha é uma delas, que me fez abrir os olhos para esta realidade de violência que a juventude está sofrendo e que eu também sofria, mas a gente “vai driblando” e acaba não percebendo isso. (Marlon, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens)

O jovem destaca sua participação na Campanha Nacional, o que lhe possibilitou novas percepções sobre as realidades de violência sofridas pelos jovens e, também, sobre maneiras de contribuir para ajudar em tais situações. Afirma que a experiência possibilitou “abrir os olhos” e perceber que a vida não é restrita à

“vidinha que a gente vive”, sugerindo uma consciência maior com relação aos problemas enfrentados pela juventude.

Outra jovem, também da pastoral, relata de forma semelhante seu processo:

Nas próprias escolhas que eu faço, a pastoral me trouxe uma consciência mais crítica, quanto a tudo o que acontece ao meu redor, a questionar, a pensar sobre aquilo, a buscar soluções. A gente também aprende a valorizar as pessoas que foram excluídas por muito tempo pela nossa sociedade e ainda são né. Até na faculdade que eu faço, Letras, eu busco muito e leio sobre literatura afro-brasileira, literatura indígena, então eu levo toda esta questão do questionamento sobre os preconceitos pra literatura também. (Ágata, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Para Ágata, a consciência crítica adquirida na experiência do grupo, contribui para analisar, questionar e pensar sobre as situações que percebe em sua volta e na busca de soluções para os problemas encontrados. Enfatiza ainda que tal postura levou a buscar elementos diferenciadores no seu curso de graduação, privilegiando o conhecimento de grupos sociais historicamente excluídos, tais como os indígenas e os afrodescendentes.

As expressões “abrir os olhos” e consciência crítica compõem no léxico do grupo da pastoral, de maneira mais específica no que tange à conscientização de sua proposta de formação integral, em que se realiza “o fomento do senso crítico e a capacidade de analisar a realidade, distinguindo ideologias e buscando alternativas para construir um mundo melhor” (PERONDI, 2008, p. 43). Para Marlon, antes ele acabava por ignorar as situações de violência contra os jovens, que acontecem rotineiramente e que a sua participação na Campanha, possibilitou-lhe perceber esta realidade de uma forma diferente, mais crítica. De outra parte, Ágata destaca que sua participação possibilitou ter uma postura crítica nos diferentes espaços de circulação.

O segundo tema no âmbito dos sentidos pessoais foi designado como “formação pessoal”. Os jovens narram experiências formativas vivenciadas nos grupos como aspectos altamente significativos.

O primeiro relato será dividido em três partes para explorarmos a experiência de inserção e formação da jovem Érica no grupo InGá. Ela assim narra sua trajetória:

## 1. O início

Eu cheguei completamente desorientada, não conhecia nada do movimento ambientalista gaúcho. Tudo o que eu sabia era muito superficial ou intuitivo. Já morei em sítio, tenho contato com natureza, então pra mim era aquilo, assim: preservar, o mínimo de lixo possível, só isso. Quando eu cheguei, não tinha a mínima noção de leis, de projetos, de nada. Então eu fui entrando bem aos pouquinhos, indo nas reuniões gerais, conseguindo me inteirar aos poucos, através dos e-mails da rede, do site, das informações que chegavam até mim. (Érica, Instituto InGá).

## 2. O engajamento

Aí depois eu comecei a me engajar mesmo nas movimentações, assim, na parte mais logística mesmo, porque eu não tenho formação em biologia, nem nada da área ambiental. Então comecei a trabalhar na sede, fazia expediente três tardes por semana, pra atender telefone, dar uma organizada, tentar colocar alguma coisa em ordem, como o trabalho é todo voluntário, tava meio sem apoio nesta parte. (Érica, Instituto InGá).

## 3. A continuidade

Depois eu comecei a fazer um trabalho com as camisetas, que através da Festa da Biodiversidade a gente aprendeu a fazer serigrafia artesanal. E aí através daquilo eu comecei a fazer as camisetas do InGá, com o apoio da galera, de todo mundo. Comecei a ir bastante na Feirinha da FAE [Feira dos Agricultores Ecologistas], onde o InGá expõe uma vez por mês e comecei a gostar bastante do contato com o público, de explicar para as pessoas o que era o InGá, o que o InGá fazia, como é que se reuniam, como é que a gente se mobilizava e me encantei pela feirinha e comecei a vir todo mês. Daqui a pouco eu já tava de responsável da feira, de pegar as coisas de manhã, de estar as 7:00 da manhã abrindo a banca e fechando depois. Então foi a parte assim, mais marcante, foi realmente, participar das mobilizações, trabalhar de uma maneira artesanal pra publicidade da ONG e a feirinha de orgânicos do Bonfim que me encantou e, justamente, até hoje eu to até trabalhando todo sábado, diariamente na feira, pelo InGá, que foi o me introduziu. (Érica, Instituto InGá).

A construção narrativa realizada pela jovem reflete o seu processo de inserção, de formação e de engajamento no grupo. Ela afirma ter chegado ao coletivo sem formação na área ambiental e foi se inserindo aos poucos, realizando trabalhos mais práticos, até chegar a um engajamento maior nas atividades do InGá.

O seu relato sugere que

Nossa posição no mundo não somente afeta nossa interpretação do mundo, como também nosso senso de eu serve de intermediário para o nosso modo de contar e rememorar o mundo, e nosso lugar dentro dele, para os outros. (ERRANTE, 2000, p. 163).

De acordo com a afirmação da autora, a posição do sujeito no mundo afeta o modo como ele o interpreta. No relato da jovem Érica este aspecto pode ser

percebido no conteúdo de sua narrativa sobre a experiência no grupo, sobre a qual cumpre indagar em que medida seu lugar no grupo mudou suas percepções e o modo como atribui seu posicionamento naquele espaço também mudaram. Esta é a mesma jovem que, ao final de sua entrevista agradeceu a oportunidade de poder relatar sua experiência e destacou que o exercício realizado havia lhe possibilitado pensar em aspectos pessoais e do grupo que ela ainda não havia feito (conforme relatado no capítulo três). A jovem sugere que sua participação no grupo constitui-se como um demarcador em sua trajetória, visto que ela aponta que por causa das experiências realizadas, ainda continua envolvida com o projeto.

Outro jovem, ao falar do seu processo formativo no grupo, afirma:

Quase 100% do que eu tenho hoje enquanto formação humana, enquanto formação pessoal, eu devo a formação que eu tive na Pastoral da Juventude, porque acho que tudo nasceu exatamente no momento que eu passei a me sensibilizar pela causa da juventude. Além das formações pastorais que a gente tem, a gente leva uma bagagem humana muito grande. Tenho certeza que essa participação, que esse contato se deu de forma decisiva, pra que eu seja um pouquinho melhor, mais um dentre tantos outros dentro da sociedade. (Ulisses, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Segundo Ulisses, sua formação humana e pessoal foi adquirida basicamente através de sua participação na Pastoral da Juventude. Ele utiliza a expressão “bagagem humana” para referir-se à formação recebida no grupo, a qual ele pretende que o torne uma pessoa melhor. Possivelmente, não foi apenas no grupo que ele teve os 100% de formação pessoal que ele afirma possuir, pois existem outros espaços formativos como a família, outros grupos e amigos que, certamente contribuíram para tal. No entanto, tamanha importância atribuída ao grupo da pastoral, aponta o quão definidor esta experiência é para a sua formação pessoal.

Outro jovem, reportando-se à participação no Instituto InGá, aponta três significados no seu processo formativo:

Eu vejo que a minha participação no InGá tem três significados: primeiro, porque eu acho que o InGá tem uma posição verdadeira naquilo que ele exerce, na causa ecológica; segundo, esta troca que acontece, que não é só entre eu e o InGá, ela é muito produtiva, pra ambos; terceiro motivo, seria pelo coletivo mesmo assim, de estar auxiliando na construção desses espaços públicos, onde esses coletivos, essa comunidade possa se inserir e possa se expandir. (Fernando, Instituto InGá).

O jovem Fernando realiza uma síntese a partir de sua trajetória no grupo, onde constrói seus sentidos de participação a partir das dimensões pessoal, grupal e social. Tal construção sugere que o seu vínculo com o grupo constitui-se como um elemento agregador para sua experiência de vida e para as opções que realiza.

O terceiro tema na categoria dos sentidos pessoais foi denominado como realização pessoal, em que os jovens narram situações e sentidos de pertencimento nos grupos que contribuem para a sua satisfação.

Os excertos abaixo são emblemáticos à compreensão do problema central desta tese, em que os jovens relatam explicitamente os sentidos que a participação em seus coletivos tem para as suas vidas:

Pra mim, o sentido em participar do InGá é um sentido total né cara, sentido pleno, se sentir a vontade na vida, fazendo aquilo que o cara curte fazer, aquilo que faz bem. (Miguel, Instituto InGá).

Acho que muitas pessoas hoje acabam se acomodando perante as coisas que acontece e eu to dispondo do meu tempo, dispondo da minha juventude por uma causa. (Ágata, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Bah, é demais estar aqui. Acho que eu não seria esta pessoa que eu sou hoje, se eu não estivesse aqui. Talvez eu estivesse trabalhando num lugar, “batendo caixa”, mais valia em si, trabalhando para dar dinheiro pra patrão, não criticando, não opinando. Então, o Zumbi é essencial para a minha vida. (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Nos três relatos, os jovens manifestam satisfação e realização pessoal em integrar o grupo e como isso faz bem para suas trajetórias. Expressões utilizadas por eles tais como “se sentir a vontade na vida”, “dispor minha juventude por uma causa” e “o Zumbi é essencial para a minha vida”, denotam que as experiências dos participantes constituem-se como marcos em definidores para suas vidas.

De acordo com Errante (2000),

As narrativas revelam o alinhamento dos narradores com certos indivíduos, grupos, ideias e símbolos através dos quais eles externalizam seus maiores valores, qualidades positivas e de orgulho para si mesmos. (p. 142)

Para a autora, quando os narradores se identificam com determinados grupos, sujeitos, ideias e símbolos eles revelam suas qualidades e têm orgulho de si mesmos. É o que transparece nas narrativas dos três jovens citados, em que eles

falam com orgulho da realização pessoal que têm em constituir estes coletivos e o quanto isso tem sentido para suas trajetórias.

Ao falar de sua experiência no grupo, outra jovem destaca:

O Zumbi é hoje fundamental pra mim. Eu comecei em 2009 com poucas pretensões, apenas com a ideia para ter uma experiência de sala de aula, aí naquele ano, enquanto outros professores saíram, eu vi que eu tinha uma importância para aqueles alunos e eu decidi ficar. Optei por continuar ali e naquele momento eu vi o quanto eu era importante para aquelas pessoas, para aqueles alunos e aí o Zumbi passou a ter mais espaço e mais sentido na minha vida. Então o papel do Zumbi na minha vida é fundamental; ele preenche as minhas expectativas, as coisas que eu tenho vontade de realizar. Eu me sinto realizada aqui. (Nicole, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Nicole relata que iniciou sua participação no Zumbi como professora do cursinho, sem muitas pretensões. Contudo, à medida que outros professores saíram e ela percebeu a importância que tinha para aqueles alunos, decidiu continuar contribuindo com o grupo. Tal decisão fez com que o Zumbi passasse a ter mais espaço e sentido para a sua vida, a ponto de se tornar fundamental para ela.

Este processo pode ser compreendido a partir de Thomson (1997, p. 58), ao afirmar que “reconhecimento é um termo apropriado para descrever o processo de afirmação pública de identidades e reminiscências. Este é essencial para a sobrevivência social e emocional”. No caso da jovem Nicole, o reconhecimento da importância que ela tem para o grupo passou a conferir mais sentido para a sua participação, fator que a leva a afirmar que se sente realizada naquele espaço.

As diversas narrativas dos jovens em torno dos “sentidos pessoais” explicitou situações e experiências que os participantes afirmam ter contribuído como elementos definidores de suas identidades, ou ainda aspectos formativos e de realização pessoal.

## 5.2 SENTIDOS DE SOCIABILIDADE

A segunda categoria delineada no eixo do presente é a da “sociabilidade”: os participantes expressam situações e significados relacionados às relações que

estabelecem no grupo, de onde surgiram os seguintes temas: a coletividade, a convivência, a amizade e a segunda família.

Segundo Urteaga (2011, p. 38) a “sociabilidade funciona como uma *argamassa afetiva* dos grupos, dos movimentos, dos coletivos, das identidades e das culturas juvenis” [grifo do original]. Esta argamassa possibilita a coesão do grupo e a sua possibilidade de união em torno dos objetivos a que o coletivo se propõe.

Em relação ao primeiro tema, coletividade (na categoria “sentidos de sociabilidade”), uma das jovens afirma:

O sentido de estar aqui é justamente isso, é tu estar com pessoas que tu sabe que tem os ideais semelhantes. Por exemplo, em algumas empresas que eu já trabalhei eu não encontro isso. Eu não quero comparar o InGá com uma empresa, mas sim com os grupos em que a gente participa. Mesmo no dia a dia, com os teus vizinhos ou com alguns amigos que tu acaba fazendo, mesmo eles, às vezes não tem os mesmos objetivos que tu tem na vida, de construir uma sociedade mais justa, com respeito ao meio ambiente e tudo isso... A gente não encontra esses objetivos em qualquer pessoa por aí. Então essa que é a moral de eu estar aqui também né, por saber que eu posso contar com estas pessoas pra, sei lá, viabilizar este mundo melhor que a gente gostaria que existisse. (Paloma, Instituto InGá).

A sua narrativa constitui um exemplo emblemático para compreender a dimensão da coletividade para os jovens. A jovem Paloma destaca que teve contato com vários grupos, mas em nenhum deles conseguiu encontrar ideais semelhantes e um espírito coletivo como no InGá. Outra expressão marcante em seu relato é a de ela poder contar com pessoas com as quais pode viabilizar um mundo melhor que gostaria que existisse.

Esta situação de compartilhar objetivos comuns ressaltada pela jovem está em concordância com Pais (2003), em que ele afirma:

A coesão interna dos grupos estabiliza-se a partir de traços de identificação conjuntamente compartilhados; no entanto, esses traços funcionam também como suporte de formação e reconhecimento de identidades grupais entre si diferenciadas. (p. 119).

O apontamento do autor sugere que a partir de objetivos conjuntamente compartilhados, os grupos tendem a estabelecer uma coesão interna, que funciona como suporte aos sujeitos e aos próprios coletivos. Esta perspectiva parece ser a

que a jovem Paloma encontrou no InGá e não em outros espaços em que atuou ou conheceu, ao afirmar que não se encontra isso em qualquer grupo.

Ao falar do tema, outro jovem afirma:

É muito importante o trabalho do grupo, sabe. Eu vejo que dá sentido para a minha ação. Meu trabalho é um trabalho coletivo, ou seja, não é o meu trabalho, é o trabalho do grupo. E o jeito que a gente tem trabalhado é cada um dar um pouquinho; então a ideia é fortalecer, vamos somar, vamos multiplicar. (Vinícius, Instituto InGá).

Segundo Vinícius, o trabalho do grupo é de grande valia. Enfatiza que o seu trabalho não é individual, mas sim, coletivo e que no grupo, cada um procura contribuir com sua parte para fortalecer o conjunto. Esta é a dimensão destacada por Pais (2003) ao afirmar que

A individualidade de cada um dos elementos é assegurada: no entanto, a participação no grupo envolve uma *negociação* e aceitação tácita relativamente aos hábitos do grupo, pressuposto necessário à manutenção da coesão do grupo: as relações de compromisso com o grupo tendem a subsumir divergências individuais. (p. 121). [*grifo do original*].

Assim, na relação grupal a identidade é preservada, contudo, pode ocorrer uma negociação em que o sujeito aceita as regras do grupo, tendendo a eliminar as divergências pessoais e fortalecendo a coesão grupal. Tal dinâmica pode ilustrar o relato do jovem Vinícius, quando ele afirma que “cada um dá um pouquinho”, visando fortalecer o grupo.

O segundo tema desta categoria foi denominado como “convivência”. Ao falar do mesmo, um dos jovens aponta:

Ela [Equipe de Coordenação da Campanha] é uma equipe de muito trabalho, que exige uma dedicação semanal, não diária, mas de dedicação pra estar dando conta de e-mails, dando conta de atualizações, estar ligando, estar conversando. Então a Equipe da Campanha pra mim se torna pelo contato que eu tenho com algumas pessoas, ela se torna primeiro um espaço de trabalho, mas como nós somos jovens, além de trabalhar nós também temos que conviver e a equipe acaba se tornando um espaço de convivência. A equipe em si é uma equipe de muito trabalho, é uma equipe que trabalha muito, que encaminha muita coisa, que me faz trabalhar e me coloca pra trabalhar em conjunto também, aí a gente vai se encontrando, vai fazendo a vida, não só de trabalho. (Roger, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens). [*grifo do autor*].

O relato pormenorizado do jovem ressalta que além do intenso trabalho que desenvolvem na coordenação da Campanha no Estado do Rio Grande do Sul, da qual ele é integrante, enfatiza que os membros da equipe são todos jovens e necessitam de espaço de convivência na equipe. Estes momentos de convivência se tornam imprescindíveis para os jovens, pois uma das características das culturas juvenis é que estas “se expressam coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre e nos espaços intersticiais da vida institucional” (FEIXA, 2006, p. 105). (tradução nossa). Deste modo, o jovem Roger destaca que os momentos de convívio foram demarcadores na sua experiência de participação na equipe da Campanha.

Outro jovem descreve desta forma a sua experiência:

A partir do momento que a gente levou o InGá para dentro do Casarão do Arvoredo, para aquela comunidade ali, isso trouxe outra identidade para o InGá, criou outros vínculos, outras relações. O InGá passou a ter mais coerência no seu trabalho; é a leitura que eu faço, é como eu enxergo a coisa; a gente conseguiu buscar junto mais coerência no trabalho, ou seja, algumas pessoas do InGá, é claro que não são todas que tem um convívio direto ali com a comunidade. Algumas pessoas do InGá passaram a ter toda uma outra descoberta assim da alimentação diretamente relacionada à agroecologia. Tudo isso vai transformando a pessoa, vai transformando o discurso da pessoa, formando a prática da pessoa. Então isso aí tudo tem a ver com o meu papel dentro do InGá; o meu papel é trazer esta visão mais cotidiana, da prática do dia-a-dia, da coerência daquilo que a gente fala com aquilo que a gente faz. Esse aí é o desafio pra mim. (Miguel, Instituto InGá).

Em seu relato o jovem Miguel destaca a importância da mudança do InGá para o Casarão do Arvoredo, que é a sede do grupo e é onde vários jovens também residem. Ele acrescenta que a convivência e as práticas geradas naquele espaço constituíram uma nova forma de relação entre os membros e para as posturas individuais dos sujeitos, numa dialética constante entre discurso e prática. Sua narrativa pode ser relacionada ao que é afirmado por Ricoeur (2007):

Assim, as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos “lugares de memória”, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico. (p. 58).

Ricoeur examina os lugares de memória, pois as experiências recordadas sempre são associadas a determinados lugares. Neste contexto, o jovem Miguel, lembra das situações e dos momentos de convivência no Casarão do Arvoredo

como um aspecto que foi marcante na sua trajetória e de outros membros do seu grupo.

O terceiro tema da categoria é o da amizade. O mesmo é referido pela maioria dos participantes da pesquisa, evidenciando a sua centralidade nas experiências grupais juvenis. Ao falar do tema, uma das jovens afirma:

Uma experiência marcante na parte pessoal são as amizades, porque não tem o que pague, não tem coisa melhor, tu poder confiar em alguém e ter confiança recíproca. Também tem a parte de estar sempre recebendo informações de alguma maneira, acho que é isso que contribui no meu cotidiano, a minha aprendizagem e a amizade: *aprendizade* (risos). (Érica, Instituto InGá).

A jovem destaca dois aspectos que marcaram sua trajetória, a aprendizagem e a amizade. A partir de ambos ela cria um neologismo, “*aprendizade*”. Surpreendendo a si mesma e diverte-se com sua criação, pois provavelmente nunca havia pensado nessa palavra. Em relação à amizade sua ênfase recai na dimensão da confiança, que ela considera algo muito especial e “não há o que a pague”. Ela sugere, portanto, que a sua trajetória no grupo é balizada pelas relações de amizade que foram estabelecidas.

Os dois relatos a seguir também focalizam a dimensão da amizade:

O que me motiva a permanecer no grupo é que pra mim é como uma válvula de escape dançar. É uma forma que eu tenho de me aliviar, aliviar minhas tensões, meu stress, de me relacionar com pessoas que eu gosto, de estar perto das minhas amigas, que são as meninas do grupo. (Letícia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

O que me motiva a continuar é que aqui dentro tem muita parceria, muita amizade, então isso não me dá motivos pra sair do grupo. (Fabrício, Instituto InGá).

Ambos os jovens enfatizam a importância da amizade nas relações pessoais com o grupo, destacando que este é um aspecto agregador em sua trajetória. A amizade é uma palavra que possui uma longa história no âmbito das relações humanas, tendo iniciado ainda com a “filia” dos filósofos gregos e atravessa toda a cultura ocidental posterior<sup>75</sup>. A amizade também pode ser associada às

---

<sup>75</sup> Para retratar as diferentes concepções de amizade, durante mais de vinte e quatro séculos, Francisco Ortega (2002) publicou a obra “Genealogia da Amizade”, que é o terceiro de uma série de três livros dedicados ao tema da amizade, juntamente com “Amizade e Estética da Existência em Foucault” e “Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida e Foucault”.

“necessidades afetivas, comunicativas e de solidariedade” (MELUCCI, 2001, p. 98) sentidas pelos sujeitos e que encontram correspondências através das relações que os jovens estabelecem com seus pares, como relatam os jovens Fabrício e Letícia.

O último tema da categoria da sociabilidade foi designado como “segunda família”, em que os jovens expressam uma forte relação com seus coletivos, chegando a chamá-los de uma nova família ou uma segunda família. Os jovens assim se expressam a respeito do tema:

O Zumbi é como se fosse a minha segunda casa. Acho que eu não seria, talvez, essa pessoa que eu sou hoje, se eu não tivesse esse relacionamento com alguns, com o pessoal do Zumbi. É super importante estar aqui. Embora eu não participe muito diretamente, me sinto vinculado, me sinto “da família”. (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

O amor no grupo isso é o mais significativo. Acho que justamente o que a gente tem buscado construir no InGá são relações humanas significativas. É mais importante que a gente esteja bem, unido e fortalecido, não só em termos de trabalho, mas também pessoalmente né. É uma grande família. Eu vejo assim, tranquilamente eu vejo assim. Eu quero que seja assim, mas às vezes, já foi dito que não seria interessante e tal, mas é o caminho que as coisas seguiram. Então eu me sinto acolhido, me sinto fortalecido, me sinto apoiado. É muito importante pra mim. (Vínicius, Instituto InGá).

Os depoimentos destacam os fortes laços estabelecidos pelos jovens no interior dos coletivos em que participam, chegando mesmo a considerá-los uma segunda casa ou uma grande família. Apontam o amor, a acolhida e a vinculação com os demais como um aspecto tão intenso que se assemelha às relações parentais. Tal proximidade sugere que suas trajetórias são fortemente afetadas pelas relações estabelecidas no grupo.

Ao abordar as relações juvenis em seus grupos, Pais (2003) afirma:

Para os jovens, as práticas de interação e de afetividade assumem um papel muito importante na construção de seus novos “modos de estar juntos”, em suas formas de agregarse ou organizarse e na constituição de suas identidades individuais e coletivas. (p. 39).

Para Pais (2003) os jovens constroem novos modos de estar juntos a partir das interações e de afetividades que experimentam nos grupos. Aquilo que os jovens da pesquisa referem como “segunda casa” ou “grande família” pode ser associado ao que o autor designa como “novos modos de estar juntos” e que se tornam elementos definidores das experiências juvenis nos coletivos que reúnem.

### 5.3 SENTIDOS DE MISSÃO

A partir da análise dos dados acerca dos sentidos do presente, a terceira categoria neste capítulo foi designada como “sentidos de missão”, em que os jovens referem dois temas principais: o primeiro é o fato de que, a partir da participação nos grupos, sentem-se motivados a “dedicarem-se a uma causa”; o segundo é que apontam o grupo como motivador de uma determinada forma de “atuação social”, que eles nomeiam de diferentes modos, como será possível examinar na sequência. Em relação a esses dois temas, dedicação a uma causa e atuação social, os jovens afirmam que sentem como se tivessem uma missão por realizar, inspirada em suas trajetórias nos grupos.

No âmbito desta categoria o primeiro tema foi nomeado como “dedicação a uma causa”. Uma das jovens assim descreve sua experiência:

Eu tenho uma missão assim sabe, por tudo o que o grupo me ensinou, eu acho que qualquer outra entidade, qualquer outra instituição, de música, nenhuma, eu acho que iria me acrescentar como ele me acrescenta. Então eu acho que eu não desisti ainda é porque eu acredito muito no trabalho e o que aconteceu comigo pode acontecer com outras pessoas. (Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

A causa destacada por esta jovem é aquilo que designa como “uma missão” a ser cumprida por tudo o que o grupo lhe proporcionou. Segundo ela, outras instituições na área da música, área na qual está envolvida no grupo, não lhe proporcionariam a experiência que ela tem no Afro Sul/Odomodê. Mais ainda: acredita que o processo pelo qual ela passou pode ser vivido por outros jovens, como os que ela trabalha no grupo e, no seu entendimento, esta é a missão que ela pode cumprir junto ao seu coletivo.

O jovem Víncius, de outro coletivo pesquisado, também utiliza a mesma expressão para falar de sua dedicação à causa:

Eu encaro isso como uma missão, como um deleite. É claro que existem alguns momentos amargos, alguns são salgados, outros são doces, todos os sabores aí interessantes, picantes (risos). Eu me sinto fazendo o que tem de fazer. Eu tenho a tranquilidade e a clareza de estar fazendo uma coisa importante para a humanidade, pra cidade, pra mãe terra. É um trabalho bem lento, por isso acho que é um trabalho bem meritoso, de ver esses sete anos aí e ver o quanto a gente já avançou. (Víncius, Instituto InGá).

Em sua narrativa o jovem afirma que percebe sua atuação ao mesmo tempo como uma missão e como um deleite, ou seja, como algo que dá satisfação em fazer. E que, mesmo que existam momentos não tão fáceis, ele se sente realizado por estar “fazendo o que tem de fazer”. Destaca ainda que reconhece que é um trabalho lento, mas que teve avanços no tempo em que ele está envolvido com o grupo. Em seu relato, ele argumenta que através de sua atuação, sente-se tranquilo e com clareza de que está contribuindo com a humanidade, com a cidade, com a “mãe terra”. Destaca-se a ênfase que ele dá a estes aspectos, numa clara referência aos temas de atuação do grupo ao qual pertence, ligados ao cuidado com o planeta, com o futuro da humanidade e com a própria Terra. Sugere que tais elementos atribuem sentidos demarcadores em sua trajetória no grupo e frisa seu deleite em integrar tal experiência.

Outros dois relatos de jovens do mesmo coletivo seguem na mesma perspectiva: os sentidos de suas participações tem vinculação com a causa ecológica, que mobiliza seus esforços. Eles afirmam:

Estar no InGá, me envolver com estes projetos, entender, estar conectado com a situação que a gente vive neste planeta hoje, nesta sociedade, estar sabendo o que está acontecendo e poder conversar com as pessoas sobre isso, buscar soluções, pra mim, é isso que me motiva a estar ali sabe. É o que está por trás, é a ideologia. É que pra mim, essa coisa é muito forte, é o que me faz bem, é isso que me faz continuar. (Miguel, Instituto InGá).

Nós esperamos que esta regeneração ocorra né, que é a cura planetária. É nisso que nós estamos trabalhando. Nós do InGá, não necessariamente todos com a mesma consciência, mas acredito que a maioria e muitos outros irmãos. É um trabalho conjunto, coletivo, eu vejo um trabalho espiritual, coletivo de toda uma família arco-íris, que se identifica fácil, bate o olho e já sabe que o irmão ali comunga. (Vínicius, Instituto InGá).

Em seus relatos é determinante a causa ecológica e planetária em prol da qual eles afirmam que o seu coletivo atua. A “missão” é ampla, pois almejam aquilo que chamam de regeneração ou cura planetária, a ser alcançada através do grupo, mas também em sintonia com outros movimentos que atuam na mesma causa. Os relatos estão fortemente sintonizados com o discurso ambientalista que atravessa as discussões acerca das questões ecológicas. Os jovens apontam o ideal ambientalista como um elemento marcante de suas experiências de participação.

Seus depoimentos podem ser relacionados àquilo que Lipovetsky (1992) chama de cidadania planetária, ou seja, um novo tipo de “ética de síntese que reconcilia ecologia e economia, moral e eficácia, qualidade e crescimento, natureza e proveito” (LIPOVETSKY, 1992 *apud* MUXEL, 1997, p. 162). Tal propósito contribui para as experiências dos jovens participantes do InGá, a ponto de afirmarem que se sentem parte de uma grande família, cujos membros podem ser considerados seus irmãos.

Outra jovem, participante do grupo da pastoral, enfatiza de modo emblemático sua adesão a uma causa específica:

Na Pastoral da Juventude eu descobri outras formas de ser cristã e, de fato, fazer aquilo que Jesus nos ensinou, que é trazer dignidade pras pessoas, é defender a causa dos oprimidos. Então, estar inserido num grupo que faz esse papel de contestar as injustiças, de lutar pelas coisas, para que todos tenham, me fez também me motivar e continuar participando. A Pastoral da Juventude e essa Campanha contra a violência e toda essa caminhada que a gente faz com essa causa, faz com que eu tenha um olhar de indignação pras coisas injustas que acontecem no dia a dia, que eu consigo enxergar, seja na rua, seja em casa, no trabalho, na escola, na universidade, enfim, esse olhar de indignação e de achar que as coisas não são naturais, que elas vem de algum lugar, essas violências elas não acontecem do nada, faz com que eu tenha esse olhar de indignação e foi isso que a pastoral e a campanha também me proporcionaram. (Poliana, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em seu relato, a jovem destaca que sua “causa” é a busca cristã pela defesa dos oprimidos e a contestação das injustiças sociais numa clara alusão ao ideário presente no coletivo de que ela faz parte. Afirma que descobriu na pastoral outras formas de “ser cristã”, numa possível referência ao “cenário de uma Igreja da práxis libertadora”, da Igreja Católica que, no entender de Libânio (2000), privilegia a defesa dos excluídos, dos pobres, adotando uma visão crítica da sociedade<sup>76</sup>.

Outro aspecto enfatizado pela jovem refere-se ao que ela chama de indignação frente aos problemas e injustiças enfrentados cotidianamente em

---

<sup>76</sup> Para Libânio (2000), “o cenário de uma Igreja da práxis libertadora”, se diferencia de outros três cenários presentes na Igreja Católica, principalmente no contexto latino americano. O primeiro deles é o “cenário de uma Igreja da Instituição”, que privilegia as leis, as normas, as normas, os ritos e os dogmas. O segundo é o “cenário de uma Igreja Carismática”, em que prioriza a dimensão espiritual, enfatizando a experiência individual dos fieis e com grande foco nas diversas formas de mídias. O terceiro é o “cenário de uma Igreja da Pregação”, que dirige o seu foco no aspecto doutrinal, no conhecimento da Palavra de Deus, na pregação e no seu ensino. Diante dos quatro cenários apresentados, a experiência dos jovens da pastoral, tende a demonstrar que sua identificação ocorre com o da Igreja da práxis libertadora, visto que projetos de cunho social e de defesa da vida da juventude tal como a Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens encontra-se claramente situada neste contexto.

diversos contextos: rua, casas, trabalho, escola e universidade. Não considera naturais as situações de violência e afirma que é preciso buscar compreender quais são as causas que as motivam. Sua indignação pode ser relacionada a outros contextos neste início de milênio, que têm levado inúmeros jovens a se questionarem e a se manifestarem a respeito das diversas situações que não concordam, entre as quais pode-se citar o exemplo do Fórum Social Mundial (mencionado no primeiro capítulo) e o movimentos de “Los Indignados”, iniciado na Espanha em 2011 (FEIXA; NOFRE, 2013). No relato da jovem Poliana, a participação no grupo constituiu num elemento definidor de seu itinerário pessoal, pois o olhar de indignação que possui lhe foi “proporcionado” através do seu envolvimento na Campanha e na pastoral.

Outro jovem, também do grupo da pastoral, assim expressa sua experiência:

Acho que a Campanha é uma proposta bastante apaixonante porque todos os projetos que a pastoral costuma desenvolver sempre tem um cunho bastante relevante. A partir do momento que foi lançada a Campanha e teve a morte do padre Gisley de Azevedo, isso se tornou bastante tocante, sobretudo na questão da defesa da vida da juventude. Acredito que dentre tantos projetos que a gente possui, que a gente tem enquanto Pastoral da Juventude, enquanto grupos de jovens, a defesa da vida da Juventude é, talvez, a que mais nos impulsiona e por isso que causa um encanto tão grande. (Ulisses, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

O jovem Ulisses destaca a Campanha realizada pela pastoral como um projeto “apaixonante”. Acrescenta que o assassinato do Padre Gisley<sup>77</sup>, que era um dos assessores do projeto, motivou ainda mais o seu engajamento. Tal experiência demonstra a importância pessoal que adquire para o jovem, pois o mesmo afirma que o projeto “impulsiona e causa um grande encanto”.

Apesar de a maioria dos jovens da pesquisa afirmarem com certa propriedade a “causa” em que estão engajados e que a mesma é fundamental em seus itinerários de vida, em alguns momentos esta clareza não se faz presente, conforme uma das jovens:

---

<sup>77</sup> Segundo informações das Pastorais da Juventude, o Padre Gisley de Azevedo Gomes, de 31 anos, foi assassinado em 15/06/09, em Brasília, onde era assessor nacional do Setor Juventude da CNBB e um dos assessores da Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens. Fonte: Pastoral da Juventude, disponível em: [http://www.pj.org.br/documentos/Oficio\\_-\\_Gisley\\_15junho.pdf](http://www.pj.org.br/documentos/Oficio_-_Gisley_15junho.pdf). Acesso em 13/12/12.

Entender a minha função no grupo pra mim é meio complicado ainda, porque, às vezes, eu acho que é complicado de trabalhar num cursinho pré-vestibular, porque eu me pergunto: “Tá, eu to aqui pra ensinar literatura, eu to aqui pra ensinar eles fazerem um prova, eu to aqui pra fazer o que?”. Na verdade eu não sei muito bem, mas uma coisa que eu me acho responsável é que, de certa forma, eu sou um pouco responsável pela formação deles. Não só na questão dos conteúdos, mas em vários outros quesitos; então uma coisa que eu tento colocar em aula e até quando estou conversando com eles é sobre esta questão de como foi passado pra mim sobre o que era um cursinho popular e qual a importância disso. Então, eu tento passar isso pra eles. Então é um papel em todos os sentidos, de estar ali como professora ensinando, ajudando a alcançar o seu objetivo que é passar no vestibular, mas também ajudar eles a abrirem a cabeça, como fizeram comigo. É isso que eu tento fazer. (Bibiana, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

A jovem questiona sua função no grupo e de modo mais abrangente mostra sua dúvida quanto à “causa em que ela está atuando”. Seu relato se assenta numa construção discursiva que inicia indagando sobre seu papel, que consistiria em apenas dar aula de Literatura (que é a disciplina que ela leciona), ou auxiliar a fazer uma prova (no caso, o vestibular) ou então outra coisa muito além. Ela mesma aponta que há outra dimensão, além da aula de Literatura e do vestibular, que é a formação mais ampla daqueles estudantes que ali estão, contribuindo para o que designa como “abrir a cabeça”, assim como fizeram com ela, em uma clara alusão à ideia de conscientização. Para Bibiana a causa não está “dada de antemão”, pois é produzida nas relações e no processo de reflexão que ela realiza acerca de sua experiência.

Outro tema delineado no conjunto de relatos sobre os sentidos do presente foi designado como “atuação social”. Os jovens expressam de diversos modos o que pensam da participação nos grupos e o que disso é relevante para suas vidas. A participação é referida de maneiras: como intervenção social, como participação ativa, como militância, movimento social, atuação social, apostolado e atuação política.

Um dos participantes assim destaca sua experiência:

O sentido do Zumbi pra mim é que eu acho que ele é uma intervenção social. Eu cresci com esse lance de esquerda “ah, tenho que fazer a revolução”. Só que o sentido que eu vejo é intervenção social mesmo, de a gente poder plantar uma semente no coração de outras pessoas. Hoje eu vejo que “sei lá o que é a revolução? Pegar armas? Matar pessoas? Correr risco de vida? Assaltar bancos? Explodir embaixadas?”. O que eu vejo assim é que muitos ficam esperando para que as coisas aconteçam, mas aí não agem. Neste sentido, eu percebo que nós [cursinho] estamos fazendo alguma coisa, que não tem sangue rolando ou coisa do tipo, ou não é uma coisa que não aparece, que não é grandiosa, mas que a longo prazo acho que vai dar resultado, vai ter resultados práticos. (Marcio, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Assim, para o jovem a participação no Zumbi é uma forma de intervenção social. Mesmo que tenha crescido com uma visão política de esquerda, que transparece em seu relato, marcadamente relacionado às mobilizações sociais de esquerda, próprias do período da ditadura militar, quando ao se falar em revolução significava assumir atos como “pegar em armas, assaltar bancos, explodir embaixadas”. Para Márcio, a atuação em seu grupo não tem esta conotação, mas mesmo assim espera resultados, ainda que não sejam grandiosos ou que sejam um horizonte possível somente a longo prazo.

Tal perspectiva pode também ser constatada na afirmação de que:

É preciso, porém, romper com a ideia de que, nos anos 60 e 70, as mobilizações juvenis eram mais políticas, e nos anos 80 e 90 eram mais culturais. A cultura como modo de ser e estar no mundo envolve participação política. Hoje há formas de participação social mais visíveis e outras diferentes das que eram registradas nas décadas anteriores. (IBASE/POLIS, 2006, p. 66).

O relato do jovem Márcio, de certo modo, aproxima-se da análise da pesquisa realizada pelo IBASE/POLIS, em que as atuações juvenis de épocas passadas eram mais claramente políticas que as do momento presente. Também está consoante às reflexões a respeito da participação social dos jovens empreendidas no primeiro capítulo desta tese. O jovem aponta que sua participação no grupo contribui para que suas práticas sejam aspectos demarcadores de sua experiência de vida, pois acredita que através de sua ação está “plantando sementes no coração das pessoas”, o que implica que ele contribui de algum modo com estes indivíduos.

O diálogo estabelecido por duas jovens no momento de uma das entrevistas também traz à tona esta discussão:

Talita – Eu sou mais envolvida mesmo é na dança, não tanto nos projetos sociais, embora eu já participei, mas eu acredito mais na dança, no que o corpo fala;

Letícia – Mas tu entende que isso de tu olhar pela dança, também quer dizer o social né. Tu fala da dança numa questão de identidade social, cultural.

Talita – Ah, com certeza.

Letícia – Tudo a ver né, a gente nunca foge do social. (Talita e Letícia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

No diálogo entre as duas jovens, uma delas afirma ter maior envolvimento com o grupo de dança e menos com outros projetos desenvolvidos naquele espaço. A outra jovem que está lhe entrevistando questiona se a participação no grupo de dança também não é uma forma de participação social, destacando elementos da identidade social e cultural. Sua interlocutora então concorda com a colega, que dá a entender que todas as ações do grupo tem alguma conotação social.

De modo semelhante, outra participante também refere a dimensão social da atuação no grupo:

O Zumbi tem um espaço bem central na minha vida. É difícil perceber a minha vida sem ele; é como se um espaço ficasse vazio, pois este é o espaço que eu tenho de participação mais ativa, de reflexão. O Zumbi me abriu muito a cabeça; ele deu um sentido pra mim, pra minha vida, pra minha atuação social. Ele me deu um sentido maior, mais amplo. (Nicole, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

A jovem Nicole se vale de duas expressões, através das quais ela caracteriza sua inserção no grupo: participação ativa e atuação social. Argumenta que através deste envolvimento, o Zumbi ocupa um lugar central em sua vida e ampliou o sentido de sua participação no grupo.

A ideia de participação ativa e social enunciada pela jovem pode ser relacionada ao conceito que Jorge Benedicto e Maria Luz Morán (2002) denominam como cidadania ativa. De acordo com os autores, a partir dos anos 1990, as sociedades complexas passam a demandar maior participação dos cidadãos nos assuntos da esfera pública, o que demanda, portanto, uma cidadania ativa. Alertam que a necessidade de um modelo mais ativo de cidadania não deve ser construída numa espécie de vazio social, que desconheça os problemas estruturais da sociedade, bem como as contradições que surgem para qualquer tentativa de transformação de funcionamento do princípio da cidadania, ou seja, a necessidade de uma participação crítica. Nas palavras da jovem Nicole este aspecto também é evocado quando ela destaca que o Zumbi lhe “abriu a cabeça” e proporcionou uma visão crítica, portanto, constitui uma experiência marcante para si.

Esta perspectiva de participação crítica também pode ser percebida no relato de outro jovem do mesmo grupo:

Me vejo como um militante de um movimento social, que está aqui para transformar a sociedade, pra tentar botar pessoas dentro do Ensino Superior, mas não só para ser

qualquer pessoa..., mas pessoas que pensem, pessoas que critiquem, pessoas que se manifestem, pessoas que militem. (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Igor expressa claramente que se sente integrante de um movimento social, que visa a inclusão de outras pessoas no Ensino Superior, mas que não basta o acesso, impõe-se a necessidade de formação crítica, para que as pessoas pensem, critiquem, se manifestem e militem. Ao referir a experiência do seu grupo como um movimento social, como um espaço de militância, o jovem agrega a esta participação um caráter não apenas prático, mas também crítico e político. Sugere que a experiência neste coletivo foi definidora de suas opções de vida, pois a partir desta, ele se autodefine como um militante, engajado na transformação da sociedade.

Além das formas de atuação social já referidas pelos participantes, outro jovem destacou um novo modo. Em suas palavras:

Essa militância poderia dizer até que é um apostolado assim né, porque realmente quem tá no InGá, atualmente tá bem consciente de suas responsabilidades e tá bem “a fim”<sup>78</sup> de doar seu tempo e suas energias nessa missão. (Vínicius, Instituto InGá)

Ao reportar-se à militância em seu grupo, o jovem a associa a um tipo de apostolado, em que os membros do grupo têm consciência das responsabilidades e procuram empenhar suas energias na missão do grupo. A ideia de um apostolado assume uma dimensão religiosa, associada à dedicação integral ao grupo.

Por fim, um último relato sobre a atuação social destaca:

A Pastoral da Juventude pra mim simboliza muito, mais do que a Campanha como ação concreta, uma ação mais prática. Eu a vejo como uma posição política por perceber e conseguir ver que os espaços da pastoral possibilitaram uma mudança de vida para mim e acredito que a proposta dela ainda pode mudar a vida de outros jovens. Estar na pastoral é uma coisa muito política, em ajudar a possibilitar que outros jovens possam fazer uma experiência, pelo menos parecida com a que eu fiz. (Roger, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Para o jovem, a participação no grupo da pastoral é mais amplo do que seu envolvimento no projeto da Campanha contra a Violência. Em sua visão, “estar na pastoral é algo muito político”; o grupo proporcionou uma mudança em sua vida, tal

---

<sup>78</sup> A expressão “a fim”, empregada pelo jovem, constitui-se numa gíria que significa “estar com vontade de”.

é a sua importância. Afirma acreditar que a mudança vivida por ele no coletivo da pastoral também pode acontecer com outros jovens, por isso enfatiza que é um pertencimento político.

A compreensão sobre o “político”, frisada em seu relato denota uma compreensão ampla sobre o sentido do termo, mais próximo ao próprio entendimento grego da palavra, que representa a participação na vida da *polis*. Tal concepção supera compreensões limitadas de que a política diga respeito apenas às esferas governamentais ou espaços deliberativos das diversas organizações sociais, sugerindo que todos os indivíduos podem ter uma participação ativa nas diversas instâncias de suas relações.

Nos relatos apresentados e discutidos neste tópico os jovens destacam, através de variadas formulações, que sua atuação nos grupos não constitui apenas um aspecto individual, mas guarda ligação com o social e com o político. Vários autores no campo de estudos das juventudes têm enfatizado a existência dessa modalidade de participação, através de diversas expressões tais como: cidadania juvenil (REGUILLO, 2003), participação juvenil (SERNA, 1997; ABRAMO, 2004), participação social (TRILLA, 2001; NOVAE E VIDAL, 2005), cidadania ativa (BENEDICTO E MORÁN, 2002), políticas da participação juvenil (FEIXA, 2011), construção juvenil da realidade (URTEAGA, 2011)<sup>79</sup>. Os jovens participantes da pesquisa destacam que esta participação constituiu-se como um elemento demarcador de seus itinerários, pois contribui com sua visão crítica, com o seu engajamento e com as opções que realizam.

#### 5. 4 SENTIDOS FORMATIVOS

Outra categoria no âmbito do eixo dos sentidos do presente foi denominada como “sentidos formativos”, em que os participantes apontam aspectos que aprenderam em seus grupos e que contribuiriam para a sua formação e para que os

---

<sup>79</sup> A nosso ver, ainda carecemos de uma compilação e análise destes conceitos que envolvem as dimensões da participação juvenil, estabelecendo relações possíveis e diferenças entre os mesmos, estudo ainda a ser empreendido.

coletivos tivessem um significado específico em suas trajetórias. Nesta categoria foi definido apenas um tema, designado “aprendizados diferenciados”.

Em relação ao tema, um dos relatos está assim formulado:

Com a minha participação no grupo, eu to vendo muitas coisas que eu não via antes, que aconteciam na minha própria cidade. O grupo me trouxe muito engrandecimento, eu aprendi muita coisa humana, assim, coisa que tu não vê numa escola normal, tu não vê numa faculdade qualquer. Coisas que são a amizade, que as relações te trazem, que é humano, é verdadeiro, é mais sincero. O papel do grupo pra mim, acho que é me fazer uma pessoa melhor. (Érica, Instituto InGá).

Ao narrar sua experiência a jovem afirma que sua participação no grupo proporcionou aprendizados e uma visão que ela não tinha antes. Segundo Érica, não se aprende na escola e na universidade, aspectos como a amizade, as relações estabelecidas e a consciência sobre situações que acontecem na cidade, antes não percebidas por ela.

A referência da jovem às escolas e universidades frente aos aprendizados no grupo, sugere uma aproximação do alerta de Sposito:

Se hoje é reconhecida uma profunda separação entre a cultura escolar e o mundo dos jovens, quando a democracia for capaz de garantir um espaço para que as vozes juvenis sejam ouvidas, a separação será menos provável e movimentos juvenis poderão tornar-se importantes atores na inovação política e social da sociedade contemporânea. (p. 90).

Desta maneira, a partir do relato da jovem Érica, pode-se supor que se tais mudanças referidas por Sposito, ocorrerem, estes espaços educativos formais terão maiores condições de contribuir para experiências diferenciadas para os jovens, assim como ela afirma que o InGá contribuiu em sua trajetória.

Em outro relato, o jovem Márcio expressa deste modo a sua experiência:

Eu considero que o Zumbi é um trabalho coletivo; tipo de vivenciar experiências novas, que eu acho que é revolucionário; revolucionário no sentido dos alunos que estão aqui, porque eles querem estar aqui, mesmo com todas as dificuldades que têm pra poderem vir aqui e os professores também. Então não é uma coisa que acontece no dia a dia, na escola, de um público interessado em ouvir o que o professor vai falar. (Márcio, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

O jovem expressa satisfação em atuar no Cursinho, uma vez que considera revolucionário o fato de seus estudantes desejarem estar ali, mesmo diante das

dificuldades que encontram. Para ele, o mesmo interesse não se verifica nas escolas, tanto em relação aos professores, como em relação aos estudantes. Sposito (2000) sugere um indicativo a ser considerado neste contexto:

Trata-se de pensar a escola como mais um dentre os espaços propícios à constituição de sujeitos que tentam compreender sua presença no mundo e buscam construir projetos em condições desafiadoras e adversas impostas pela sociedade atual. (p. 90).

Tal apontamento remete à reflexão de que os espaços escolares necessitam proporcionar aos estudantes a possibilidade de constituírem-se como sujeitos, que reflitam sobre a sua posição no mundo e procurem construir projetos de futuro, superando as condições adversas em que se encontram. O jovem professor Marcio destaca que quando isso acontece, como ele afirma ser o caso do Zumbi, os estudantes acabam desenvolvendo uma relação de maior interesse com a instituição educativa. Isso se torna um fator diferenciador, inclusive para o educador, como ele demonstra através de sua experiência.

O relato de uma das jovens, de outro coletivo, também destaca a forma diferenciada de aprendizado que ela tem no seu grupo. Em suas palavras:

O que me motiva a continuar no grupo é que aqui eu posso aprender de uma forma lúdica, aprender um pouco mais da minha cultura, das minhas raízes, de forma divertida e prazerosa. (Letícia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

Ao falar de sua participação e motivação em continuar no grupo, a jovem Letícia exprime que naquele espaço ela aprende novos aspectos de sua cultura e de suas raízes afrodescendentes. Ressalta que este aprendizado acontece de forma lúdica, que ela adjetiva como divertida e prazerosa e a motiva a continuar no grupo.

Um último relato associado a esse tópico enfatiza:

Eu sempre puxei os projetos de educação ambiental no grupo, trabalhando com formação, relação da educação ambiental com a educação popular, fazendo este diálogo. Eu sempre busquei um contato maior assim com os movimentos sociais, eu acho que isso aí é uma questão que a nossa geração traz também, sabe, essa coisa de aproximar mais o debate ambientalista do debate mais social. (Miguel, Instituto InGá).

Para Miguel, seu principal envolvimento no InGá diz respeito à educação ambiental, que ele relaciona com a educação popular e com os movimentos sociais.

Em seu relato é possível identificar dois aspectos acerca da contribuição que ele e seus colegas realizam no grupo. No primeiro, ele frisa: “eu sempre puxei os projetos de educação ambiental” e ressalta a possibilidade de desenvolvimento de sua iniciativa. Tal alternativa é fundamental para ele, pois através da mesma “o jovem encontra nos grupos de seus próximos a possibilidade de se destacar, de tornar-se sujeito” (ABRAMOVAY; FEFFERMANN, 2007, p. 48). O segundo manifesta-se quando ele expressa que esta é “uma questão que a nossa geração traz”. Tal afirmação está em consonância com a observação de Krischke (2006), para quem a geração atual de jovens cresceu ligada às questões ambientais e são eles os primeiros a reagirem contra as políticas econômicas que prejudicam o meio ambiente.

A partir deste relato, pode-se sugerir que o sentido de participação para este jovem está vinculado às possibilidades de autoria que ele encontra no coletivo em que atua.

Os relatos dos jovens, agrupados neste tópico sobre suas experiências formativas destacam que, no grupo, produzem sentidos importantes para suas vidas. Salientam que, não encontram isso na escola. Proximamente, Carrano (2006, p. 5) comenta que as pesquisas, no Brasil, apontam para uma “frágil correlação entre escola e estímulo ao desenvolvimento da cultura cívico-participativa”. Cabe, portanto, às instituições educativas, não somente à escola, uma reflexão acerca de suas concepções pedagógicas e as formas de promover o fomento à participação juvenil.

## 5.5 SENTIDOS DE RESULTADOS

A quinta e última categoria no âmbito do eixo dos “sentidos do presente” foi constituída como “sentidos de resultados”. A mesma abordará dois temas específicos: resultados concretos e ausência de resultados. Esta explicitação se assenta nos relatos dos jovens da pesquisa, quando afirmam os resultados práticos que alcançam no grupo ou a ausência deles.

Com relação ao primeiro tema, “resultados concretos”, dois excertos da jovem Érica são emblemáticos para compreender esta dimensão:

Eu tento ser uma pessoa sincera, objetiva e levar isso para as pessoas. Eu não sei de que forma, fora a motivação e a mão na massa, do muque, porque a parte burocrática e a parte mais intelectual, infelizmente eu não tenho, não tenho esse aprendizado. Mas a parte do que eu posso fazer, assim o que estiver ao meu alcance, eu to sempre fazendo. (Érica, Instituto InGá).

Já que o governo não pode fazer nada, bem pelo contrário, ele vai querer mesmo é o melhor para os grandes, para os poderosos, então, pelo menos na minha casa, eu posso fazer alguma coisa, na minha maneira de consumir, no minha maneira de tratar as pessoas. Acho que é isso, assim, a parte boa que me marcou e que me tocou no grupo é isso, o que a gente pode fazer aqui, no meu bairro, na minha cidade. (Érica, Instituto InGá).

No primeiro excerto, a jovem descreve seu perfil: uma pessoa objetiva, que procura contribuir com seu grupo nos aspectos práticos, pois afirma não ter o domínio da parte burocrática e intelectual. No entanto, os demais trabalhos ela procura desenvolver colocando “a mão na massa”. No segundo excerto a jovem manifesta sua frustração com os órgãos governamentais, pois em sua opinião, “não podem fazer nada e só demonstram preocupação como os poderosos”. Esta desilusão com o governo é atestada também por Carrano (2006, p. 4), em que o autor aponta que os jovens “evidenciam profunda desconfiança nos operadores políticos tradicionais, manifestando ausência de confiança nos canais institucionais e nas formas tradicionais de fazer política”. Diante de tal cenário, a jovem frisa que aquilo que dá sentido, que marca a sua participação no grupo, são aquelas atividades que ela pode desenvolver em sua casa, no seu bairro e na sua cidade, portanto, as que são concretas.

Outra jovem destaca deste modo a sua experiência:

Teve um momento recente, há pouco tempo, em que conversando com um menino de um grupo de jovens da nossa cidade, ele comentou que tinha duas balas (de revólver), no corpo, que eram em função de ele ter estado envolvido com o tráfico de drogas. Esta conversa com ele foi marcante porque deu mais sentido ainda para o meu envolvimento com a Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens, de mostrar que a gente não está fora da realidade. Quanto mais a gente conhece a realidade, mais a gente vê que tem sentido e significado esta campanha e de quão urgente é esta bandeira da defesa da vida da juventude, pois a gente tem o direito de viver. (Poliana, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

O relato de Poliana é emblemático para perceber como a dimensão concreta das ações tem um significado especial para os jovens. Neste caso, ela destaca o

seu contato com outro jovem, participante de um grupo da pastoral, que já esteve envolvido com o tráfico de drogas, e que, possui duas balas de revólver no corpo. Frisa que este contato a marcou e seu envolvimento com a Campanha foi intensificado. Sugere, ainda, que quanto mais ela conhece a realidade, no caso aqui da violência sofrida por jovens, mais sentido a atividade tem para suas opções de vida.

Outros dois relatos de jovens do Cursinho Zumbi também expressam como eles percebem a dimensão dos resultados concretos em seus itinerários:

Para mim, o sentido em estar no Zumbi é tentar fazer alguma coisa pelos outros e alguma coisa por mim também. Se a gente for pensar, é uma coisa pequena, mas se tu for pensar tudo o que a gente faz é muito pequeno, mas, talvez, é grande pra alguém. De repente, se um daqui da turma passar no vestibular, a gente vai ter feito uma grande coisa pra uma pessoa, o que já é maravilhoso. (Bibiana, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Por exemplo, a Mônica<sup>80</sup>, que foi nossa aluna no ano passado, que passou em Arquivologia, eu sempre penso nela assim nas questões de que “ah nosso trabalho não dá resultado”. Eu sempre penso nela porque ela é mãe, trabalha, é assalariada, tem dois filhos e, certamente, ela mudou o rumo da vida dela e vai mudar o rumo dos filhos dela, vai acumular um capital cultural e aí vai poder passar esse capital cultural para os filhos também. Rompeu com essa lógica “assalariado vai lá trabalha, cria filhos, que vão virar novos assalariados, que vão trabalhar para ter outros filhos”. Acho que ela rompeu com o círculo. Essas coisas são marcantes. (Márcio, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

No primeiro excerto a jovem Bibiana enfatiza que a ação do grupo parece ser “algo pequeno”, no entanto, quando algum dos alunos do cursinho consegue passar no vestibular, isso se torna “grande para aquela pessoa” e “maravilhoso” para os professores e para o projeto em si. No segundo excerto, o jovem Márcio relata um caso concreto em que uma das alunas do cursinho, já adulta, também conseguiu passar no vestibular e, na compreensão do jovem, passou a ter a possibilidade de romper com o círculo de sua condição social desfavorável.

Ambos os jovens sugerem que tais resultados produzem uma satisfação pessoal que estimula a participação no grupo e motiva a persistir nas opções de vida.

Na mesma categoria, outro tema abordado é o da “ausência de resultados”, onde os jovens manifestam suas decepções quando não alcançam os resultados

---

<sup>80</sup> O nome original foi trocado a fim de preservar a identidade da pessoa citada no relato.

almeçados através por suas ações ou pelas iniciativas desenvolvidas pelos grupos dos quais fazem parte.

Uma jovem comenta:

O que também me marcou no grupo é que a gente trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, tenta se mobilizar, faz o que pode e parece que, muitas vezes, infelizmente não muda a coisa que era pra mudar, porque tá numa escala parece inatingível, assim, que é o governo, os endinheirados... Então, infelizmente, essa é uma coisa ruim que me marcou: a gente tenta, tenta, tenta... e parece que não tem mais jeito. (Érica, Instituto InGá).

Em sua narrativa a jovem aponta a decepção que muitas vezes lhe acomete devido a falta de resultados com relação aos objetivos do grupo. Ela pronuncia repetidamente os termos “trabalha” e “tenta”, enfatizando o esforço empreendido na concretização dos projetos do grupo. Seu relato sugere, portanto, que as frustrações diante dos resultados não obtidos também são aspectos que marcam suas experiências de participação.

Outra jovem, do mesmo coletivo, assim expressa:

Teve alguns momentos em que me senti totalmente desmotivada, mas ao mesmo tempo eu sempre tentei entender o porque destes momentos (...) Então nisso tem que ter um pouco de paciência, porque as pessoas que participam do InGá também estão envolvidas em outras coisas e, por mais que a gente tenha ideias e queira fazer atividades e cursos nem sempre tudo o que a gente tem em mente a gente consegue concretizar. (Paloma, Instituto InGá).

A jovem Paloma menciona momentos de desmotivação com o grupo, principalmente com relação à impossibilidade de concretizar determinados projetos. Em seu caso, ela entende que as dificuldades acontecem principalmente pelas múltiplas ocupações dos membros do grupo, o que dificulta uma maior disponibilidade dos mesmos para a realização de um número maior de atividades. Como diversos integrantes são universitários e trabalham, fica difícil disponibilizar mais tempo para as ações do grupo. Mesmo com esta dificuldade, a jovem afirma que procura compreender a situação e que é preciso ter paciência com relação à impossibilidade de tornar concretas determinadas ideias que surgem no coletivo. É por esta falta de tempo que diversos jovens afirmam que gostariam de conciliar trabalho remunerado e militância, contudo, se sentem impossibilitados.

Um último relato deste tema enfatiza:

Uma coisa do grupo que me marca muito é o excesso de reunião. “Dá pra falar isso na entrevista?” (Risos). É muita retórica, é muita troça, muito blá, blá, blá e, às vezes, não se consegue chegar a situações concretas e no Zumbi não é diferente, acontece muito isso daí. Então, uma das coisas que me marca muito é que, às vezes, tem muito “reunismo” dentro do curso e pouca ação. Agora, nos últimos meses, do meio do ano passado pra cá, a gente tá tentando dar um pouco de caráter mais prático para as coisas. (Márcio, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

O relato do jovem Márcio é emblemático para compreender o conteúdo da ideia de ausência de resultados concretos. O excesso de reuniões existentes no grupo, o qual chama de “reunismo”, em sua opinião implica em muita retórica e, por isso, não se consegue atingir situações concretas. Outro aspecto interessante de sua narrativa é o momento em que menciona sua decepção com este modo de proceder do grupo e questiona a jovem que o entrevista: “Dá pra falar isso na entrevista?”. Sua preocupação nos leva a questionar os motivos desse receio: será que suas preocupações são expressas e acolhidas no grupo? Tal questionamento pode ser compreendido a partir de Melucci (2001, p. 104), quando afirma que os jovens reivindicam o “direito de uma comunicação aberta” nos espaços em que participam.

A necessidade de expressão por parte dos jovens foi apontada há bastante tempo por Hirschman (1971), em seu ensaio “Saída, voz e lealdade”. O autor afirma que quando a voz dos jovens não é ouvida, eles tendem a sair dos grupos dos quais fazem parte. A experiência do jovem Márcio sugere a necessidade de maior concretude da ação em seu coletivo e, também a possibilidade de comunicação aberta entre seus membros, principalmente num coletivo em que atuam adultos e jovens conjuntamente.

As narrativas dos jovens acerca dos sentidos concretos apontaram que os jovens buscam realizar ações efetivas em seus grupos e que a efetividade dessas ações mobiliza o seu envolvimento. Também destacam que a falta de resultados concretos não passa despercebida pelas frustrações e decepções que acarreta em suas motivações para participação.

Neste capítulo, focado nos sentidos do presente, os jovens relatam situações e experiências vivenciadas nos coletivos que motivam ou desmobilizam a participação social como dimensão fundamental de seus itinerários de vida.

Assim como no capítulo anterior, relativo aos sentidos do passado, ao recordar o problema central da tese, que questiona a respeito dos sentidos que os

jovens narram acerca de sua participação nos coletivos em que atuam, também no tempo presente, os participantes da pesquisa afirmam que suas vidas são, em alguma medida, definidas pelas vivências realizadas junto aos seus pares.

## **6 SENTIDOS DO FUTURO QUE SE CRUZAM COM O PASSADO E COM O PRESENTE**

O terceiro eixo da análise dos dados produzidos pela investigação empreendida nesta tese foi designado como sentidos do futuro que se cruzam com o passado e com o presente. Faz-se necessário estabelecer relações entre os três âmbitos temporais, pois conforme afirma Melucci (2004, p. 23), o futuro está contido no passado e no presente e brota deles.

Mannheim (2008), afirma que vivemos numa época de crescente autoconsciência, em que os indivíduos cada vez mais questionam sua existência e, conseqüentemente os rumos de suas vidas. Se em outros períodos aceitava-se a realidade sem questionamentos, agora já não, pois

O tipo novo vive a busca perene de novos horizontes. Procura perscrutar cada nova verdade, descobrindo nesse processo a natureza fortuita das situações particulares. Enquanto o tipo estacionário aceita cada condição como uma ordem atemporal de existência, o dinâmico afasta em sua busca falsos absolutos e dedica-se deliberadamente ao nível finito e condicional das coisas. Mas ao aventurar-se além dos limites de uma cosmovisão estabelecida ele se defronta a cada passo com a eterna questão: como atingir e levar a cabo decisões incondicionais em face de uma existência condicionada? (MANNHEIM, 2008, p. 70).

Mesmo que o autor fale do contexto da primeira metade do século XX, suas observações parecem acentuar-se desde então. Ele destaca que os indivíduos não aceitam mais passivamente suas condições particulares e nem possíveis determinações já estabelecidas com relação ao seu futuro, pois buscam novos horizontes. Tal busca não é tranquila, visto que existem fatores condicionantes que limitam a tomada de decisões e as projeções de futuro. Esta situação, contextualizada em meados do novo século em que nos encontramos, reforça ainda mais os condicionamentos e limites para pensar em projetos de futuro, com repercussões importantes para todos os indivíduos, inclusive para os jovens.

Mesmo com as dificuldades inerentes ao contexto e ao momento histórico que vivemos, na análise das narrativas dos jovens participantes da pesquisa percebe-se

que suas experiências nos coletivos em que atuam contribuíram e contribuem para conferir sentidos não só para o passado e para o presente de suas vidas, mas também para o seu futuro. Tal apontamento comparece de diferentes formas nos relatos em que afirmam que suas experiências têm repercussões para suas opções profissionais, para suas direções de vida, para suas visões de mundo, para seus projetos de futuro e até mesmo para as incertezas que o porvir lhes suscita.

A partir das narrativas dos participantes, neste terceiro eixo (futuro), foram definidas as seguintes categorias e temas: 1) Dimensão profissional (participação inspiradora); 2) Topias e utopias juvenis (topias: concretizar ideais; utopias: sonhar com um mundo diferente); 3) Convicções de um futuro incerto (presentificação do futuro); 4) A vida seria diferente (diferenças pessoais; diferenças de engajamento). A organização das mesmas podem ser observada no quadro 6.

Quadro 6 – Síntese das categorias e temas do eixo do futuro

<b>EIXO – FUTURO</b>	
<b>CATEGORIAS</b>	<b>TEMAS</b>
6.1 Dimensão profissional	- Participação inspiradora
6.2 Topias e utopias juvenis	- Topias: concretizar ideais
	- Utopias: sonhar com um mundo diferente
6.3 Convicções de um futuro incerto	- Presentificação do futuro
6.4 A vida seria diferente	- Diferenças pessoais
	- Diferenças de engajamento

Passemos, pois, aos desdobramentos de cada uma das categorias e temas.

### 6.1 DIMENSÃO PROFISSIONAL

A primeira categoria apontada neste eixo foi a da dimensão profissional, em que os jovens apontam aspectos de sua participação nos grupos que incidiram em

suas escolhas profissionais. Destacam o curso universitário que escolheram, mas também outros aspectos relacionados a suas profissões, tais como os compromissos com outros grupos em que se envolvem em decorrência da profissão que escolheram.

Uma das jovens assim expressa:

Na minha profissão assim, eu acho que eu não iria seguir nesse caminho [*educação física*]. Acho que eu iria fazer administração, iria fazer outra coisa, que eu não gostasse tanto, seria totalmente diferente. Também não ia ter um compromisso assim de “ah! um final de semana eu tenho esse compromisso”. Eu to hoje bem mais responsável, até precoce eu acho. Bem antes, eu fui já responsável pelos meus atos e atitudes. (Talita, Grupo Afro Sul-Odomodê).

Em seu relato, a jovem destaca que, talvez, se não fosse pela sua experiência no Afro Sul/Odomodê, não estaria cursando a graduação em Educação Física, pois seu desejo inicial era cursar Administração. Tal destaque sugere como a participação no grupo foi um demarcador para sua opção, visto que ela afirma que a administração era um curso que “não gostava tanto”. Enfatiza ainda que a partir dessa opção, passou a assumir um compromisso com o grupo no qual participa, fator que, em suas palavras, contribuiu para que, precocemente, se tornasse responsável.

A mudança de opção profissional pode estar relacionada a um fator apontado pelo relatório sobre a juventude na América Latina, em que a educação não apenas pode gerar mais renda para jovens da atualidade do que a da geração anterior, devido ao maior nível de formação, mas também se refere à possibilidade de uso das habilidades adquiridas para exercer novas formas de cidadania (KRAUSKOPF, 2005, p. 158). Eis que a narrativa da jovem Talita, expressa opção por um curso de sua preferência e a assunção de responsabilidades junto ao grupo em que participa.

Outro excerto de uma das narrativas também destaca a dimensão profissional:

Uma coisa é certa, eu quero fazer a continuidade da caminhada, nesta causa de defesa da vida das pessoas, tanto é que hoje eu to cursando História, que vem a partir dessa minha participação na Pastoral da Juventude e acredito que através da educação a gente também pode alcançar a transformação. É um dos caminhos. Além disso, eu também to no movimento feminista, então o meu desejo é continuar envolvida na construção de outro mundo. (Poliana, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

A jovem expressa um desejo de continuidade, portanto, de futuro, naquilo que ela chama de “defesa da vida das pessoas”. Frisa que a opção pelo curso de História aconteceu a partir de sua participação na pastoral, o que sugere o sentido balizador que a experiência teve para a jovem, que também aponta a participação no movimento feminista, enfatizando o desejo de continuar envolvida com aquilo que designa como construção de “outro mundo”.

Além da opção pelo curso de História, a participação em outro grupo, no caso o movimento feminista, pode ser associada ao fenômeno apontado por Carrano (2000) e Melucci (2001) como o dos múltiplos pertencimentos, em que os sujeitos jovens, participam simultaneamente de diferentes grupos que atendem suas necessidades de pertencer e de atuar. De acordo com Carrano,

A vida social nas cidades indica para os sujeitos a experimentação de identidades que colocam em jogo as múltiplas personalidades requeridas pelas relações sociais. A ideia do indivíduo portador de uma essência pessoal, a sua personalidade, que comporta no máximo pequenos ajustes, segundo as relações estabelecidas, não dá conta da dinâmica da complexidade social. (CARRANO, 2000, p. 17).

O autor desafia a pensar as identidades dos sujeitos e os múltiplos pertencimentos que as relações sociais possibilitam. No caso dos jovens, isso pode ser pensado com relação aos diferentes espaços em que transitam, como se constituem a partir das interações nos mesmos e como tais relações atribuem sentidos para suas vidas.

A dimensão profissional constitui um aspecto balizador dos projetos de futuro dos jovens. No entanto, como é possível perceber nas narrativas, não são apenas os cursos acadêmicos eleitos que definem os caminhos a trilhar, mas também as atribuições de significado e seus múltiplos pertencimentos contribuem para tais opções. Os jovens expressam ainda que a participação inspiradora nos seus coletivos mostra-se decisiva no que se refere às opções profissionais que fizeram e que projetam para o futuro.

## 6.2 TOPIAS E UTOPIAS JUVENIS

Outra categoria no âmbito do eixo do futuro foi designada como topias e utopias juvenis<sup>81</sup>, apontando para sentidos construídos a partir de suas experiências nos grupos, que expressam um duplo significado: topias, para referir a ideais e projetos concretos em que os jovens se envolvem ou pretendem se engajar; utopias, para ideais mais amplos e horizontes que vislumbram como possibilidades.

A ideia da utopia foi cunhada pelo filósofo Tomás Morus em sua clássica obra “A Utopia”, em que descreve um Estado imaginário, sem propriedade privada nem dinheiro, preocupado com a felicidade coletiva e a organização da produção. Sua obra inspirou outros clássicos do gênero, tais como “A Nova Atlântida”, de Francis Bacon e “A Cidade do Sol”, de Tommaso de Campanella, seguidos dos escritos socialistas do século XIX até chegar aos ideais do Fórum Social Mundial através do slogan “Um outro mundo é possível”. Tais inspirações históricas ainda contribuem para atribuir significados aos projetos de futuro dos jovens, como constatou-se nas narrativas da pesquisa.

O binômio topias e utopias pode ser relacionado à distinção que Luhmann (1976) realiza entre dois aspectos: os “esquemas tecnológicos” (presentes futuros) e os “esquemas utópicos” (futuros presentes). Os primeiros designam futuros que se transformam em presente de modo antecipados e, portanto, podem ser associados ao conceito de topias. Já os segundos reportam um cenário que não se pode começar e que a cada tentativa de aproximação se distancia, e, portanto pode ser relacionado com o conceito de utopia.

O primeiro tema no âmbito desta categoria designou-se como: “topias: concretizar ideais”. Nele são destacados os desejos de colocar em prática ideais que os jovens manifestam e como estes contribuem para atribuir sentidos à sua participação.

Em relação ao tema, um dos jovens assim afirma:

A minha participação eu, particularmente, vejo como plantar sementes de ideias, principalmente aqui dentro de Viamão, que as pessoas possam participar de um projeto

---

<sup>81</sup> A expressão utopia foi extraída dos próprios relatos dos jovens. A expressão topia foi adotada a partir da inspiração na obra “#Generaciónindignada. Topías y utopias del 15-M” (FEIXA e NOFRE, 2013).

como este aqui e tenham uma visão diferente do que é apresentado em relação ao ensino, do ensino superior ou até mesmo do fracasso. Porque assim, às vezes, é passado que o cara que não passa no vestibular é um fracassado, um idiota, um burro, não sei o que e se desconsidera todo o contexto que a pessoa vive. Na verdade eu não vejo dessa forma, pois cada um que passa no vestibular consegue vencer várias barreiras, que não são explícitas, mas que impossibilitam o acesso. O que eu espero aqui dentro do município é que mais pessoas tenham contato com estes questionamentos e, se possível, consigam acessar o ensino superior. Isso me motiva a continuar aqui. (Marcio, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Em seu relato, o jovem destaca um ideal concreto, que é a possibilidade que um número de jovens de baixa renda consiga acessar a universidade, vencendo as barreiras sociais que lhes são impostas. Seu desejo tem uma topia concreta, que é a cidade de Viamão<sup>82</sup>, onde o cursinho está situado e de onde provém a maior parte dos alunos. Baseado em sua própria experiência, como ex-aluno do cursinho, sua utopia é de que mais pessoas possam acessar o ensino superior, que no Brasil só tem 7,9% de sua população diplomada (IBGE, 2012). Em suas palavras, isso atribui sentido para sua participação no grupo Zumbi dos Palmares.

Ao falar de sua experiência no mesmo coletivo, a jovem Nicole aponta que:

Os meus objetivos aqui é continuar refletindo e participando pra melhorar a educação ou pra tentar melhorar um pouquinho. Então, a partir daqui, o Zumbi me dá perspectiva de continuar pensando, refletindo, discutindo pra contribuir com a educação, de melhorar esses espaços educacionais não formais. (Nicole, Cursinho Pré Vestibular Zumbi dos Palmares).

Em sua narrativa, a jovem destaca que sua topia são os espaços educativos não-formais, fazendo referência a uma diferenciação do cursinho com a educação formal escolarizada. Este é o local concreto que motiva a continuar participando e contribuindo, o que sugere um demarcador para sua trajetória, tanto passada e presente, como também de futuro, visto que ela fala de continuidade.

Percebe-se nos dois últimos relatos que a topia balizadora das experiências dos jovens participantes do Zumbi é a área educacional, que se constitui no campo específico de atuação do grupo.

A jovem Paloma, ao falar de sua trajetória em outro coletivo, afirma:

---

<sup>82</sup> Cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, que conta com uma população de aproximadamente 250.000 habitantes. Grande parte de sua população trabalha e estuda fora da cidade, o que a configura como uma das “cidades-dormitório” da região.

Tem um exemplo bem específico, que é bem atual, que é interessante de citar, que seria uma coisa que se eu não estivesse no InGá, não teria acontecido ou talvez tivesse acontecido, mas levando em consideração o que aconteceu, foi o InGá que proporcionou isso. O InGá participa, uma vez por mês da “Feirinha Agroecológica”, nos sábados. Nesta função de ir na feirinha nos sábados eu me aproximei do pessoal do Sítio Pé na Terra. É uma coisa que é muito legal, não tanto por estar ali vendendo, mas por estar ali participando de uma iniciativa agroecológica, que não usa conservantes, agrotóxicos e tal. Como eu tenho o objetivo de ter, futuramente, os meus hectares para plantar coisas naturais, então é um começo; eu to ali aprendendo, sabendo como é que funciona, o que é que dá e o que não dá, com exemplos super práticos, super naturais. (Paloma, Instituto InGá).

Na narrativa da jovem, a topia que ela refere é a Feira Agroecológica, em que participa juntamente com seu grupo. Nesta experiência destaca que aprende vários aspectos sobre o plantio agroecológico que ela pretende fazer numa propriedade futura que ainda está no seu horizonte utópico. É possível perceber no início do relato que ela considera que a participação no InGá é que lhe fez estar neste lugar e com estes horizontes de possibilidades. Portanto, pode-se inferir que tal experiência e expectativa conferem um sentido balizador para a sua direção de vida.

Uma terceira participante, ao falar de sua experiência, destaca:

Depois de alguns conflitos no grupo eu quase desisti, mas daí eu disse “eu tenho uma missão aqui, já passei dessa fase, já cresci né, passei da descoordenada pra professora e agora tenho uma coisa muito mais ampla a seguir e transferir assim, através da dança a cultura afro”. (Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

A jovem relata conflitos pelos quais passou no grupo, que quase fizeram com que desistisse de participar. No entanto, ao rememorar sua trajetória, enfatiza que passou da situação de uma jovem iniciante, sem coordenação, até a atual situação de estar sendo uma das professoras do grupo. Em seu modo de expressar destaca que tem uma “missão” no grupo que é de trabalhar a cultura afro através da dança. Ao manifestar esta consciência ela projeta um compromisso concreto de futuro para com o grupo, o que supõe que o mesmo constitui-se como um demarcador na sua experiência grupal.

Outro jovem assim expressa:

Para mim, participar desta campanha faz parte do projeto de vida que a gente escolhe, que a gente assume o compromisso enquanto pastoral e aí é um momento muito simbólico, muito sério que é o resultado do Anel de Tucum que a gente usa. A gente aceita defender a vida, este é o sim que a gente dá, também causa um comprometimento de aceitar as consequências que isso traz. Muitas vezes, ir de contramão ao sistema, ir de contramão a

vários valores, impostos pela sociedade. (Ulisses, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em seu relato, o jovem enfatiza que o compromisso concreto que ele assumiu com a campanha integra seu projeto de vida e faz parte de um aspecto simbólico que ele utiliza, que é o Anel de Tucum<sup>83</sup>. Em suas palavras, tais opções implicam, muitas vezes, assumir determinados valores que são contraditórios com aqueles “impostos pela sociedade”.

Expressões usadas pelo jovem como projeto de vida, Anel de Tucum e valores contraditórios, podem ser compreendidas a partir do contexto semântico, construído de acordo com a sua participação no grupo da pastoral, cujas expressões são muito peculiares.

Após várias referências sobre as topias, como propostas ou espaços concretos de atuação em que os jovens vislumbram seus projetos de futuro e continuidade de engajamento no seu grupo, também foi possível identificar em suas narrativas, expressões que falam de suas utopias.

O primeiro relato do tema “utopias: sonhar com um mundo diferente”, assim é expresso:

O que une as pessoas no InGá é um tipo de utopia, é a força que brilha no coração das pessoas, elas se conectam por uma vontade de transformar, uma vontade de mudar a sociedade, de dar respostas à sociedade, à cidade, essa coisa toda. (Miguel, Instituto InGá).

A inspiração de inúmeras gerações, também se manifesta na narrativa do jovem Miguel, quando refere uma utopia que tem grande significado para ele e para o seu coletivo. Enfatiza que a mesma mobiliza para uma vontade transformadora de sua cidade e da sociedade em geral, através de respostas que possam ser formuladas a estes âmbitos.

Sposito (2000) ao refletir sobre o tema da utopia destaca:

---

<sup>83</sup> O Anel de Tucum é um anel preto, feito da semente de uma palmeira nativa da Amazônia. Originalmente foi utilizado com símbolo de aliança matrimonial, pelos escravos. A partir dos anos 1980 passou a ser utilizado por militantes católicos que assumiam um compromisso preferencial com os pobres. Atualmente, seu uso é difundido entre vários grupos, não apenas entre os católicos. No entanto mantém a ideia do compromisso com as causas populares e de luta contra a opressão. Fonte: <http://pjpira.wordpress.com/2009/10/13/anel-de-tucum/>. Acesso em 03/12/12.

Mesmo que de forma fragmentada, fluida e instável, na ação voluntária protagonizada pela juventude há uma espécie de antecipação da utopia, anunciando *hoje*, e de forma profética, uma outra possibilidade da vida em conjunto. Essa motivação que emerge nas sociedades complexas e que encontra nos segmentos juvenis uma disponibilidade, mesmo que difusa, conteria elementos antagonistas porque desafiaria o poder, ao inverter a lógica dominante instrumental, construindo alternativas de sentido. (SPOSITO, 2000, p. 88). [*grifos do original*].

A autora enfatiza que o envolvimento dos jovens em projetos concretos possibilita o que ela designa como uma espécie de antecipação da utopia, movida pelo desejo de outras possibilidades de vida nas sociedades complexas, ainda que assumam uma condição difusa. De modo análogo, percebe-se nos relatos dos jovens da pesquisa que a participação nos grupos contribui para o vislumbre de topias e de utopias que integram seus projetos de futuro<sup>84</sup>.

A conotação profética destacada por Sposito (2000) aparece mais claramente nas narrativas de dois jovens do grupo da pastoral:

Acredito que um dos pilares principais pra fazer com que a gente continue a ir em frente, acho que a primeira coisa é que a gente acredita na proposta do reino, reino de vida, reino de amor, reino de justiça, reino de paz. Então, a primeira causa é o reino e a segunda coisa que motiva a gente a continuar nesta caminhada, a continuar levando em frente a Campanha, acho que é porque a gente quer ser testemunha deste reino. A gente quer testemunhar que a vida, ela continua, a vida é um dom precioso e com isso a gente vai até as últimas consequências, não só pra defender ela, mas pra denunciar tudo aquilo que está contra ela. (Giovani, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

O nosso desejo é a vida de todas as pessoas e falando da nossa realidade, o nosso desejo é a vida da juventude, que sofre vários tipos de violência, e que a gente possa combater de fato os males que assolam a vida da juventude. Eu costumo sempre dizer que somos um pequeno grão de areia que faz parte de uma grande construção. Acho que todos juntos podemos fazer a diferença onde cada um pode fazer um pouquinho. A gente não se coloca nem acima nem abaixo dos outros, mas somos iguais, com um mesmo sonho de construir uma civilização diferente, uma civilização do amor. (Ulisses, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

O primeiro relato se vale de expressões próprias do ideário e da discursividade da pastoral, que identifica o seu coletivo, tais como “reino”,

---

<sup>84</sup> Para aprofundar mais sobre projetos de futuro e projetos de vida sugere-se consultar as seguintes obras: PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. Cap. VI; POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil; In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004; NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006, p. 105-120.

“testemunha”, “denuncia”. Para o jovem, sua atuação na defesa da vida da juventude, através da participação na Campanha, não é apenas uma atividade, mas está inserida num projeto maior, que ele chama de Reino<sup>85</sup>, em que se pode observar um caráter utópico, que pode “levar até as últimas consequências”.

No segundo relato, o engajamento no coletivo expressa a contribuição à superação das violências que assolam a vida dos jovens, desejo maior do projeto. Reconhece os limites da atuação, e a compara, metaforicamente, com um grão de areia numa construção. Mesmo diante dos limites do projeto, persiste o sonho de construir uma civilização diferente, que no âmbito pastoral é chamada de civilização do amor<sup>86</sup>, notadamente de caráter utópico.

As narrativas dos jovens insistem no engajamento concreto em situações específicas dos projetos em que atuam, mas também é possível identificar em suas palavras que tais projetos não são apenas pontuais, pois almejam transformações sociais, de certo modo utópicas, que inspiram a participação e suas opções de vida. De modo próximo, pesquisas como a do IBASE (2006) mostram que, mesmo sem a escala utópica das décadas passadas, o envolvimento dos jovens em diversos coletivos sinaliza novas possibilidades de participação e, mesmo, de construções utópicas.

---

<sup>85</sup> Para o âmbito pastoral o reino tem três dimensões: a) pessoal: refere-se ao homem pecador; simboliza a libertação do pecado para a graça, que acontece pela conversão, em vista do “homem novo”; b) social: refere-se ao homem oprimido, simboliza a libertação da injustiça para a liberdade, que acontece pela luta diária, em vista da “sociedade nova”; c) escatológica: refere-se ao homem morto, simboliza a libertação da morte para a vida definitiva, que acontece pela ressurreição, em vista do “mundo novo” (CNBB, 1998, p. 126). A partir destas referências, pode-se sugerir que quando o jovem fala do reino, em sua utopia ele vislumbra isso que o documento refere como sendo “o homem novo, a sociedade nova e o mundo novo”, que, no âmbito pastoral, corresponde ao Reino de Deus.

<sup>86</sup> Civilização do amor é o ideal de sociedade almejado pelas Pastorais da Juventude do Brasil e da América Latina, que afirmam: “os jovens são enviados, como protagonistas na Igreja e sujeitos históricos no mundo, a construir a civilização do amor (...) Ser sujeitos históricos no mundo é assumir o projeto de cidadania, levando os jovens a participar em espaços e organizações sociais e estudantis, em **ações simples, concretas e possíveis**, sem perder de vista a **utopia**, a mudança maior, indo aos poucos construindo um **projeto alternativo** de sociedade. (CNBB, 1998, p. 140-141). [*grifos do original*]. O principal documento que fundamenta a proposta das Pastorais da Juventude na América Latina é: CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. Seção Juventude – SEJ. **Civilização do Amor: tarefa e esperança**. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. São Paulo: Paulinas, 1997. O mesmo foi revisto e teve nova publicação em 2012 sob o título “Civilización Del Amor: proyecto y misión” (CELAM, 2012), ainda sem tradução para o português.

### 6.3 CONVICÇÕES DE UM FUTURO INCERTO

Maritza Urteaga (2011), em seu estudo acerca da juventude mexicana na década de 1980, destaca uma representação imaginária para os indivíduos jovens podia ser expressa pela ideia “não há futuro, faça-o você mesmo”, numa clara referência à falta de perspectivas de futuro para os mesmos. Na mesma direção, Caccia-Bava (2004) refere os problemas enfrentados pelo contingente juvenil em nível global, na primeira parte da década de 1980, levando a UNESCO a proclamar o ano de 1985 como o “Ano Internacional da Juventude”. Desde então, nas últimas décadas, com mudanças de ampla repercussão, a representação de falta de perspectivas de futuro para os jovens parece ter se acentuado em diversas dimensões sociais, tais como na esfera socioeconômica, principalmente pelas altas taxas de desemprego juvenil – “medo de sobrar” – e com os altos índices de mortalidade – “medo de morrer” – (NOVAES; VIDAL, 2005).

Contudo, cabe uma ressalva. A suposta crise em relação ao futuro não se constitui como um fenômeno estritamente juvenil, pois conforme afirma Anne Muxel (1997), os jovens são como espelhos retrovisores que refletem aspectos que são vivenciados de alguma maneira por toda a sociedade.

As questões centrais relativas ao futuro dos jovens também se fizeram presentes nas narrativas dos participantes desta investigação. Na categoria “convicções de um futuro incerto” o tema definido foi designado como “presentificação do futuro”. Este tema pode ser relacionado ao que Pais (2006, p. 10) chama de “desfuturização do futuro”, para designar a crescente dificuldade de aspirações de longo prazo, ocasionando maior articulação de projetos no presente.

Em relação a este aspecto, um dos jovens assim se expressa:

Eu não privilegio muito este tipo de reflexão assim sobre o futuro do pretérito: “se eu fosse”, “o que eu seria”... Pra mim, o futuro do pretérito é um tempo verbal inexistente; não sei como vai ser o futuro. Hoje eu to aqui, mas cada escolha, cada momento, determina toda uma quantidade de possibilidades. Eu quero chegar no que a gente ta fazendo, não existe um ponto... (Vínicius, Instituto InGá).

Seu relato é emblemático à compreensão de como os jovens concebem a dimensão do futuro em suas vidas. O jovem frisa que o futuro é algo tão incerto, que

ele usa a referencial gramatical para afirmar que o tempo verbal do pretérito é inexistente. No entanto, ele não expressa isso com angústia, mas até com certa naturalidade, visto que destaca o ponto onde pretende chegar, aquele em que já se encontra, naquele grupo, fazendo as coisas que já faz. Sua afirmação sugere o sentido que a participação tem para ele, que é o de estar realizado com a sua inserção naquele coletivo.

Outro relato também aponta para a relação do jovem com o futuro:

Eu quero continuar com a minha participação, quero continuar participando, ajudando a mudar a vida das pessoas indiretamente, ou diretamente. Isso me motiva a estar aqui. Acho que não tem um lugar onde eu quero chegar, não tem um ápice, não tenho um lugar onde eu almejo. Eu quero continuar aqui. (Igor, Cursinho Pré Vestibular Zumbi dos Palmares).

O jovem afirma explicitamente que pretende continuar participando do grupo, contribuindo com outros jovens que buscam o Zumbi como forma de preparação para ingresso no ensino superior e que isso motiva a estar neste espaço. De acordo com a categoria deste tópico, sua afirmação remete a uma convicção de continuar participando e da importância de sua presença no grupo. No entanto, não manifesta grades expectativas quanto ao futuro, ou aquilo que ele chama “um ápice onde quero chegar”. Seu relato sugere uma presentificação do futuro, ou seja, seu sentido de participação tem mais ênfase no momento presente.

A jovem Ágata, de outro coletivo, afirma na mesma perspectiva:

Com a minha participação na Campanha eu não tenho um lugar específico para chegar, porque o caminho que eu já to trilhando já tá nisso né. A própria profissão que eu escolhi, as escolhas que eu faço no meu dia a dia tem a ver com isso. (Ágata, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

Em sua narrativa a jovem aponta uma satisfação diante de sua participação na Campanha e destaca as atividades que desenvolve, as escolhas que faz e inclusive, a profissão que escolheu, situações pautadas por sua inserção no grupo. No entanto, do mesmo modo que os jovens antes referidos, ela enfatiza que não tem um lugar específico onde queira chegar.

Os relatos dos jovens, com poucas perspectivas em relação ao futuro, não significam uma ausência de projetos ou perspectivas, pois afirmam que pretendem continuar participando do grupo e que estes são referências em seus itinerários e

escolhas. No entanto, não fazem grandes projeções em relação à dimensão futura, parecendo tensioná-la, mantendo-a no presente, por isso cunhou-se a expressão “convicções de um futuro incerto” como título desta categoria, retratando a referência realizada pelos jovens.

Mesmo que os jovens encontrem dificuldades no estabelecimento de projetos de futuro, Krauskopf (2005, p. 174), baseada em pesquisas realizadas na América Latina, insiste que “os jovens em geral são mais otimistas que os adultos com relação ao percurso de vida”. Apesar das dificuldades que enfrentam, a autora aponta que “não é possível falar de ausência de futuro, pois os jovens desenvolvem aquilo que Bajoit (2003) chama de *estratégias de gestão da incerteza*” (BAJOIT, 2003 *apud* KRAUSKOPF, 2005, p. 174).

A partir da reflexão da autora, pode-se compreender que os jovens dos coletivos aqui pesquisados apresentam otimismo em relação ao modo como percebem a participação nos grupos, enfatizando as contribuições que os mesmos tiveram para as experiências vividas e para a continuidade de suas vidas.

#### 6.4 A VIDA SERIA DIFERENTE

Ao final das entrevistas com os jovens, foi proposta a seguinte questão: “Você acha que sua vida seria diferente se não participasse deste grupo?” (ver APENDICE E). A pergunta tinha como objetivo propiciar que os jovens discorressem acerca da dimensão que a participação no grupo de atuação teve para seus itinerários e que sentidos era possível abstrair das mesmas. As respostas dos jovens à questão, apontaram que todos referiram que de algum modo a vida seria diferente caso não participassem daquele coletivo.

A partir dessa questão, outra categoria designada no contexto do eixo do futuro foi “a vida seria diferente”, que desdobrou-se em dois temas: diferenças pessoais e diferenças de engajamento. Em relação ao primeiro, uma das participantes assim comentou:

Se eu não participasse deste grupo a minha vida seria mais chata. Não posso dizer como, mas seria mais vazia, talvez, porque o grupo tem um lugar dentro de mim; eu não consigo

imaginar como seria sem [o grupo]. Saber que aos sábados eu tenho um encontro, que eu vou dançar, que eu vou rir muito. Não consigo me imaginar hoje sem isso. Preciso disso. (Letícia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

Em seu relato a jovem destaca que caso não participasse, sua vida seria mais “chata, vazia”, que é preenchida e animada pelas atividades proporcionadas pelo grupo. Aos sábados, por exemplo, ela tem ensaios, momentos especiais porque é quando ela dança e se diverte. Esta sua oportunidade de participação num espaço coletivo aponta para uma realidade que não é vivenciada pela maioria dos jovens brasileiros, que afirmam que sua principal atividade de ocupação nos finais de semana é encontrar os amigos, ou assistir televisão e ouvir rádio (BRANCO; ABRAMO, 2005). Neste caso, o coletivo representa um marco em seu itinerário e na sua perspectiva de futuro, uma vez que ela mesma enfatiza que “precisa do grupo”.

Outro jovem assim destaca a diferença que ele percebe que haveria em sua vida:

Se eu não participasse do grupo com certeza seria muito diferente a minha vida. Teria uma vida chata, que nem a vida dessa vida urbana; seria um guri de apartamento, que tem televisão, vídeo-game... (Miguel, Instituto InGá).

Sua manifestação contempla uma contraposição entre estilos de vida, em que, de um lado ele situa “essa vida urbana”, caracterizada pelo fechamento no apartamento, com suas principais atenções voltadas ao vídeo-game e à televisão. Apesar de não referir explicitamente, o outro estilo de vida que ele sugere é o da experiência em que ele se encontra e que trouxe mudanças em sua vida, pois participa de retiros ecológicos, tem contato com movimentos sociais, mora num casarão junto a outros jovens, etc. Ao se referir à vida urbana, ele não está falando de área ou de geografia, pois ele também vive na zona urbana, inclusive na região central da cidade (no Casarão do Arvoredo do Instituto InGá), mas, sim ao estilo de vida urbano.

O sentido de sua participação sugere uma diferenciação entre a vida de muitos jovens de seu tempo que mantém sociabilidades muito restritas, permanecendo mais tempo em seus espaços domésticos, configurando novas formas de relacionar-se ou até a ausência de relações com seus pares. Ao tratar do tema, Feixa (2005, p. 1) publicou “O quarto dos adolescentes”, um artigo em que

analisa as mudanças ocorridas nos espaços familiares privados, destacando novas configurações das relações familiares, especialmente geracionais. Segundo o autor, o quarto dos adolescentes constitui-se “num reduto e laboratório de uma microcultura emergente, que além do espaço público, encontra seu emblema nos contatos reais e virtuais que realiza desde esse lugar”. Tal fenômeno, possivelmente, apresente maior incidência entre as classes médias e altas.

O jovem Miguel manifesta certo rechaço a este estilo de vida e sugere que, caso não tivesse a oportunidade de participar do InGá, possivelmente também seria um “jovem de apartamento”. Seu depoimento aponta o quanto a experiência no grupo fez diferença em seus itinerários e seus projetos de futuro.

Na mesma direção, ao comentar sobre o significado de sua inserção no Afro Sul/Odomodê, a jovem Talita afirma:

Se eu não participasse do grupo, com certeza minha vida seria diferente; não sei como, mas por eu ter uma personalidade muito forte, eu fui bastante rebelde assim na minha adolescência. Eu não sei o que eu poderia estar fazendo, por influências que eu tenho hoje na vida, embora eu tenha vários tipos de amigos, vários grupos, não sei se eu não seria mais influenciável que eles e iria fazer alguma outra coisa da vida, que não é legal hoje. Acho que por este lado, assim, a minha vida poderia ser diferente, poderia não ser uma pessoa amável assim como eu sou, porque vejo que eu to sempre sorrindo, to sempre com autoestima. Acho que eu seria um pouco diferente, mais mal-humorada (risos), sem querer conversar muito, que era bem a característica que eu tinha antes, não pela minha família, ninguém da minha família é assim, mas eu acho que eu seria diferente, a ovelha negra, a gente até diz ‘a ovelha negra’, acho que eu seria a ovelha negra. (Talita, Grupo Afro Sul/Odomodê).

Em sua narrativa, a jovem é contundente em afirmar que sua vida seria diferente caso não estivesse participando do grupo Afro Sul/Odomodê. Se vale de diferentes argumentos: foi rebelde em sua adolescência, teve contato com vários grupos e pessoas, e caso não tivesse a experiência que adquiriu no grupo, poderia ter sido influenciada a estar fazendo algo que não é legal. Para ela, então, a participação no grupo contribuiu para que tornasse uma pessoa amável e, em suas palavras, com autoestima.

Seu depoimento emblemático para pensar como o grupo pode ser definidor da experiência dos jovens, pois no seu caso, a jovem frisa que poderia ter sido a “ovelha negra” da família, caso não tivesse tido a oportunidade de fazer parte daquele grupo.

Outro jovem, descreve da seguinte forma como seria a sua vida, caso não participasse do Zumbi:

A minha vida seria diferente, até pela visão de mundo que eu consegui adquirir nestes anos que eu to participando aqui e pela visão de mundo que eu tinha antes. Por que era mais um lance de rebeldia sem causa, tipo “não gosto disso aqui, porque não gosto” ou “não curto porque não fecho com esta ideia”. Aí desde que eu comecei a participar, nestes anos todos, eu fui moldando mais as convicções, embasando também melhor, ou vendo que algumas coisas não são como parecem, principalmente nesta questão de movimento social, de mudanças pra população, pras pessoas, para a sociedade de modo geral. Se eu não participasse do Zumbi acho que eu seria “mais um aí”, uma pessoa convencional, nessa “vida de gado”, indo para o meu trabalho e voltando para minha casa, sem procurar contribuir muito com os outros seres humanos. (Márcio, Cursinho Pre-Vestibular Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

O jovem Márcio destaca que houve mudanças em sua visão de mundo e de si mesmo. É categórico: sua vida seria diferente caso ele não tivesse participando do grupo, após anos de inserção. Se vale da expressão “rebelde sem causa” para dizer que o engajamento no grupo lhe propiciou uma visão de mundo diferente. Ele também estabelece que o grupo se apresenta como um marco em sua vida, pois, se não estivesse neste coletivo, acha que seria “uma pessoa convencional”, levaria a vida sem uma preocupação maior com as outras pessoas.

As mudanças que ele percebe em si podem ser relacionadas com a afirmação de Urteaga (2011, p. 46) de que “o desenvolvimento das interações entre os grupos modifica as representações que os membros têm de si mesmos, de seu grupo, dos outros grupos e de seus membros” (tradução nossa). Isso é perceptível no relato do jovem, pois percebe-se a mudança de representação que ele faz de si e da própria sociedade a partir de sua participação no cursinho.

O segundo tema no âmbito desta categoria foi designado como “diferenças de engajamento”, uma vez que os jovens expressam situações de atuação que, segundo suas afirmações, seriam diferentes, caso não tivessem participado de grupos. Ao relatar sua experiência, um dos jovens assim expressa:

Se eu não participasse do Zumbi a minha vida seria totalmente diferente. Talvez eu não estivesse no ensino superior, talvez não, eu acredito que não estaria no Ensino Superior. Ia estar trabalhando, ia ser um cara que não teria um pensamento crítico, não ia estar na luta, ia ser individualista. Teria uma outra visão de mundo, “não estaria nem aí” pra minha volta, pra sociedade, pro universo onde eu vivo, estaria só querendo tocar a minha vida e era isso.

Não teria nada pra almejar, um futuro melhor. (Igor, Cursinho Pre-Vestibular Zumbi dos Palmares). [*grifos do autor*].

Igor demonstra convicção: sua vida seria muito diferente se ele não participasse do Zumbi. Destaca que não acredita que estivesse no Ensino Superior, fato marcante em sua trajetória, e abordado no capítulo quatro. Com o intuito de reforçar seu argumento, considera que estaria imerso no mundo do trabalho, sem um pensamento crítico, vivendo sua vida de maneira individualista, sem se preocupar com os demais em sua volta, se não tivesse a oportunidade de estar no grupo. Ao final, enfatiza aquilo que pensa ter sido o mais significativo em sua participação: a possibilidade de almejar um futuro melhor.

A associação entre participação no presente e projeção de um futuro pode ser compreendida a partir da referência de Pais (2003), quando o autor afirma:

Os projetos de futuro (ou a ausência deles) têm muito a ver com as práticas cotidianas em que os jovens se envolvem, com os múltiplos contextos de socialização a que se encontram sujeitos. Embora as suas trajetórias e práticas cotidianas se encontrem sujeitas a determinações de natureza societal, encontram-se também subordinadas às lógicas dos microssistemas de interação e de relações constitutivas das unidades de vida de que fazem parte. (p. 236).

Seu apontamento sublinha que os grupos são microssistemas repletos de interações entre pares que contribuem para as práticas cotidianas de socialização dos jovens e para as definições que fazem em vista de seus projetos de futuro. No caso do jovem Igor, a participação no Zumbi, que é seu contexto de socialização, a experiência no grupo lhe possibilitou afirmar que, na atualidade, ele tem projetos de futuro e de engajamento em benefício de outras pessoas, que ele não vislumbrava antes e que também acredita que não teria, caso não tivesse ingressado no grupo. Essa relação é possível, pois “a ação coletiva não é mais separável das demandas e necessidades individuais”, conforme afirma Melucci (2001, p. 99).

Seguindo o mesmo sentido, outro jovem relata sua experiência:

Se eu não participasse desse grupo isso refletiria diretamente no meu trabalho, porque hoje em dia eu trabalho diretamente com educação ambiental. Tem as questões das amizades também, não tem como medir, quanto seria diferente, mas eu fiz amizades aí e as amizades influenciam a gente, constroem a gente. As amizades, as relações, várias semanas, vários fins de semana que a gente passou junto, isso aí tudo vai transformando, não tem como

medir o quanto seria diferente, mas eu posso dizer que seria diferente. (Fabrício, Instituto InGá).

Para o jovem Fabrício, a participação no grupo fez com que sua vida fosse diferente, em especial porque concerne ao trabalho que desenvolve, que é o engajamento na educação ambiental. Outro aspecto que ele cita, afirmando que fez a diferença em seus itinerários pessoais, são as relações de amizade estabelecidas com os membros do grupo, que auxiliam na formação de sua identidade, que é possível perceber quando ele afirma que elas “constroem a gente”. Tal afirmação aponta como o significado emocional comporta um espaço importante nos coletivos, pois “a solidariedade do grupo não está separada da busca pessoal e das necessidades afetivas e comunicacionais dos membros, na sua existência cotidiana” (MELUCCI, 2001, p. 97). Essa importância pode ser compreendida a partir da expressão “não tem como medir”, em que o jovem aponta o quão incomensurável ou quão intangível é a sua experiência no grupo, ao ponto da mesma não poder ser submetida a números.

Ao longo deste capítulo foram destacadas experiências dos jovens em que estes apontaram como a participação em diferentes coletivos contribuiu para estabelecer sentidos e direções de futuro. Os relatos dos sujeitos da pesquisa afirmam que os jovens têm intenção de continuar no grupo ou na área de atuação do mesmo. Mesmo quando não apontam explicitamente um desejo de continuidade, demonstram uma postura positiva com relação ao futuro, mesmo que, em muitos casos, não exista clareza daquilo que os espera e o que está por vir.

Enfim, pode-se apontar que a participação dos jovens em coletivos que tem alguma forma de atuação social contribui para a articulação de sentidos para sua dimensão profissional, nas suas projeções de futuro, no estabelecimento de relações emocionais significativas e para os ideais coletivos e pessoais que vislumbram.

---

\*\*\*\*\*

---

Após a análise dos dados produzidos pela pesquisa, a partir dos eixos passado-presente-futuro, na sequência, serão abordados dois aspectos à guisa de fechamento, dos três capítulos correspondentes aos mesmos. No primeiro será destacado um novo paradigma para a compreensão da participação juvenil (SERNA,

1997), que encontra relações possíveis com os dados produzidos nesta tese. No segundo será realizada uma breve retomada dos três eixos, ressaltando as principais categorias e temas discutidos em cada um deles.

O novo paradigma para a compreensão da participação juvenil referido por Serna (1997) é pautado por quatro elementos, a saber:

**Novas causas de mobilização:** tal apontamento pode ser visibilizado pelos inúmeros grupos de atuação juvenil nos mais diversos âmbitos sociais. Os quatro coletivos escolhidos para participarem desta investigação estão, de algum modo, situados nesta perspectiva;

**Priorização da ação imediata:** os jovens expressam maior interesse e mobilização em torno de projetos concretos, que lhes possibilitam agir localmente e atingir resultados concretos. Nos relatos dos jovens participantes da pesquisa é possível perceber o quanto eles estão inseridos neste ideário, que pode ser visualizado de modo claro em exemplos conforme refletido no capítulo cinco, através da categoria “sentidos de resultados” ou então no capítulo seis, na categoria “topias e utopias juvenis”.

**A importância do indivíduo na organização do movimento:** neste caso há uma valorização dos sujeitos, que não são subsumidos na massa ou no coletivo em que atuam. Os jovens da pesquisa destacam o quanto tal aspecto é importante em suas trajetórias, pois eles sentem-se valorizados e a sua experiência é considerada no coletivo. Enfatizam tal dimensão, de modo especial no capítulo quatro, nas categorias do crescimento pessoal e dos processos de identificação; no capítulo cinco, com maior destaque na categoria dos sentidos pessoais.

**Horizontalidade nos processos de coordenação:** os jovens privilegiam processos horizontais de coordenação em detrimento das formas verticais e hierarquizadas de outros contextos históricos ou de outros coletivos sociais. Na pesquisa empreendida, esta perspectiva pode ser visualizada de modo especial nas categorias sentidos pessoais e sentidos de sociabilidade.

Tais aspectos dizem da implicação dos jovens em coletivos de atuação social, configurados a partir de características do momento presente, que incidem nos modos como eles se inserem em projetos concretos e como estes marcam suas trajetórias de participação. Esta constatação leva-nos a concordar com Urteaga (2011, p. 408) quando afirma que “os relatos contemporâneos sobre o *construir-se como ser social* enfatizam que os jovens estão ativamente comprometidos na

construção e determinação de suas próprias vidas, na vida daqueles que os rodeiam e das sociedades em que vivem”. [*grifo do original*], [*tradução nossa*]. De acordo com a autora, a construção de si como seres sociais, realizada pelos jovens, está situada na compreensão dos mesmos enquanto “culturas juvenis”, que não apenas assimilam valores e ideias das culturas hegemônicas e parentais, mas também produzem sua própria cultura. (abordada no primeiro capítulo da tese).

Os dados produzidos pela tese apontaram ainda diversos sentidos, elementos demarcadores dos itinerários pessoais dos jovens, nos três eixos de análise: passado, presente e futuro. No primeiro eixo “sentidos do passado que se cruzam com o presente e com o futuro”, foram constituídas cinco categorias, subdivididas em dezessete temas de análise. Nestas, eles enfatizam que a participação no grupo contribuiu sobremaneira para que diversos aspectos vivenciados se constituíssem como elementos demarcadores de seus itinerários, entre os quais se destacam: os processos de identificação e de crescimento pessoal, a superação de dificuldades e conflitos, as relações intergeracionais com adultos e pessoas mais idosas e as contribuições para suas opções profissionais. Enfatizam que, caso não tivessem a oportunidade de participar de seus coletivos, possivelmente tais aspectos não seriam possíveis de serem construídos e não contribuiriam como dimensões marcantes em suas vidas.

No segundo eixo, “sentidos do presente que se cruzam com o passado e com o futuro”, delinear-se também cinco categorias, com a presença de treze temas de análise. São enfatizados os sentidos pessoais, com contribuições para as definições de identidade, formação e realização pessoal. Também são frisados os sentidos de sociabilidade, com referencia especial aos aspectos grupais, tais como a amizade, a coletividade e a convivência, que são afirmados como aspectos demarcadores de seus itinerários.

Por fim, o terceiro eixo – “sentidos do futuro que se cruzam com o passado e com o presente” – foram delineadas quatro categorias, subdivididas em seis temas. Os jovens relatam contribuições as suas escolhas e opções profissionais, seja nos sentidos das topias (projetos e lugares concretos), seja nas utopias (ideais, sonhos) que foram produzidas a partir da inserção no grupo. Aí se destacam as inspirações geradas pelo grupo, relativas aos projetos de futuro, coletivos, mas também singulares e pessoais.

Os sentidos expressos compreendem três dimensões temporais – passado-presente-futuro – que não estão separadas, mas intimamente interligadas, nas quais os jovens apontam elementos demarcadores que orientam as suas definições pessoais e coletivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tentar compreender os sentidos que movem os coletivos juvenis e os jovens em geral, é preciso deslocar o olhar do normativo, do instistucionalizado e do “dever ser”, em direção ao terreno do incorporado e do atuado; buscando que o eixo de “leitura” seja o próprio jovem que, a partir das múltiplas mediações que o configuram como ator social, “faça falar” a institucionalidade. (REGUILLO, 2000, p. 24). [*tradução nossa*].

A afirmação da autora contribui para fundamentar a intencionalidade da investigação aqui empreendida, que buscou, através das narrativas dos próprios jovens, compreender os sentidos que a participação em seus grupos tem em suas vidas. Deste modo procurou-se deslocar o olhar do normativo e do institucionalizado concernente a estes coletivos, privilegiando o relato dos próprios sujeitos jovens e a sua “leitura” sobre a sua participação. Nesta perspectiva, há uma mudança de enfoque do “dever ser” e dos objetivos e das ações realizadas pelos grupos, para aquilo que é apropriado pelos jovens, a partir da experiência pessoal.

Autores que discutem o tema da juventude e participação social (ABRAMO, 1997; 2004), (SERNA, 1997), (REGUILLO, 2000; 2003), (MELUCCI, 2001), (TRILLA, 2001), (BENEDICTO E MORÁN, 2002), (NOVAES; VIDAL, 2005), (FEIXA, 2006; 2011), (URTEAGA, 2011), afirmam que os jovens continuam participando ativamente de seus contextos sociais, porém, de modos diferentes, com outras causas e com expectativas novas, em relação às formas de participação de outros tempos. Para conhecer e compreender de modo mais detalhado estas perspectivas, “culturas juvenis foi uma noção chave para reintroduzir o sujeito jovem como ator e poder se fazer ouvir as vozes dos segmentos juvenis marginalizados da investigação social” (URTEAGA, 2011, p. 19), superando os paradigmas teóricos adotados pelo culturalismo e pelo funcionalismo. (URTEAGA, 2011, p. 253).

À guisa de fechamento, serão realizados alguns destaques a partir das narrativas dos jovens. Um dos aspectos, que eles referem recorrentemente, enfatiza que não é apenas o foco de atuação do grupo que ajuda a construir e a manter o sentido da participação, mas existem outros fatores, tais como os afetos, as

convivências, os aprendizados, os desafios, a superação de dificuldades, entre outros, que contribuem para tal processo. Esta constatação pode estar relacionada à necessidade de pertencimento, frisada por Melucci (2001) ou ainda ao medo de estar desconectado, referido por Novaes e Vidal (2005). Por exemplo, em relação ao Cursinho Zumbi dos Palmares, os jovens professores destacam que o sentido da ação no grupo extrapola o objetivo da aprovação dos alunos no vestibular e se estende à formação pessoal, ao desenvolvimento da consciência crítica, à solidariedade com outros membros do grupo, ao fortalecimento das relações, entre outros.

Em muitos dos relatos é perceptível a complementaridade entre as dimensões pessoais (identidade, dificuldades pessoais, realização pessoal, etc.) e as dimensões coletivas (amizade, convivência, dificuldades grupais, sociabilidade, etc.) que são referidas pelos jovens. Tal constatação pode ser relacionada ao conceito de participação social juvenil adotado nesta tese, que enfatiza experiências de pertencimento dos jovens em espaços coletivos de atuação, pois, caso fossem abordadas apenas participações individuais, possivelmente a construção de tais sentidos não seria possível ou seria diferente.

A partir disso, é possível vislumbrar outro aspecto recorrente nas narrativas, que é a dimensão altruísta relatada pelos jovens. Em vários casos, eles utilizam expressões como “eu quero ajudar outros jovens a fazerem a mesma experiência que eu fiz” (Roger, Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens), “eu resolvi ajudar o pessoal que passa pelas mesmas dificuldades que eu passei” (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Popular Zumbi dos Palmares). Suas expressões revelam que suas trajetórias foram marcadas pela participação nos grupos e que desejam retribuir, fazendo com que outros jovens também tenham uma oportunidade semelhante.

Outro aspecto referido pelos jovens é o modo como eles nomeiam a participação. São utilizadas diversas expressões, tais como intervenção social, participação ativa, militância, movimento social, atuação social, apostolado e atuação política. Do ponto de vista teórico (conforme discutido no capítulo cinco), também parece haver uma dispersão no modo de conceituar a participação juvenil, o que configura a necessidade de um estudo mais focado, que busque uma compilação reflexiva a respeito desta conceituação.

Uma dimensão referida pelos jovens dos quatro coletivos e nos três eixos de análise é a profissional. A complexificação das relações concernentes ao mundo do trabalho faz com que a dimensão profissional seja um aspecto cada vez mais importante nas relações sociais, sobretudo para os jovens, pois parece configurar-se como um dilema geracional que lança novos desafios para as trajetórias dos indivíduos e para os seus projetos de futuro (ABRAMO, 2005b; KRAUSKOPF, 2005; POCHMANN, 2004, SALLAS et al, 2003).

De algum modo, todos os jovens participantes da pesquisa enfatizam que suas vidas seriam diferentes caso não participassem do grupo, sugerindo, portanto, que o mesmo constitui-se como um elemento demarcador de seus itinerários pessoais (conforme referido no capítulo seis).

Outro aspecto a destacar refere-se à metodologia adotada nesta investigação, em que as entrevistas realizadas pelos jovens em seu próprio coletivo constituíram-se como eventos de construção das narrativas pessoais, possibilitando momentos em que eles puderam expressar os sentidos marcantes que os grupos tiveram em suas vidas. Os jovens entrevistados utilizam expressões novas, talvez a primeira vez na oportunidade da entrevista, tais como “aprendizade” (para referir aprendizado + amizade, Érica, Instituto InGá), “reunismo” (para destacar o excesso de reuniões do grupo, Márcio, Cursinho Pré-Vestibular Popular Zumbi dos Palmares), “se sentir a vontade na vida” (para enfatizar o sentido que o grupo tem para ele, Miguel, Instituto InGá). Tais exemplos sugerem que o momento de narrar a própria experiência é um evento reflexivo e de produção das identidades. A partir desta constatação podemos supor que a metodologia adotada constituiu-se como uma opção acertada para o modo investigativo que foi delineado, pois possibilitou que os jovens narrassem de maneira expressiva as experiências de participação.

A análise dos dados produzidos pela pesquisa surpreendeu pela amplitude dos aspectos narrados pelos jovens. A hipótese inicialmente formulada sugeria que as narrativas dos jovens expressariam sentidos para as suas vidas, pautados principalmente pelo tempo presente e, quiçá, para alguns projetos de futuro. No entanto, os dados apontaram também para sentidos atribuídos às trajetórias de vida do passado, o que motivou a definição dos três eixos de análise: passado-presente-futuro. Esta evidência nos leva a concordar com Zago (2003) quando destaca que a pesquisa de campo não é apenas um campo de verificação da problemática investigada, mas o ponto de partida para esta problematização. Pode-se afirmar que

os resultados da pesquisa nos levaram a achados que não haviam sido vislumbrados no início da investigação, como é o caso dos sentidos do passado, referidos pelos jovens.

Além dos resultados registrados no texto desta tese, a investigação e a consequente problematização dos dados também oportunizaram alguns questionamentos a serem refletidos. A participação de jovens em coletivos, no Brasil, situa-se entre 15% (Projeto Juventude, ABRAMO; BRANCO, 2005) e 28% (Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia, IBASE/POLIS, 2006). Os jovens integrantes desta pesquisa apontaram que sua participação nos coletivos constituiu-se como um elemento demarcador de seus itinerários. Uma provocação necessária: Por que não há maior participação de jovens nos diversos coletivos que na atualidade constituem a sociedade civil brasileira? A responsabilidade por fomentar essa presença de jovens é das instituições sociais? Ou seria desejável que emergisse do âmago das próprias culturas juvenis?

Os dados da pesquisa aqui empreendida sugerem que não necessariamente deva ser apenas um (instituição) ou outro (culturas juvenis) os responsáveis pelo fomento à participação. Os quatro coletivos enfocados, em alguma medida, possuem algum grau de institucionalização ou de pertencimento a uma organização maior na qual não participam somente jovens. Mesmo nestas condições, os jovens demonstraram na pesquisa, que possuem um espaço significativo nestes grupos, que lhes possibilita serem sujeitos ativos nos projetos em que se envolvem. Cabe ressaltar, porém, que, todos eles são espaços formativos não formais.

Talvez o desafio maior esteja relacionado às instituições de educação formal, as quais apresentam maior dificuldade em oferecer espaços às culturas juvenis, conforme referem autores que pesquisam o tema (Sposito, 2000, 2009; Dayrell, 2001, 2003, 2008). Nos relatos dos jovens, as escolas aparecem em vários momentos como espaços em que faltam oportunidades de participação e de oferta de situações de aprendizados diferenciados. Tais apontamentos sugerem que as instituições escolares podem aprender acerca das contribuições educativas que as organizações não-formais proporcionam aos jovens que delas participam, qualificando, deste modo, os seus processos de educação.

De modo geral, as democracias contemporâneas deparam-se com desafios e complexidades que exigem cada vez mais a participação dos cidadãos na resolução dos problemas e na construção social almejada. Pode-se sugerir, portanto, que há

um duplo desafio: de um lado, as instituições – formais e informais, necessitam aprimorar seus espaços e processos de participação; de outro, cumpre às instituições sociais reconhecer a existência e os espaços de produção de sentido que são produzidos no âmago das culturas juvenis, em muitas ocasiões condenados à invisibilidade, ou até mesmo, estigmatizados.

Por fim, esta tese demonstrou que a participação social juvenil em coletivos que desenvolvem um determinado projeto de atuação concreta possibilita aos jovens uma experiência que elabora sentidos diversos para suas vidas, alguns verdadeiramente profundos e de difícil mensuração ou formulação discursiva; outros que encontram nas palavras disponíveis aos jovens possibilidades de serem ditos, reafirmados, enfatizados.

Ao nos depararmos com o ponto final da tese, gostaríamos de deixar uma reflexão que expressa como nos sentimos neste preciso momento:

*“Lo que llamamos principio  
es a menudo el final  
Y llegar al final es empezar  
El fin es de donde partimos”*  
(Poema “Little Gidding” de T.S. Eliot)  
Poema escrito na década de 40,  
é a última estrofe do poema,  
onde o autor defende o  
potencial gerador de um final).

## REFERENCIAS

ABRAMO, Helena. **Participação e organizações juvenis**. Recife: Fundação Kellogg, 2004.

\_\_\_\_\_. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: Freitas, Maria Virgínia (org). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

\_\_\_\_\_. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005b. p. 37-72.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, p. 25-36, maio/ago. 1997.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; FEFFERMANN, Marisa. Se ficar o bicho come, se correr... **Sociologia Especial: Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Escala. Ano I, n. 2, p. 49-55, 2007.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**. Brasília: RITLA, 2009.

ACAMPAMENTO INTERCONTINENTAL DA JUVENTUDE. **Documento de preparação para o 3º AIJ**. Porto Alegre, 2002.

ACAMPAMENTO INTERCONTINENTAL DA JUVENTUDE. **Texto de avaliação apresentado em plenária do Comitê Organizador do AIJ**. Porto Alegre, 2003.

ADVÍNCULA, Rita C. A. S. **Sociedade civil no espaço de atuação com a juventude: uma cartografia social**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

INSTITUTO CULTURAL AFRO SUL. Disponível em: <http://ong.portoweb.com.br/afrosul/>. Acesso em 15/12/2010.

ALFIE, Miriam. Movimientos sociales y globalización. In. **Revista Sociológica**, Cidade do México, Universidad Autónoma Metropolitana, Ano 10, n. 27, p. 43-61, jan/abril. 1995.

ALMEIDA, Loriza L. **O jovem estudante universitário: um estudo sobre o comportamento sócio-político**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

ALMEIDA, Elmir. **Política pública para a juventude proposta para uma “moderna condição juvenil”**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ALMEIDA, Dóris B. **Memórias da rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

\_\_\_\_\_. Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In. SPÓSITO, Marília Pontes (org). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Edvcere, 2009. v. 2.

ARENDRT, Hannah. Trad. Reinaldo Guarany. **O que é política?** Fragmento das obras póstumas de Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Tradução de Roberto Raposo; Posfácio de Celso Lafer.

ARFUCH, L. **El Espacio Biográfico: dilemas de la subjetividad contemporanea**. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2002.

ARRETCHE, Marta. **Dossiê agenda de pesquisa em políticas**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, v. 18, n. 51, 2003.

AUGÉ, M. **Los no lugares**. Barcelona: Gedisa, 1993.

BAJOIT, Guy. **Todo cambia**. Análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades. Santiago: Ed. Lom, 2003.

BALARDINI, S. Mutacions del moviment juvenil a l'Argentina: Córdoba, Cordobazo'i després. In. FEIXA, C.; SAURA, J. **Joves entre dos mons: moviments juvenils a Europa i a L'Amèrica Llatina**. II Fòrum d'Estudis sobre La Joventut. Barcelona: Generalitat de Catalunya/Universitat de Lleida, 2000. Págs. 27-52.

BARBOSA, Maria Inês. **Racismo e saúde**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BENEDICTO, Jorge; MORÁN, María Luz. **La construcción de una ciudadanía activa entre los jóvenes**. Madrid: INJUVE-Instituto de Juventud, 2002.

BENJAMIN, Walter. **La metafísica de la juventud**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1993. Introducción de Ana Lucas. Colección Pensamiento Contemporáneo n. 27.

BERTAUX, Daniel. **Les recits de vie**. Paris: Nathan, 1997.

BEZERRA, Marlos Alves; TAKEUTI, Norma Missae. Trajetórias de um coletivo jovem: nem só de prática-gramática da ira. In: NIEWIADOMSKI, Christophe; TAKEUTI, Norma M. (orgs). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. La investigación biográfica-narrativa en educación: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BOTELHO, Marjorie A. **A ação coletiva dos estudantes secundaristas: passe livre na cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

BORGES, Rosangela *et al.* A juventude negra. In. ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, p. 291-302.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para políticas públicas. In. ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, p. 129-48.

BRENER, Branca S. **Jovens em cena: o desenvolvimento do protagonismo juvenil numa entidade social de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo. **Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública**. Observatório Jovem do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/obsjovem>. Acesso em 07 de novembro de 2010.

BRUEL, A. L. O. **As reformas do ensino médio no estado do Paraná (1998-2002): relações entre o PROEM e os projetos de protagonismo juvenil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora I. P. O lugar dos jovens na história brasileira. In. CACCIA-BAVA, Augusto *et al.* **Jovens na América Latina**. São Paulo, Escrituras Editora, 2004. p. 63-114.

CALLEJO, Javier. **El grupo de discusión: introducción a una práctica de investigación**. Barcelona: Ariel, 2001.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

CARLOS, Aparecida G. **Grêmios estudantis e participação do estudante**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

CARRANO, Paulo. Juventude e participação no Brasil – interdições e possibilidades. In. DEMOCRACIA VIVA. **Especial Juventude e Política**. Rio de Janeiro: IBASE-Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. N. 30, jan-mar, 2006.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Prefácio. In. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Edvcere, 2009. 2 v.

[CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.](#) Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO, João P. M. **UNESCO – Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesse**: uma pedagogia da democracia no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando mitos**: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

CASTRO, Elisa G. de. Os sonhos e os desafios da juventude rural. **Sociologia Especial: Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Escala. Ano I, n. 2, p. 56-63, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano. **Civilización del Amor**: proyecto y misión. Bogotá, 2012.

CHARLOT, Bernard (Org.). **Da relação com o saber**: Elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHISHOLM, L. From systems to networks: the reconstruction of youth transitions in Europe. In. HEIZ, W. H. (org.). **From education to work**. Cambridge: Editora Cambridge University, 1999.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Cadernos de estudo da CNBB – nº 76. São Paulo: Paulus, 1998.

CORREIO DO POVO. **Acampamento lembra Woodstock**. Porto Alegre: 24/01/03, p. 6.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

CUNHA, Maristela B. **O novo ensino médio e o exercício da cidadania: controvérsias e desafios**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2005.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política**. São Paulo: 8ª ed. Ed. Brasiliense, 1983.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, n. 30, dez, 1999. p. 25-39.

\_\_\_\_\_. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Tese de doutorado – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 24, set/dez, 2003. p. 40-52.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Observatório Jovem. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [www.uff.br/obsjovem](http://www.uff.br/obsjovem). Acesso em 23/11/2010.

DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana Batista. **Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no ensino médio**. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife 2007.

DEMOCRACIA VIVA. **Especial Juventude e Política**. Rio de Janeiro: IBASE-Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. N. 30, jan-mar, 2006.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História**. São Paulo: Loyola, 2003.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação**. ASPHE, Pelotas, n.8, p.141-174, set. 2000.

ECODEBATE – Cidadania e meio ambiente. **Especial: 20 anos da morte de Chico Mendes**, 2008. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/index.php/2008/12/23/especial-20-anos-da-morte-de-chico-mendes/>. Acesso 07/12/2012.

FARINA, Marli B. **O papel da escola frente ao processo de democratização no Brasil**: um estudo de caso sobre cultura política e as dimensões de civismo e cidadania entre as novas gerações. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FEIXA PÀMPOLS, Carles. **Del reloj de arena al reloj digital**: sobre las temporalidades juveniles. Mexico D.F.: JOVENes, Revista de Estudios sobre Juventud, ano 7, n. 19, 2003. Págs. 6-27.

\_\_\_\_\_. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto *et al.* **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. **La habitación de los adolescentes**. Papeles del CEIC, nº 16, CEIC (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco, 2005. <http://www.ehu.es/CEIC/papeles/16.pdf>.

\_\_\_\_\_. **De jóvenes, bandas y tribus**. 3ª ed. Barcelona: Ariel, 2006.

\_\_\_\_\_. La imaginación autobiográfica. **Perifèria**: Revista de recerca i formació en antropologia, Barcelona, n. 5, p. 1-44, dez. 2006b.

\_\_\_\_\_. Generación XX: teorías sobre la juventud en la era contemporánea. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. Manizales: Volume 4, Número 2, 2006.

\_\_\_\_\_. **Conferencia inaugural**: Juventut i moviments socials. In. XIV Fòrum d'Estudis sobre la Joventut: joves, mobilitzacions i moviments. Lleida: Universitat de Lleida, 2011.

FEIXA, Carles; SAURA, Joan R.; COSTA, Carmen (orgs). **Movimientos juveniles**: de la globalización a la antiglobalización. Barcelona: Ariel, 2002.

FEIXA, Carles; MOLINA, Fidel; ALSINET, Carles (orgs). **Movimientos juveniles en América Latina**: Pachucos, malandros, punketas. Barcelona: Ariel, 2002.

FEIXA, Carles; COSTA, Carmen; PALLARÉS, Joan (orgs). **Movimientos juveniles en la Península Ibérica**: Grafittis, grifotas, ocupas. Barcelona: Ariel, 2002.

FEIXA, Carles, NOFRE, J. (orgs). **#la generación indignada**: topías y utopias del 15-M. Lleida: Ed. Milenium, 2013. [no prelo].

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa (org). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

FISCHER, Nilton Bueno; SPOSITO, Marília Pontes. Apresentação. In: MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FISCHER, Nilton Bueno (coord.). **Acampamento Intercontinental da Juventude**: experiência de uma nova geração política. Porto Alegre: Instituto Pólis & Ibase, 2007.

\_\_\_\_\_. **Conferência de abertura**: II Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira-JUBRA. Porto Alegre, 2006.

FORACCHI, Marialice. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2009. 18ª ed.

GASTAL, Débora. **Universidade Pública ou Popular?** Jornal da Universidade, Porto Alegre, agosto, ano XI, n. 110, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/110/pagina7.htm>. Acesso em 21/12/2010.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o Direito como instrumento de transformação social – A experiência dos EUA**. São Paulo: Editora Renovar, 2001.

GONÇALVES, Danyelle N. **Jovens na política**: animação e agenciamento em campanhas eleitorais. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude:** ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. Coleção Enfoques. Sociologia.

HAMMES, Lucio J. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social:** um estudo sobre grupos juvenis. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

HESSEL, Stephane. **¡Indignáños!** Un alegato contra la indiferencia y a favor de la insurrección pacífica. Barcelona: Ediciones Destino, 2010. Prólogo de José Luis Sampedro.

\_\_\_\_\_. **¡Comprometeos!** Ya no basta con indignarse. Barcelona: Ediciones Destino, 2011.

HIRSCHMAN, Albert. **Salida, voz y lealtad.** Mexico DF: F.C.E, 1977.

IBASE/POLIS. **Juventude Brasileira e Democracia:** participação, esferas e políticas públicas. Relatório Global. Rio de Janeiro: IBASE/POLIS, 2006.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores de educação e trabalho.** Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/supme/default\\_educacao.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/supme/default_educacao.shtm). Acesso em: 21/11/12.

INGA-INSTITUTO GAÚCHO DE ESTUDOS AMBIENTAIS. **O que é o InGá.** Disponível em [www.inga.org.br](http://www.inga.org.br). Acesso em 15/12/2010.

IULIANELLI, Jorge A. S. Juventude: construindo processos – protagonismo juvenil. In: FRAGA, Paulo C. P.; IULIANELLI, Jorge A. S. (orgs). **Jovens em tempo real.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

Jornal Brasil de Fato. **Editorial.** 10/12/2008.

KAUFMANN, J. C. **L' entretien comprehensive.** Paris: Nathan, 1996.

KLEIN, Bianca L. **Protagonismo juvenil e cidadania**: uma proposta pedagógica burguesa. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

KLEIN, Ana M. **Escola e democracia**: um estudo sobre a representação de alunos e alunas do ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KRAUSKOPF, Dina. Juventudes na América Latina e no Caribe: dimensões sociais, subjetividades e estratégias de vida. In: THOMPSON, Andrés A. **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Peirópolis, 2005, p. 166-169.

KRISCHKE, Paulo J. **Ecologia, Juventude e participação política**: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do cone sul. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

LAPASSADE, George. **Les microsociologies**. Paris: Desclée de Brouwer, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAÃO, Maria H. M. Barreto (Org.). **A aventura (auto) biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-22.

LEON, Alessandro L. P. Juventude, juventudes: uma análise do trabalho e a renda da juventude brasileira. In: ABRAMOVAY, M; ANDRADE, ER; ESTEVES, LCG. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: UNESCO, 2007, p. 268-319.

LEON, Oscar Dávila. Adolescência e juventude das noções às abordagens. In: Freitas, Maria Virgínia (org). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LIBANIO, João Batista. **Cenários de Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LUHMANN, Niklas. **The future cannot begin**: temporal structures in modern society. Social Research. New York: 43:1, 1976.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "**Tribos urbanas: metáfora ou categoria?**". São Paulo: Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, v. 2, n. 2, 1992, págs. 49-51.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura.** Tradução de Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção Estudos n. 32).

MELO, Joselio M. **O consumo enquanto prática de cidadania ativa em alunos do CEFET/AL: realidade ou possibilidades?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

MELLO, Jorge, M. H. P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. **Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas.** Brasília, 1998.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais.** In: Juventude e contemporaneidade, Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, n. 5,6,7, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas.** Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global.** Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura.** Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005.

MICHAUD, Y. **A Violência.** São Paulo: Ática, 1989.

MUXEL, Anne. Jovens dos anos 90: à procura de uma política sem "rótulos". **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo: Editora Autores Associados, n. 5 e 6, maio/ago. e set./dez., p. 151-166, 1997.

NAZARI, Rosana K. **Capital social, cultura e socialização política: a juventude brasileira.** Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

NIEWIADOMSKI, Christophe; TAKEUTI, Norma M. Introdução. In: NIEWIADOMSKI, Christophe; TAKEUTI, Norma M. (orgs). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

NOVAES, Regina R. Juventude e participação Social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Maria Helena; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília Pontes (orgs). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

NOVAES, Regina; VIDAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. (org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo, Peirópolis, 2005.

NUNES, Rodrigo. In. Caderno de textos do Fórum Social Mundial e do Acampamento Intercontinental da Juventude. Porto Alegre, 2007.

ONG PARCEIROS VOLUNTÁRIOS. **Participação social, jovens: guia de ações**. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2008.

ORTEGA, Francisco. **Genealogia da amizade**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Sérgio. **Jovens e rumos**. ICS- Imprensa de Ciências Sociais. Lisboa, 2011. (Xerox UdL)

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n.5/6, 1997.

PEREIRA, Ivna H. **De jovens figurantes a jovens protagonistas: a contribuição das ONGs que trabalham com a juventude.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

PERONDI, Maurício. **Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil: aprendizados na experiência.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós Graduação em Educação, 2008. Dissertação de Mestrado. 164 p.

\_\_\_\_\_. ¿Nació el 15-M en Porto Alegre? In. FEIXA, Carles, NOFRE, J. (orgs). **#la generación indignada: topías y utopías del 15-M.** Lleida: Ed. Milenium, 2013. [no prelo].

PJB-PASTORAIS DA JUVENTUDE DO BRASIL. **Relatório do Seminário de Avaliação da Campanha Contra a Violência e o Extermínio de Jovens.** Salvador, 2010.

PJE – Pastoral da Juventude Estudantil. **Marco Referencial da PJE: nossa vida, nossos sonhos.** São Paulo, 2005.

POCHMANN, Marcio. **Violência e emigração internacional na juventude.** Revista Ciência e Cultura. São Paulo: v. 54, n. 1, Jun/Set, 2002.

\_\_\_\_\_. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In. NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

Princeton Systems Computação Ltda ME. **Conhecendo o NVIVO.** Disponível em [www.nvivo9.com.br](http://www.nvivo9.com.br). Acesso em 12/01/2011.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL MEDIO AMBIENTE – PNUMA. **Geo juvenil para América Latina y el Caribe.** Mexico, 2004.

REGUILLO, Rossana. Ciudadanías Juveniles en America Latina. In: **Última Década**, n. 19, CIDPA, Viña del Mar, noviembre, 2003.

\_\_\_\_\_. **Emergencia de culturas juveniles.** Estrategias del desencanto. Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura e Comunicación. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Vera M. L. P. **Quando jovens se tornam agentes de direitos humanos**: uma experiência de formação política IBEAC – Cidade Tiradentes – 1999/2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Solange dos S. Como a juventude brasileira se relaciona com a religião? **Sociologia Especial: Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Escala. Ano I, n. 2, p. 64-73, 2007.

RUSSEL, J. *et al.* **Los nuevos movimientos sociales, un reto al orden político**. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1992.

SALLAS, Ana Luisa Fayet et all. Juventude, trabalho e perspectivas de futuro: o caso de Curitiba. In. IULIANELLI, Atílio Silva; PONTES, Paulo Cesar (orgs.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entrevista com Prof. Boaventura de Souza Santos. (Online)**. Disponível: <http://www.dhi.uem.br/jurandir/jurandir-boaven1.htm>, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma cartografia simbólica das representações sociais**: prolegómenos a uma concepção pós-moderna do direito. Revista Brasileira de Ciências Criminais, n. 13, 1996, p. 253-277.

\_\_\_\_\_. **Fórum Social Mundial**: manual de uso. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **A gramática do tempo**: por uma nova cultura política. Ed. Cortez, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Ed. Cortez, 2010b.

SANTOS, Agnaldo dos. **Debutantes e “outsiders”**: juventude metalúrgica e sindicato no ABC Paulista. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, Nelson S. **Caminhos pedregosos: a tentativa de organização do movimento estudantil no Tocantins na década de 1990 (1988-1999)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

SANTOS, Gevanilda; SANTOS, Maria J. P.; BORGES, Rosangela. A juventude negra. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. P. 291-302.

SARMENTO, Manuel J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P.; VILELA, Rita A. T. (orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SCHMIDT, João P. **Juventude e política nos anos 1990: um estudo de socialização política**. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SERNA, Leslie. Globalización y participación juvenil. In: **Revista JOVENes**. México: DF, Julio-diciembre, Año I, n. 5, 1997. P. 42-57.

SEVERO, Mirlene F. S. W. **Os movimentos sociais de juventude e os direitos dos jovens no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

SILVEIRA, Angelita F. **Capital social e educação: perspectiva sobre o empoderamento da juventude em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOARES, Lucia M. S. **Universidade e participação política: um estudo de caso com estudantes da Escola de Serviço Social da UFRJ**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **III Acampamento Intercontinental da Juventude**. Porto Alegre, 2003.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Ciências Sociais).

SOUZA, Leomárcia C. de S.; UZÊDA, Elizeu C. Histórias de vida, narrativas (auto) biográficas e docência na educação infantil. In: NIEWIADOMSKI, Christophe;

TAKEUTI, Norma M. (orgs). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, n. 13, 2000.

\_\_\_\_\_. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord). **Juventude e Escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

\_\_\_\_\_. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Edvcere, 2009. v. 2.

STEPHANOU, Maria (Org.). **Narrativas de jovens: contextos e experiências de participação sociocultural**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007. (Projeto de Pesquisa).

\_\_\_\_\_. **Pesquisa jovens e participação social solidária**. (Relatório Final). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Núcleo de Integração Universidade e Escola – NIUE; Parceiros Voluntários, 2005. (Relatório Final).

TEIXEIRA, Marco Antonio Pereira *et al.* **Adaptação à universidade de jovens calouros**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). Volume 12, Número 1, Janeiro/Junho, 2008. Págs. 185-202.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In.: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, SP, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

TRILLA, Jaume (org.). **Jóvens y espacio público: Del estigma a la indignación**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2011.

TRILLA, J. (org.). **Animación sociocultural**. Teorías, programas y ámbitos. Barcelona, Ed. Ariel, 2004.

TRILLA, J.; NOVELLA, A. **Educación y participación social de la infancia**. Revista Iberoamericana de Educación. Nº 26, págs. 137-166, 2001.

URTEAGA, Maritza. **La construcción juvenil de la realidad: jóvenes mexicanos contemporâneos**. México D.F. Casa Abierta al Tiempo; Juan Pablos Editor, 2011.

WELLER, Lílian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Relatório de desenvolvimento juvenil 2007**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, MCT, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência 2006: os jovens do Brasil**. Brasília: OEI, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência dos municípios brasileiros 2008**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, 2008.

ZAGO, Nadir. A entrevista e o seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZANETTI, Hermes. **Juventude e revolução: uma investigação sobre a atitude revolucionária no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

ZUMBI DOS PALMARES – CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR. **Relatório do Encontro dos Professores**. Viamão, dez, 2010. Disponível em: <http://zumbidospalmares-cp.blogspot.com/>. Acesso em 27/12/2010.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Ficha de Inscrição para o Curso de Formação**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU  
COORDENAÇÃO: Maria Stephanou e Maurício Perondi  
ANO: 2011**

**Curso Juventude, Participação Social e Narrativas Juvenis**

**FICHA DE INSCRIÇÃO**

**Nome completo:** .....

**Data de Nascimento:** ...../...../.....

**Instituição:** .....

**A quanto tempo participa:** .....

**E-mail:** .....

**Telefone Fixo:** .....      **Telefone Celular:** .....

Necessita de passagem de ônibus para chegar na Faculdade de Educação da UFRGS:

( ) SIM

( ) NÃO

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Informado

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Na condição de doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integro a linha de pesquisa “História, Memória e Educação”, tendo como orientadora a Prof. Dra. Maria Stephanou.

O projeto de pesquisa que estou desenvolvendo aborda a participação de jovens em diversos coletivos sociais. A pesquisa visa investigar a experiência dos jovens nos grupos em que participam e o significado dessa participação para as suas vidas. Pretendo envolver os próprios jovens dos projetos no processo da pesquisa, afim de contribuir para a sua formação pessoal e também como forma de construir uma metodologia participativa.

Para a realização da pesquisa foi organizado um curso intitulado “Juventude, participação social e narrativas juvenis”. O curso será realizado na Faculdade de Educação da UFRGS e terá a duração de 24 horas/aula. Será concedido um certificado de participação como “Curso de Extensão”, expedido pela Pró-Reitoria da universidade.

Os dados e resultados da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho que venha a ser publicado.

A participação na pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se, no decorrer da pesquisa, um jovem decidir não mais continuar ou cancelar o uso das informações restadas, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

Comprometo-me em esclarecer qualquer dúvida ou necessidade de informações ao participante e/ou aos seus responsáveis, durante ou após o período da pesquisa, através dos seguintes contatos: Fone: (51) 3339-1085; (51) 8168-1184. E-mail: [mauricioperondirs@gmail.com](mailto:mauricioperondirs@gmail.com)

Atenciosamente,  
Maurício Perondi

\*\*\*\*\* **AUTORIZAÇÃO** \*\*\*\*\*

Eu \_\_\_\_\_, portador do documento nº \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que desejo participar da pesquisa sobre “Juventude e participação social” e cedo os direitos de meus depoimentos para que sejam analisados pelo pesquisador, bem como sejam utilizados, anonimamente em sua tese de doutorado.

Fui informado/a das finalidades, objetivos e metodologia da pesquisa. Além disso, sei que terei a liberdade de retirar meu consentimento de participação a qualquer momento. Estou ciente de que as informações colhidas terão caráter confidencial e só serão utilizados os depoimentos, sem a minha identificação.

\_\_\_\_\_ de junho de 2011.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

**APÊNDICE C – Carta para os participantes do Curso de Formação**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU  
COORDENAÇÃO: Maria Stephanou e Maurício Perondi  
ANO: 2011**

**Curso Juventude, Participação Social e Narrativas Juvenis**

**Estimado jovem!**

Agradeço sua disponibilidade em participar do curso e da pesquisa intitulada “Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas”.

Seguem abaixo algumas informações importantes sobre a realização do curso:

**Local de realização: Faculdade de Educação da UFRGS**

**Endereço: Avenida Paulo Gama, s/n – Centro (próximo à Reitoria da universidade).**

**Sala: 603**

**Datas do curso: 11/06; 18/06; 25/06 e 09/07.**

**Horário: 9h – 12h.**

As passagens para o deslocamento de ônibus até a UFRGS será disponibilizada pelo projeto.

Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato através das seguintes formas:

Telefone: (51) 8168-1184 (Maurício);

E-mail: [mauricioperondirs@gmail.com](mailto:mauricioperondirs@gmail.com)

Atenciosamente,

Maurício Perondi

## APÊNDICE D – Eixos para orientar as entrevistas com os jovens

### EIXOS PARA AS ENTREVISTAS

#### **INICIO DA EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO**

- Quando e como iniciou a participar do grupo?
- Através do que/de quem chegou até o grupo?
- O que motivou naquele momento a participar do grupo?
- Relate a sua caminhada.

#### **SENTIDO EM PARTICIPAR DESTA EXPERIÊNCIA**

- Qual o teu papel no grupo? Qual o papel do grupo para você?
- Você já participa a um bom tempo. Que sentido tem o grupo que te motivou a continuar participando, enquanto outros desistiram?
- Onde você quer chegar com a tua participação?
- Quais foram os momentos mais marcantes que você já teve no grupo? Por que te marcaram?
- Que sentido tem para você participar do grupo?

#### **SIGNIFICADO PARA A VIDA**

- De que forma o grupo contribui ou acrescenta no seu cotidiano?
- De que forma a sua participação acrescenta para o grupo?
- Você acha que sua vida seria diferente se não participasse deste grupo?

## APÊNDICE E – Orientações para a realização das entrevistas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU  
COORDENAÇÃO: Maria Stephanou e Maurício Perondi  
Curso Juventude, Participação Social e Narrativas Juvenis

### ORIENTAÇÕES PARA AS ENTREVISTAS

#### CRITÉRIOS:

- Representatividade de gênero (masculino-feminino);
- Ter um tempo mínimo de participação no grupo (1 ano);
- Idade (até 29 anos);

#### ORIENTAÇÕES:

- Tentar escolher local sem muito barulho e sem interrupção;
- Explicar o que é a pesquisa e ler o termo de consentimento informado (pedir para assinar);
- Preencher a ficha com os dados pessoais;
- Pedir para a pessoa falar o nome no início da gravação;

**APÊNDICE EXTRA - Polígrafo de apoio para o Curso de Formação**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU**

**Curso Juventude, Participação Social e  
Narrativas Juvenis**

**COORDENAÇÃO: Maria Stephanou e Maurício Perondi**

04 EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO



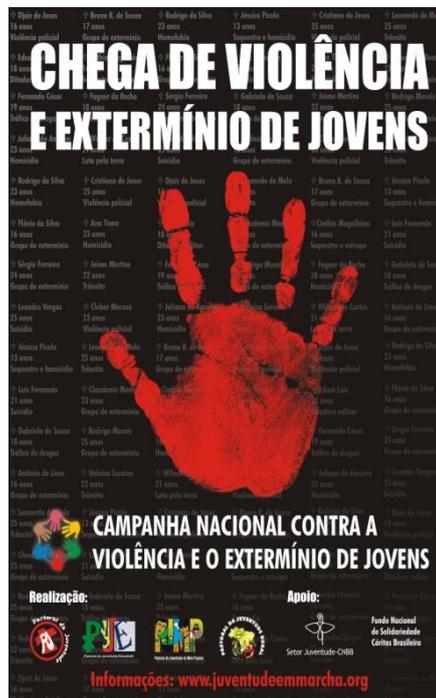
INGÁ – INSTITUTO GAÚCHO DE ESTUDOS AMBIENTAIS



PRÉ-VESTIBULAR POPULAR ZUMBI DOS PALMARES



INSTITUTO AFRO-SUL/ODOMODÊ



CAMPANHA NACIONAL CONTRA A VIOLÊNCIA E O EXTERMÍNIO DE JOVENS

<b>DADOS SOBRE O CURSO E A PESQUISA</b>
---

**TÍTULO:** Curso Juventude, Participação Social e Narrativas Juvenis

**COORDENAÇÃO:** Maria Stephanou e Maurício Perondi

**OBJETIVO GERAL:** Capacitar jovens para a pesquisa qualitativa em educação sobre juventude e participação social.

**CARGA HORÁRIA:** 24h

**LOCAL DAS AULAS:** Faculdade de Educação (FACED), sala 603.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

Discutir o tema juventude e participação social na realidade brasileira atual;

Capacitar jovens para a pesquisa qualitativa em educação;

Compartilhar experiências de participação juvenil em coletivos sociais.

**CONTEÚDOS:**

Conceito de Juventude (problematizações sobre o que é ser jovem hoje; condição e situação juvenil no Brasil contemporâneo; culturas juvenis).

Juventude e participação social (conceitos; formas de participação; debates entre participação social, protagonismo juvenil e participação política; características dos novos movimentos sociais na contemporaneidade).

Metodologia de Pesquisa: (diferenças dos métodos de pesquisa; as narrativas juvenis como metodologia; capacitação para a pesquisa com outros jovens; análise de dados da pesquisa.

**RESUMO:** O presente curso está relacionado com projeto de doutorado em educação (no PPGEduc/UFRGS) de Maurício Perondi, na linha de pesquisa História, Memória e Educação, intitulado “Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas”. O curso integra a metodologia que prevê a participação de jovens no processo de pesquisa do projeto. Serão convidados

jovens que participam de coletivos sociais de quatro áreas: ecológica, violência, educação e juventude negra. Os conteúdos abordados serão: caracterização da juventude contemporânea, participação juvenil e participação social, narrativas juvenis, pesquisa em educação. Os autores de referência tem produção na área de juventude, tanto no Brasil como no exterior, entre eles: Regina Novaes, Paulo C. Carrano, Helena W. Abramo, Juarez Dayrell, Marília P. Sposito, José M. Pais, Carles Feixa P., Rossana Reguillo, Dina Krauskopf, Leslie Serna. As formações acontecerão nas dependências da Faculdade de Educação da universidade.

**PALAVRAS CHAVE:** Juventudes, Participação Social, Narrativas Juvenis, Pesquisa qualitativa.

**JUSTIFICATIVA:** Este projeto de tese busca compreender quais são os sentidos que emergem das narrativas de sujeitos jovens, acerca de sua participação social, desenvolvida a partir de quatro experiências específicas em que estão envolvidos. Trata-se de uma proposta de análise compreensiva que procura perceber o que os jovens narram sobre as suas experiências e que sentido estas experiências têm para as suas vidas.

Tal recorte tem inspiração no artigo intitulado *A juventude de hoje: (re)invenções da participação social* (NOVAES; VIDAL, 2005), em que as autoras apontam quatro consignas mobilizadoras para a atuação dos jovens no mundo contemporâneo. De acordo com estas autoras os jovens participam em diversas esferas da sociedade e que muitas vezes não são consideradas relevantes. A primeira delas é “por uma sociedade ecologicamente sustentável”, a partir da qual investigaremos as experiências de jovens que participam do Instituto Ingá. A segunda diz respeito ao “acesso à educação, ao trabalho e à comunicação”; nosso foco incidirá sobre o primeiro – educação –, através do projeto do cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares. A terceira é “pelo reconhecimento de demandas de grupos com vulnerabilidades específicas e pelo respeito à diferença”, a partir da qual abordaremos estas questões mesmas, através da experiência do Instituto Cultural Afro-Sul/ Odomodê. A quarta consigna é “pela paz e pelo respeito aos direitos humanos”, a partir de onde será investigada a participação de jovens que atuam na Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, das Pastorais da Juventude do Brasil.

O intuito da presente investigação não será examinar as organizações em si mesmas, seus projetos e resultados. Nosso interesse específico é o de abordar de modo particular quais são os elementos que surgem das narrativas dos jovens a respeito de suas experiências de participação social em tais grupos, bem como os sentidos produzidos para as suas vidas, a partir de suas participações.

De acordo com Sposito (2009) as diversas formas de participação social dos jovens ainda carecem de pesquisa, aprofundamento e discussão. Destaca que, a participação dos jovens é enfocada principalmente nos espaços tradicionais de participação, tais como, nos partidos políticos, no movimento estudantil e nas igrejas. Faltam estudos que abordem a participação em outros espaços e organizações. É nesta ausência que se inscreve o desenvolvimento deste projeto.

## PROGRAMAÇÃO

### **Dia 11 de junho**

- Apresentação;
- Distribuição de material;
- Apresentação do projeto de tese e da proposta do curso;
- Abordagem dos conteúdos:

#### *Conceito de Juventude:*

- problematizações sobre o que é ser jovem hoje;
- condição e situação juvenil no Brasil contemporâneo;
- culturas juvenis.

### **Dia 18 de junho**

- Apresentação das experiências de participação;
- Abordagem dos conteúdos:

#### *Juventude e participação social:*

- conceitos; formas de participação;
- debates entre participação social, protagonismo juvenil e participação política;
- características dos novos movimentos sociais na contemporaneidade.

**Dia 25 de junho**

- Metodologia de Pesquisa:
  - Diferenças dos métodos de pesquisa;
  - As narrativas juvenis como metodologia;
  - Capacitação para a pesquisa com outros jovens;
- Entrevista em duplas: cada um irá entrevistar outro participante do grupo;
- Últimas observações e sugestões para a pesquisa com outros dois participantes de sua organização;

**Dia 09 de julho**

- Relatos das narrativas conseguidas;
- Discussão sobre os dados da pesquisa;
- Apresentação da continuidade da análise dos dados da pesquisa e da escrita da tese;
- Avaliação do curso;
- Entrega da declaração de participação.